2-8 ANO 36.º QUINTA-FEIRA, 2 DE AGOSTO DE 1956 N.º 12.090

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57 2.º — NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

A reacção americana

à «bomba do Cairo»

foi aquela que Nasser esperava

por ATTICUS

PARIS, Julho. — A nacionalização do canal de Suez, nas condições em que se operou, pôs em evidência aquilo que se pode chamar (pelo menos em relação ás grandes potências) os inconvenientes da actual situação internacional, que torna praticamente impossivel o emprego da força para a solução dos litigios entre nações. Com efeito, na Europa do século XIX, e mesmo na Europa anterior á segunda guerra mundial, um acontecimento como este seria tão inconcebivel como impossivel de se dar. Primeiro, porque nenhum governo de um pequeno pais ousaria aventurar-se a semelhante empresa, que o deixaria á mercê da furia das grandes potências. Em segundo lugar, porque, se isso acontecesse apesar de tudo, o caso seria imediatamente liquidado por uma demonstração naval, se não fosse por uma intervenção militar das potências lesadas nos seus interesses.

Um desafio sem riscos

E' fora de duvida que se o coronel Nasser se atreveu a desafiar as potências ocidentais, em particular a França e a Inglaterra, apoderando-se da Companhia do Canal de Suez, que representa enormes interesses financeiros franceses e britanicos, é porque supõe — se é que não está seguro — que não corre nenhum risco de represálias por parte desses paises. Não anto porque tenha recebido, como geralmente se pensa, promessas de apoio do Governo soviético ou muito simplesmente porque conta com esse apoio; mas sobretudo porque, na actual conjuntura internacional, deve pensar que as potências ocidentais não podem fazer nada contra o Egipto.

(Continua na 3.ª página)

A grande tempestade que assolou há dias a Grã-Bretanha teve efeitos catastróficos, sendo muito elevados os prejuizos. Para se avaliar da intensidade do vento que soprou, bastará esta fotografia: um alto candeeiro de Queen Victoria Street ficou assim vergado pelo vento

A catedral sepultada

na serra do Guadarrama

cripta onde se vão reunir os que tombaram de ambos os lados

na guerra civil de Espanha

No anfiteatro de montanhas do Guadarrama, mesmo ao meio, entre abismos hiantes, encostas ásperas e vertentes abruptas, que mostram o magma geológico—ergue-se, subitamente, uma labareda alterosa de penedias, corroídas, fendidas, rugosas, que parecem ameaçar o Céu e sombrear o horizonte imóvel e resignado daquele triste e ermo pedaço do planeta.

Lá no cimo daquela chama petrificada de falesias cor de aço e de ouro e de um almagre desbotado pelas chuvas, paira uma nuvem espessa, como os vapores densos e brancos de uma explosão violenta. Mas nós não a sentimos

O silêncio escuta em cada quebrada perdida, cada vale alcantilado, onde inextricáveis rebanhos de pinheirais e choupos apascentam a volupia sedenta das suas finas e trémulas agulhas, ou das suas folhas prateadas, mergulhando as raízes na linfa invisível dos arroios, que escorrem pelo dorso telurico da cordilheira.

Tudo ali foi talado pelos quatro cavaleiros de Apocalipse, durante a guerra civil.

Mas as serranias já não repercutem os ecos da metralha. Uma paz elisea, feita de céu angélico e de crença serena parece finalmente descer sobre o solo crespo e selvagem, confundindo agora todos os que tombaram na mesma comunidade da morte, sem que as trincheiras da luta, empolgadas por mãos sangrentas ou destruídas pelos uivos panicos dos bombardeamentos, jamais os dividam, fratricidamente. Todos vão dormir naquele subterraneo «panteon» religioso, comungando no mesmo destino histórico e heroico que é a alma da própria Espanha.

O silêncio do campo de batalha

Estamos no «Vale dos Caídos», nome recente, simbólico, pisando os

(Continua na página seguinte)

Uma cruz enorme, de cento e vinte metros de altura, ergue-se agora nas montanhas do Guadarrama, consagrando os mortos da guerra

Nota do dia

Unidade nacional

Depois de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Angola, cabe a vez a Moçambique de ser visitada pelo Chefe do Estado. Tudo se prepara para que o sr. general Craveiro Lopes tenha, na grande provincia portuguesa da costa oriental de África, o mesmo entusiástico acolhimento que teve na costa ocidental e nas ilhas atlanticas. A sua presença nesses territórios longinquos onde palpitam corações tão portugueses como aqueles que palpitam na Metrópole será, assim, uma vez mais, como escreve hoje o nosso prezado colega «Diário da Manhã», «a Mensagem da Unidade Nacional levada das terras e das gentes da Mãe-Pátria metropolitana até áquele mesmo espírito e mesmo sangue que em terras de além dos mares vivem e prolongam a existência, o progresso e o prestígio de Portugal». Seja qual for a latitude em que se exerça a sua actividade sob a protecção da bandeira nacional, Portugueses de África e da Europa sentem-se identificados pelos mesmos sentimentos e pela mesma certeza de que a Pátria é una e indivisível. O sr. general Craveiro Lopes, que tem exercido o seu alto cargo com uma nobreza, uma dignidade e um espírito de sacrificio a que todos prestam justiça, será mais uma vez, nesta viagem de soberania que hoje se inicia sob os melhores auspicios, o garante da unidade nacional que se fortalece em torno do seu prestígio pessoal e da força atractiva da sua alta magistratura.

O tambor fez rir a Raínha...

A notícia já chegara até nós, através das agencias telegráficas: Em Lee-on-Solent, enquanto uma força de marinheiros prestava honras militares á rainha Isabel II, o vento fez rodar um pesado tambor pela parada, em direcção á formatura do corpo auxiliar feminimo. Hoje chegam-nos documentos fotográficos da picaresca ocorrencia, que, segundo as crónicas, fez rir a rainha e lançou verdadeira perturbação entre os encarregados do protocolo. Numa das fotos vê-se o tambor, impulsionado pelo vento, passar em frente das filas de marinheiros, perseguido por um oficial, que decidiu deixar a rigida posição de sentido para tentar salvar a situação. Na outra foto vê-se o tambor a aproximar-se do grupo de raparigas da W. R. N. S., uma das quais travou a marcha do inoportuno instrumento. O bom humor da rainha terá aliviado de ralações os que intervieram no inesperado acidente.

2.ª TIRAGEM

Mobilização militar

na Grã-Bretanha

LONDRES, 2 — O Governo britanico decretou a mobilização das suas forças de terra, mar e ar.—(A. N. I.).

Hesitação

dos Estados Unidos

LONDRES, 2.—Os ministros dos Negócios Estrangeiros britanico, francês e americano voltaram a reunir-se hoje e aguarda-se que anunciem esta tarde a convocação da conferência das nações interessadas para estudarem propostas

(Continua na ultima página)

VISADO PELA CENSURA

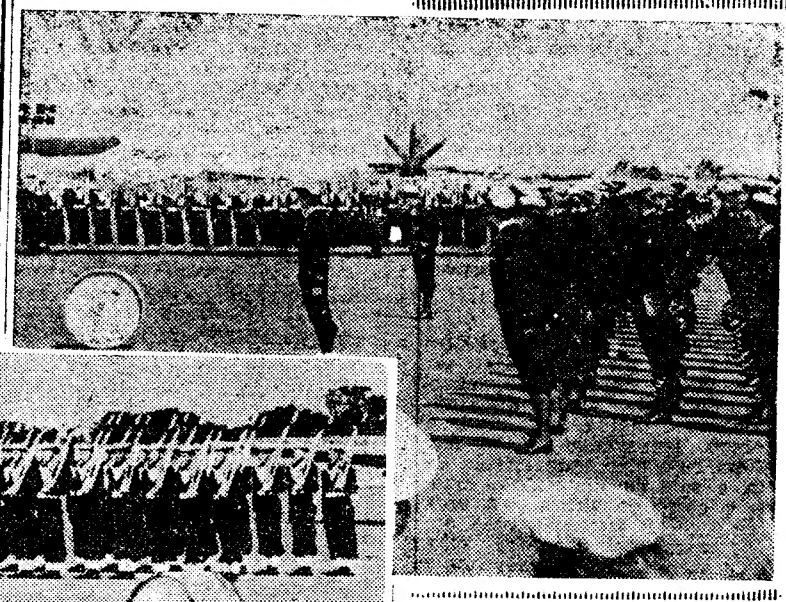
EXAMES NOS LICEUS — (1)

A' volta de um ponto

1. Está quase terminada a lufa dos exames liceais. Entrados no mês de Agosto, tudo convida á suspensão dos trabalhos escolares e de quanto com eles se relaciona. Uns, mais felizes, já abalaram, em busca dum bem ou mal merecido repouso. Outros estão com o pé no estribo. Outros ainda por cá se encontram, ou não partirão mesmo. A ocasião não é das mais propícias para falar de exames. Saturados deles estamos todos nós... Mas sucede que tínhamos, desde há um certo numero de dias, quase prontos a sair, três artigos a propósito dos exames de Filosofia, artigos esses cuja publicação estáva-

ALVARO BORDALO

(Continua na 10.ª página)



Comandos da N. A. T. O.

PARIS, 2 — O general Valluy foi designado para suceder a Juin no comando Centro-Europa. — (F. P.).

«Diário de Lisboa» publica hoje 60 páginas

44 das quais constituem um suplemento especial dedicado a Moçambique, por motivo da visita do sr. Presidente da Republica

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A catedral sepultada

(Continuação da página anterior)

selváticos contrafortes do Guadarrama, e a nuvem densa, cirro alvacento a flutuar sobre as nossas cabeças, em espessas e dramáticas sombras do fim do mundo, que toldava o céu esmerilado de topásio muito fino e translucido, como nos belos quadros velazquenhos quando soltava nos campos de batalha os corceis realengos, com retratos de imperadores,—é imprevistamente dilacerado, esventrado pelo vento que regouga na montanha, como a própria voz tonitruante do gigante hirsuto e adormecido, misteriosamente, no meio da mezeta ibérica.

Então, como num milagre surge uma cruz enorme, de cento e vinte metros de altura, cinzelada em granito, abrindo os braços, e que não sabemos como e porquê, parece não ascender da terra, mas estar pregada, no próprio infinito.

As suas formas, humanizadas pela forma arquitectónica da pedra talhada, recortam, num estranho vulto, a figura dolorida, a carne apaixonada do divino Nazareno.

O seu corpo não está ali, mas a cruz imensa, que violenta a abóbada celeste, levanta-se sózinha e nua, sobre a curva longinqua de duas montanhas, que se afundam no horizonte, num biblico cenário de Jerusalém.

Um poente de oiro faz agora resplandecer, numa misteriosa Sião de almas o cruzeiro gigantesco, o maior do orbe, que parece tocar as estrelas—tão poderosamente, sugerido, naquele trágico calvário da cordilheira, que nós vemo-Lo, engrandecido, sereno e triste, como se a morte terrena, entre aqueles despenhadeiros, lhe tivesse fechado, piedosamente as palpebras e, no resgate do sofrimento, Ele fosse agora apenas, perdão e misericórdia para todos os ódios, todos os desesperos, todas as guerras humanas.

A montanha catedral

Estamos em frente do *templo-montanha*, cuspide gigantesca, em cujo sopé, depois de um labirinto de estradas e escadorios monumentais, ladeados por cedros recolhidos e orantes, monges negros de Zurbaran e pinheiros, com os elmos de bronze das copas centenárias—se vê um semi-circulo imenso, de mármore branco, vasta rotunda, sobrepujada ao centro, por um Cristo jacente, nu e ferido, sobre o qual se curva uma estranha figura velada de arcanjo.

É a imagem célebre de Gregório Hernandez, de um castanho sombrio, que a patine do tempo não tarda a enegrecer, de tão colossais proporções que a mão do Filho de Deus, abandonada, sobre a cornija da porta do santuário, é quase do tamanho de um homem.

Á volta, na muralha circular vão ser colocados baixos relevos em bronze, como aquele que nós vemos á direita, ainda em estafe, colossais quadros da Paixão, que nos varam de terrível silêncio e de mudo assombro.

Por cima, vê-se a montanha de rocha, dezenas, se não centenas de metros, dura e implacável, granito revolto, mordido pelo fogo cósmico, na sua desnudez rupestre, tal como saiu das placentas genesiacas do planeta, no primeiro dia da Criação.

Os penhascos aqui e ali, salpicados de uma vegetação cretacea, que a neve e a chuva estorcegam, ergue-se a mil seiscentos metros do nível do mar, coroados pela «Cruz dos Caídos.

Parece que a Natureza, antes dos homens terem ali chegado lhe deu aquela estranha forma arquitectónica, pedestal monstruoso, contorcido, ravinado, ageste, mostrando as cicatrizes das tempestades, as hiantes luras donde, crespamente, irrompem cabeleiras espinhosas de giestas e torgas, as rugas milenárias, nas quais a matéria em fusão, deixou o traço profundo da sua luta geológica, e as bocarras das cavernas, onde sombras frias, imóveis, viscosas, parecem conduzir o viandante aos tétricos arcanos do caos primitivo.

A epopeia de pedra

No seio daquele escalvado cerro, os Espanhois construiram uma estranha catedral subterranea. Uma verdadeira catedral «engloutie», so-

A entrada para a gigantesca catedral subterranea, que foi escavada no seio da montanha

turna e dramática catacumba, necrópole onde os mortos vão ressuscitar, cripta sagrada, imersa na penumbra, onde a luz do dia jámais entrara, como nos misteriosos e fascinantes hipogeus que os fellahs construiram, nos desertos incandescentes de Gizeh.

E' uma epopeia de pedra, templo aberto, cavado, talhado na rocha viva, durante dezasseis anos, e cujos trabalhos ingentes não terminaram ainda.

A sala hipóstila de Karnak, a pirâmide de Kheops, a Notre Dame, de Paris, cabem á vontade dentro daquele trágico e funebre templo sepultado nas entranhas da terra.

Deve ser, no género o mais extraordinário edifício religioso, levantado no nosso tempo, Escurial, de sombres, de espectros, de fantasmas, podridero de uma guerra e panteon de glória, onde vencidos e vencedores, todos iguais serão, piedosamente, recolhidos, dormindo, pelos séculos dos séculos, o sono da eternidade.

O desafio à eternidade

Aquilo é bem trágicamente espanhol — corresponde á força do seu génio heroico, retórico, e grandioso. Como que desafia, não só a morte, mas a própria imortalidade!

Entramos. Uma poeira cinzenta, sufoca-nos. Passamos sobre tabuões oscilantes. Focos eléctricos perdem-se nas trevas da nave imensa, como que envoltos naquele nevoeiro gris e pulverulento.

Apesar do Sol canicular, que deixámos lá fora, sentimos o frio da lamina de guilhotina, morder-nos a nuca.

Os operários no alto dos andaimes parecem diligentes e negras formigas.

Tudo excede as proporções humas. A nave, de duzentos e vinte e sete metros de extensão, na sua impressionante arquitectura, ergue-se em robustos arcos de volta inteira, aparelhados em granito, que intervalam, no tecto, em espaços medidos, a abobada rochosa, brutesca, tal como foi brocada, no subterraneo da montanha.

Aos lados da unica nave sem colunas, nem ornatos, sucedem-se seis capelas, não muito concavas, consagradas ás diversas armas do Exército espanhol.

Serão preenchidas por estátuas simbólicas de mármore branco, algumas das quais já estão a colocar-se Por cima, brasões militares correspondentes ás diversas forças de ar terra, mar.

Lampadários de bronze, como mãos empunhando constelações de astros, chumbados nas paredes graniticas, alumiam este majestoso sacrario dos mortos.

A nave gigantesca

Não se avista o final da perspectiva. Há que andar, debaixo do solo, a várias dezenas de metros de profundidade, como numa mina soturna e algida, até atingir o transepto, transversal de 83 metros, em cujo eixo num círculo de trinta e seis de diametro e quarenta e cinco de altura, sob uma cupula cega, de áureo mosaico, anjos do Paracleto, bandeiras vitoriosas, pesados trofeus, exércitos e legiões imensas marcham, avancam agitam-se, corpos ressurrectos dos campos sangrentos de batalha esguios, em chamas, á Greco, que parecem revibrar num coral heroico, glorificando a Espanha eterna, que um Cristo, de linhas icones bizantinos, dir-se-ia abençoar.

Sob essa figura, em cujo olhar fulge, cintila o clarão dos espaços infinitos, ficará o altar cuja ara é constituida por um bloco rectangular de sal gema, de cinco metros, que pesa algumas toneladas.

A impressionante caverna catedralesca, está quase pronta. Já mesmo aqui e ali se vêem, a esmo, ricas e numerosas peças de mobiliário.

Será inaugurada, solenemente, em Novembro, pelo generalissimo Franco, a quem se deve a escolha do local.

Saímos com os ultimos operários, deixando as trevas errabundas do templo sepultado no ventre da terra. Aquela esmagadora massa de pedra, que pode albergar enormes multidões, como que já estremece, encarnando uma alma mistica, enrubescida do fluxo veemente dos coros liturgicos.

A severidade espiritual, a petrea nudez, a humildade de orgulho, que representa esta alucinante catacumba — há não só que medi-las, mas senti-las, nos volumes do monstruoso que a natureza e não o homem, nos podem dar.

O ataude faustoso

E' toda a Espanha que ali está — ataude faustoso, cavado no seio da montanha violada, que disputa á morte o seu soturno reino tenebroso, erguendo depois, redentoramente, sobre a rocha altiva, num dos pincaros cimeiros do Guadarrama, a Cruz mais alta do mundo cristão.

Cruz que parece suspender o Céu, em cuja base, o escultor Avalos, que Lisboa conheceu, colocou dois grupos de estátuas miguelangelescas, de proporções titanicas.

No primeiro, os quatro Evangelistas, com os devidos atributos: São Marcos e o leão, São Lucas e o touro, São João Baptista e a águia, e São Mateus e o anjo. Os Evangelistas, em negro basalto, talhados aos pedaços, num estilo atormentado, barroco de eloquência plástica berninesca, dir-se-iam erguer com os seus ciclópicos ombros de atlantes, não a tremenda Cruz, entre o Céu e a Terra, mas suspender o próprio Universo.

Para dar uma ideia do tamanho dessas estátuas gigantescas, basta assinalar o seu tamanho: medem 18 a 20 metros, e cada máscara tem de comprimento quatro metros e meio.

O perdão dos mortos

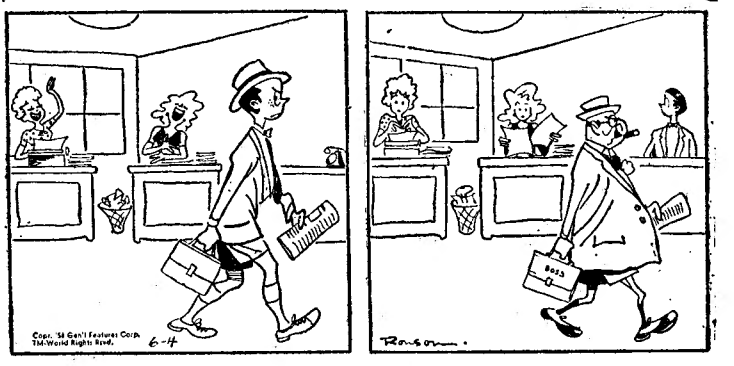
Como se atingiu, no paroxismo escultórico, o delirio do incomensurável!

Por cima destes quatro monumentos, outras tantas estátuas, das mesmas dimensões mais sóbrias, cingidas ás arestas da cruz imperterrita, encarnando a «Justiça», a «Fortaleza», a «Temperança», e a «Prudência», as quatro virtudes teologais que, áquela altitude, esculpidas no basalto, que se assemelha a bronze, e que, talvez, devesse ser outro para melhor se harmonizar com a selvática paisagem e o nobre e prateado granito que alça aos céus a Cruz imortal. — como que sobrevoam já o espaço intérmino.

E ali ficou o dramático monumento do *Vale dos Caídos*, a consagrar um milhão de mortos da guerra civil de Espanha, finalmente, iguais na sua inviolável e intemporal Eternidade.

A raça é só uma e o sangue o mesmo. E, na morte, já não se luta, já não se odeia, — ama-se e perdoa-se!

ELE & ELA



Em Roma sê Romano...

TAUROMAQUIA

O festival desta noite

Carlos Arruza

O festival desta noite em Algés foi chamado histórico sem grande exagero porque nele reaparece em Portugal aquele que foi companheiro dilecto de Manolete., Carlos Arruza, e amigo tão dedicado de Manuel dos Santos que o faz a seu pedido, a seu lado, e a beneficio da Misericórdia da terra natal do pundonoroso toureiro português. Com os «ciclones» do México e de Portugal alternará o valente António dos Santos em substituição de Francisco Mendes, ainda não recuperado da colhida sofrida no passado domingo em Barcelona. E com Manuel Conde, também triunfante em Espanha, apresentam-se dois amadores de fama, David Ribeiro Teles e José Barahona Nuncio, O festival não carece deste reclame, até porque poucos bilhetes restarão, mas deve-se acrescentar que os touros são dos srs. Coimbra, e que Carlos Arruza se tem treinado de tal forma que triunfou em Jerez de la Frontera como nos seus melhores tempos, e Manuel dos Santos está como nos seus de toureiro pelejador.

Os touros dos três cavaleiros serão pegados pelo famoso grupo de forcados amadores de Santarém, cuja valentia se mantém inalterável através de sucessivas gerações, desde a de Jaime Godinho até á do seu actual cabo, Rhodes Sérgio.

Colhida de Mário Carrion

PALMA DE MAIORCA, 2. — Mário Carrion foi colhido ao tourear de capa o seu 1.º, em Inca, sofrendo um ferimento no joelho esquerdo que começa na região tibial interior e continua pela parte superior da perna, com trajectória pelo joelho, sendo o seu estado classificado de grave pelos médicos. — (Efe.).

Francisco Mendes

Encontra-se já na Golegã, e vem hoje a Lisboa para ser novamente radiografado, o matador de touros Francisco Mendes que na colhida de Barcelona sofreu sisura nos ossos do pé, que traz metido em gesso. Segundo o prognóstico dos médicos espanhois, Francisco Mendes não poderá tourear em todo o mês corrente, perdendo as corridas de Malaga e outras que tinha contratadas, cerca de vinte.

Louvor a uma professora

O «Diário do Governo» publicou uma expressiva portaria, assinada pelo dr. Baltazar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, mandando «dar publico testemunho de louvor á licenciada Julia da Conceição Pires Lopes, professora do quadro auxiliar do 3.º grupo dos liceus, em serviço no Liceu de Faro, porque, tendo sofrido um acidente e aconselhada a hospitalizar-se, com urgência, para se sujeitar a uma intervenção cirurgica, não o quis fazer sem deixar devidamente orientadas as suas tarefas escolares e ainda por, já com alta do hospital, mas com prejuízo do tratamento pós-operatório, ter-se apresentado ao serviço, no que mostrou invulgar espírito de sacrifício e altas qualidades profissionais».

Vida musical

Concertos gratuitos no Pavilhão dos Desportos

Por não ter chegado a Lisboa, como estava anunciado, não toma parte no concerto gratuito de hoje, no Pavilhão dos Desportos, organizado pela Camara Municipal de Lisboa, o pianista brasileiro Oriano de Almeida. Em sua substituição, apresenta-se como solista o violinista Antonino David, que executará o concerto de Brahms para violino e orquestra. Do programa fazem parte, também, obras de Borodine, Flaviano Rodrigues, Saint-Saens e Strauss.

Bibliotecas Municipais

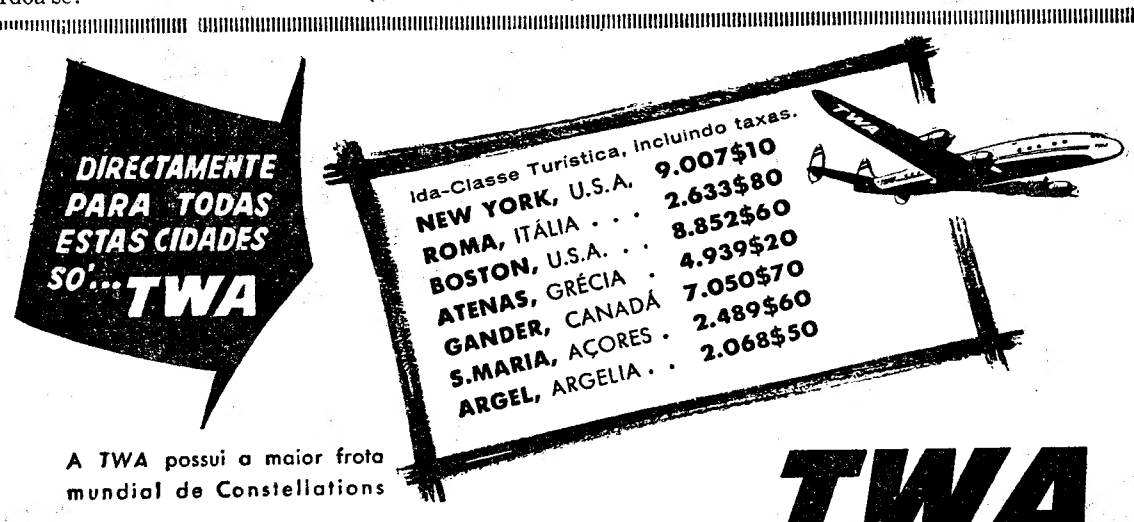
A leitura nocturna, na Biblioteca Municipal Central, no Palácio Galveias, ao Campo Pequeno, fica suspensa, durante os meses de Agosto e Setembro, por motivo de férias, reabrindo em Outubro.

Passaportes e Vistos Consulares

obtêm-se com rapidez por intermédio da agência portuguesa de viagens, legalmente habilitada, a Soc. de **Turismo SANTA MARIA** (S. A. R. L.), na Rua Aurea, 292, 1.º (Rossio) em **LISBOA** (Telef. 21905 e 28686).

Cartão diplomata

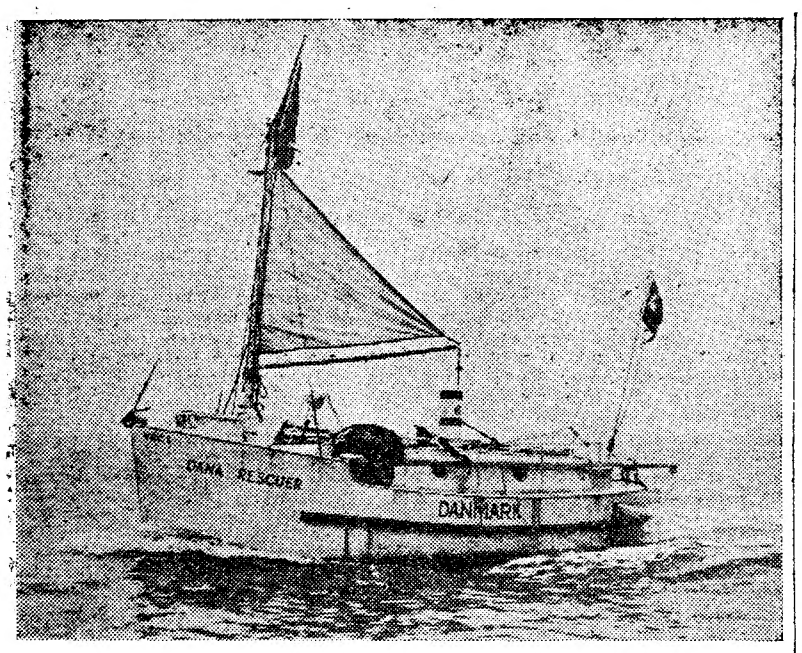
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL Gravador — R. Nova do Almada trabalha.



A TWA possui a maior frota mundial de Constellations

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A
AVENIDA DA LIBERDADE, 258 — LISBOA — TELEFONE 58123

TWA TRANS WORLD AIRLINES



Mais um «solitário»...

Um barco original feito à prova de tudo

menos dos perigos das rochas...

Um «Viking» moderno está a fazer uma viagem á volta do Mundo, num barco dinamarquês de linhas revolucionárias, movido por um motor «Diesel».

A viagem durará um ano. O capitão Walther Westborg, um marinheiro experimentado é o seu comandante e constitui toda a tripulação do navio, pois viaja só.

O barco, desenhado pelo especialista Sorensen, tem de comprimento 23 pés, pode transportar 20 pessoas e carregar nove toneladas. Está equipado com «piloto automático» e tem rádio.

A viagem á volta do Mundo, planeada pelo capitão Westborg inclui passagem por Cherbourg, Channel, Islands, Brest, Lisboa, Las Palmas, S. Tomás, Colombo, Panamá, Acapulco, Los Angeles, Honolulu, Ilha Johnson, Ilha Wake, Guan, Cebu, Singapura, Nicobar, Aden, Suez, Port Said, Cairo, Tobruk, Malta, Tunis, Palermo, Alger, Gibraltar, Lisboa, Corunha, Channel, Islands e pelo Havre.

No entanto, o capitão Westborg declara: «O navio pode resistir a tudo menos ás rochas».

Resta, pois, esperar que o arrojado nauta não lance o barco contra os rochedos para provar a sua afirmação...

A «língua azul»

está a atacar os ovinos de Évora

EVORA, 2. — Por se ter declarado epidemia infecciosa no gado lanigero, — a conhecida «Febre catarral dos ovinos», ou «Língua azul dos ovinos» (Blue Tongue) — nas áreas deste distrito abrangidas pelos concelhos de Viana do Alentejo e Montemor-o-Novo, o governador civil do distrito, sr. dr. Armando José Perdigão proibiu a saída de ovinos e bovinos das zonas infeccionadas, sem autorização prévia da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

Todos os rebanhos ou manadas onde se verifiquem focos epidémicos não poderão sair das propriedades onde pastoreiam ou trabalham, para que se evite a propagação da epidemia.

GLYCOL

O IDEAL DA PELE

Produtos V. A. P. Portugal

O unico preparado que realiza a máxima beleza, dando á pele o raro encanto da mocidade

A' venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias

Depositários gerais:

VENTURA D'ALMEIDA & PENA

Rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, E. — Lisboa — Telefone 664972

Enviamos encomendas pelo correio á cobrança

Remetemos amostras contra 5$50 em selos do correio

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide, no «Salão Royal».

O Egipto e a posição do Canal

(Continuação da 1.ª página)

Procurar explicar, como fez o sr. Christian Pineau, o gesto do ditador egípcio como o acto desesperado de um homem que está em talas, é desconhecer completamente a situação. A «bomba do Cairo» foi lançada na certeza quase absoluta de que atingirá o objectivo sem ter nenhuma repercussão desagradável para aquele que a lançou.

Reacção difícil

E' igualmente certo que o coronel Nasser devia pensar que as potências ocidentais não podiam deixar de aceitar o desafio e que reagiriam com violência. Além dos seus interesses, está em jogo todo o seu prestígio no Médio Oriente. E se elas deixassem as coisas ir por diante, o acto de força do ditador egípcio poderia servir de exemplo a seguir pelos outros Estados árabes, para a nacionalização dos poços de petróleo, sobretudo depois do precedente dos petróleos do Iran.

Finalmente, o ditador egípcio não podia ignorar que, lançando o seu desafio, punha á prova a solidariedade da aliança atlantica, e que teria, portanto, de contar com uma reacção conjunta das grandes potências ocidentais. Tudo dependeria, com efeito, da rapidez e da decisão com que se manifestasse essa reacção e também da eficácia das medidas que essas potências iam pôr em prática.

Mas foi precisamente nesse particular que esta partida de «pocker» pareceu pouco arriscada ao coronel Nasser. Primeiro, porque calculou que a solidariedade americana não se manifestaria por forma tão eficaz como Paris e Londres desejavam. E depois, porque sabia perfeitamente que os meios de acção das potências ocidentais eram tão limitados como ineficazes.

Reservas americanas

E' preciso reconhecer que, pelo menos até agora, os acontecimentos deram-lhe razão. Antes de mais nada, a reacção americana foi, incontestávelmente, fraca e reservada. O primeiro comunicado do Departamento de Estado, publicado no dia seguinte ao acto de força do Cairo, limitava-se a declarar, em termos tão lacónicos quão moderados, que «a apropriação das instalações da Companhia do Canal de Suez comporta amplas consequências». E foi tudo.

Sem duvida, o comunicado acrescentava ainda que o Governo americano estava a fazer «consultas de urgência» com os outros governos interessados. Mas o representante do Departamento de Estado, Robert Murphy, subsecretário de Estado adjunto, que partiu para Londres a fim de conferenciar com os ministros dos Negócios Estrangeiros inglês e francês, mostrou-se antes num papel moderador. Consoante declarou á chegada á capital britanica, vinha «fazer o balanço» da situação com os seus colegas britânico e francês. Ora, não se tratava disso. E, sobretudo, não era isso que esperavam os governos de Londres e de Paris, neste momento, da parte do representante dos Estados Unidos.

Em suma, os Americanos hesitavam em tomar uma atitude enérgica, e contentaram-se com uma prudente expectativa, o que era tanto mais curioso e vexatório para os aliados, quanto é certo que, na realidade, a decisão tomada pelo ditador egípcio era a resposta á nova politica de endurecimento dos Estados Unidos em relação ao Egipto, manifestada pela decisão do Governo americano de não financiar a construção da barragem de Assuan.

Sanções impossíveis ou ineficazes

Como medida draconiana, não houve até agora senão o bloqueio dos haveres egípcios na Grã-Bretanha e, sob uma forma mais suave, em França. Mas é lícito duvidar da eficácia desta medida, que não deixa de ser uma arma de dois gumes. Com efeito, ela pode voltar-se contra a Grã-Bretanha e a França, dados os interesses financeiros consideráveis que estes dois países possuem no Egipto, onde estão investidos enormes capitais ingleses e franceses. Por outro lado, esta medida pode servir de pretexto ao Governo do Cairo para não indemnizar os portadores de títulos da Companhia do Canal de Suez.

Entre outras represálias, encarou-se igualmente a boicotagem do canal de Suez pelos petroleiros dos aliados, que seguiriam de futuro a rota do cabo da Boa Esperança. Mas isso constitui uma ameaça infantil. As companhias marítimas e petrolíferas não dispõem da tonelagem que um tal percurso necessitaria. E', aliás, o receio de ver os seus petroleiros obrigados a seguir um dia essa rota, se o canal de Suez ficasse nas mãos dos Egípcios, que justifica a inquietação das potências ocidentais em face da decisão do Governo do Cairo.

Há também o recurso ao Tribunal de Justiça da Haia. Mas este já se declarou impotente quando lhe foi proposto o caso da nacionalização dos petróleos do Iran.

Aceitar o facto consumado?

No fundo, a unica medida eficaz seria uma intervenção militar das potências ocidentais. E esta medida já foi preconizada em certos meios conservadores britanicos. Mas há que ver se poderá ser aplicável. Primeiro, porque as tropas britanicas não podem voltar á zona do canal de Suez sem violar o acordo assinado com o Governo do Cairo para evacuação daquela zona. E' certo que a sua recuperação esá prevista em caso de guerra. Em segundo lugar, uma intervenção militar, mesmo sob a forma de uma demonstração naval, comportaria riscos que os governos ocidentais não se atreveriam a correr. Seria, com efeito, difícil de fazer aceitar pelas nações ocidentais uma guerra susceptivel de degenerar em conflito mundial.

Será preciso, portanto, esperar uma evolução menos dramática da situação. Nessa ordem de ideias, a Imprensa britanica conclue com resignação que as potências ocidentais acabarão por aceitar o estado de coisas criado pelo acto de força de Nasser. Enquanto que, para os Americanos, que se inclinam visivelmente para evitar todo o recurso á força, seria preciso, sobretudo, procurar obter do Egipto garantias para a livre circulação de navios através do Canal.

ATTICUS

VIDA DESPORTIVA

EQUITAÇÃO

Nuno de Oliveira inaugurou o seu novo picadeiro

Foi inaugurado o novo picadeiro do mestre equitador Nuno de Oliveira.

Situado na Póvoa de Santo Adrião, a escassos minutos de Lisboa e com transportes constantes, está dotado de excelentes instalações, comodidade e arranjo a que não faltou o bom gosto - condições muito importantes, sobretudo as primeiras, para que Nuno de Oliveira continue divulgando e mantendo em elevado nível, uma arte que tem fundas e belas tradições entre nós.

A inauguração fez-se com uma pequena festa a que assistiram o sr. presidente da Camara Municipal de Loures, os lavradores e criadores de cavalos, srs. Julio Borba e engenheiro Fernando Sommer de Andrade, os antigos e prestigiosos cavaleiros Delfim Maia e Lourenço Casal Ribeiro, o sr. Jorge Rodrigues pessoas em evidencia no nosso meio social, muitas senhoras e cavaleiros tauromáquicos engenheiro José Rosa Rodrigues e D. Luís e D. José de Atayde

A festa abriu com a apresentação de 3 belos poldros do sr. Julio Borba. Em seguida, Miguel Abrantes — um dos mais novos alunos do mestre equitador — exibiu-se em saltos, findo o que foram apresentados mais 3 poldros — excelentes exemplares — com o ferro do sr. dr Rui de Andrade, e 2 cavalos propriedade do engenheiro Rosa Rodrigues. Depois, o aluno D. Diogo de Bragança montou primorosamente um poldro apenas com três meses de ensino. Após a apresentação de mais dois cavalos, com o ferro do sr. Prudencio da Silva Santos, os alunos Julio Borba, com desembaraço D. Ana Maria Avilez com graciosidade, D. José de Atayde e D. Maria da Pureza de Melo (São Lourenço), com finura, e Guilherme Borba, com classicismo, exibiram vários «ares» de escola em cavalos com diversos graus de ensino.

No final, Nuno de Oliveira, com eficiência, finura, tacto, sentido artístico e virtuosismo de cavaleiro de eleição, que é, executou baixa e alta escola, empolgando a exigente assistencia.

PELOS CLUBES

A primeira assembleia geral do F. C. Barreirense no seu novo ginásio-sede

Não podia ter decorrido em ambiente de maior entusiasmo e de melhor desportivismo a primeira assembleia geral, efectuada ontem, no magnifico ginásio-sede do F. C. Barreirense.

As três propostas da direcção foram aprovadas por aclamação e com ardente fé nos destinos do clube que atravessa uma hora alta da sua vida: a primeira consistiu na reparação moral feita a 4 sócios de dedicação, ampliada por proposta do sr. João Rodrigues Dias, a todos os sócios e não sócios do clube; depois seguiu-se a proposta de pagamento pelos associados, durante seis jogos, de uma pequena importancia destinada á valorização futebolística: finalmente, uma proposta da cedência do campo á C. U. F., sem quaisquer condições.

CICLISMO

Campeonato do Mundo de profissionais

PARIS, 2 — A Federação Francesa de Ciclismo designou os 8 corredores que representarão a França no campeonato mundial de estradistas profissionais que vai efectuar-se em Copenhague: Gauthier L. Bobet, Caput, Darrigade, J. Dupont, Forestier, Hassenforder e Walkowiak. Anquetil disputará a prova de perseguição.—(F. P.).

HOMENAGEM

ao atleta José Ferreira do Futebol Benfica

Um grupo de sócios do Clube Futebol Benfica presta homenagem, no próximo dia 4, pelas 21 e 30, ao atleta José Ferreira, guarda-redes da equipa de honra de hóquei em patins e jogador de hóquei em campo.

NATAÇÃO

A inauguração oficial da nova piscina do Nacional de Natação

A inauguração oficial da nova piscina do Clube Nacional de Natação realiza-se no próximo dia 5. Foram convidados a participar no desfile da inauguração os seguintes clubes: Alhandra, Associação Cristã da Mocidade, Associação Naval, Ateneu, Belenenses, Clube Naval, Clube Naval de Sesimbra, Setubalense, Pedrouços, Ginásio, Estoril Praia, Lisboa Ginásio e Algés e Dafundo.

O estandarte do clube será conduzido por Humberto de Almeida, antigo nadador e actual treinador do clube. Prestarão a guarda de honra os seguintes atletas: Adolfo Faldlaufer (natação), Alberto Sá Borges (salvamento) e Alberto de Sousa (basquetebol).

O 2.º ANIVERSÁRIO

do Grupo D. Cimianto

O Grupo Desportivo Cimianto comemora o 2.º aniversário da sua fundação da seguinte maneira: no dia 4, pelas 17 e 15, inauguração de um campo de jogos em Alhandra, com a realização de alguns encontros entre equipas de voleibol dos grupos desportivos da Companhia das Águas, da Sonap e da Cimianto; no dia 15, excursão á região dos 3 castelos; no dia 18, «Serão para Trabalhadores» no cinema de Vila Franca de Xira; no dia 26, encontro de futebol entre os grupos da Sonap e da Cimianto.

Realizar-se-á ainda uma exposição fotográfica e várias visitas a motivos de interesse educativo.

ATLETISMO

Os próximos campeonatos regionais

Nos próximos dias 5, 11 e 12 efectuam-se, no Estádio José Alvalade, os campeonatos regionais de atletismo. No domingo, o torneio começa ás 15 e 30, com as seguintes provas: eliminatórias de 100 metros, peso, 800 metros, meias-finais de 100 metros, comprimento, 5.000 metros, final de 100 m., e estafetas 4×400 e 4×100.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A Tuna Académica de Coimbra, vai realizar uma digressão por Moçambique. Embarca no dia 8, no paquete «Vera Cruz».

— O actor Samwel Dinis será o director-artistico da nova companhia do Teatro da Trindade.

— O Teatro Crisfal, de Portalegre, tem a sua inauguração, marcada, para o dia 29 de Setembro.

— E' na próxima semana que a companhia do Teatro Avenida deve iniciar uma digressão pela Província.

— Segue amanhã para Olhão a companhia do Teatro Popular, que, no sábado e domingo, ali apresentará os seus espectáculos.

— A actriz Mirita Casimiro concluiu o seu contrato, com a empresa do Teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro.

— Os artistas Anita Guerreiro e Joaquim Cordeiro vão tomar parte nos espectáculos que se vão realizar em Rossio ao Sul do Tejo.

— O empresário Ferreira da Silva, do Rio de Janeiro, pretende a colaboração do actor Raul Solnado, para a próxima revista, que vai estrear-se no Teatro Carlos Gomes, intitulada «Vai na Raça».

— Os ensaios de poema e musica, para artistas, da nova revista «Não faças ondas», ainda não puderam ser iniciados, embora o seu texto esteja concluido e entregue ao empresário Vasco Morgado.

— Está prevista para a próxima semana a representação da peça «A conspiradora», no Teatro Monumental.

— A concretizarem-se as negociações para a reabertura do Teatro Apolo, em Lisboa, funcionarão, na época de Inverno, todos os teatros, em numero de oito. O Porto em regime permanente, que deve abranger cinco meses, terá a funcionar o Teatro Sá da Bandeira.

Primeiras exibições

«O Último Guerreiro», no Império

Produção espectacular e intensa é esta que o Império ontem estreou Trata-se de facto histórico levado para a tela por Sidney Salkow, com muita competencia e brilho: o histórico morticinio de Little Big Horn, em que as tropas do coronel Custer foram exterminadas pelas tribos Sioux chefiadas pelo temível guerreiro Sitting Bull. A carnificina ficou assinalada na história dos Estados Unidos e representa um dos pontos mais trágicos da odisseia do Oeste.

A produção, engrandecida pelo cinemascope mantém o espectador em interesse permanente, acompanhando os lances dramáticos e a evolução da acção.

Nas interpretações destacam-se Dale Robertson, Mary Murphy, Carrol Naish e outros. Variados documentários. — *Visor 60.*

«A Valsa da Meia-Noite», no Trindade

Offenbach é o ídolo musical de uma Europa que assobiou Wagner e apupa os pintores impressionistas. A película que ontem se estreou no Trindade narra a vida de Franz von Suppé, discípulo de Offenbach, reconstitui a vida mundana do «fin du siécle» vienense, é interessante, graciosa e subtil.

Franz Von Suppé, segundo o princípio romantico-burguês, luta para atingir a consagração, consagração aliás discutível, efémera

(Continua na página seguinte)

Amanhã no CONDES

O NOVO ÊXITO DE TÓTÓ

TÓTÓ, CHEFE DE ESTAÇÃO

Para maiores de 13 anos — Exc. MUNDIAL FILMES

VARIEDADES

Tel 26037 — A's 21,45 — 13 ANOS

O MORTO CONTINUA VIVO, MAS PODE MORRER DUM MOMENTO PARA O OUTRO

PREÇOS

O público manda e o morto obedece

DAQUI FALA O MORTO

LAURA - VASCO - VILLARET

ALMA — M. Helena — H. Santana — Paulo Renato — H. Santos, etc.

POPULARES

AO ENTRAR NO 5.º MÊS DE MORTO, ELE CONTINUA MAIS VIVO DO QUE NUNCA

ESP. VASCO MORGADO

O. T. A.

COMUNICADO

Verificando-se ser de gravidade maior do que inicialmente se supunha, a colhida sofrida pelo matador **CHICO MENDES**, em Barcelona, o que o impossibilita de tourear neste GRANDIOSO FESTIVAL organizado em beneficio da SANTA CASA DA MISERICORDIA DA GOLEGÃ, é esta obrigada a substituir o referido artista, por **ANTÓNIO DOS SANTOS**, outro valor da tauromaquia nacional.

Lamentando a ocorrência que fez alterar o cartel primitivamente anunciado, informa a comissão organizadora, que será restituida a importancia dos bilhetes aos Srs. Espectadores que não concordem com a substituição havida, assim:

É HOJE, às 22 horas, que se realiza a favor da Santa Casa da Misericórdia da Golegã

o grandioso **FESTIVAL HISTÓRICO,** com toiros de **Assunção Coimbra**

(NO CASO DE INUTILIZAÇÃO DE ALGUM TOURO, A COMISSÃO OBRIGA-SE A FAZER LIDAR UM OUTRO SOBRERO)

EM DESFILE DE ARTE, GALHARDIA, VALOR E EMOÇÃO, O PÚBLICO VERÁ:

David R. TELES, José B. NUNCIO e Manuel CONDE

COM OS MATADORES:

Carlos ARRUZA, Manuel dos SANTOS e António dos SANTOS

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM, comandados pelo Ex.mo Sr. R. RHODES SÉRGIO

AO PUBLICO ESPECTADOR — A Empresa proprietária da Praça de Toiros de Algés, comemorando a passagem do matador de toiros **CARLOS ARRUZA,** por Lisboa, pondo a sua generosidade a favor da beneficência da Golegã, fará descerrar uma lápida comemorativa do facto, nos corredores da Praça, ao intervalo do espectáculo.

VENDA DE BILHETES: O. T. A., Largo Martim Moniz; ABEP, Praça dos Restauradores; D'AVILA, Rua Eugénio dos Santos; «ELITE», Largo de Algés e CASA DAS MEIAS, no Estoril.

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 13 ANOS

HOJE no SÃO JORGE
ESTREIA DE JUSTA FAMA

MAIORES 13 ANOS
Excl: da **VITORIA FILME**

Em notáveis criações:
FRANÇOIS PERIER
e **DANNY ROBIN**

as aventuras de CADET ROUSSELLE

GRANDIOSA HISTÓRIA DE UM RAPAZ POBRE A QUEM O DESTINO FAVORECEU SER PROMOVIDO A GENERAL DOS EXÉRCITOS DE NAPOLEÃO

TECNICOLOR

...FOI AMADO POR TRÊS MULHERES, MAS SO' UMA O SOUBE PRENDER NA TEIA DOS SEUS ENCANTOS...

UM FILME HEROICO!... CAVALHEIRESCO E NOBRE!...

AMANHÃ, no

EDEN

MARINA VLADY

UM PECADO DE 17 ANOS NOS ANTROS DO CRIME DOS CABARETS DE MONTMARTRE

~

RAYMOND PELLEGRIN,
PAUL FRANKEUR
HELENE VALLIE,
DORA DOLL

Realização de
DIMITRI KIRSANOFF

SELECÇÃO POLICIAL

O Mercado do VENENO

(LE CRAINEUR) 18 ANOS

Pavilhão dos Desportos

Quinta-feira, 2 de Agosto, ás 21,30 horas
Concerto gratuito oferecido pela
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
á população da capital
Colaboração da Orquestra Sinfónica Nacional e do violinista
ANTONINO DAVID
Direcção do Maestro PEDRO DE FREITAS BRANCO

PROGRAMA: «Príncipe Igor» (abertura), de Borodine; «Concerto op. 17 em ré maior» (violino e orquestra), de Brahms; «A Vida» (poema sinfónico), de Flaviano Rodrigues; «Dança Macabra» (poema sinfónico), de Saint-Saens; «Morte e Transfiguração» (poema sinfónico), de Strauss.

Irene
*cintas * soutiens*
RUA DO TELHAL, 9 1.º LISBOA-PORTUGAL
OS MELHORES PREÇOS

AGUIA IMPERIAL
6.as Feiras — Almoço
CABRITO NO FORNO
A' CLEMENTINA
Rua 9 de Abril, 9—T. Vedras

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

e momentanea, porque nunca construiu uma obra ou tentou um arrojo.

A valsa da meia noite é admirável, mas não chega para recomendar alguém á posteridade.

A película é toda ela «punhos de rendas». A sua principal qualidade reside no conjunto de sequencias de dança e quadros de multidões. O Trindade vai encher-se de jovens que têm por deuses Ponson e Franz Lear. Bons complementos. — *Visor 180.*

Grande incêndio

num estudio de Munique

MUNIQUE, 2—Manifestou-se, durante a noite, um incêndio nos estudios cenematográficos de Munique-Geiselgasteig.

O fogo destruiu todos os «décors» de um filme que estava em realização, em cinemascópio.

Não houve vítimas, mas os prejuizos são elevados.—(F. P.).

A estreia de hoje

No São Jorge

Título — «As Aventuras de Cadet Rousselle».
Produção — Francesa.
Argumento — As famosas aventuras de um pobre homem que chegou um dia a marechal dos Exércitos de Napoleão.
Intérpretes — Danny Robin e François Perier.
Processo — Tecnicolor.
Classificação — Maiores de 13 anos.

CASINO ESTORIL
HOJE
INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA DE VERÃO
Apresentação do 1.º programa de atracções internacionais
(Ver na ultima página o anuncio especial)
(adultos)

VIELA
R. das Taipas, 14 — Telef. 27256
JANTE, CEIE e Oiça o FADO
no Restaurante mais típico da Capital
Aberto até de madrugada

BETAK
(PEÚGAS SEM RIVAL)
PONTO FINAL EM QUALIDADE E PADRONAGEM
ALGODÃO LA MOUSSE NYLON

OIÇAM
FERNANDA MARIA

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: As aventuras de cadete Rousselle S. JORGE

SÃO LUIZ TEL 27172
A's 15,15 e 18,15 (preç. red.) 21,30
Tardes 6 anos
Noite 13 anos
Uma obra-prima de graça, emoção e bom humor
AMIGOS PARA A VIDA
Grande prémio do Festival de Veneza
com **Gerónimo Meyer** e **Andrea Scire**

EDEN TEL. 20768
15.30-18.30 e 21.30
Ultimos espectáculos
HOMENS CERCADOS
Um filme de extraordinária violência baseado no romance policial
(I the jury)
(Para 18 anos)

IMPERIO TEL. 55134/5
A's 15,15 e 21,30
Um grande espectáculo em **Cinemascope**
(13 anos)
SITTING BULL
O ULTIMO GUERREIRO
com **Dale Robertson, Mary Murphy** e **J. Carrol Naish**

MONUMENTAL TEL. 55131
A's 15,15 e 21,30 (13 anos)
O FALCÃO DE OIRO
Supercinescope
Um novo género de filme de capa e espada
c/ **Ana Maria Ferreiro** e **Frank Latimore**

ALVALADE TEL. 763080
15,15 (preç. red.) e ás 21,30
Tarde 6 anos
Noite 13 anos)
AMIGOS PARA A VIDA
Grande prémio do Festival de Veneza
com **Gerónimo Meyer** e **Andrea Scire**

RESTELO Tel. 610375
A's 21.15 13 anos)
TRÊS RAPARIGAS MODERNAS
com **Esther Williams**

CERRASSE TEL. 20917
A's 21 15 (18 anos)
LEGIÃO ESTRANGEIRA
AMOR PROIBIDO

LIZ TEL. 48560
A's 21,15 (13 anos)
MR. ROBERTS
com **Henry Fonda**
A seguir: **WICHITA** (13 anos)

ROYAL T. 845037
A's 21,15 (13 anos)
Entrevista com a morte
com **John Mills**
SAPATINHOS DE CETIM

PAVILHÃO PORTUGUÊS PARQUE MAYER Tel. 366783
A's 21,30 (13 anos)
O CANTOR APAIXONADO
com **Mário Lanza**
LOUCURA BRANCA

TIVOLI TEL. 50595
2.ª semana
RAY MILLAND e JOAN COLLINS
no famoso **Cinemascope**
A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (18 anos)
A RAPARIGA DO BALOIÇO VERMELHO

POLITEAMA TEL. 26308
A's 15,15 e 18,15 (preç. red.) e ás 21,30
Em 6.ª semana e ultima
O maior êxito do ano em cinemascope
O FUNDO DA GARRAFA
com **Van Johnson** e **Ruth Roman**
Colorido De Luxe (Para 18 anos)

CONDES TEL. 22523
A's 15.15-18.15 (preç red.) e 21,30 (Adultos)
Ultimas exibições
Intenso, comovente, apaixonante!
A MINHA VIDA É TUA
com **Patricia Roc** e **Armando Francioli**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
Estreia ás 21,30 (13 anos)
Uma comédia de brado mundial. A história dum cadete célebre e dos seus três amores.
AS AVENTURAS DE CADET SOUSSELLE
com **Danny Robin** e **François Perier**
A's 15,15 e 18,15 — Ultimas exibições: **OIRO VERDE** (13 anos)

TRINDADE Tel. 20000
A's 15,30 e 21,30
Exito total da grande maravilha em Agfacolor
A VALSA DA MEIA NOITE
com **Johannes Heesters** e **Gret Schorg**
Admiráveis canções e grandiosos bailados
(Para 18 anos)

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 15,30 e 21,30 (13 anos)
Toda a alma do nosso povo, num filme cheio de interesse e de canções deliciosas.
CANTIGA DA RUA
Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues, Eunice Muñoz e Costinha
á frente dum grande elenco

TERRAÇO CAPITÓLIO
A's 21,30 (13 anos)
Belvedere Optimista
com **Clifton Webb**
22,45
O grandioso **Cinemascope**
O DEMÓNIO DOS MARES
Tecnicolor com **Richard Widmark**

CINE ESPLANADA PORTUGÁLIA
A's 21.15 (13 anos)
CANTINFLAS DEPUTADO
O PRINCIPE CORSÁRIO

CINEMA IDEAL
A's 21 (18 anos)
TESTAMENTO DO MÉDICO E O MONSTRO
OS PRIMEIROS A MORRER

CASINO ESTORIL
A FAVORITA DE JUPITER
A's 21,30 (Adultos) c/ **Esther Williams**

Foi nomeado
prelado auxiliar do Patriarcado
e bispo titular de Tiavo
Mons. José Pedro da Silva

ROMA, 2. — O Papa Pio XII nomeou prelado auxiliar do Patriarcado de Lisboa e bispo titular de Tiava, mons. José Pedro da Silva, vigário-geral e cónego da catedral de Angra do Heroismo.—(A. N. I.).

N. da R. — *O novo prelado conta apenas 39 anos de idade. Fez os seus estudos preparatórios no seminário de Angra. Dali partiu para Roma, a fim de frequentar a Universidade Gregoriana, formando-se em Teologia. De regresso á diocese, foi nomeado professor do seminário onde tem leccionado várias disciplinas. Há três anos foi nomeado director da «União», diário diocesano. Recentemente, foi nomeado cónego da Sé Catedral. É, autor do livro «Fátima e a Conversão da Russia», publicado em 1950, com um prefácio do sr. D. Manuel Trindade Salgueiro. Tem tomado parte em vários congressos e em trabalhos da Acção Católica, sendo um dos espíritos mais esclarecidos do clero português.*

Notícias de Abrantes

A nova Escola Industrial

ABRANTES, 2 (Pelo telefone) — A construção do novo edifício da Escola Industrial desta cidade, está orçada em 7.816 contos, e vai em breve abrir-se concurso para a importante obra. Causou em Abrantes a maior satisfação a notícia de ter sido aprovado o projecto do novo estabelecimento de ensino técnico.

Afogada num poço

Caiu a um poço, que não tinha resguardo, e morreu afogada, a menor de 15 anos Armandina Lopes Pedro, do lugar de Ventoso (Alvega). Aos gritos de outra rapariga que acompanhava a Armandina, acorreram várias pessoas, mas a infeliz já não tinha vida quando foi retirada do poço.

Desastre de viação

A noite passada, voltou-se na estrada nacional, uma camioneta carregada de toros de pinheiro, sofrendo várias fracturas o trabalhador Manuel Fernandes, que seguia sobre o carregamento. O motorista e o seu ajudante, foram retirados da cabina com dificuldade, mas não sofreram quaisquer ferimentos.

VIDA ARTÍSTICA

Pintura na Nazaré

NAZARÉ, 2 — Há dias que se encontram nesta típica praia de pescadores dois artistas que tiveram o seu nome estreitamente ligado ao êxito do Jardim de Belas-Artes, em Lisboa. Correia de Morais e Bello Marques. Os dois artistas têm deliciado a população e os visitantes desta vila com a sua arte e a beleza dos seus quadros que têm sido apreciadissimos.

Uma explicação de Nehru
sobre a «futura anexação»
de Dadrá e Nagar Aveli pela União Indiana

GOA, 2—O primeiro-ministro indiano, Nehru, declarou, no Parlamento, que os enclaves portugueses de Dadrá e Nagar Aveli não foram integrados na União Indiana.

A «All India Radio», que difundiu esta notícia, acrescentou que Nehru, interpelado por um deputado socialista sobre a situação dos enclaves respondeu dizendo que desejava esclarecer a Camara «que a sua anexação pela União Indiana se faria juntamente com a das outras «bolsas» portuguesas na India, logo que se tornassem independentes».

Esta declaração perentória do primeiro-ministro indiano provocou a maior impressão nos meios goeses da União Indiana, entre os quais os propagandistas do Congresso procuravam, ultimamente, fazer crer que o futuro de Goa seria resolvido pelos próprios Goeses. Nehru vem assim, oficialmente, declarar que o Governo indiano não permitirá essa liberdade de decisão e o que espera é a oportunidade para satisfazer as suas tendências anexionistas. —(L.).

A boicotagem à navegação para os portos portugueses

GOA, 2.—Dez barcos estrangeiros encontram-se no porto de Bombaim, impedidos de carregar e descarregar, em consequência das respectivas companhias não haverem ainda respondido ao pedido-intimação da Federação dos Operários das Docas e Portos da União Indiana, no sentido de não escalarem portos dos territórios portugueses de Goa, Damão e Diu.

Esta decisão da Federação dos Operários das Docas e Portos da União Indiana, organização, hoje, controlada pelos comunistas, representa uma arbitrariedade restritiva da liberdade de comércio e navegação subcrista pelos principios da O. N. U. a que a India pertencè.

Nos meios indianos, porém, logo que os primeiros navios sofreram a retenção em consequência da boicotagem, levantaram-se protestos contra tal procedimento.

Nos círculos políticos interpreta-se tal decisão da Federação como uma manobra do Partido Comunista, que visa, sobretudo, criar embaraços ao Governo de Nehru e intensificar o comércio com os países do Oriente europeu cujos navios não tocam a India portuguesa.—(L.).

Homenagem ao governador Bernard Guedes

GOA, 2. — O governador-geral general Bernard Guedes, foi, hoje, homenageado por motivo da passagem do 2.º aniversário da posse do seu cargo. O pessoal do gabinete do Comando Militar, o chefe do Estado-Maior, major Hermes de Oliveira, oficiais, sargentos, cabos e praças da guarnição de Goa compareceram na tocante cerimónia. O major Hermes de Oliveira enalteceu as qualidades do governador-geral, que agradeceu, emocionado.

O major Hermes de Oliveira ofereceu, em nome do Comando Militar de Goa, como lembrança da data, um artistico emblema em ouro do comando-chefe das forças do Estado da India. — (L.).

O gato preto
e a encruzilhada
onde se meteu
uma cigana burlona

Tem 46 anos, é viuva, nasceu em Lisboa e reside na Amadora. A' falta de melhor modo de vida, faz o que fazem quase todos os da sua raça: vende cortes de tecido, comprados no balcão de qualquer loja. Nos intervalos do negócio, lê a sina, que também vai dando o seu pataco. E, ás vezes, por desfastio, até se arrisca a curar os incuráveis... de boa fé ou ignorancia...

Foi assim com uma senhora, em cuja casa a Brilhantina apareceu a oferecer um bom corte de tecido. Disto á leitura da sina, foi um passo. E daqui á troca de confidências, um segundo. A tal senhora disse que era muito infeliz e que sofria muito; a Brilhantina consolou-a e prometeu-lhe a cura:

— Santinha, passe-me ás mãos dois continhos de reis, que eu benzo-as á meia noite numa encruzilhada...

A senhora hesita. A Brilhantina insiste, a convencer:

— Tem de ser, minha santinha, que as notas se não forem pisadas por um gato preto castrado perdem a virtude...

A hesitação da senhora justifica-se e amplia-se: não tem os dois mil escudos. Mas a cigana conforma-a:

— Levo os oirinhos que tiver, para o caso também serve.

E a pobre dama passa-lhe para as mãos dois alfinetes de ouro, uma cruz de prata e ouro, com diamantes e brilhantes, um fio de prata, tudo no valor de 3.500$00.

Claro, logo que apanhou os oirinhos, a Brilhantina derreteu-se — ou pelo menos nunca mais foi vista. E como acontecesse que a senhora não melhorasse — por acaso, quem sabe! — a doente não se foi queixar ao médico, mas á P. S. P. Depois de muito procurada, a Brilhantina reapareceu. Tinha já empenhado parte do furto que foi depois apreendido. A cruz, a peça mais valiosa, essa foi devolvida pela filha da burlona que pelo crime de furto conta já uma prisão e foi agora remetida á Policia Judiciária. Esta lhe instruirá o processo, remetendo-a a juizo.

Primeira reunião
do novo Conselho
Nacional de Turismo

O sr. prof. Marcelo Caetano, ministro da Presidência, procederá hoje, ao fim da tarde, na sua qualidade de presidente do Conselho Nacional de Turismo, organismo recentemente instituído por decreto-lei, ao investimento dos membros que o constituem, em representação de diversos serviços oficiais e particulares e ramos de actividades interessadas.

A' cerimónia, que decorrerá no Palácio de S. Bento, estarão presentes os srs. drs. Eduardo Brasão, secretário nacional da Informação, e vice-presidente do novo organismo; Jorge Felner da Costa, chefe dos Serviços de Turismo do S. N. I.; César Moreira Baptista e Abel de Lacerda; Alvaro Guimarães, Alexandre Almeida, prof. João Faria Lapa, Miguel Almeida, Melo, capitão-tenente Costa Pessoa, dr. José Correia de Barros, Leonel Gomes Coelho, Joaquim Ferreira Borges e João Ortigão Ramos.

Após a cerimónia da investidura realizar-se-á a primeira reunião do conselho, em que serão tratados diversos assuntos genéricos referentes ao nosso turismo.

Pensão Monumental
Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
R. da Glória, 21—Tel. P.B.X. 29807

Um «milagre»
no choque dos paquetes

NOVA YORK, 2 — Quando o «Stolckholm» embateu no «Andrea Doria», o choque deu-se precisamente no camarote onde o jornalista Cianfarra se encontrava com sua filha Joan, de 8 anos, ambos vítimas da tragédia, e uma irmã daquela, Linda, de 14, filha do primeiro matrimónio da senhora Cianfarra com outro jornalista, Edwrad Morgan. Este, que foi encarregado da reportagem da chegada do «Ile de France», relatou com a mais profunda e compreensível emoção aquilo classificou de milagre.

O «Stockholm», ao desenfeixar-se do «Andrea Doria», levou, entre o aço retorcido da proa, sua filha, Linda, viva, enganchada pelo monstro, como o poderia ter feito uma escavadora.—(Efe).

Desastre ferroviário
em circunstâncias estranhas
e de consequências trágicas

SAN SALVADOR, 2 — Houve dois mortos e mais de dez feridos em estado grave, num acidente ferroviário, no distrito de San Miguel, ontem á tarde. As primeiras notícias referiam-se a «numerosos mortos», mas sabe-se que o acidente não teve a gravidade que se supôs de princípio.

Um comboio embateu num «grande obstáculo», que parece ter sido propositadamente colocado sobre a via férrea. A locomotiva e as duas primeiras carruagens da composição descarrilaram e foram atiradas a certa distancia. As restantes carruagens, que também saltaram fora dos carris, sofreram menos estragos. — (A. N. I.).

O desastre no Brasil

RIO DE JANEIRO, 2 — O balanço provisório do acidente ferroviário, ocorrido em Barra-do-Pirhay, ascende a 15 mortos e 10 feridos, 5 dos quais em estado grave. Entre os feridos, contam-se inumeras crianças. — (F. P.).

VIOLENTO SISMO
na Jugoslávia

BELGRADO, 2.—Um forte tremor de terra, que apenas durou alguns minutos, abalou a pequena vila de Gorni Milanovac, a 120 quilómetros ao Sul de Belgrado, danificando uma duzia de casas. O sismo foi sentido á meia-noite de ontem, seguido de outro, mais fraco, 45 minutos depois, e que não originou prejuizos.

O primeiro abalo é considerado o mais forte desde o que ocorreu em 1927, e devastou uma vila inteira e algumas aldeias circunvizinhas.—(A. N. I.).

DOIS INCÊNDIOS

EVORA, 2 (Pelo telefone) — Registaram-se dois incêndios, entre Arraiolos e Vimieiro, o primeiro, numa área de cinco mil metros quadrados, destruindo restolho, pastos e algumas árvores; e o segundo na herdade denominada Cabeça de Freixo, com trinta e cinco quilómetros. Os Bombeiros, auxiliados por dezenas de populares, evitaram que o fogo se propagasse a outras herdades repletas de cereais. Como, por vezes, tiveram que correr á frente do fogo sofreram algumas queimaduras, o bombeiro n.º 17. José Rosas, nos olhos, e outros bombeiros e populares, pelo corpo.

A entrega ao Governo
do draga-minas costeiro «Lagoa»

No próximo dia 8, ás 17 horas, efectua-se, no Estaleiro Naval da Administração Geral do Porto de Lisboa, a cerimónia da entrega ao Governo, pela Companhia União Fabril, do draga-minas costeiro «Lagoa».

Assistirão os srs. ministros da Defesa Nacional e da Marinha e outras altas individualidades.

EM 3 LINHAS

Por ter sido exonerado, a seu pedido, do cargo de secretário-geral da Cruz Vermelha Portuguesa, o coronel Vitorino Furtado Galvão, foi nomeado, em sua substituição, o coronel José Vítor Mateus Cabral.

///

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Castelo Branco foi autorizada a contraír, no Banco Nacional Ultramarino, um empréstimo de 100 contos.

///

Foi designado superior da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, corporação missionária reconhecida, o padre José Joaquim Fernandes.

///

O intendente Aniano Mendes Serra foi exonerado, a seu pedido, do cargo de comissário provincial da Mocidade Portuguesa da província ultramarina de Cabo Verde.

///

A folha oficial publicou hoje a relação dos lugares que se encontram vagos em escolas do ensino primário elementar de diversos distritos escolares.

///

A Camara Municipal de Ourique foi autorizada a contraír, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, um empréstimo de 250 contos, destinado á obra de abastecimento de água á sede do concelho.

///

Foi nomeado delegado marítimo do Barreiro o subtenente auxiliar António Dias Alemão.

///

Foi concedido o «exequatur» de cônsul-geral no Porto e de cônsul em Lisboa, da Grã-Bretanha, respectivamente, aos srs. Alan David Francis e Leslie Walter Blackwell.

///

Na freguesia de Areias, do concelho de Santo Tirso, vai ser construído um cemitério que custará 174 contos.

///

Vão ser gastos 50 contos na construção de pavimentos na Costa da Caparica.

///

Vai realizar-se um concurso para o lugar de professor catedrático da cadeira de Medicina Operatória da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

///

São de 3.773, 1.300 e 307 contos, respectivamente, as bases de licitação dos concursos para obras nas estradas: entre a Madalena e as proximidades do Cabeço do Corre-Água, no distrito da Horta; entre proximidades de Codeçoso e Vila da Ponte; e entre a ponte de Cabra e Gouveia.

///

Foi nomeado interinamente médico-veterinário da Camara Municipal de Lisboa o sr. dr. Abel Maria Bebiano Moutinho.

///

Foi fixada residência, por cinco anos, na província de Angola, ao comerciante Jaime Gomes da Silva e a Fernando Borges Adrega, angariador de trabalhadores indígenas.

///

Em Junho foram demolidos em Lisboa, 15 prédios de particulares e 3 do património da Camara para novas construções.

VIAJANTES

De avião passou esta madrugada, de novo, por Lisboa, em viagem de regresso ao Rio de Janeiro, o senador dr. Assis Chateaubriand, director dos «Diários Associados» e membro da Academia Brasileira de Letras.

—De avião chegou a Lisboa o sr. dr. Pedro Silveira Ramos Steglich, médico radiologista português que se encontra há alguns anos nos Estados Unidos, onde exerce clínica, trabalhando nos Hospitais de Nova York e fazendo parte do mundialmente conhecido Medical Center, de Jersey City.

—No avião militar grego que conduziu a Lisboa o príncipe herdeiro da Grécia, seguiram para Marselha os srs. condes de Barcelona, com sua filha a infanta Margarita de Bourbon.

BOA NOITE!
Fontória - Dancing
Praça da Alegria, 66 — Telefone 35431 — (Adultos)

Mulher condenada

no Tribunal de Monção

a 28 anos

por envenenar o marido

MONÇÃO, 2—Nesta vila, foi praticado um crime de envenenamento em circunstancias misteriosas.

O proprietário de uma taberna, sita na Rua Direita, desta vila, Abílio Afonso, casado com Aurora Pires, de 32 anos de idade, faleceu em condições que as autoridades consideraram suspeitas.

Regressado da cadeia de Melgaço onde esteve a cumprir pena, por emigração clandestina, o Abílio regressou ao seu lar no dia 19 de Fevereiro do corrente ano, e assumiu a gerência dos seus negócios, até ali administrados pela mulher, que era auxiliada por um empregado jovem.

Raras foram as visitas que a Aurora fez a seu marido, durante o tempo em que ele esteve encarcerado; mas, de todas as vezes, com os petiscos que lhe levava, o marido ficava indisposto, a ponto dos seus companheiros, em determinada visita, terem de lhe ministrar azeite, para poder ficar aliviado.

No dia 25 de Fevereiro, o Abílio a meio da manhã, começou a sentir-se indisposto, muito mal e faleceu.

Sua mulher, impassível, assistiu a toda a cena e não lhe prestou os necessários socorros.

O povo começou a falar, e as autoridades tomaram conta da ocorrência, encarcerando a Aurora e autopsiando o Abílio.

Da autópsia, concluiu-se que havia crime de envenenamento, e o Instituto de Medicina Legal confirmou-o.

Julgada em tribunal colectivo, perante uma grande assistência que não abandonou a sala, até ás 3 horas da madrugada, para ouvir a sentença, foi a Aurora condenada a 28 anos de prisão maior celular.

No final do julgamento, o presidente do tribunal proferiu algumas palavras que impressionaram, profundamente, toda a assistência.

O desastre de viação sofrido pelo prof. Pinto Barriga

Com pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Sr. director: A propósito do julgamento do processo em que, como acusado, fui absolvido, e o prof. dr. Pinto Barriga, como acusador, foi condenado em mil escudos de imposto de justiça — têm os jornais diários publicado várias notícias com informações do prof. Pinto Barriga, como nelas expressamente se declara. Mas as minhas informações não têm merecido igual publicidade. Por isso, venho acolher-me á tradicional imparcialidade do «Diário de Lisboa», que ontem publicou mais uma local sobre o caso, pedindo que se dê igual publicidade aos seguintes esclarecimentos:

1.º—Têm-se publicado várias notícias sobre o «atropelamento» do prof. dr. Pinto Barriga, quando, na realidade, o prof. dr. Pinto Barriga não foi o «atropelado», mas sim o «atropelador» — pois foi ele que marchando absolutamente desatento ao transito, veio embater contra o automóvel por mim conduzido;

2.º—Apesar de o processo revelar claramente, que foi o prof. Pinto Barriga que veio embater contra o meu automóvel—como, afinal, foi reconhecido na justa sentença que me absolveu—o prof. Pinto Barriga constituiu-se assistente no processo e pediu uma indemnização de 198 contos:—98 contos por despesas que alegou ter feito, mas que nem sequer tentou provar, e mais 100 contos por a sua categoria social e profissional o imporem; e,

3.º—Nas suas informações aos jornais, o prof. Pinto Barriga salienta que vai recorrer ou já recorreu da sentença, e acentua que mantém o seu propósito, declarado desde o início do processo, de que as indemnizações que venha a receber as destinará ás Misericórdias do distrito de Castelo Branco — quando a verdade é que tal declaração não consta do processo. De V. etc.—*José da Silva Moreira.*

A HORA LEGAL

em Tanger

TANGER, 2 — A partir de ontem, regula a mesma hora em toda a cidade, até então com duas, a francesa, que foi a escolhida e a de Portugal e Espanha, com o atraso de 60 minutos em relação àquela, o que dava lugar a confusões. — (Efe).

A Misericórdia do Barreiro

está a construir um hospital

e alarga a sua benemérita acção

Não pode negar-se a luta infrene, sem tréguas, repleta de anseios por mais e melhor, que os homens têm travado para conseguir a melhoria geral das condições de vida.

Muito se tem conseguido, na verdade, em prol dos pobres desenvolvendo e ampliando uma acção beneficente digna e proveitosa, mas muito, infelizmente, há ainda que fazer, batalhando a assistência particular e os poderes publicos desde tempos imemoráveis — e hoje mais do que nunca, é certo — para poderem afirmar a ausência de um indigente, de um pedinte que se abeira de nós.

Para tanto nunca as mãos doam nem o cérebro enfraqueça, num empenho pertinente que a inteligência fortalece e todos abençoamos.

Ronda os quatrocentos anos, para mais e não para menos visto que se sabe existir desde data anterior a 1560, a Santa Casa da Misericórdia do Barreiro, uma das mais antigas instituições assistenciais de Portugal, o que documenta, de certo modo, as palavras que deixámos escritas.

Esta longevidade, dá-nos a certeza da sua remota intenção de proteger os necessitados, na sua cruzada quatro vezes secular numa terra que, como todas na generalidade, era escassamente povoada.

Foi outrora albergue de pescadores, contando por meia duzia de centenas os seus habitantes, e é hoje um dos concelhos de densidade populacional mais elevada no País, importante centro fabril, industrial e comercial, com cerca de 30.000 almas, sómente na sua sede, vila que anseia ser elevada á categoria de cidade, posição para a qual, o Barreiro, mesmo não muito afastado da capital — unicamente a 8 quilómetros de distancia, sulcando o rio Tejo — principiou já a lançar, justificadamente, os seus olhares.

Todo este conjunto de circunstancias e a acção notável da Santa Casa da Misericórdia do Barreiro, mormente nas ultimas dezenas de anos, vieram dar oportunidade a este artigo que, afinal, outros motivos justificados também encerra.

O actual provedor, sr. José Francisco da Costa Neves, de quem nos abeirámos para recolher elementos elucidativos do extraordinário incremento da instituição, da obra realizada e por realizar, começou por nos declarar ser filho, nado, criado e vivido no Barreiro e que a sua obra é a de todos. Filho do Barreiro, trabalhando pelo Barreiro, sentindo que a terra de seu nascimento e baptismo, com e pela graça de Deus merece mais e melhor, não conhece canseiras e toda a sua alma e coração se lhes dedicam inteiramente.

E logo veio o conhecimento do que vai seguir-se, numa entrevista despretensiosa, amena, feita no próprio lar actual da Santa Casa da Misericórdia, onde tudo é ordem, disciplina e higiene.

— Antes do mais, rendo as minhas calorosas e sinceras homenagens a todos os meus antecessores, a essa pleiade de homens que contra todas as correntes manteve esta muralha de benfazer e a todos os beneméritos, entidades particulares e oficiais, e irmãos, que a vêm tornando mais alta e inultrapassável na cruzada de caridade e de protecção ao desamparo e á desdita. Em especial me refiro ao meu imediato antecessor — Armando da Silva Pais — um homem novo, outro filho da terra, que soube começar e deixar os alicerces e o fogo sagrado do que se está fazendo.

E o sr. Costa Neves prosseguiu:

— A vida da Misericórdia é a vida dos que precisam, dos que nada têm. Como curiosidade, permita-me referir um compromisso comum ás misericórdias de Lisboa e Barreiro, mandado reimprimir em 1745 e de que posuimos um exemplar. Esse documento, sob qualquer aspecto, encerra doutrina perfeitamente aplicável á época presente, o que significa largo poder de visão dos homens que o fizeram.

«A Misericórdia foi criada pelo espírito cristão, generoso, da rainha D. Leonor, esposa de D. João II. Se o rei, que preparou tudo para a descoberta do caminho maritimo para a India, foi grande entre os grandes reis de Portugal, sua mulher soube ser igual ao marido, fundando as Misericórdias, casas sem par no Mundo, instituições genuinamente portuguesas.

«A Santa Casa da Misericórdia do Barreiro — disse — não se furta á regra: vive da caridade. E é necessário que assim seja, porque a caridade, força enorme que tudo vence, sustenta-a e assim vai amparando os que sofrem. Os subsidios do Estado, sempre atento ás necessidades das Misericórdias ficam, no entanto, áquem do que se precisa. Por mais que o Estado dê sempre terá mais que dar. Entendemos, por isso, que o Estado não pode solver, por si só, todos os compromissos da Misericórdia do Barreiro e das restantes. A nossa instituição, apesar de muito pobrezinha tem protegido muita gente necessitada, com os olhos e os sentidos postos na admirável frase do grande doutor da Igreja, Santo Agostinho: «*quando a caridade está no coração há sempre que dar*»... E a nossa Misericórdia tudo dá, porque a caridade está realmente no seu coração.

— Pode dizer-nos que assistência presta actualmente a Misericórdia?

— Reparte-se por várias modalidades. Funcionam, por semana, 4 consultas para pobres, cujo numero é, em média, de 40. Quase todos levam os medicamentos de graça. Alguns, para não dizer muitos, vêm á Misericórdia sem dela precisarem, esquecendo-se de que, com esse acto, exploram esta casa de caridade e, explorando-a, exploram implicitamente os que na verdade precisam, o que é pior. O laboratório de análises clinicas, as salas de tratamentos pelos agentes físicos e de raios X, esta recentemente inaugurada, funcionam gratuitamente para os que não podem pagar. O compreensivo espirito de entre-ajuda da edilidade local subsidia a Misericórdia, quer para o regime de assistência médica quer ainda para o regime de alimentação aos internados. O corpo clinico — honra lhe seja — é formado pela quase totalidade dos médicos do concelho, que graciosamente prestam os seus serviços. E' claro que, no novo hospital, as coisas terão de ser modificadas. Só os médicos das especialidades têm os seus honorários.

— E como se materializa toda esta actividade?

— Relativamente ao ano findo ultimo apuramento, em 10.256 análises diversas; 10.515 tratamentos nos agentes físicos; 3.556 tratamentos no posto de socorros; 20.229 injecções aplicadas; 3.422 doentes inscritos na consulta externa.

Sobre a construção do hospital que sabemos a caminho de plena realidade, o nosso entrevistado revelou:

— Está quase concluida a primeira fase. E' um edificio sóbrio que vem dignificar a nossa terra. O hospital terá, porém, a pesada responsabilidade de servir um concelho populoso, onde a industria tem lugar proeminente. Está a ser maduramente estudada a sua organica paar evitar surpresas desagradáveis ou desolvê-las logo que surjam. O apetrechamento corresponderá ás exigências das clinicas médica e cirurgica. De começo, disporemos de 45 camas e, na segunda fase, a construir seguidamente, este numero aumentará para 100. A Mesa da Misericórdia, desejando como é óbvio, que o hospital seja apenas hospital, criou já nas suas actuais instalações o Asilo de S. José e logo que o hospital sub-regional comece a funcionar, dará guarida a 50 velhinhos, de ambos os sexos. Não ficará por aqui a nossa legitima ambição. Criaremos num futuro próximo, a Casa da Criança, onde serão recolhidas as que por aí vagueiam acumulando vicios, muitas já vivendo deles. Não cabe numa simples entrevista esta obra social que se impõe, bem como a construção de uma enfermaria-abrigo para os doentes pulmonares dos dois sexos. Estão em andamento os projectos e os edifícios erguer-se-ão nos terrenos do novo hospital. O actual dispensário antituberculoso será para lá transferido, desanuviando simultaneamente o aprazivel Parque Dr. Oliveira Salazar e o arruamento onde se situa a bela realidade do ginásio-sede do Barreirense.

— Mas tudo isto — atalhamos — compreende o dispêndio de avultada soma de capital e de colaboração permanente e capaz. Como é possível tão poucos oferecerem tanto para tantos? Quem o acompanha nesta árdua e humana cruzada?

— Estamos, felizmente, rodeados de muita bondade de caracter oficial e particular, e a fé em Deus e o amor á nossa terra são as duas verdadeiras origens do pouco que ainda fizemos e do muito que ainda temos por fazer. As receitas próprias, as que provêm da quotização dos irmãos, não vale a pena focá-las, tão baixas são, mas se num amanhã próximo os homens do Barreiro se compenetrarem, como espero, de que a Misericórdia não precisa deles mas eles é que podem vir a precisar da Misericórdia, a obra será, sem duvida, mais larga, de muito maior projecção. Não vale a pena, também, falar de colaborações, de nomes, nem da minha acção no topo da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, porque a verdade é esta: se não fossem a concordancia e as ideias de cada um, conjugadas na vontade unica de praticar o bem, nada seria possível. Sintetizo a minha opinião e a de todos os que acompanham carinhosa e generosamente o extraordinário movimento assistencial da Misericórdia do Barreiro na seguinte expressão: felizes são os homens que vivem uma Obra no anonimato e na consciência tranquila do dever cumprido.

Não sabemos com que melhores palavras se poderia encerrar este artigo.

JOÃO DIAS

IMPRENSA

«O Comércio de Víveres», quinzenário órgão da classe dos comerciantes retalhistas, completou 27 anos de existência, pelo que felicitamos o seu director, sr. António dos Santos Vicente.

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

AVISO IMPORTANTE

Previnem-se os Ex.mos consumidores de que, até 1 de Setembro próximo, por virtude das férias do respectivo pessoal, não serão lidos os consumos referentes a Agosto nem cobrados os débitos de Julho cujos recibos lhes serão apresentados em Setembro.

Os consumos relativos a Agosto e Setembro serão cobrados em um só recibo no mês de Outubro.

O DIRECTOR DELEGADO

Está em Lisboa

na volta da Europa

o presidente

da Academia Brasileira

De avião chegou hoje a Lisboa, depois de ter visitado a França, a Itália e a Espanha, acompanhado de sua esposa, o sr. prof. Peregrino Junior, presidente da Academia Brasileira de Letras e catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil que, no dia 6, será recebido, com todas as honras, na Academia das Ciências de Lisboa, cujo presidente, o sr. dr. Julio Dantas, o saudará em nome daquela instituição.

A' sua chegada ao aeroporto foi cumprimentado por altos funcionários da embaixada do Brasil e outras individualidades.

Falando aos jornalistas, o eminente universitário declarou que, no decorrer da sua viagem visitou hospitais e universidades, e em Espanha, além de idênticas visitas, participou, como representante da Universidade do Brasil, no Congresso de Cooperação Intelectual, comemorativo do centenário de Menendez y Pelayo, que se realizou em Santander. Interrogado sobre o referido congresso, o prof. Peregrino Junior declarou-nos tratar-se de «um encontro de homens de inteligência, congresso util, simpático a todos os titulos, pois com ele se manteve um convivio intelectual de valia».

— Nesse congresso Portugal esteve representado pelos srs. drs. Medeiros de Gouveia, Paiva Boléo e Tomás Ribas, personalidades que tive grato prazer de conhecer e admirar.

O professor Peregrino Junior, que foi um dos três oradores da sessão inaugural do Congresso, que discutiu problemas do maior interesse para a cooperação intelectual, fez-nos depois a seguinte afirmação, que nos apraz destacar, pelo que ela revela de unidade do mundo luso-brasileiro:

— A delegação brasileira, que era numerosa, apresentou uma proposta para que a língua portuguesa fosse considerada língua oficial nos Congressos de Cooperação Intelectual. Foi o desembargador Faustino Nascimento quem apresentou a proposta, que foi depois defendida por mim em sessão plenária, falando eu próprio em português. Tivemos a satisfação de ver aprovado o nosso ponto de vista.

O PORTO pelo telefone

Condecorado pelo Papa

PORTO, 2—No próximo sábado efectua-se no Paço Episcopal, pelas 15 horas, o acto solene da entrega pelo prelado ao comandante Henrique Tenreiro de uma alta condecoração com a qual o Sumo Pontífice há tempo distinguiu o ilustre oficial superior da nossa Armada, por proposta de D. António Ferreira Gomes, bispo desta diocese. O acto terá a presença dos sr. comandante Américo Tomás, ilustre ministro da Marinha, e doutras altas personalidades, autoridades superiores deste distrito e pessoas em destaque na vida social portuense.

Cheque sem cobertura

O sr. Fernando José Ribeiro Pinto Neto, residente na Rua de S. Luís, 32, queixou-se á P. S. P. contra um individuo cujo nome indicou e que acusa de lhe ter passado um cheque de 3.300$ sem cobertura.

Queda grave

Por ter caído dumas escadas, recolheu ao Hospital de Santo António com fractura da coluna vertebral o empregado do comércio sr. Amadeu Correia Ferrás, residente na Rua da Fábrica, 35.

Movimento marítimo

O «Vera Cruz» chegou hoje

Com cerca de 900 passageiros, procedente dos portos do Brasil, de Cabo Verde e do Funchal, entrou hoje de manhã no Tejo o paquete «Vera Cruz», o qual largará de Lisboa, no próximo dia 8, pelas 13 horas, para efectuar a viagem turística de circum-navegação do continente africano.

OBRAS NA CIDADE

A Camara Municipal de Lisboa abriu concurso para adjudicação da empreitada de obras de arranjo da cerca do Hospital Militar Principal na Avenida Infante Santo e construção do subposto de limpeza da mesma avenida, obras que estão orçadas, respectivamente, em 90.140$00 e 785.071$00.

De ontem para hoje

✱ **O PREÇO DO TRABALHO — Um telegrama do Rio fala de negociações entre um treinador brasileiro de futebol e um grupo português. Citam-se números: 280 mil cruzeiros (112 contos) de indemnização, mais 42 mil (quase 17 contos) de ordenado mensal, mais a previsão de 330 mil cruzeiros de prémios por títulos a conquistar. Deve ser justo e merecido — e não seremos nós aqui a contestá-lo. Mas qual será a opinião do cientista silencioso, modesto e aplicado que passa a vida em trabalhos de pesquisa no seu laboratório — e ao fim de um dia de trabalho vai para casa apertado na plataforma de um carro eléctrico?**

✱ **COISAS DA ELECTRICIDADE — Por um fio se emaranharam os fios. Caiu o pinheiro no ramal de alta tensão que se partiu, ficando três concelhos (Soure, Montemor e Figueira da Foz) sem luz eléctrica. As faíscas produzidas pelo contacto dos fios no ramal pegaram fogo no mato, dominado pelo povo, enquanto os homens da empresa eléctrica restabeleciam a luz dos olhos que o é também ás vezes do espírito.**

✱ **GENTE DA NAZARÉ — O mar, que tantas vezes faz negaças áqueles que dele vivem, encheu de pasmo e abastança a gente da Nazaré. Mil e duzentos cabazes de goraz, pescados por uma só traineira, de valor superior a 100 contos, é coisa que nunca se viu. Correram rodas de vinho, mediram-se metros de saias novas, de xadrez e ao menos durante uns dias, as mulheres e os luxentos nazarenses vão ter a grata ilusão de que são ricos e que a sua fortuna não se acaba!**

✱ **O PORTO DO PORTO — Finalmente, a doca n.º 2 do porto de Leixões vai possibilitar o grande desenvolvimento do comércio nortenho. Com a sua construção, os navios de grande tonelagem poderão ali acostar, estando já em estudo as propostas das empresas empreiteiras que se propõem fazer a construção. A obra anda á roda dos 51 mil contos. Aliás, como começo da obra gigantesca, já lá andam a lançar os cabouços: a ponte levadiça sobre o Leça e as estradas que circundarão a doca, novas artérias da vida intensa nortenha.**

✱ **LEGENDA HISTÓRICA — Cidade de S. Filipe, na Ilha do Fogo (Cabo Verde) escreveu uma página na história simples da sua vida. Pela primeira vez, um avião desceu no campo de aviação recentemente ali construído e foi tal a emoção geral, que a cidade acorreu a ver o caso nunca visto. Era um pequeno aparelho do Aero Clube de Cabo Verde e levava apenas o piloto (Hamilton Fernandes) e um passageiro, que era o presidente do referido clube (Joaquim Ribeiro). Como há cem anos, quando o comboio chegava embandeirado ás povoações, também a gente da Cidade de S. Filipe poderá escrever no seu orgulho bairrista: no dia 28 de Julho de 1956, aqui aterrou o primeiro avião...**

✱ **QUATRO LAUREADAS — Pode dizer-se que o serão. A quem termina o seu curso com tão altas classificações não poderá, na vida que as espera, deixar de cingir-lhe a fronte pesada coroa de loiros. As quatro grandes esperanças da pintura são as jovens pintoras Maria Sara de Macedo Sá da Costa (20 valores), Maria Emília Ferreira Jorge Conde (19), Joaquina Amparo Roxo Neves (18) e Maria Filomena da Costa Magalhães (17). Terminaram o curso das Belas-Artes e vão agora lançar-se na grande luta da vida pela arte. Porque aos verdadeiros artistas só interessa viver, para honrar a sua arte.**

✱ **CAMPOS DE TRABALHO — A Mocidade Portuguesa, sob a égide da U. N. E . S. C. O., organizou, á semelhança do que se faz lá fora, campos de trabalho para universitários estrangeiros, o primeiro dos quais se inaugurou na Figueira da Foz, outros se lhe seguindo em Sanfins e Pero Negro (Torres Vedras). Este primeiro, instalado na citania pré-romana da idade do ferro, funciona com representantes de cinco países e dali sairão os projectos de urbanização de um bairro construído para pobres na Figueira, trabalhando-se mais tarde, em Pero Negro, no restauro de uma capela seiscentista. São ao todo 90 rapazes inscritos e não se pode negar interesse turístico á iniciativa.**

✱ **JORNAL PEQUENO — O Chefe do Estado recebeu o ministro dos Negócios Estrangeiros; no seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o eng.º Venctexa S. S. Dempó, Ferreira do Amaral e major Ernesto Dionísio.** ✱ **Com o chefe do Governo, trabalhou o ministro do Ultramar.** ✱ **Um servente de pedreiro (Augusto Candido de Jesus, 15 anos, Entroncamento) morreu electrocutado ao tocar num fio eléctrico.** ✱ **Maria da Conceição de Sá Vila Chã (42 anos) e Hermínia Maria Lourenço (27) serviçais na Praça do Areeiro, 12, 2.º, queimaram-se com benzovaque incendiado por gás.** ✱ **Helena Maria do Carmo, de 3 anos, de Alvalade do Sado (Santiago do Cacém) engoliu uma pevide de melancia que se lhe instalou nos bronquios.** ✱ **Morreu debaixo de uma camioneta um menino de três anos, filho de Manuel Morais (Poiares, Régua).** ✱ **Em Evora, Diamantino Pessoa Lopes foi ver um habilidoso fazer silhuetas recortadas no papel. Quando levou a mão á algibeira, tinham-lhe tirado a carteira.**

Morreu

o «D. Juan» americano que burlou cinquenta mulheres

KANKAKEE (Illinois), 2. — Sigmund Engel, um dos mais audaciosos escroques do casamento que o Mundo conheceu, tendo feito mais de 50 vítimas e recebido mais de um milhão de dólares, morreu com 84 anos.

Um dos seus truques consistia em fazer-se passar, junto das viúvas ricas, por Sam Engel, o produtor de Hollywood. Levava-as ao cinema e ali, com ares de negligência e despreocupação, mostrava o seu nome largamente reproduzido á porta das salas de espectáculo. A carreira de Engel durou mais de 50 anos e teve por cenário os cinco continentes.

O escroque utilizava 32 pseudónimos e passou 23 anos da sua vida no cárcere. Condenado, em 1950, a uma pena de 10 anos de prisão, por ter subtraído 8.700 dólares a uma viúva de 39 anos, foi mandado para a cadeia de Kankakee, em cuja enfermaria veio a morrer ontem.

Quando da sua última prisão, inúmeras mulheres afirmaram serem casadas com «Engel». Uma delas, Pauline Agston, casara com ele em 1948, em Nova York, seis dias depois de o ter conhecido. Mas o noivo desapareceu em seguida levando mais de 50.000 dólares (mil e quatrocentos contos) de joias. — (F. P.).

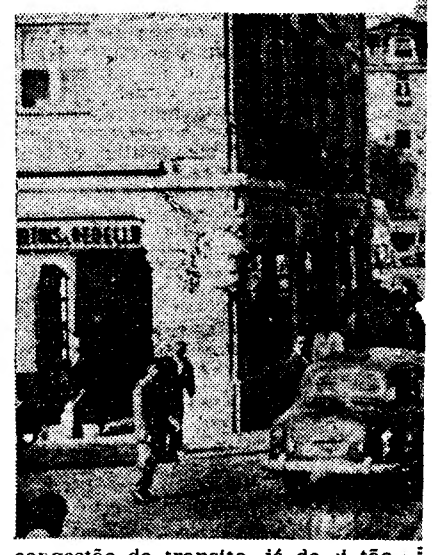
NA FEIRA POPULAR

é hoje inaugurado o pavilhão da Camara Municipal

Hoje, ás 21 e 30, com a assistência do sr. Luís Pastor de Macedo, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, dos vereadores, dos directores dos serviços, dos representantes da Imprensa e doutras entidades, é inaugurado, na Feira Popular, o pavilhão do Município de Lisboa.

O trânsito de automóveis

entre as ruas do Amparo e do Ouro devia poder fazer-se atravessando a placa do Rossio



A velha placa de pedra preta e branca, com desenhos, que rodeava a estátua de D. Pedro IV, foi levantada, por iniciativa, principalmente, dos vereadores Alberto Totta e Paiva e Pona, no meio dos clamores gerais, com este simples objectivo: descongestionar o transito de veículos que, embora não fosse nada que se parecesse com o que é hoje, já começava, justificadamente, a preocupar os previdentes edis...

Vem, a propósito, revelar que, a certa altura das obras, surgiu o problema de o nivel a que as novas placas foram cimentadas provocar inundações nos estabelecimentos daquela praça e salvou a situação um velho técnico do Município que ideou aquelas grelhas de ferro que se estendem nos passeios e que são, nem mais nem menos, que a instalação para o escoamento das águas das chuvas e a desaparição do perigo...

Como se sabe, os veículos que, vindos da Rua da Palma, pela Praça da Figueira, se dirigem á Rua do Ouro, têm de ir dar a volta em frente do Teatro Nacional Dona Maria II. Juntam-se, assim, aos numerosos carros que vêm dos Restauradores ou que, pela Rua Eugénio dos Santos, ou pelo Largo de D. João da Camara, têm como destino a Avenida da Liberdade e toda a parte Norte de Lisboa; e constituem, assim, mais um elemento de congestão do transito, já de si tão intenso e tão complicado. Perguntamos—e com o aplauso de numerosos motoristas a quem temos apresentado tal alvitre: Não poderia o transito entre a Rua do Amparo e a Rua do Ouro, fazer-se atravessando a placa de cimento, que, pràticamente, é utilizada por pouquíssimas pessoas e pelos apreciados pombos que fazem quartel-general da estátua do Rei-Soldado?

LINHOS
PUROS E SEM DEFEITO

A **CASA DOS PANOS** apresenta uma nova qualidade de linho nas seguintes larguras e preços:

0,50	27$80
0,60	33$50
0,70	38$50
0,80	42$50
0,90	48$00
1, ...	52$50
1,10	58$00
1,20	64$50
1,40	71$00
1,50	78$50
1,60	83$50
1,80	94$50
2, ...	104$50
2,20	119$00
2,30	126$00

Este linho de tipo fino é fabricado exclusivamente para a nossa casa Temos linhos em todas as qualidades e para todas as aplicações.

CASA DOS PANOS

Rua de São Julião

(á esquina da R. dos Fanqueiros)

Seguro!...

Basta uma pequena porção, para bem fazer a barba. É um creme de barbear novo, fabricado pela Gillette, nome conhecido no mundo inteiro. Contém K34, o verdadeiro antiséptico para o rosto.

Gillette

Creme de Barbear

Tubo grande 16$00 — Tubo gigante 26$00

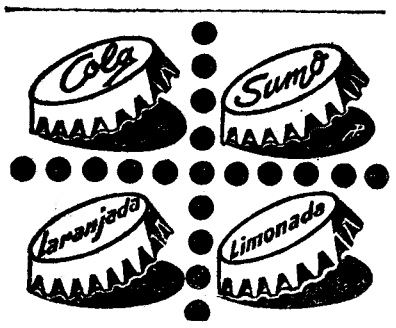
Aos mesmos preços há também o creme de barbear sem pincel

Bisneto do imperador da Austria

condenado por burlas

VIENA, 2 — Um bisneto do imperador Francisco José foi condenado a três anos de cadeia, por haver praticado burlas no valor aproximado de 100.000 «schillings». Chama-se Anton Waldbott, conta 34 anos e é filho de Maria de Habsburgo, neta daquele imperador, e do conde Waldbott.

Sem recursos desde que abandonou, em 1948, as suas propriedades na Hungria, para se refugiar na Austria, vivia de expedientes. Em 1950, foi condenado, pela primeira vez, porque roubou talheres de prata, em casa do príncipe de Bourbon-Parma, que lhe dera asilo. — (F. P.).



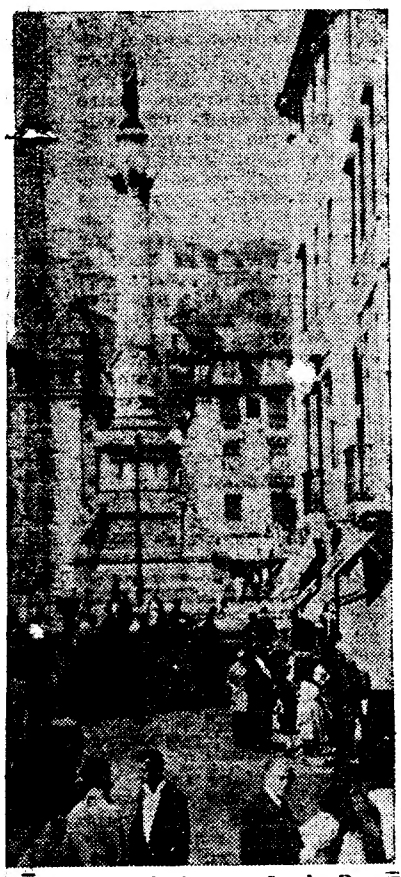
REFRIGERANTES **INVICTA**
PUROS ! FRESCOS ! AGRADÁVEIS !

No Tribunal da Relação

foi homenageado o dr. Manuel de Barros

Por ter atingido o limite de idade, deixou de exercer as suas funções de chefe da secretaria judicial do Tribunal da Relação de Lisboa o sr. dr. Manuel de Barros. Por tal motivo, todos os funcionários daquele tribunal se reuniram no seu gabinete de trabalho para manifestar o desgosto com que vêem afastar-se quem durante cerca de três decadas ali serviu com invulgares qualidades de inteligência e bondade. Ao sr. dr. Manuel de Barros foi por todos oferecido um objecto de arte, agradecendo o homenageado em comovidas palavras. O sr. dr. Manuel de Barros foi dos mais classificados alunos do seu curso, o mesmo a que pertenceu o sr. dr. Oliveira Salazar, e deu sempre provas de muita inteligência e bondade pelo que deixa profunda saudade no Tribunal da Relação de Lisboa.

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564



Os automóveis que vão da Rua do Amparo para a do Ouro deveriam contornar a estátua pelo lado Norte

O Chefe do Estado

parte esta noite

para Moçambique

O quadrimotor da TAP no qual o Chefe do Estado e a sua comitiva seguem para Moçambique, descola ás 23 horas de hoje do aeroporto da Portela, devendo chegar a S. Tomé amanhã ás 10 e 15. Duas horas e meia depois, o aparelho partirá para Luanda, onde chegará pelas 16 horas.

O Chefe do Estado pernoitará em Luanda, partindo no dia 4, ás 7 horas, para Lourenço Marques, onde deve chegar pelas 14 horas desse mesmo dia.

O voo Lisboa-Lourenço Marques, numa extensão de 4.799 milhas, deve ser efectuado em cerca de vinte e uma horas e meia.

Além das pessoas já mencionadas, também faz parte da comitiva presidencial o sr. dr. Ricardo Horta, médico do sr. Presidente da Republica.

A visita aos Açores

do ministro das Obras Públicas

O sr. ministro das Obras Publicas vai fazer uma visita de estudo, que durará alguns dias, ao arquipelago dos Açores. A partida, marcada para o princípio da tarde, foi porém, retardada, por atraso no avião em que deve seguir. O sr. eng.º Arantes e Oliveira partirá, de acordo com as circunstancias, á tarde ou amanhã de manhã.

O 6.º ANIVERSÁRIO

da posse de quatro ministros

Por passar hoje o sexto aniversário da posse dos srs. coronel Santos Costa, dr. Trigo de Negreiros, professor Paulo Cunha e dr. Ulisses Cortês, respectivamente dos cargos de ministros da Defesa Nacional, do Interior, dos Negócios Estrangeiros e da Economia, aqueles membros do Governo receberam cumprimentos dos directores-gerais e do funcionalismo superior dos seus ministérios, bem como muitos telegramas de felicitações.

Tem frigorífico?
APROVEITE PARA FAZER
Ice Cream
JANÉ
DELICIOSO GELADO

Com 102 anos

bebe cerveja como água

HUDDERSFIELD (Inglaterra), 2 — William Malbert, que completou, ontem, 102 anos de idade, costuma beber três litros e meio de cerveja, todos os dias.

Ontem quis celebrar o seu aniversário bebendo mais meio litro e fazendo uma animada exibição da famosa dança dos tamancos, muito popular no Yorkshire, a qual foi muito aplaudida pela multidão, que se juntou na sala de espectáculos local para o felicitar. — (A. N. I.).

50 cabazes

de limões

apareceram hoje

no mercado da fruta

Já apareceram esta manhã no Mercado Abastecedor de Frutas cinquenta cabazes com limões, que foram expostos á venda ao preço de 3$00 cada um (limão...), preço este que foi fixado pela Intendência, para 4$00 de venda ao publico pelo retalhista. Apesar de tais preços não poderem deixar de ser considerados como elevados, a aparecimento de limões ali, onde há duas semanas nem um se via para amostra, constituiu motivo desurpresa e admiração, ouvindo-se, entre as pessoas que vão áquele mercado abastecer-se, verdadeiras exclamações de surpresa:

—Olha! Olha! Já há limões! Mas o que foi isto? Eles são tão pequeninos...

Os mandatários elucidam:

—São limões importados!

—De onde?

Eles encolhem os ombros e com certo ar de enfado respondem:

—Não sabemos. Dizem eles que são importados...

Os compradores, com ironia, respondem:

—E' possível... Talvez do Norte ou do Sul, ou de alguém que os tem sonegados para provocar a sua falta e alta de preços...

—Isso é que deve ser!—respondem algumas vozes, como ensaiadas para reflectir o mesmo pensamento.

Quase todos se esquecem das compras que têm de fazer, para comentar, com ironia, o aparecimento de 50 cabazes com limões.

Navio italiano

apanhado pelo tufão

nos mares do Oriente

TOQUIO, 2 — O navio italiano «Naty», desamparado no meio de um tufão a 200 milhas ao Sul da ilha de Kyu-Shu, enviou, ontem, dois S. O. S. Um navio de guerra japonês, cargueiro britanico «Windshiold» e aviões americanos partiram em seu socorro.

Soube-se, mais tade, que o «Naty» conseguiu retomar a navegação a caminho do Japão. As autoridades navais de Kagoshima, acrescentam que já saiu da zona perigosa criada pelo tufão. — (F. P.).

A marcha do tufão

HONG-KONG, 2 — O tufão «Wanda», assinalado, ontem, a 300 kms ao Norte da ilha Formosa, alcançou já as costas da China continental e passará, esta tarde, pela região de Xangai. — (F. P.).

19 mil contos de indemnização

pedidos aos armadores do «Stockholm»

pelos prejuizos resultantes

do choque com o «Andrea Doria»

NOVA YORK, 2. — Vai ser processada a «Swedish-American Line», proprietária do «Stockholm», por um grupo de comerciantes que lhe confiaram a sua carga, accionistas e passageiros, pelos prejuizos sofridos com o desastre que afundou o «Andrea Doria» — declarou um advogado desta cidade. A indemnização é de mais de 700 mil dólares (cerca de 19.600 contos).

Os queixosos acusam o «Stockholm» de não ter mantido a vigilancia adequada ás circunstancias e de desprezado as indicações dadas pelas suas instalações de radar. Além disso, levava uma velocidade muito grande, quando a visibilidade, devido ao nevoeiro, era mínima e tomara a rota vulgarmente destinada aos navios que seguem para o oeste. — (A. N. I.).

As vítimas do «Andrea Doria»

NOVA YORK, 2. — A «Linha Italiana» anunciou que a lista de passageiros desaparecidos do «Andrea Doria» tinha baixado de 31 para 29, visto ter-se anunciado que duas das pessoas mencionadas na lista se encontram, ilesas, nesta cidade. — (R.).

Morreu um mergulhador nos treinos para a filmagem submarina do «Andrea Doria»

NANTUCKET, 2. — O mergulhador de 23 anos, William Edgerton, morreu «por falta de oxigénio no sangue», quando se treinava para tomar parte na filmagem submarina do «Andrea Doria». Crê-se que a garrafa de oxigénio que levava se fechou acidentalmente durante o treino. — (F. P.).

*

HOLLYWOOD, 2. — As companhias cinematográficas estão a estudar a possibilidade de realizar alguns filmes baseados na tragédia do «Andrea Doria».

Sam Katzman, da Columbia, e Abner J. Greshler, independente, registaram já no organismo competente vários títulos de argumentos cinematográficos relacionados com a colisão do paquete italiano com o «Stockholm». O título registado por Greshler é «Andrea Doria». Por seu lado, Katzman indicou dez títulos diferentes. — (A. N. I.).

O inquérito em Nova York

NOVA YORK, 2. — Os membros da sub-comissão de inquérito da Camara dos Representantes ouviram os dirigentes da «Italian Line» a propósito do abalroamento do «Andrea Doria» e do «Stockholm». O representante John Allen Junior declarou, que, durante as conversações com os representantes das duas companhias, os membros da comissão se abstiveram de fazer qualquer pergunta sobre as causas que provocaram o abalroamento visto haver a possibilidade dum recurso judicial.

O presidente da comissão, Herbert Bonner, confirmou que os seus colegas, durante as audições publicas da comissão, «não farão pender a balança para um lado ou para outro». — (F. P.).

O «Ile de France» regressou ao Havre

HAVRE, 2. — O «Ile de France chegou esta manhã, de regresso da América. Uma hora depois do desembarque dos passageiros, os representantes da Imprensa foram admitidos a bordo, onde o capitão Raoul de Baudeau os recebeu, recordando as circunstancias em que se deu o sinistro e os trabalhos de salvamento.

O subsecretário de Estado da Marinha Mercante, Roger Duveau, condecora, hoje, o «Ile de France» com a cruz do Mérito Marítimo. — (F. P.).

As declarações

do prof. Marcelo Caetano

comentadas em Espanha

MADRID, 2.—Nos círculos políticos e diplomáticos tiveram excelente acolhimento as declarações feitas pelo ministro português da Presidência, prof. Marcelo Caetano, e que o diário «A B C» publicou em extensa crónica enviada de Lisboa por Luís Mendez Dominguez.

Nos mesmos círculos acentua-se, como consta da crónica, a linguagem clara e inteligente do ministro português ante a Organização Económica de Cooperação Europeia, em Paris.—(Efe).

A sra. Kubistchek

visitou os arredores

e a serra da Arrábida

A sr.ª Kubitschek de Oliveira e sua filha Márcia, que desde ontem estão de visita a Portugal, percorreram hoje, de automóvel, o triangulo turístico Estoril, Sintra e Cascais Almoçaram na praia do Guincho, na Barraca, de Muxaxo, e, de tarde, seguiram para a serra da Arrábida. Acompanharam a senhora e a menina Kubitschek de Oliveira o embaixador do seu país em Lisboa, sr. dr. Heitor Lyra, o chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madrid, ontem mesmo vindo da capital de Espanha com as ilustres visitantes, e, ainda, outras individualidades ligadas á embaixada brasileira, num total de nove pessoas que viajaram em dois automóveis.

O magistrado

no banco dos réus

ESSEN, 2.—Um juiz foi condenado, no tribunal desta cidade, na multa de 150 marcos, por conduzir embriagado o seu carro.

O automóvel do magistrado embateu num carro da Polícia, quando regressava a casa, de uma festa de aniversário.—(R.).

MAIS CALOR! MAIS NOITES QUENTES!
DEPOIS DE UM DIA DE TRABALHO, E' INDISPENSÁVEL AREJAR, RETEMPERAR AS ENERGIAS
A FEIRA POPULAR DE LISBOA
é afinal um pequeno paraíso para todos. Ali respira-se ar puro, os olhos regalam-se de tanta e variada atracção, os apetites satisfazem-se conforme o gosto de cada um
HÁ DE TUDO para todas as bolsas e até para os que nada queiram gastar, porque só o espectáculo da Feira em movimento é uma distracção
A GRANDE APOTEOSE DA CIDADE
A'S 19 HORAS JA' PODE ENTRAR, GASTANDO APENAS 1 ESCUDO

Odjinho Magoado
Lisboa Antiga
na versão portuguesa de Belo Marques. O disco «Estoril» mais extraordinário do momento com canto, orquestra e coros, A' venda em Lisboa na Casa Sasseti & C.ª, Rua do Carmo, n.º 56, e no Porto, na Casa Ricardo Lemos, Rua Formosa, n.º 265.

Vinhos gazeificados
SURPRESA
actualmente no mercado

Kirk Douglas

contra Wait Disney

LOS ANGELES, 2.—O actor americano Kirk Douglas processou Walt Disney, do qual reclama a importancia de 415.000 dólares (cerca de 11.600 contos) por ter feito projectar na televisão, sem a sua autorização, um filme no qual aparece a brincar com seus filhos no parque de atracções Disneyland». —(France Presse).

Frescura
e fragrância
o dia inteiro

Se bem que a lavagem limpe temporàriamente o corpo, a transpiração — função contínua e necessária ao organismo — é a causa de grandes aborrecimentos, pelo desagradável cheiro que tem. Na vida de sociedade, no trato quotidiano, com pessoas das nossas relações, devemos usar os produtos YAXA, para evitar esses inconvenientes. O anti-sudorífero YAXA suspende a transpiração completamente. Use-o nas axilas e nos pés, onde a transpiração é mais abundante. Se não pretende deter a transpiração use a Água de Colónia YAXA, com três aromas à escolha, ou o Pó YAXA para depois do banho.

Yaxa
Luxury
ANTI-SUDORÍFERO

Todos com recarga para maior economia.

ÚNICOS DEPOSITÁRIOS:
ALVES & C.ª (Irmãos)
LARGO DO CHIADO, 12-1.º

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Os exames nos liceus

(Continuação da 1.ª página)

mos retardando, para, neles, entrarmos possìvelmente em conta com elementos que porventura ainda viéssemos a colher nas ultimas provas orais da presente época. Entretanto, surgiram no «Diário de Lisboa» os artigos do sr. dr. Rui Grácio (dos quais o ultimo, e trechos mais ou menos largos dos anteriores, são dignos de plena adesão, devendo mesmo considerar-se parcialmente notáveis pela penetração que revelam), e nós resolvemos refundir os nossos, dando-lhes uma nova redacção, para os adaptarmos ás novas circunstancias. Essa a génese dos escritos que, *a bem do ensino* ora publicamos.

Não só porque o que interessa ou deve interessar, ao chamado grande publico, é a discussão dos problemas em si e não a sua referência a pessoas, mas também, porque são, agora, as próprias circunstancias presentes a sugeri-lo (o terceiro dos citados artigos do dr. Grácio), resolvemos banir dos nossos articulados todas as citações de pessoas que possam ser afectadas pelo que aduzirmos.

Também queremos fazer a prevenção de que é possível que emitamos por vezes opiniões que sejam idênticas (ou pelo menos muito semelhantes) ás de outrem que se nos tenha antecipado a trazê-las a lume. Isso quer apenas dizer que há uma muito natural coincidência de ideias: simplesmente, entendemos não precisarmos de citar quem se nos tenha adiantado a exprimi-las publicamente, por razões fácilmente inferidas do que dizemos acima.

2. Como é do conhecimento dos leitores do «Diário de Lisboa» que têm acompanhado o assunto «exames», publicámos nas colunas deste jornal, há cerca de um mês (a 4 de Julho) um artigo de apreciação ao ponto de Filosofia da 1.ª chamada. Em boa ou má hora o fizémos. Em boa, certamente, se encararmos a questão, pelo menos, do ponto de vista pragmático. *Malgré mous*, o caso tem dado que falar. Esperemos que no meio da farfalha fique alguma coisa de aproveitável.

É muito fácil criticar. Foi-o em todos os tempos e em todos os povos. Nós, portugueses, não fugimos á regra, e até há quem diga que somos dos mais propensos á crítica fácil. Principalmente quando se olha á roda e se vê uma claque pronta a aplaudir, tenham-se muitas ou poucas razões, ou não se tenham mesmo nenhumas. Já é mais difícil ter de justificar a crítica, ter de se apresentar a prova daquilo que se afirmou. Demagogos houve-os sempre, mesmo antes de existir a palavra, e continuará, sem duvida, a havê-los.

3. Há já umas duas dezenas de anos que se está em regime de ponto unico distribuído pela Direcção-Geral do Ensino Liceal. Na medida em que nos tem sido possível, temos procurado organizar, para uso pessoal, uma colecção desses pontos que, no entanto, não está completa, pois é sabido que durante certo período de tempo não foi permitida a expansão dos pontos saídos, nos exames e de aí, por conseguinte, lificuldade em recolher os questionários. Quando saiu o ponto de Filosofia da 1.ª chamada, e fomos solicitados a dar uma opinião sobre ele, não quisemos deixar de passar em revista a colecção de pontos dos anos anteriores, e então pudemos verificar uma coisa que não dissemos no artigo de há um mês (porque não era então necessário dizê-lo), mas que afirmamos agora: *o ponto da 1.ª chamada deste ano, é um dos pontos mais bem feitos, e um dos mais equilibrados e melhor nivelados, de todos.* Tem defeitos, pois tem (em nosso entender, *grosso modo*, os que apontámos no citado artigo), mas o bom senso e a justa medida das coisas mandavam que emitíssemos um juízo valorativo que seria mais favorável do que desfavorável. Fazer ao ponto uma crítica de bota-abaixo, era ignorar as realidades, ser petulante, tomar a atitude dum simples zoilo e, no fim de tudo, trair a missão de que se fora encarregado, o que só se explicaria por razões inconfessáveis, como seja, por exemplo, um *parti-pris* contra alguém ou a favor de alguém, se não fosse outra coisa igualmente inconfessável.

Não era esse, porém, o nosso caso. Estamos ainda para saber quem é que teria feito o ponto, e podemos agora asseverar que, se alguma vez tivemos essa curiosidade, nunca *tão pouco* como agora desejámos satisfazê-la.

Isto posto, entramos na liça para combater apenas por esta dama: a Filosofia.

4. Procedamos com método, como é de elementaríssima norma. Não façamos, portanto, uma baralhada de questões e de assuntos, passando de A para B, voltando depois a A, para misturar tudo com C. Coisa fácil, de resto, o sermos metódicos, visto que não queremos, nem nunca foi de nosso gosto, pescar em águas turvas. Sigamos, então, por exemplo, a ordem por que se escalonam as questões no ponto de exame.

I GRUPO — 1.ª QUESTÃO:

a) *Parece-lhe que o conhecimento sensorial merece confiança? Justifique a resposta baseando-se nas leis das sensações.*

b) *As qualidades primárias e secundárias dos objectos estarão relacionadas com o subjectivismo das sensações? Justifique a resposta.*

Há uma maneira de ensinar Filosofia: a de levantar problemas filosóficos a propósito de certos capítulos da Ciência ou ao tratar da metodologia científica. E isso é tanto mais próprio da psicologia, do que da matemática ou da biologia, por exemplo, quanto é certo a psicologia ser uma ciência do espírito, além de que esta ciência surge numa altura do curso do liceu em que os alunos têm receptividade para os problemas filosóficos e ainda e até principalmente, porque a psicologia está integrada no programa de Filosofia e é, consequentemente, ensinada pelo professor de Filosofia. Nesta ordem de ideias, é caso para dizer que pena é que nas outras disciplinas do 3.º ciclo não seja fácil abordar problemas filosóficos por falta de preparação dos professores.

Mas na psicologia, pelo facto de a teoria das faculdades da alma, e ainda outras ideias de caracter metafísico, serem responsáveis pela contrafacção desta ciência, durante muito tempo, não se infere que a psicologia nos liceus deve desperdiçar as oportunidades de ser um importante veículo da cultura filosófica dos alunos. Há aqui uma confusão que é preciso desfazer: a da psicologia como investigação científica, que deve impedir a penetração de ideias metafísicas, com a psicologia como disciplina de ensino liceal, que deve aproveitar todo o ensejo para pôr questões filosóficas. (Foi seguindo esta orientação que em certos países se suprimiu, no grau médio, o ensino sistemático da Filosofia propriamente dita, ou seja do que entre nós se dá na teoria do conhecimento, na moral e na metafísica). E não nos venham dizer que não existe tal confusão e que até se diz isso expressamente. É que também há esta maneira de proceder: fazer as coisas mal feitas e, acto continuo, antes que se lhes aponte o erro, vir dizer que se não fizeram...

Ora, precisamente, aqui está, nesta 1.ª questão, um exemplo feliz da ligação da psicologia com a Filosofia. E quanto á clareza e ao rigor lógico do enunciado da alinea b) da questão, não há nada a dizer. Podia-se dar á pergunta outra redacção, evidentemente, mas seria difícil encontrar uma melhor. E no que respeita ao enxerto de qualquer palavra na redacção apresentada, isso prejudicaria não só a sua inteligência pelos alunos, mas também o rigor da expressão.

5. 2.ª QUESTÃO:

a) *Diga qual a importancia da «associação» na vida intelectual.*

b) *Como encara o empirismo o problema da «associação»?*

O que dissemos no articulado que precede (excepto, evimentemente, a sua parte final, que se refere á redacção da alinea b) da 1.ª questão), aplica-se igualmente a esta 2.ª questão.

Mas, desta vez, a ligação da psicologia com a teoria do conhecimento tem ainda esta virtude: é que, dando-se o empirismo como doutrina filosófica na teoria do conhecimento, o serem os alunos intrrogados aqui sobre o empirismo, leva-os, se quiserem, a fazem uma relacionação mais larga de conhecimentos adquiridos em alturas diversas do programa e até em anos diferentes, o que é altamente desejável do ponto de vista da verificação de conhecimentos.

Esta questão pode considerar-se muito bem concebida e impecávelmente bem posta. Estamos chegados á famosa questão de lógica, a saber:

6. II GRUPO — QUESTÃO UNICA:

a) *Com os termos «animais», «vertebrados» e «aves» construa um silogismo certo da 2.ª figura.*

b) *Indique e justifique as regras a que obedeceu.*

c) *Diga porque* (aliás, por que) *a conclusão destas premissas seria sempre errada:*

«Os sólidos são pesados».

«Os líquidos são pesados».

Nas colunas deste jornal foi já patenteado, de forma a não restar qualquer duvida, que a questão posta nas alineas a) e b) é um problema corriqueiro dentro das tradições da lógica cuja edificação remonta a Aristóteles, embora a sua arquitectura tenha recebido mais tarde as achegas de outros autores. Em suma, de harmonia com o que dessa lógica está hoje de pé (e que pode ser objecto de curiosidade ou até de veneração para quem tiver gosto nisso, mas que de forma nenhuma satisfaz as necessidades actuais), a questão proposta tem solução e essa não é outra senão aquela que há um mês aqui apresentámos e depois, porque isso se tornou necessário, novamente há quinze dias ou pouco mais.

Quanto á questão posta na alínea c) (que já dissemos, no primeiro artigo, ser diferente da apresentada nas alíneas a) e b), pelo que ao todo formado por estas três alíneas não devia chamar-se *questão unica)*, ninguém será capaz de dizer que esteja mal.

Mas neste momento há, no que se refere á lógica formal do ponto da 1.ª chamada, três pontos a esclarecer:

7. — 1.º: A questão das alíneas a) e b) está ou não dentro do programa? Afirmámos que sim e vamos mostrar o que afirmámos. O programa traz a seguinte rubrica: «Fundamento e estrutura do silogismo; exemplificação». Ora como é que se ensina a estrutura do silogismo? (Pomos de parte o problema do fundamento, que não está em causa). Primeiro, dando aos alunos os conceitos exactos de termos médio, maior e menor num silogismo, e ao mesmo tempo os de premissa maior e menor, e de conclusão. Segundo, enunciando e explicando as oito regras clássicas do silogismo. Terceiro, dando as figuras a deduzindo, em cada uma delas, e a partir das já sabidas regras, os 19 modos legitimos. Em nossa opinião, não é preciso dar as regras das figuras; pelo contrário, achamos que isso vinha complicar as coisas escusadamente. Por ultimo, deve dar-se aos alunos uma exemplificação adequada, mas essa, na maior parte dos casos, em vez de ser fornecida aos alunos, passivamente, pelo professor, pode ser construida, activamente, por aqueles, com a ajuda do professor, uma vez que eles já conhecem a estrutura do silogismo, e para isso não têm de ter presentes mais do que as noções de termos médio, maior e menor, conhecerem as quatro figuras e saberem as oito regras do silogismo (não falando nas regras da quantificação do predicado, que já trazem sabidas da conversão das proposições). Mais nada. E, então, esses exemplos construidos pelos alunos não são outra coisa senão os problemas de silogistica que sempre apareceram nos exames e que são fundamentalmente de três tipos: ou, dados os termos, construir um silogismo; ou, dadas as premissas, obter a conclusão; ou, dado um silogismo completamente expresso, dizer, justificadamente (pelas regras do silogismo), se a conclusão é ou não válida. E, ao fim e ao cabo, quantas lições se gastaram com a silogistica? Nós costumamos gastar entre quatro e seis lições. Não se dirá que seja demais, vistos os programas. Nestes, ainda vem, a seguir, esta outra rubrica: «A presença implicita do silogismo no espírito humano». Mas isso, que ocupará apenas parte de uma lição, pode ser integrado na aula que segue, em que se fala da indução. Será uma aula de caracter geral, consagrada ao estudo, não só do fundamento da indução, mas também da relação entre a indução e a dedução.

Em princípio é tão fácil dizer que determinado assunto está dentro dos programas como que não está. Principalmente por duas razões: 1.º, serem os programas tão genéricos e tão pouco analíticos; 2.º, tratar-se, como é o caso da Filosofia, de matérias tão pouco *exactas*. Mas a isto pode contrapor-se que, não estando em nossas mãos redigir novos programas (que, em todo o caso, só se tornariam completamente analíticos se se metamorfoseassem em compêndios...) está, sim (isto para quem não queira ou não possa fazer um compêndio) o adaptarmo-nos ás circunstancias de lugar e de tempo, atendendo-nos ás realidades. Nós, humanos, não estamos na lua, mas com os pés assentes na terra, e como não somos nós, professores, quem vai examinar os nossos próprios alunos (isto, hoje, refere-se não só aos professores do ensino particular, mas, até certo ponto também, aos dos liceus), cumpre informarmo-nos de como é que os outros podem ir interrogar os nossos alunos. E há sobretudo uma medida que a todos os professores se impõe: a de examinarem os pontos saídos nos ultimos anos. Vistas as coisas objectivamente, os pontos saídos nos exames anteriores, feitos, possivelmente, por professores diferentes, e aceites pela generalidade dos professores do ensino liceal, não deverão ser, é evidente, uma violação tão flagrante da letra, ou do espírito, do programa. E já invocamos outro facto, que mostra ainda mais vincadamente o que estamos a dizer: é que em alguns liceus de Lisboa (e na provincia sucede o mesmo; não é presunção nossa, mas facto testemunhado por nós, embora não este ano) pergunta-se, por vezes de silogistica (isto é perguntam alguns professores), muito mais do que aquilo que nas provas escritas se tem exigido.

8. — 2.º: Afirmámos em o nosso primeiro artigo: «Resolvida a alínea a) desta questão, está implicitamente resolvida a alínea b), na qual apenas se pede a indicação e justificação das regras a que obedeceu o silogismo construido com os termos indicados na alínea a)».

De facto, assim é: *resolvida a alínea a), está implicitamente resolvida a alínea b).* Senão vejamos: que é que quer dizer *implicitamente? Tácitamente; de uma maneira não expressa.* E' dos vocabulários de Filosofia... Ora, o saber construir o silogismo pedido, não supõe o conhecimento das regras do silogismo? Absolutamente. E quanto ao alcance do «justifique as regras a que obedeceu», todo o aluno, que teve duas aulas de silogismos, sabe o que isso quer dizer (o que não significa o mesmo que saber responder...). Tudo o que se diga a mais sobre isto são bizantinices que não fariam nada má figura ao pé das dos antigos e autênticos bizantinos.—A. B.

(Continua no próximo numero)

Comarca de Lisboa

3.ª VARA CÍVEL

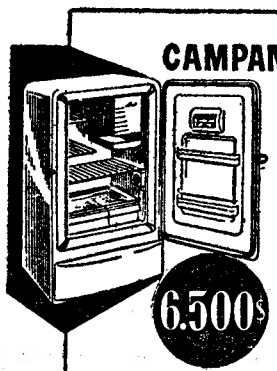
ANUNCIO

No dia 14 de Agosto, próximo, pelas 15 horas, no Stand Moderno, na Rua João Saraiva, n.º 13, em Alvalade, terá lugar em 2.ª praça, a arrematação em hasta publica de um camião marca «Vulcan» com o n. de matrícula L. D. 17-32, com os seguintes pertences: Uma bateria, dois faróis, dois farolins, uma chave de rodas, três chaves de boca, uma manivela, seis rodas completas, calçadas com três pneus «Avon» e três pneus «Dunlop» e uma jante nua e que tudo será posto em praça por Esc. 25.000$00, metade do seu valor, apreendidos ao réu António Vicente Neves, pelos autos de acção especial de venda de penhor que lhe move o autor Fernando Nunes de Carvalho. Para constar se passou este a fim de ser devidamente publicado.

Lisboa, 31 de Julho de 1956.

O Chefe da 1.ª secção—*Jordão Meneses de Azevedo.*

O Juiz Corregedor da 3.ª Vara—*Dr. Francisco Soares.*



CAMPANHA DO FRIGORIFICO FAMILIAR

CERCA DE 1.000 FAMÍLIAS PORTUGUESAS JÁ GOZAM OS BENEFÍCIOS DO FRIGORÍFICO «LINDE».

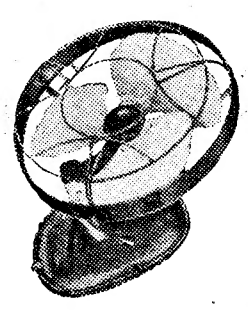
Aproveite esta campanha e fique com o melhor que o seu dinheiro pode pagar: «LINDE» o frigorífico alemão de 4,25 p³ com todas as caracteristicas dos frigorificos de luxo.

6.500$

Linde

Prestação 205$00

RADIÓFILA, LDA. — RUA ARCO BANDEIRA, 88-90



«AEROS»

E

«LIBELLE»

AS DUAS MAIS FAMOSAS MARCAS DE VENTOINHAS

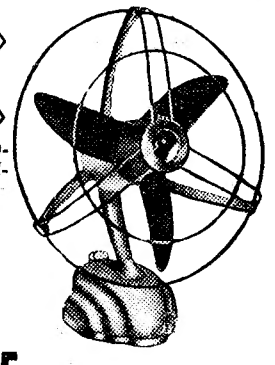
58 MODELOS DIFERENTES

REPRESENTANTE E DISTRIBUIDOR:

A ILUMINANTE

LISBOA
Av.ª Almirante Reis, 6
Tel. 59151-2-3-4-5

PORTO
R. Passos Manuel, 209
Tel. 24065



Dois mestres cozinheiros

vindos, expressamente de Madrid para servir a selecta clientela de

MONACO

o Restaurante dos aristocratas

Preferido desde a primeira hora por aristocratas e diplomatas, «Monaco» (Restaurante Costa), situado em Caxias, telefone 042339, num dos mais belos locais da Avenida Marginal, mantém, todos os dias, um ambiente de beleza á altura da sua clientela.

O sr. Manoel Outerelo Costa, que em «Aquario» restaurante de grande categoria, como em «Pôr do Sol» o lugar elegante da Feira Popular, tem mostrado quanto vale uma boa direcção, numa casa de clientela seleccionada, ao dirigir «Monaco» constitui penhor de garantia para o seu êxito. Exigente como todos os bons orientadores, o sr. Manoel Outerelo Costa, contratou para «Monaco» Paul Lombret, um artista francês de fama mundial, que todas as noites delicia a elegante clientela, fazendo-se além disso ouvir aos jantares e ceias á americana, bela musica privativa de alta fidelidade, dirigida pelo maestro Mr. Martins. E, com a noção das responsabilidades, de quem orienta um estabelecimento de grande categoria, tem agora ao serviço da selecta clientela dois cozinheiros prontos a satisfazer os «gourmets» mais exigentes. Juan de las Mercês e José Sanchez, que, assim se chamam os mestres cozinheiros, chegados de Espanha, expressamente para «Monaco», estiveram nos melhores restaurantes de Madrid, onde o seu nome deixou boa lembrança.

+

COMANDANTE

Augusto Moreira Rato

Missa do 30.º dia e Agradecimento

Maria Laura Celestino Soares Moreira Rato, seus filhos, noras, genros, netos e mais familia participam que amanhã dia 3, pelas 11 horas na Igreja de Santos-o-Velho, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, assim como a todas aquelas que os acompanharam neste doloroso transe, e cujas moradas se ignoram

Pequenas noticias

PELA POLICIA

NÃO HÁ NOMES QUE LHE CHEGUEM!—O alfaiate Agostinho Gomes da Silva, que é natural do Funchal e condenado pelo tribunal da comarca de Faro em 4 anos de prisão maior celular por crime grave, estabeleceu-se em Turquer, Alcobaça, tendo requesitado á firma Oliveira & Companhia, Ld.ª, da Rua dos Douradores, fazendas na importancia de alguns milhares de escudos, que vendeu por preços inferiores ao seu custo lesando assim aquela firma, pois não lhe pagou. Adoptou então o nome de Carlos Alberto da Silva, para se escapar á prisão pela pena em que estava condenado. A firma lesada queixou-se á P. J., sendo encarregados o chefe Matos Rodrigues e o agente Parente das respectivas investigações. Quando a agente se dirigiu a uma pensão de Turquel, onde se hospedara, o alfaiate tentou iludi-lo, ao saber dos motivos que o levaram ali, declinando o seu nome verdadeiro e teimando então que não era, como de facto não era, Carlos Alberto da Silva, nome com que burlara a firma queixosa. Foi preso e veio para Lisboa, tendo aqui confessado a acusação que lhe era feita. O processo foi organizado e remetido ao Tribunal da Boa Hora.

MOTORISTA CONVOCADO — A secção de justiça da P. S. P. (Governo Civil) pede, com muito interesse, a comparência, urgente, do motorista de um táxi modelo antigo, pintado de preto, com volante á direita, que, ontem, cerca das 18 horas, conduziu um cavalheiro e uma menina da Avenida João XXI á Rua Garrett, tendo deixado a menina no Consulado de Espanha.

LEILÃO DE ACHADOS

Nos próximos dias 8 e seguintes, ás 16 e 30, na sala do serviço externo da secção administrativa da P. S. P., proceder-se-á a leilão de vários objectos achados e ali depositados, os quais não foram reclamados dentro do prazo que a lei marca. Os achados a leiloar constam de objectos de ouro e prata, óculos diversos, malas, carteiras, porta-moedas, sombrinhas, pneus, tampões e outros acessórios de automóveis, canetas de tinta permanente, relógios, roupas de algodão e de lã, etc.

QUEM PERDEU?

E' a seguinte a relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues nos serviços da P. S. P., instalados no Governo Civil: três quantias em dinheiro, um embrulho com acessórios e ferramenta de bicicleta, dois tampões de depósito de gasolina, um porta-moedas com uma pequena quantia, diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas, um botão de ouro, com um brilhante, um envelope com 4 fotografias, um porta-moedas de senhora, um pneu de auto-pesado, um avental de cortador, um romance, uma onça de tabaco, uma certidão de nascimento, um estojo de plástico para óculos, um porta-moedas de senhora, contendo uma factura e um lenço, uma pregadeira de prata, uma pasta-lancheira com pão e outros géneros, uma mala de senhora, um escudete de para-choques de automóvel, uma mala de senhora com o bilhete de identidade, assim como um anel de fantasia.

—Encontra-se no quartel da G. N. R., de Santa Bárbara, um tampão para roda de automóvel, encontrado no Campo de Santana. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

A ELECTRIFICAÇÃO

das províncias ultramarinas

No gabinete do subsecretário do Ultramar foi assinado o contrato para o fornecimento e montagem do equipamento da primeira fase da subestação da Catumbela.

Outorgaram, por parte do Estado, aquele membro do Governo e pela firma adjudicatária, Agência Geral de Material Eléctrico, Lda., o sr. eng.º Alexis Ghislain.

O custo deste fornecimento é de 1.500 contos devendo ser efectuado até 30 de Setembro do corrente ano.

VIDA MUNDANA

EM VIAGEM

Num avião da Panair do Brasil, chegaram ontem a Lisboa, de regresso da sua viagem nupcial a Paris, a sr.ª D. Maria de Lourdes das Dores Ferreira Coelho e o sr. Henriques dos Santos Coelho que, depois de alguns dias de demora na capital, seguirão viagem para o Brasil.

BOLSAS DE ESTUDO

ROMA, 2 — O Ministério dos Negócios Estrangeiros publicou um anuncio convidando candidatos a apresentar a sua pretensão a duas bolsas de estudo oferecidas pelo Governo português.

Destinadas a estudantes italianos, as bolsas referem-se ao pagamento de estudos em Portugal, no biénio 1956-1957. — (A. N. I.).

DE LUTO

Menino Manuel Emidio Lipari Garcia

Faleceu o menino Manuel Emidio Lipari Garcia, de 2 anos, natural de Lisboa, filho muito extremoso da sr.ª D. Maria Clara Lipari Garcia e do sr. dr. António José Lipari Garcia, advogado e assessor juridico dos C. T. T., neto muito querido da sr.ª D. Amélia Vasques Fernandes e do sr. engenheiro Manuel Fernandes e Fernandes. O seu funeral, a cargo da Agencia Salgado, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da igreja de S. João de Deus, para jazigo de familia no cemitério do Alto de S. João.

O «Diário de Lisboa» vende-se em VILA VIÇOSA na casa Joaquim F. Soeiro Torrinha.

VIDA RELIGIOSA

Missa nova

Frei Costa Carvalho

AVANCA, 2 — No próximo dia 5, celebra a sua missa nova, na igreja paroquial de Santa Marinha de Avanca, o frei José Armindo da Costa Carvalho, filho da sr.ª D. Maria José da Costa Carvalho e do sr. João de Pinho Carvalho. O novo sacerdote, que foi sempre um aluno exemplar, pertence á Ordem Dominicana. Iniciando os seus estudos no Seminário de Olival, em Vila Nova de Ourém, fez o noviciado em Salamanca e Santander, e concluiu o seu curso de Teologia no Seminário de S. Maximino, em Lyon.

O novo sacerdote será ordenado no próximo dia 4, na Basílica de Nossa Senhora de Fátima, por frei Francisco Rendeiro, bispo do Algarve.

Pelos pais de frei Armindo será oferecido um banquete no final da cerimónia religiosa.

S. Francisco Xavier

O bispo de Cabo Verde, sr. D. José Filipe Colaço que, vindo de Goa, donde é natural, se encontra em Lisboa, aguardando a sua próxima partida para a sua nova diocese, celebra, no sábado, ás 10 horas, na igreja de São Domingos, missa em louvor de São Francisco Xavier, por devoção não só dos Portugueses da India, como também dos Portugueses de Cabo Verde, residentes em Lisboa.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 31°,7; mínima, 18°,9.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 27°,4; mínima, 17°,4.*

[redacted]

Maria dos Remédios Ferreira dos Santos

FALECEU

António Ferreira dos Santos, esposa, Manuel Ferreira dos Santos, esposa e filha, ausentes, Eulália Ferreira dos Santos Silva, marido e filhos, Maria Ferreira dos Santos Magalhães, marido e filhos e mais família participam o falecimento da sua querida mãe, sogra, avó, e parente, cujo funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Av. Almirante Reis, N.º 45, 4.º, Dt.º, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA MEGA

[redacted]

Maria dos Remédios Ferreira dos Santos

FALECEU

A GERENCIA DA SAPATARIA CASA DO BOM CALÇADO participa a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento da mãe do fundador, sr. António Ferreira dos Santos, cujo funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Av. Almirante Reis, N.º 45, 4.º, Dt.º, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

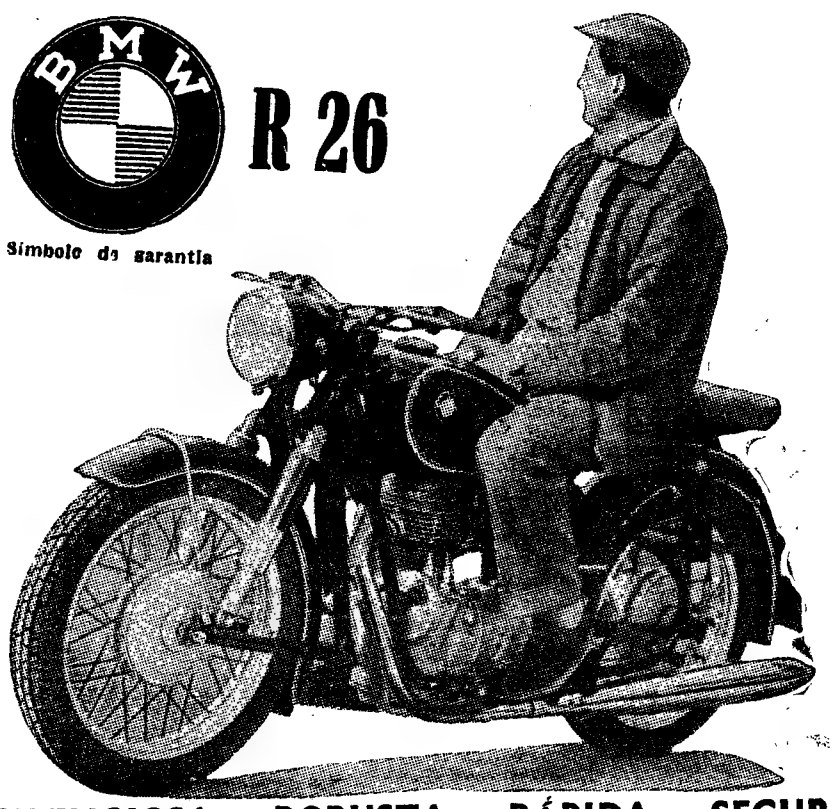
AGENCIA MEGA

[redacted]

O SENSACIONAL «NOVO MODELO»

BMW R 26

Símbolo de garantia



SILENCIOSA — ROBUSTA — RÁPIDA — SEGURA — ELEGANTE —

Quadro totalmente oscilante — VEIO TRANSMISSÃO BLINDADO
Amortecedores hidáulicos duplo efeito

Em exposição no «stand» de

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3 — LISBOA

SCHAUB

RADIO

A MARCA QUE OS APRECIADORES DE BOA MUSICA

Distinguem, querem e escolhem, porque...

...com SCHAUB não se ouve telefonia ouve-se pura melodia

MUITOS MODELOS DESDE ESC.: 1.495$00 A ESC.: 14.800$00

RIO ● MAR ● CAMPO ● PESCA ● NATAÇÃO ● CAMPISMO
DIARIAS COMPLETAS — ALMOÇO — JANTAR — DORMIDA
QUARTOS PARA FINS DE SEMANA

Esplanada-Restaurante RIO-MAR

FOZ-ERICEIRA

TELEF.: ERICEIRA 112 — PRAIA DO LIZANDRO PORTUGAL

A 55 minutos de Lisboa. Reserve os seus aposentos

NO OBSERVATÓRIO DE NEUCHATEL

ZENITH

DÈTEM 5 VITÓRIAS EM 6 ANOS NA CATEGORIA DE RELÓGIOS DE PULSO

◆

EM RELOJOARIA NÃO SE FABRICA MELHOR

ZENITH

Sporto

outra Furgoneta

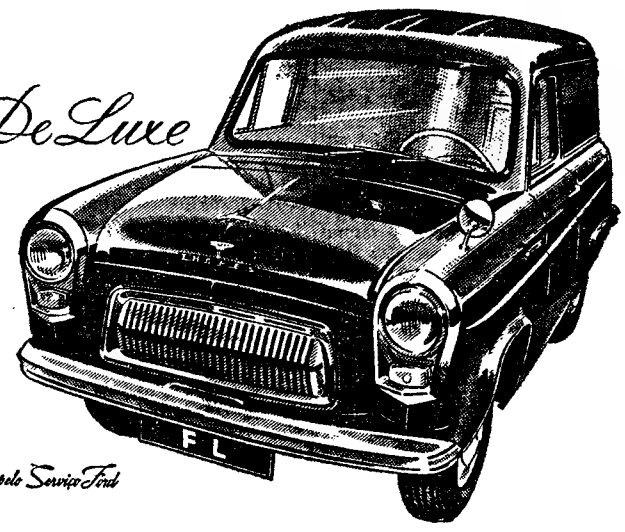
THAMES

480 QUILOS

A NOVA 7 CWT De Luxe

Quando: ● a capacidade de carga... ● o baixo consumo...

● a beleza... ● a rapidez... ● o conforto...



Aprovada pelo Serviço Ford

SÃO NECESSÁRIOS À EXPLORAÇÃO ECONÓMICA DO SEU NEGÓCIO...
A NOVA THAMES 7 CWT DE LUXE PARA 480 KGS É A SOLUÇÃO
FORD LUSITANA E SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

FOTOGRAFA MELHOR!

A PELÍCULA DE SUPERIOR QUALIDADE AO MESMO PREÇO DAS PELÍCULAS VULGARES

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTE:

M. SIMÕES JR.

R. CONCEIÇÃO, 46, 1.º—TEL. 30306-LISBOA

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

EM SUA CASA
insecticidas
Nourycid

Comarca de Lisboa

9.º Juízo Cível

ANÚNCIO

Pela Segunda Secção do Tribunal do Nono Juizo Cível desta comarca, no dia 17 de Outubro próximo, pelas 10 horas, na execução de sentença que o Banco Borges & Irmão move contra os herdeiros habilitados de Casimiro Ramos Pontes, há-de ser posto em praça para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor de duzentos e cinquenta contos, indicado no processo, o direito e acção que os executados herdeiros do falecido Casimiro Ramos Pontes, têm á herança do mesmo, direito esse que é constituído pelos bens constantes do inventário orfanológico a que se procede por óbito daquele.

Lisboa, 25 de Julho de 1956.

O Juiz de Direito,
Américo de Vasconcelos Botelho de Sousa

O Chefe de Secção,
Manuel Martins de Castro Rodrigues

PAc 847 - C

A JUVENTUDE E OS TRANSPORTES FERROVIÁRIOS

A C. P. organiza este ano um concurso destinado aos jovens portugueses e subordinado ao tema: «Os caminhos de ferro e a vida moderna». Ninguém que viva no nosso tempo ignora a importância dos transportes ferroviários. Convidam-se os jovens portugueses a apresentarem uma monografia sobre este tema.

A C. P. dirige-se aos jovens portugueses na certeza de que não poderia encontrar camada mais «viva» da população — e portanto mais apta a dar a sua opinião sobre um tema tão fecundo e tão apaixonante.

O Regulamento deste concurso foi publicado nos jornais diários do dia 22 de Julho.

Convidam-se os jovens portugueses a participarem no concurso «A Juventude e os Transportes Ferroviários».

Prémio: «Uma viagem de ida e volta a Paris» em 1.ª classe.

Boletins de incrição e Regulamento na Secretaria Geral da C. P. — Calçada do Duque, 2 — Lisboa

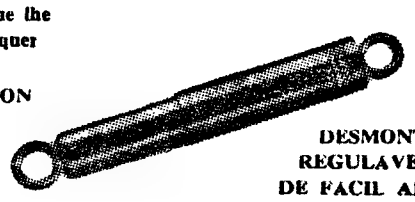
O concurso «A Juventude e os Transportes Ferroviários» é organizado para comemorar o CENTENÁRIO DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

NEWTON
PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor

Exija NEWTON



DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FÁCIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA AV. DA LIBERDADE, 12
NO PORTO R. DA LIBERDADE, 12

Menino Manuel Emídio Lipari Garcia

FALECEU

António José Lipari Garcia, Maria Clara Lipari Garcia, Amélia Vasques Fernandes, Manuel Fernandes e Fernandes, Manuel Lipari Garcia, sua esposa e filho, Maria Dolores Fernandes Fonseca e seu esposo, Adolfo João Vasques Fernandes e Manuel Luís Vasques Fernandes, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido e sempre chorado filho, neto, sobrinho e primo e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 12 horas da Igreja de S. João de Deus para Jazigo de familia no cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

Agência SALGADO

DOMINGO, 5 DE AGOSTO

Expresso Popular a Aveiro

Preço: Esc. 92$00

Horário

Ida		Volta
7-25	Lisboa (Santa Apolónia)	0-40
11-22	Aveiro	21-05

Bilhetes á venda na estação de Lisboa (Rossio — telefones 33 180 e 33 187.

Centro de Medicina Dentária

PREÇOS DE POLICLÍNICA

Consultas permanentes das 9 às 21 horas

C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 864991

DESPORTOS

ONTEM, EM ALVALADE

A homenagem a Alves Barbosa

proporcionou uma boa reunião de ciclismo

O festival de apresentação ao publico do corredor Alves Barbosa, que na Volta á França alcançou notável classificação, chamou muito publico ao Estádio de Alvalade. Reuniram-se ali uns bons milhares de pessoas, as quais dispensaram ao corredor da Bairrada o mais quente acolhimento. Barbosa recebeu medalhas do Sporting, da Associação do Sul e da Federação e deu duas voltas á pista, aplaudido entusiásticamente.

Foi a sua presença que constituiu o facto mais importante da reunião, para a qual estavam anunciados corredores estrangeiros, dos quais só compareceram os Espanhois que há dias se encontram em Portugal. Os belgas Steenbergen e Severyns não puderam vir por doença do primeiro e os franceses Carrara e Goussot, previstos para os substituirem, não apareceram também...

Mas o publico tudo perdoou só para ver o seu ídolo.

Alves Barbosa apresentou-se em condições que revelaram natural fadiga. Notou-se isso nos «sprints» que teve de fazer por motivo de desentendimento com o seu camarada Raposo na prova á americana. Aí, o ciclista da Bairrada viu-se batido por elementos que normalmente deixaria a apreciável distancia... Foi ele próprio, porém, a rolar e a perseguir. Respondeu sempre, com o maior brio, ás tentativas de fuga dos Espanhois principalmente, e de alguns Portugueses. E nessas alturas patenteou claramente o seu mérito, aliando á sua pedalada fácil, simples e quase despreocupada, uma tenacidade que define a sua categoria.

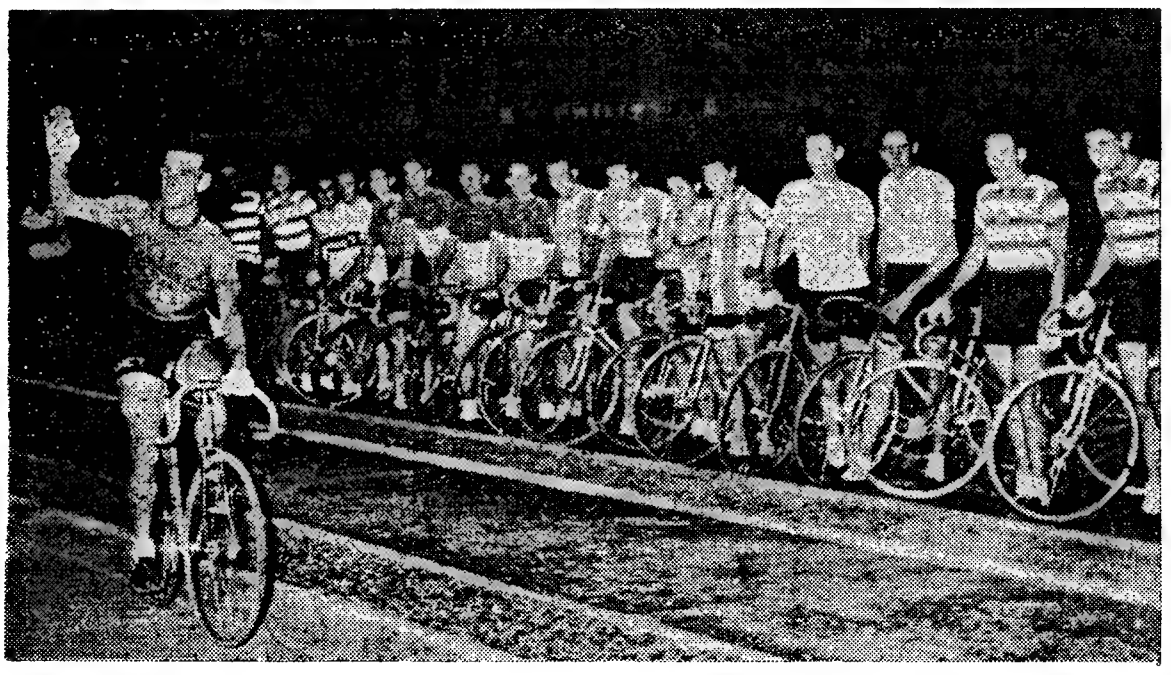
A maneira como preparou o ultimo «sprint» a Américo Raposo seria, por si só, suficiente para comprovar o seu mérito. Atacou resolutamente e colocou-se na dianteira, de onde «lançou» o sportinguista como uma catapulta. Foi brilhante esta fase da prova. Os Espanhois Boher e Spin ganharam a corrida, com mais 1 ponto que os portugueses Raposo e Barbosa, mas se não fosse o já referido desentendimento entre os nossos compatriotas e a uma quebra visível de Raposo, o êxito teria coroado a acção dos dois famosos ciclistas lusitanos.

Não há duvida, pois, de que a presença de Alves Barbosa correspondeu áquilo que dele se esperava, mesmo considerando o facto de haver chegado a Lisboa duas horas antes do festival começar.

Os Espanhois, voltaram todavia, a ser briosos. Ganharam todas as corridas internacionais que se realizaram em Alvalade. Gabriel Saura e Corrales venceram a perseguição por equipas; Boher, em luta com Raposo, ganhou a eliminação, que foi uma prova brilhante e emocionante, extraordinàriamente brioso e aplicado.

Houve três provas de amadores. Manuel Lino, do Bombarral, ganhou uma. Artur Carreira e Silvino Epifanio, ambos do Sporting, venceram as outras.

O festival teve muita animação e só foi pena que nem todos os clubes correspondessem ao convite feito para colaborarem na homenagem ao maior ciclista português de todos os tempos. Estiveram presentes o Sporting, o Sangalhos, o F. C. Porto, o Bombarralense, o Alverca, o Bairro de Inglaterra e o Ginásio de Tavira, sendo de realçar a comparencia dos algarvios, com o jovem Sérgio Valente em bom plano.



A homenagem a Alves Barbosa, ontem efectuada no Estádio Alvalade, teve momentos de excepcional vibração, como neste, na grande volta de honra, com todos os participantes no festival formados, em que o valoroso ciclista português recolheu calorosas aclamações, aliás bem merecidas.

Já dissemos que Boher e Spin foram os primeiros na americana.

Estes Espanhois têm valor e muito espírito de luta, mostrando-se, ainda, profissionais briosos. Batem-se sempre. Deram, no festival anterior, uma lição aos super-famosos Kubler e Koblet e, ontem demonstraram novamente que sabem ganhar o dinheiro que lhes pagam. O publico já o sabe e aprecia muito a sua aplicação.

Outro dos corredores que teve acção interessante foi o «portista» Artur Coelho, transformado num «menino bonito» do publico de Alvalade. Efectivamente, o rapaz tem carradas de habilidade e é, tambem, muito arrojado.

A «americana» representou a melhor prova. Foi corrida com muita velocidade, atingindo-se a meio da prova a média superior a 44. Para o resto, o andamento baixou. Veio para pouco mais de 41 e acabou em mais de 42. Mesmo assim, estes numeros revelam como foi disputada, sendo de observar que não houve voltas ganhas. Todas as equipas fizeram o mesmo numero. Um aceno de simpatia para José Saura, que terminou a corrida sózinho, por desistencia de Edmundo Louro, em precária condição física.

*

Nas anteriores noites têm tido entrada no Estádio do Sporting, crianças de mais de seis anos. Ontem, sem aviso prévio, foram proibidas de entrar as de menos de 13 anos, obrigando as pessoas que as acompanhavam a perderem os bilhetes e a viagem. E alguns empregados responderam agressivamente aos que protestavam pela surpresa, que nos parece duplamente censurável.

PATINAGEM

Suspenso por três jogos

A Associação de Patinagem do Sul puniu o patinador do Paço de Arcos, Virgilio Luís Carrilho Domingos, com três jogos de suspensão (motivo: o jogo Cascais-Paço de Arcos).

AS INICIATIVAS

do Circulo de Antigos Nadadores

Integrado nas comemorações das «bodas de ouro» da natação portuguesa, a Comissão do Círculo de Antigos Nadadores, leva a efeito no próximo dia 15, pelas 11 horas, na praia de Carcavelos, «o banho evocativo», seguido de almoço de confraternização.

E' uma manifestação de puro desportivismo e sincera amizade de antigos nadadores que assim testemunham, num exemplo vivo, o que é o desporto na sua mais elevada expressão.

Além da referida festa, a comissão executiva resolveu ainda prestar a devida homenagem aos pioneiros da natação em Portugal, e assim no próximo dia 14 de Outubro oferece ao Ginásio Clube Português uma placa com a inscrição dos nomes de todos os nadadores que há cinquenta anos disputaram o primeiro campeonato de natação, organizado pelo mesmo clube.

Ainda na presente época patrocinará dois festivais de natação, os quais serão filmados, sendo as diferentes fases integradas no documentário colorido «As Bodas de Ouro da Natação em Portugal».

Mais ainda resolveu oferecer á Federação Portuguesa de Natação um trofeu que terá o nome de «Círculo de Antigos Nadadores», para que a mesma entidade o ponha em disputa numa prova de rio ou de mar.

CAMPISMO

Acampamento Luso-Espanhol

CALDAS DA RAINHA, 2—(Pelo telefone)—Organizado pela Federação Portuguesa de Campismo, realiza-se, nesta cidade, de 18 a 26 do corrente, o Acampamento Luso-Espanhol (2.º «Rallye» Ibérico).

«Sempre Fixe»

Como sempre, a primeira página do «Sempre Fixe» desta semana é da autoria do grande mestre F. Valença, um artista completo, dos que desenham com desenho e escrevem coisas que se entendem.

Nas outras páginas outros grandes artista do lápis e da pena, dão largas á sua graça, que tão apreciada é pelos seus leitores.

Não há que especializar autores nem assuntos porque todos são igualmente do agrado do publico.

Carreiras aéreas

Os ultimos aviões de pistões para as linhas transatlanticas

A «Pan-American Airways», ao inaugurar os seus novos aviões Douglas DC-7C, acaba de iniciar o ultimo capítulo da história dos aviões de pistões. Efectivamente, o DC-7C é o avião mais rápido actualmente existente e o ultimo de pistões a ser utilizado, antes da entrada em serviço dos aviões de jacto, em Dezembro de 1958.

O estabelecimento dos novos serviços da PAA entre os Estados Unidos e a Europa, sem escala, com DC-7C, foi precedido de três voos de estudo que deram lugar ao estabelecimento de três «records» que vêm provar as possibilidades destas modernissimas aeronaves.

Assim, os DC-7C voaram as 4.800 milhas que separam Miami de Paris, sem escala, em 13 horas e 55 minutos, á média de 350 milhas por hora, consumindo 7.135 galões americanos de combustível. Voaram 4.060 milhas, sem escala, de Francfort, na Alemanha, até Nova York, em 13 horas e 30 minutos, á média horária de 300 milhas, contra ventos frontais de 15 milhas por hora; e fizeram, finalmente, a viagem directa de Roma a Nova York (4.300 milhas) com ventos também desfavoráveis, em 16 horas e 51 minutos, á média de 258 milhas por hora.

A propósito deste tipo de avião, o sr. Donald W. Douglas, presidente da fábrica construtora, dirigiu um expressivo telegrama ao sr. dr. Argemiro Machado, presidente da Panair, anunciando a concessão, pela Administração da Aeronáutica Civil Americana, do certificado do tipo «A» para o avião DC-7C. A Panair do Brasil, que adquiriu alguns aviões daquele tipo, tê-los-á ao serviço das suas ligações entre o Brasil e a Europa, com escala em todas as suas carreiras pelo Aeroporto de Lisboa, em 1957, ligando, com o novo avião, Portugal ao Brasil, em menos tempo do que actualmente.

O grupo escolar

do Bairro do Restelo

Esta tarde, no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, efectuou-se a abertura de proposta para adjudicação da empreitada da construção do grupo escolar do Restelo, na Praça de Goa, cujas obras estão orçadas em 2.244.062$. As propostas vão ser submetidas á apreciação da Camara, para depois ser aprovada pelo presidente do Município a que mais convenha.

Tem Prisão de Ventre?
BEBA
AGUA DO MOUCHÃO DA PÓVOA
Regularizador das funções intestinais
Laxativa
Dep. Geral: Conde Barão 48
Telefone 664378

Prefira COMPAL Exija COMPAL Beba COMPAL

Refresco delicioso e saudável de sumo puro de laranja sem corantes nem conservantes
Agentes: A. Serra Campos Ferreira — R. António Maria Cardoso, 27 — Lisboa

NÃO TOME UMA DECISÃO
NA COMPRA DE
APARELHAGEM ELÉCTRICA DOMÉSTICA
ANTES DE VISITAR O
SALÃO DE EXPOSIÇÃO E VENDAS
DA
STANDARD ELECTRICA
RUA AUGUSTA
19
(JUNTO AO ARCO)
FRIGORIFICOS * ASPIRADORES * ENCERADORAS * MAQUINAS DE LAVAR E ENXUGAR ROUPA * FOGÕES * CAFETEIRAS * RADIADORES * TORRADEIRAS * BATEDEIRAS MISTURADORAS * SECADORES * ALMOFADAS * VENTOINHAS * RECEPTORES E RADIO GRAMOFONES * GRAVADORES DE SOM * AMPLIFICADORES * ALTIFALANTES * LANTERNAS * PILHAS * MAQUINAS DE BARBEAR * FERROS DE ENGOMAR e OUTRAS UTILIDADES ELÉCTRICAS
PARA O SEU CONFORTO NO LAR

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

Nostalgias da caserna

NAQUELA manhã, aos primeiros clarões da alba, um formidável rufar de tambor acordou-me em sobressalto... Ran-plan! Ran-plan-plan!... Um tambor no meu pinhal, a uma hora daquelas! Aqui está o que é bem singular!

Depressa, depressa, atiro-me do leito abaixo e corro a abrir a porta.

Ninguém. O barulho calou-se. Do meio das videiras bravas orvalhadas, duas ou três aves aquáticas despedem-se sacudindo as asas... Uma pequenina brisa canta nas árvores. Em direcção ao Oriente, sobre a crista fina dos Alpilles, amontoa-se uma poeira de oiro, donde o sol sai lentamente... Um primeiro raio frisa já o telhado do moinho. Nesse mesmo instante, o tambor invisível põe-se a soar nos campos sob as frondes. Ran... plan... plan... plan...

O diabo na pele de burro! Já o tinha esquecido. Mas, enfim, quem é, portanto o selvagem que vem saudar a aurora no fundo do bosque com um tambor? Tenho boa vista e não vejo nada... nada que não sejam os tufos de alfazema e os pinheiros que descambam até lá abaixo, á estrada... Talvez que haja por lá, no mato bravo algum diabrete escondido, disposto a troçar de mim... E' Ariel, sem duvida, ou mestre Puck. O finório terá dito de si para si, ao passar, diante do meu moinho:

— Este está lá dentro muito tranquilo, vamos tocar-lhe a alvorada.

Para isso, há-de ter arranjado um grande tambor e... ran... plan-plan!... Ran-plan-plan...

—Não te calares tu, fraldiqueiro de Puck! Vais acordar as minhas cigarras!

*

Não era Puck.

Era Gouguet François, conhecido pelo «Pistolet», tambor na 31.ª linha e, nessa altura, em férias de semestre. «Pistolet» aborrece-se na terra, tem nostalgias este tambor e — quando calha, emprestam-lhe o tambor da comuna—e ele aí vai, melancólico, rufar no bosque, sonhando com a caserna do Principe-Eugène.

Foi para a minha colinazita verde que ele veio hoje rufar. E está ali de pé, encostado a um pinheiro, com tambor na 31.ª linha e, nessa altura em férias de seração... Em agitados voos, perdizes enfurecidas partem a seus pés, sem que delas se aperceba. Não sente á sua roda, a alfazema perfumada.

Não vê sequer as finas teias de aranha que tremem entre os ramos ao Sol, nem as agulhas de pinheiro que lhe saltam sobre o tambor. Todo entregue ao seu sonho e á sua musica, olha amorosamente o voar das

Texto integral
do conto de
ALPHONSE DAUDET

suas baquetas e a sua larga face apatetada abre-se num sorriso de prazer a cada novo rufo.

Ran-plan, plan! Ran-plan-plan!... «Como é bela, a grande caserna, com o seu pátio de largos degraus, suas filas de janelas, bem alinhadas, os seus ocupantes de boné de polícia, e suas arcadas baixas, cheias do barulho das escudelas!...».

Ran-plan-plan!... Ran-plan-plan!...

«Oh! a escada sonora, os corredores pintados a cal, o rancho cheiroso, os cinturões espelhados, o pão nosso de cada dia certo, as panelas areadas, as caminhas de ferro com cobertores cinzentos, as espingardas que reluzem penduradas!...

Ran-plan-plan!... Ran-plan-plan!... «Oh! os belos dias do corpo da guarda, as cartas que passam engorduradas entre os dedos, a dama de oiros com ornatos nas plumas, o velho Pigault-Lebrun de folhas rasgadas que se fica por cima das camas!...».

Ran-plan-plan!... Ran-plan-plan!... «Oh! as longas noites de sentinela á porta dos ministérios, a velha guarita onde a chuva entra, os pés que têm frio!... As carruagens de gala que nos enlameiam ao passar... Oh! os trabalhos suplementares, o «baquet puant» o travesseiro de madeira, a alvorada fria das manhãs chuvosas, o toque a recolher, com o nevoeiro, á hora em que o gás se acende, o apelo da noite, onde se chega ofegante!».

Ran-plan-plan!... Ran-plan-plan!... «Oh! o bosque de Vincennes, as grossas luvas de algodão branco, os passeios sobre as fortificações...\Oh! a barreira da Escola, as pequenas dos soldados, o pistão do Salon de Março, o absinto nos «bouis bouis», as confidências entre dois soluços, os sabrezinhos que se desembainham, a romanza sentimental cantada com a mão no coração!...».

*

Sonha, sonha, pobre homem, não serei eu quem vá contrariar-te... Bate intrépidamente no teu tambor, bate com toda a força. Não tenho o direito de te julgar ridículo.

Se tens a nostalgia da tua caserna, não terei eu a nostalgia da minha?

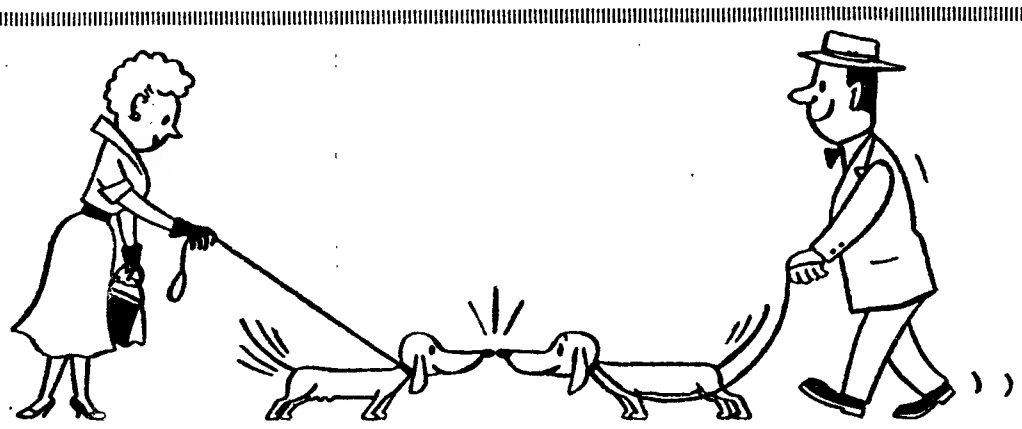
Meu Paris persegue-me até aqui como o teu. Tu tocas tambor sob os pinheiros, eu imito-te. Ah! os bons Provençais em que nos tornámos! Lá, nas casernas de Paris, temos saudades dos nossos Alpilles azuis e do cheiro selvagem das alfazemas; agora, aqui, em plena Provence, falta-nos a caserna e tudo o que no-la evoca nos é caro!...

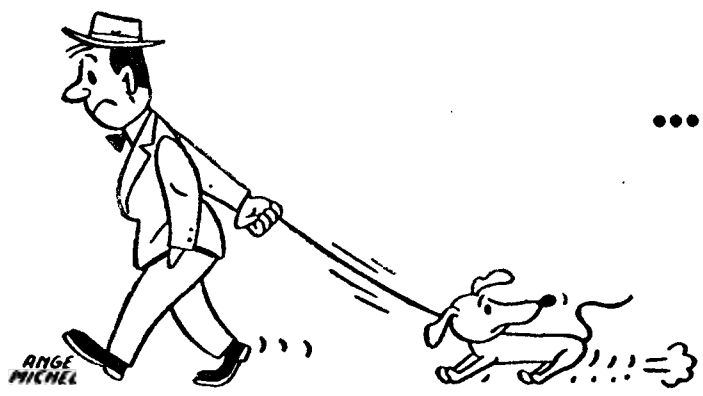
*

Oito horas na aldeia. Pistolet sem deixar as suas baquetas, põe-se a caminho, para regressar... Ouvem-se-lhe os passos a descer no bosque, tocando sempre... E eu, deitado na erva, doente de nostalgia, julgo ver, ao ruído do tambor que se afasta, o meu Paris inteiro, a desfilar entre os pinheiros...

Ah! Paris!... Paris!... Sempre Paris!...

Leiam o jornal humoristico sempre fixe





...ELE DEVIA TER PURIFICADO O SEU HÁLITO

USANDO O DENTÍFRICO

GIBBS COM CLOROFILA ACTIVA

Que belo pretexto para uma conversa!
Mas de repente ela afasta-se... e ele parte mais uma vez desiludido.
Que se teria passado?
Oh! Foi um simples pormenor, mas um pormenor que é sempre importante: ele devia ter purificado o seu hálito.
É tão simples fazê-lo! Basta usar diàriamente o dentífrico Gibbs com clorofila activa. A sua acção desodorizante purifica o hálito não só por algumas horas mas durante todo o dia.
Além disso, Gibbs com clorofila protege a saúde dos dentes dando-lhes uma brancura admirável.

Não se contente com um dentífrico verde! Exija a Clorofila activa da pasta dentífrica GIBBS

56-CL-108 INDUSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. - SACAVÉM

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

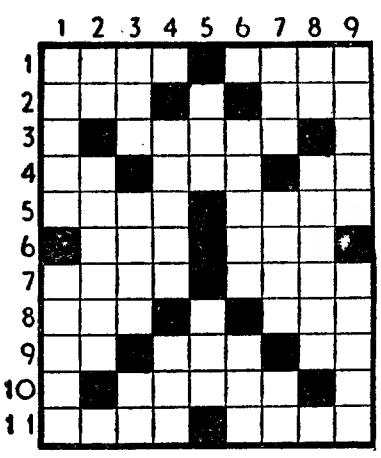
SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—O estado do tempo em Portugal continental é condicionado por um nucleo de altas pressões centrado a Norte dos Açores.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ceu limpo. Vento Nordeste fraco. Temperatura sem alteração.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 611



HORIZONTAIS: 1—Acarretaram. 2—Falta á verdade. 3—Nociva. Joeira Falsa. 4—Muito. Soletrar. 5—Rezam. Denominação. 6—Sábio filósofo e historiador francês. 7—Cruel. Iguala. 8—Pronome relativo. Data. 9—Interjeição de dor. Um cento. O mais. 10—Vereador. Equipe 11—Pedra de amolar. Gemidos. Preposição.

VERTICAIS: 1—Cambados. Aquele que. 2—Prefixo que designa do ar. Julgo. 3—Unidade monetária alemã do tempo da guerra. Dê marradas. 4—Acusado. Pronome possessivo. Partido. 5—Ser. Preposição 6—Amarra. Navio antigo. Porém. 7—Nota musical. Distante. 8—Chega. Fio metálico. 9—Dividires ao meio. Lá.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 610

HORIZONTAIS: 1—Emigrar. 2—Arais. 3—EM. Ala. Sá. 4—Tis. Ter. 5—Acolá. 6—MAIO. Alto. 7—Eu. Rir. Al. 8—Pires. 9—RAFEIRO. 10—More. Rapo. 11—Ás. Ura. As.

VERTICAIS: 1—Retomas. Má. 2—Mi. Au. Rós. 3—Má. Sai. Par. 4—Ira. É. Corifeu. 5—GALGO. Ire. 6—Ria. Lareira. 7—As. Tal. Sra. 8—Se Tá. Opa. 9—Cartola. Os.

Provérbio: Em MAIO RAFEIRO É GALGO.

QUER UM CONSELHO?

Para restaurar as luvas de cores claras podem tingir-se, começando por as desengordurar com água quente, adicionada de soda ou potassa. Passados 25 minutos, lavam-se, enxaguam-se e escorrem-se, esticando-as muito bem.

VAI PARA FÉRIAS?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes, o

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º:

10 dias	**8$00**
20 dias	**16$00**
30 dias	**24$00**

CASAMENTO

Lanches a 45$00 por pessoa, incluindo vinhos branco, tinto, espumante. Salão próprio sem aumento de preço. Almoços e jantares á americana 15$00. Pastelaria S. João, Ld.ª—Av. de Paris 3-A—Tel. 725600.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Às 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Trechos de zarzuelas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Às 19, «Tronco em flor»; 19 e 30, Recreio musical; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica de salão; 20 e 30, Operetas; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Musica de Bela Bartok; 21 e 30, Carta de Madrid; 21 e 45, Transmissão do Pavilhão dos Desportos, do 4.º concerto da série organizada pela Camara Municipal de Lisboa e pela Emissora Nacional, em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o pianista Oriano de Almeida; no intervalo ás 22 e 30, «Vozes do Mundo».

Programa «B»—Às 19, 6.º programa da série de gravações cedidas pela R. I. A. S., de Berlim, preenchido com obras de Mozart; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Musica contemporanea: «Toccata», de Khachaturian, pelo pianista Lev Rodeo de Copland e por uma orquestra dirigida pelo maestro Levine; 20 e 30, Vida e obra de Schumann; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Que quer ouvir?; 21 e 45, Valores do Ocidente; 22 e 15, Album musical; 22 e 45, Viagens ao mundo da dança: 23 e 15, Danças.

RADIO CLUBE—Às 18, Fados e guitarradas da Parreirinha de Alfama; 18 e 30, Variedades; 18 e 45, Parque infantil; 19, Solistas; 19 e 15, Língua portuguesa; 19 e 30, Jornal Publicitário; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Orquestra de Pancho; 20 e 30, Parada musical; 21 Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 24, Musica de dança, do Bico Dourado; 0 e 30, Musica de baile; 0 e 45, Rádio-Jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

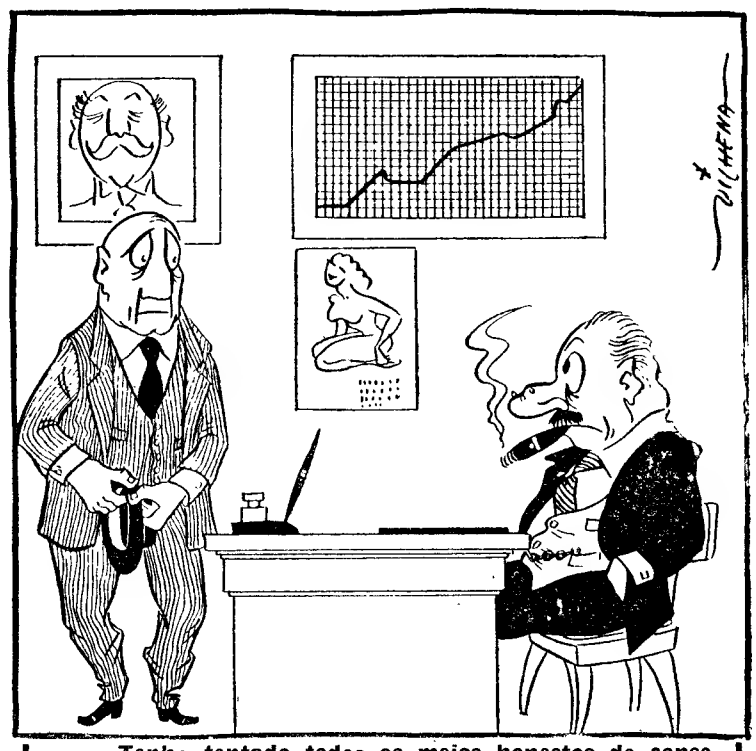
O «Diário de Lisboa» vende-se na Chamusca, no Café Restaurante Império.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO E — União—Estrada de Benfica, 592-594, Telefone 780092; Vitex, Lda.—Est. de Benfica, 300-A, Aguiar—Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A e Rua Dr. António Granjo, 18 e 18-A, a Palhavã, Telefone 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Cartaxo—Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis—Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Alcantara —Avenida da Republica, 74-A, Tel. 771379; João XXI—Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Cosmos—Avenida João Cisóstomo, 44-C, Tel. 40592; Oliveira Viegas—Rua Viriato, 27-27-A, frente ao «Avis Hotel», Tel. 48966; Mundial—Largo D Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237, Pinto—Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 391185; Nacional—Rua S. João da Praça, 26, Tel. 28032; Rosa & Viegas—Rua de S. Vicente, 31, Tel. 849351; Europa—Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Eusil—Rua Barão de Sabrosa, 104, Tel. 841912; Nunes—Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Higiénica—Rua Heliodoro Salgado, 29, Tel. 844361; Matos—Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel 40471; Lab—Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 48333; Salutar—Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Central de Campolide—Rua General Taborda, 17, Tel. 40304; Castro Fonseca—Rua 4 de Infantaria, 26, Tel. 662857; Rodrigues & Aires—Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C, Tel. 638916; Teles—Rua João de Barros, 2, Tel 638249; Nogueira—Rua da Creche 2, Tel. 368291; Carrasco—Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; S. Marçal—Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Modelar—Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A, Poço Novo, Tel. 27896; Veritas—Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Nacional—Rua do Salitre, 7, Tel 46858; Silmar—Rua de S. Lázaro, 128, Tel. 42829; Costa—Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral—Rua Áurea, 126, Tel. 31531—A.

O SENHOR PASCOAL

Desenhado especialmente para o «Diário de Lisboa» por VILHENA



—Tenho tentado todos os meios honestos de conseguir emprego. É por isso que venho agora ter com V. Ex.ª...

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 2 de Agosto de 1926:

«Entre os muitos assuntos que a actual vereação está a tratar, com recursos de ocasião, há um que merece o interesse do lisboeta. Numa das ultimas sessões camarárias foi aprovado o projecto do trajo das vendedeiras de flores, seis ou sete que se localizam tumultuariamente no Rocio. O que lá está, o que lá se vê, o que lá se faz, o que lá se diz—é uma vergonha. Para se vender uma flor é tão necessário um sorriso, como uma cara bonita e fresca de mulher. As vendedeiras, pobres raparigas que querem ganhar a sua vida, precisam, de facto, uma fiscalização estética. Isto no seu próprio interesse».

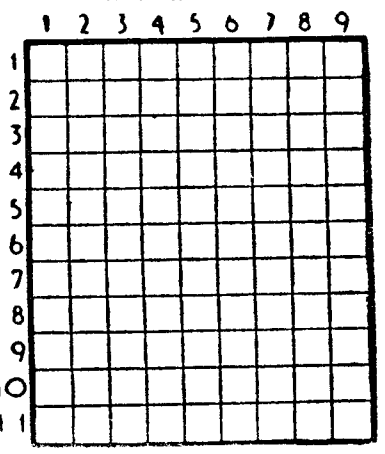
CARTAZ DO DIA

VARIEDADES—Ás 21 e 45—«Daqui fala o morto».
TIVOLI—«A rapariga do baloiço vermelho»
SÃO LUIZ—«Amigos para a vida».
EDEN—«Homens cercados».
SÃO JORGE—«As aventuras de Cadet Ronsselle».
POLITEAMA—«O fundo da garrafa».
MONUMENTAL—«O falcão de oiro»
ALVALADE—«Amigos para a vida»
IMPERIO—«Stting Bull (o ultimo guerreiro)».
TRINDADE—«A valsa da meia-noite».
CONDES—«A minha vida é tua».
CAPITÓLIO—«Cantiga da rua»
TERRASSE—«Legião estrangeira».
OLIMPIA — «A história de Glenn Miller».
PROMOTORA—«Que pena seres vigarista».
IDEAL—«Testamento do médico e o monstro».
PAVILHÃO — «O cantor apaixonado».

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1622



HORIZONTAIS: 1 — Cornalina. 2 — Amarga. 3 — Símbolo químico do cromo. Data. O mais. 4 — Mulher de beleza extraordinária. Enfeita. 5 — Escudeiro. Preposição e artigo (pl.). 6 — Antigo nome da serra do Marão. 7 — Pegureiro. 8 — Artigo definido. Bases. Gemido. 9 — Pequeno barco da pesca do bacalhau. Nome de fulher. 10 — Anuais. 11 — Nome duma flor. Tira.

VERTICAIS: 1 — Cada um dos ramos que torcidos formam um cabo de embarcação. Desbastar. 2 — Mau. Isolado. 3 — Batráquio. Golfinho. Chefe etíope. 4 — Estimci. Acto de rapinar. 5 — Pátria. Procede. 6 — Comparecerão. Fanhosos. 7 — Em a. Nome de homem. Gasta. 8 — Aniversário. Parecença. 9 — Divisão duma casa. Picuinha.

Solução do problema n.º 1621

HORIZONTAIS: 1 — Rosa. Odes. 2 — Usa. Ame. 3 — Iates. 4 — Rã. Tal. Ai. 5 — Alte. Vaca. 6 — Aia. Ata. 7 — Azar. Satã. 8 — Das. Rás. 9 — Oó. Por. Rs. 10 — Varão. 11 — Agar. Suas

VERTICAIS: 1 — Rubra. Adora. 2 — Os. Alazão. 3 — Sai. Tias. Vá. 4 — Atear. Par. 5 — Ata. For. 6 — Elvas. Rás. 7 — Das. Atar. Ou. 8 — Em. Acatar. 11 — Séria. Assas.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	917$00	916$00	918$00
Cons. 3 % T. 10	965$00	964$50	965$50
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.021$00	1.020$00	1.022$00
Centenários 4 % 1940	2.265$00	2.260$00	2.270$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	993$00	996$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	993$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	1.240$00	—	—
Ext.ª 1.ª série car.	—	1.235$00	1.240$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext. 2.ª série car	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.400$00	—
Ext.ª 3.ª série car	—	1.400$00	1.410$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	180$00	181$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	515$00	—
Norte de Portugal 5%	—	108$50	—
Gás Elect. 3 3/4 %	975$00	975$00	976$00
Gás Elect. 4 %	—	993$00	995$00
Gás Elect. 4 1/2 %	1.014$00	1.014$00	1.015$00
Gás Elect. 5 %	—	—	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	94$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	96$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	96$00
U. E. P. 4 1/2 %	99$00	99$00	99$50
U. E. P. 5 % 1951	—	103$00	104$00
U. E. P. 5 % 1952	—	103$00	104$00
Metropolitano	1.040$00	1.038$00	1.042$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	460$00	480$00
Angola	940$00	935$00	940$00
Espirito Santo	—	8.800$00	—
Lisboa & Açores	—	—	3.650$00
Portugal	—	2.300$00	—
Ultramarino	—	2.170$00	2.200$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	701$00	710$00
Nacional	—	—	3.000$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	2.020$00	—
C.ª Ultramarinas			
Ag. Cassequel	2.092$00	2.091$00	2.093$00
Ag. das Neves	—	940$00	—
Agric. Colonial	—	—	865$00
Açucar de Angola	—	3.080$00	3.100$00
Soror	—	505$00	510$00
Sabinda	433$00	431$00	435$00
Cadia	—	4.600$00	4.650$00
Colonial do Buzi	333$00	331$50	332$50
Ilha do Principe	—	2.150$00	2.180$00
Incomati	4.550$00	4.550$00	4.600$00

C.ª Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Moçambique	—	160$00	163$00
Zambézia	219$00	219$00	219$50
C.ª Diversas			
Cimentos Tejo	—	515$00	535$00
Cimentos Leiria	485$00	481$00	490$00
Crédito Predial	57$10	57$00	57$20
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	425$00	421$00	425$00
Nacional Navegação	—	1.770$00	—
Colonial Navegação	—	745$00	760$00
Port de Celulose	2.750$00	2.700$00	2.800$00
Portuguesa de Pesca	—	1.570$00	1.600$00
Port de Tabacos	480$00	478$00	482$00
Tabacos de Portugal	—	615$00	625$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	235$00	—
Aguas Lisboa 1936	—	230$00	—
Electr. das Beiras	1.490$00	1.490$00	1.495$00
Gás e Electricidade	—	230$50	232$00
H. Alto Alentejo	151$50	151$00	152$00
H E. Cávado	1.510$00	1.560$00	1.575$00
H E. Zêzere	—	1.501$00	1.505$00
Nac. de Electricidade	1.650$00	1.650$00	1.660$00
União Elect. Port	—	230$50	232$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$75	77$75
Alemanha	6$77	6$92
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dolares de 5 a 1000	28$60	28$90
Argentina	$92	$96
Bélgica	$57,3	$58.3
Brasil	$35	$38
Congo Belga	$56,3	$57.3
Dinamarca	4$00	4$25
Espanha	$64,4	$65.4
França	$06,8	$07
Holanda	7$40	7$60
Inglaterra	78$00	79$00
Itália	$04,5	$04,7
Marrocos	$06,6	$06.9
Noruega	3$85	4$10
Suécia	5$40	5$60
Suiça	6$70	6$80
Uruguay	6$00	6$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	283$00	293$00
Portugal — Barra	32$40	32$90
Portugal — Barra Fino	32$80	33$30

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Papeis de crédito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

A decisão do Cairo sobre Suez e as suas repercussões

(Continuação da 1.ª pagina)

para a administração internacional do Canal do Suez.

Os três ministros devem assentar, hoje, nos países que hão-de participar na conferência. O plano é para uma reunião das nações que, em 1888, garantiram a liberdade de navegação através do Canal, assim como as que mais o utilizam e alguns dos países cujo comércio depende dessa rota marítima. Os convites incluiriam, portanto: Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Russia, Egipto, Noruega, Alemanha Ocidental, Holanda, Itália, Espanha, Turquia, India, Ceilão e Japão.

No entanto, as conversações tripartidas, encontram-se hoje «atoladas»—segundo afirmam círculos bem informados—em controvérsias sobre a comparticipação dos Estados Unidos e da União Soviética no projectada conferência mundial.

Os referidos círculos dizem que os Estados Unidos continuam a manifestar relutancia em tomar parte numa conferência de tal natureza com receio, possivelmente de que a Russia ainda não tenha desistido de vir, um dia, a comparticipar na «defesa» do Canal do Panamá.

A situação torna-se ainda mais confusa, perante a dificuldade de se encontrar solução para este dilema: deixar de fora os Estados Unidos e convidar a Russia e, talvez, também a Hungria, visto que o Tratado de Constantinopla, de 1888, foi assinado pela Russia e pelo antigo império Austro-Hungaro e não pelos Estados Unidos. Mas tal solução, embora possa ser defendida como «absolutamente legal», seria inconcebível, visto que a nação que possui, actualmente, a maior marinha mercante do Mundo seria preterida pela Russia, que pouca se utiliza do Canal do Suez e pela Hungria, que não tem um unico navio.

Entretanto, prosseguem os esforços dos três ministros dos Negócios Estrangeiros, que esperam poder encontrar uma solução, ainda hoje o tempo de se elaborar um plano definitivo, destinado a ser apreciado numa «conferência global», a realizar ainda esta noite.—(R. e A. N. I.).

Jornalistas ingleses expulsos do Egipto

CAIRO, 2. — Foram expulsos do Egipto, «porque obtiveram informações de caracter militar, relacionadas com a segurança do Estado» os correspondentes dos jornais britanicos Sefton Delmar, do «Daily Express» e Nureddine Abdel Hady, do «News Chronicle». Um e outro seguiram, durante a noite, para Londres.

*

LONDRES, 2. — O «Daily Express» e o «News Chronicle» protestam contra a expulsão do Egipto dos seus correspondentes.

Eden declarou hoje nos Comuns

que a Grã-Bretanha só aceita a garantia de uma autoridade internacional para liberdade de navegação e segurança no Suez

LONDRES, 2. — A reunião do conselho de ministros desta manhã terminou pouco depois das 11 horas.

O primeiro-ministro, que foi aclamado pelo povo, que se reunira em frente da Presidência do Conselho, seguiu para a Camara dos Comuns, onde falou sobre a crise do Suez.

«Lamento não estar ainda habilitado a fazer uma declaração completa sobre o caso do Canal de Suez, uma vez que as conversações tripartidas ainda prosseguem» — declarou sir Anthony Eden e acrescentou: «Espero que o secretário de Estado do Foreign Office, Selwyn Lloyd, quando encerrar este debate, possa fazer uma declaração mais completa do que a minha».

O primeiro-ministro prosseguiu: «A inquietação que a decisão egipcia provocou deve-se ao carácter especial do Suez. A vida industrial da Europa ocidental depende da livre passagem pelo canal. Setenta milhões de toneladas de petróleo transitam por ali, o que representa metade das necessidades da Europa ocidental. Por outro lado — continuou o chefe do Governo — uma grande parte do comércio da Asia do Sueste passa pelo canal. E por isso que nenhum arranjo quanto ao futuro desta grande via marítima internacional poderá depender de uma só potência capaz de utilizar a sua direcção para fins nacionalistas».

«Não é possivel ter qualquer espécie de confiança na palavra de um homem que procede como o coronel Nasser» — afirmou ainda sir Anthony Eden — lembrando que o Chefe do Governo egipcio desatou um certo numero de acordos e de promessas que tinha aceitado.

«O coronel Nasser declarou ainda há poucos meses, que eram excelentes as relações entre a Companhia do Canal de Suez e o Governo egipcio» — disse o primeiro-ministro.

Medidas militares de precaução

Sublinhou, então, que a convenção de 1888 assinada por nove potencias, incluindo a Turquia, em nome do Egipto, e que garante a liberdade de navegação, em tempo de paz como em tempo de guerra no Canal, cria um vinculo entre as obrigações internacionais contraidas e a companhia do Suez.

O chefe do Governo britanico citou, nomeadamente os artigos 2. e 18.º que comportam a salvaguarda das instalações da companhia. Em 1954, no tratado anglo egipcio as duas partes contratantes reafirmaram a validade da convenção de 1888.

«Atendendo á situação criada pela acção do Governo egipcio, o Governo britanico entendeu conveniente tomar certas medidas de precaução de ordem militar» — declarou sir Anthony Eden explicando que essas medidas compreendem a convocação de uma parte dos reservistas e de oficiais em numero limitado. «Além disso — prosseguiu — haverá que convocar o que lamento, um numero estritamente limitado de homens que são especialistas, para determinadas missões essenciais. Estes homens figuram na categoria B e serão chamados por proclamação real».

O primeiro-ministro explicou, a seguir, que a livre navegação no canal de Suez não depende sómente da não-intervenção. O Canal — disse — precisa de investimentos importantes para assegurar o seu serviço quando é certo que o tráfego marítimo actual aumenta na proporção de 7% por ano. A tonelagem dos barcos eleva-se constantemente. A Companhia do Canal acumulou grandes quantias para melhorar o funcionamento desta via marítima. Previu-se uma soma de 20 milhões de libras para o efeito e este programa ainda não é suficiente, porque na próxima década o tráfego pelo Suez vai aumentar consideràvelmente.

Os pontos fundamentais para a solução do problema

Referiu-se o primeiro-ministro á decisão do presidente Nasser, de transferir para a construção da barragem de Assuan os rendimentos tirados do Canal do Suez. Mas Nasser—disse—deverá, igualmente, pagar 70 milhões de libras para indemnizar os accionistas. Ora bem: o lucro liquido da exploração do Canal cifra-se, apenas, em 10 milhões de libras. Nestas condições, será possivel dar crédito á palavra do actual Governo egipcio, segundo a qual o tráfego marítimo será autorizado a transitar pelo Canal sem aumento dos direitos?

Afirmou, a seguir, que toda a solução para o Suez deve assentar em duas condições fundamentais:

1.º—Conservação, em qualquer circunstancia, da liberdade de navegação.

2.º—Continuação da eficiência das operações no Canal.

O primeiro-ministro foi interrompido por Silverman, deputado trabalhista, o qual notou que a liberdade de navegação não foi mantida para os barcos israelitas. Sir Anthony Eden respondeu-lhe que a Inglaterra tinha apresentado o caso ás Nações Unidas.

Todo e qualquer futuro acordo sobre o Canal do Suez deve, naturalmente, respeitar os interesses legítimos do Egipto—explicou o primeiro-ministro—observando que o Egipto está representado no conselho da Companhia do Suez, como a França, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a Holanda.

Sir Anthony Eden, aplaudido por todos os sectores da Camara dos Comuns, concluiu a sua declaração nestes termos: «A liberdade de navegação e a segurança do Canal, bem como a eficácia das suas operações só podem ser garantidas por uma autoridade internacional. É para este fim que trabalha a Conferência Tripartida—e só uma autoridade internacional poderá ser aceite pelo Governo britanico».—(France Presse).

Medidas de precaução

LONDRES, 2.—As medidas de precaução anunciadas por sir Anthony Eden compreendem a movimentação de certo numero de unidades navais, do Exército e da Aeronáutica.

«A finalidade destas medidas militares—explicou o primeiro-ministro—é reforçar a nossa posição no Mediterraneo oriental e a nossa capacidade de estarmos preparados para todas as eventualidades».—(France Presse).

Os residentes britânicos terão de sair do Egipto?

LONDRES, 2 — O Governo avisou, hoje, que devem preparar-se para abandonar o Egipto todos os cidadãos britanicos que não sejam obrigados, por motivo de força maior, a permanecer ali, durante a actual crise.

Circulos oficiais dizem que o Governo não pretende, com isso, ordenar a evacuação em massa dos 5.000 subditos ingleses actualmente no território egipcio. Segundo observadores autorizados, o aviso do Governo tem o carácter de medida de precaução, para evitar a repetição dos sangrentos motins antibritanicos, em 1952, quando foram mortos dez ingleses e causados prejuizos, avaliados em milhões de libras, ás propriedades dos subditos britanicos.

Informações recebidas de Washington comunicam que a Secretaria de Estado preveniu os cidadãos americanos, num total de cerca de 1.500, de que devem manter-se em contacto com a sua embaixada no Cairo, embora—segundo frisam as mesmas informações—não se trate de qualquer plano de evacuação.—(A. N. I.).

Reforços militares e navais

LONDRES, 2. — O Governo decidiu enviar, como reforço para o Mediterraneo, a terceira divisão de infantaria, que se encontra, actualmente, na Grã-Bretanha. Segundo os jornais desta manhã, os primeiros elementos daquela unidade, partirão de Portsmouth durante o fim de semana, a bordo do porta-aviões «Theseus», seguindo o resto no porta-aviões «Ocean», que está em Devonport, bem como no «Bulwark» no transporte de guerra «Dunera» em viagem para o Extremo Oriente e que ontem recebeu ordens para fazer retroceder e seguir para Malta, e num paquete que será fretado.

Segundo o «Daily Mail», esta divisão, que faz parte da «reserva estratégica» constituida recentemente na Grã-Bretanha e compreende 18.000 homens, desembarcará em Chipre e será colocada sob as ordens do general de divisão, J. Churcher. Para sua substituição, serão chamados os reservistas da classe «A».

O cruzador «Glasgow», que se encontra em Portsmouth, recebeu também, ordem para partir, em breve, para o Mediterraneo. O cruzador «Kenya» que deveria subir o canal na terça-feira, de regresso á Grã-Bretanha, recebeu ordens para ficar no Mar Vermelho e patrulhar nas proximidades da foz do canal. Na outra extremidade, pronto a intervir, encontra-se o cruzador «Jamaica».

Em Malta, é esperado o porta-aviões «Eagle» que ali deve embarcar vários caças» a jacto, antes de ir para Chipre. Nas bases navais do Sul do Mediterraneo continuou ontem, o embarque para bordo dos porta-aviões, colocados em «estado de alarme», de grandes quantidades de munições e de provisões — (F. P.).

Os movimentos da esquadra francesa

PARIS, 2 — A esquadra francesa, concentrada em Toulon, está pronta a largar com carta de prego.

Segundo noticias recebidas em Paris, já teria, mesmo, recebido ordem para aparelhar.—(F. P.).

As potências ocidentais pretendem a internacionalização do Canal do Suez

LONDRES, 2. — Os meios diplomáticos próximos da conferencia anglo-franco-americana regozijam-se pela feição que tomaram os trabalhos, depois da chegada do secretário de Estado americano, John Foster Dulles. O comunicado, que será publicado hoje, mostrará, com efeito, que os Estados Unidos, tal como a França e a Inglaterra, afirmaram a sua convicção de que o Canal de Suez deve ser internacionalizado.

Os peritos americanos foram os primeiros a sustentar que, se a Companhia Universal do Suez foi fundada em 1857, sob o nome de Companhia Egipcia, o acordo de 1888, tornou-a juridicamente internacional. É, pois, no espirito da Convenção de Constantinopla que as três potências ocidentais pedem a criação de um organismo internacional para garantir a gerencia do canal. A palavra «controle», que por várias vezes, foi empregada, deve ser tomada no sentido inglês que não significa fiscalização, mas sim direcção.

A França, tal como a Grã-Bretanha já o fez anunciará, em breve, as medidas de segurança que tomou. Deve dizer-se que os delegados americanos reconheceram o bem fundado das preocupações que levaram os ingleses e Franceses a reforçar o seu sistema de segurança no Mediterraneo. As três potências estão em completo acordo para que a conferencia se reuna o mais breve possivel.

A Convenção Republicana, nos Estados Unidos, deve ser inaugurada no dia 19, razão por que as potências que serão convidadas para a conferencia, se deverão reunir antes.

Com a publicação do comunicado das três potências, antes de Eden fazer nos Comuns, uma declaração não terminam as reuniões ministeriais e os três ministros, que, de manhã, fizeram a revisão do comunicado, terão á tarde uma conferencia, durante a qual assentarão no texto de uma moção que será enviada a certo numero de potências convidadas para a reunião internacional.

Esta reunião, que deverá, em principio, efectuar-se no dia 15, em Londres, não abrangerá todos os signatários da Convenção de 1888, pois algumas potencias como a Turquia, não têm interesses no Canal de Suez. Em todo o caso, o Egipto será, naturalmente das potencias convidadas, as quais serão indicadas no comunicado incluindo a Russia.

Christian Pineau, ministro francês dos Negócios Estrangeiros, declarou ao sair da embaixada do seu país, que se tinham feito alguns progressos relativos a uma evolução da atitude americana, no sentido de uma aproximação do ponto de vista franco-britanico, isto é «mais energia e maior decisão».

As potencias que participarão na futura conferencia deverão aceitar que seja tomada por base de discussão a moção das três potências que encara a possibilidade da criação de um organismo internacional não de fiscalização, mas para gerencia do canal de Suez. — (F. P.)

A Armada soviética visita a Dinamarca

COPENHAGUE, 2 — Três unidades da Marinha de Guerra soviética (o cruzador «Ordzhonikidze» e dois contratorpedeiros) fundearam, hoje de manhã, neste porto, onde permanecerão até o dia 7.

Ao mesmo tempo, igual numero de unidades da Marinha dinamarquesa visitam Leninegrado. — (F. Presse).

IVON CURI
NA
«RONDA»

No próximo sábado para comemorar o seu 1.º aniversário, a elegante boite «RONDA» apresenta IVON CURI—o maior nome da actualidade como «entertainer» e criador dos maiores êxitos de musica brasileira. Embora Portugal já o conheça através da Rádio, tem agora a para oportunidade para ouvi-lo durante os poucos dias que se encontra entre nós, nas suas maravilhosas interpretações e graça incomparável.

Devido a excepcional categoria de IVON CURI, a gerência da boite «RONDA» solicita aos seus clientes a gentileza de fazerem as suas marcações de mesa e aproveita para comunicar que os preços para estes dias serão de 60 escudos na totalidade (Entrada: 20$ consumo escudos)

Ensopado de enguias
Outro prato regional do RIBATEJANO—Salvaterra de Magos

OS ACEPIPES DO GAMBRINUS SÃO OS MELHORES
Amanhã prato especial · Bouillabaisse à marselhesa

CASINO ESTORIL
APRESENTA
HOJE
O 1.º PROGRAMA DE ATRACÇÕES INTERNACIONAIS
da TEMPORADA de VERÃO
NO Salão - Restaurante A's 23.45
NO Wonder - Bar (Sala e Terraço) A' 1.15
BERNARD HALL
e o seu Ballet Monte Carlo Vanity Girls
ROBERT BLAKE
Fantasista-Imitador
ORQUESTRA OLIVER Conjunto MARIO SIMÕES
e o pianista internacional
BOB VATEL (Adultos)

ANO 36.º — QUINTA-FEIRA, 2 DE AGOSTO DE 1956

SUPLEMENTO AO N.º 12090

Diario de Lisbõa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

A viagem presidencial

Neste momento em que o sr. Presidente da Republica vai a caminho de Angola e de Moçambique, realizando depois, por honrosos convites dos respectivos Governos das Rodésias e da Niassalandia, queremos apresentar a S. Ex.ª e a todas as pessoas que o acompanham, os nossos sinceros desejos de boa viagem, registar alguns dos aspectos mais interessantes da sua notável biografia:

GENERAL CRAVEIRO LOPES

O general Francisco Higino Craveiro Lopes é natural de Lisboa e nasceu em 12 de Abril de 1894.

Alistou-se em 23 de Julho de 1911 em Cavalaria 2 e foi promovido a alferes em 1915, depois de frequentar o curso de Cavalaria na Escola de Guerra.

Fez parte da expedição a Moçambique, em 1916, tendo-se evidenciado no combate de Riwambo e em Newala (1917), sendo então louvado por feitos em campanha.

Em 1917 cursou a Escola Militar de Aviação em Chartres ingressando depois na Aeronáutica Militar portuguesa. Capitão em 1922 serviu na Escola Militar de Aviação e noutras unidades de aeronáutica, até 1929. Passou então á India como ajudante de campo de seu pai; foi governador de Damão e encarregado do governo do Estado da India, em 1930, era major, e em 1939, já tenente-coronel, veio comandar a Base Aérea de Tancos; em 1941 foi colocado no Comando Geral de Aeronáutica, e desempenhou várias e difíceis missões no estrangeiro, durante o período da guerra.

Em 1943 frequentou, já coronel, o curso de altos comandos, e de 1944 a 1950 exereceu o cargo de comandante-geral da Legião Portuguesa.

Brigadeiro em 1947, e general, por escolha, em 1949, o candidato á Presidencia da Republica foi deputado á Assembleia Nacional nas legislaturas de 1945 e 1949, por Coimbra. Em 1947 foi comandante da Base Aérea da Ilha Terceira, durante alguns meses.

A «Ordem do Exército» de 1 de Agosto de 1950 exalta a sua acção militar e na Legião, terminando o alto louvor nestes termos: «Soube sempre honrar as tradições militares da sua família, nunca faltando ao cumprimento dos seus deveres para com os chefes e para com a Pátria, levando o espírito militar e patriótico a toda a parte em que pôde afirmar a sua presença inconfundível pela excelencia do seu carácter e pela maneira digna como sabe fazer-se respeitar por todos aqueles que a seu lado ou sob as suas ordens servem o País».

Em Janeiro foi nomeado comandante da Região Militar de Tomar, acumulando com a de professor do curso de Altos Comandos. Possui várias condecorações, entre as quais a Torre e Espada (1923, tinha apenas 29 anos), a Cruz de Guerra de 1.ª classe, e a medalha das campanhas do Exército Português.

O sr. general Craveiro Lopes é casado com a sr.ª D. Berta Ribeiro Artur Craveiro Lopes e pai dos srs. João Carlos Craveiro Lopes, tenente de cavalaria; Nuno Craveiro Lopes, arquitecto; D. Maria João Craveiro Lopes Teles Grilo e Manuel Craveiro Lopes, tenente de aviação.

Além das viagens a Espanha e a Inglaterra, que para o Presidente Craveiro Lopes e para Portugal, constituiram verdadeiros e inesqueciveis êxitos, o chefe do Estado visitou Angola e Cabo Verde, numa missão de transcendente importancia histórica, que vai agora ser alargada com a sua ida á grande província de Moçambique, onde, em tempos longínquos, se bateu bravamente pela Pátria, em defesa da soberania nacional nesse território cem por cento Português! Boa viagem!

Prof. Raul Ventura

ministro do Ultramar

Com o Chefe do Estado, segue para Angola e Moçambique, acompanhando-o também nas suas visitas oficiais á União da Africa do Sul e á Federação das Rodésias e da Niassalandia, o sr. professor Raul Jorge Rodrigues Ventura, ministro do Ultramar, desde Julho do ano passado.

Desejamos-lhe o maior êxito na sua viagem que certamente trará grandes benefícios, não só para as duas grandes provincias ultramarinas, mas para a Metrópole.

O professor Raul Ventura—que desde 1953 fora subsecretário de Estado do Ultramar—entrou para o corpo docente da Faculdade de Direito de Lisboa, em 1945, após um curso brilhante e provas notáveis de doutoramento, era catedrático desde 1947.

Começou a sua vida oficial como agente do Ministério Publico junto do Tribunal do Trabalho de Setubal, e passou, sucessivamente, pelo Instituto Nacional do Trabalho, como chefe de repartição, e pelos gabinetes dos subsecretários de Estado das Corporações e da Assistência, acompanhando, como secretário, o sr. dr. Trigo de Negreiros, no exercício daquelas altas funções. Es-

(Continua na página seguinte)

C.te Gabriel Teixeira

governador-geral de Moçambique

Há quase dez anos que o comandante Gabriel Teixeira ocupa, brilhantemente, o cargo de governador-geral da provincia de Moçambique, com uma competência, uma distinção e um sentido dos interesses de Portugal e daquele vasto e importante território que lhe tem valido a maior consideração, não por parte de todos os Moçambicanos, mas do Governo da Metrópole.

Nascido no Funchal, em 1897, depois de concluído o curso secundário, tirou os preparatórios para a Escola Naval, na Universidade de Coimbra. Em 1916, alistou-se como voluntário no Corpo de Alunos da Armada, tendo tirado o curso da Escola Naval, nesse ano e em 1917. Foi promovido a aspirante, a guarda-marinha e a segundo-tenente, respectivamente, nos anos de 1918 e 1920. Durante este ultimo período, pertenceu ás guarnições dos navios «Pedro Nunes», «Augusto de Castilho», «Limpopo», «Lidador», «Tejo», «Almirante Reis», fragata «D. Fernando» e «Bérrio». Durante a primeira Grande Guerra, desempenhou o espinhoso serviço de comboiamento de navios mercantes para as Ilhas Adjacentes.

Em 1923, embarcou, como imediato, na canho-

(Continua na página seguinte)

O GOVERNADOR GERAL DE MOÇAMBIQUE

COMANDANTE GABRIEL MAURICIO TEIXEIRA

falou-nos dos principais problemas daquela província

e salientou as excelentes relações de Portugal com a Africa Austral

Uma mancha colorida desdobra-se para além das vigias do «Constellation» da T. A. P. Arvoredo denso, intermináveis avenidas abertas á régua, casario, prédios modernos que se adivinham de relance. — Estamos em Lourenço Marques — cidade de hoje e de amanhã, centro progressivo e cosmopolita do desenvolvimento de Moçambique. Mas não chega dizer que estamos em Lourenço Marques. Em missão especial, o jornalista tem responsabilidades; as de esclarecer os leitores. E quem melhor para o fazer que o governador-geral da Provincia, comandante Gabriel Mauricio Teixeira — arquitecto e orientador da maior parte dos grandes empreendimentos que em Moçambique se têm concretizado na ultima dezena de anos?

Capitão de mar-e-guerra, o comandante Gabriel Teixeira é bem o capitão-mor desta Capitania de Manica e Sofala, como já fora o graide governador de Macau durante a ultima conflagração.

Recebeu-nos com distinção fidalga, e cativante simpatia, e tomámos, ás primeiras palavras, contacto com a realidade do seu acolhimento franco, despido de formalismos.

O caminho do Ultramar

Arriscamos a primeira pergunta:

— Quais são, sr. governador-geral, os aspectos mais assinalados da nascente industrialização da provincia? Todos os dias surgem no Sul do Save uns e em Manica e Sofala, outros, especialmente, empreendimentos de grande vulto. Em que sentido orienta o Governo estas iniciativas?

— Parece que a nossa técnica e o nosso capital encontraram, finalmente, o caminho do Ultramar. Este é, a meu ver, o aspecto mais assinalado, e, ao mesmo tempo, profundamente consolador, do surto ascencional da industrialização da Província. Exijo de qualquer industria que pretenda instalar-se, um estudo económico e técnico, completo, e, ia a dizer, perfeito. Uma vez apetrechada de harmonia com aquele estudo, o Governo dispensa-lhe o mais firme e decidido apoio.

O Caminho de Ferro do Limpopo

— Vive-se ainda hoje na Metrópole, com interesse intenso, a construção do Caminho de Ferro do Limpopo. Construção épica, podemos nós acrescentar, dado o tempo «record» em que a linha foi montada, vencendo pantanos, rios, florestas, até á fronteira da Rodésia.

Perguntámos ao sr. governador-geral qual é a projecção dos nossos caminhos de ferro além-fronteiras. E a sua resposta foi rápida e concisa:

— Para muita gente, os nossos caminhos de ferro, servindo os territórios vizinhos, representam, exclusivamente, um investimento interessante. Para mim, isso é encará-los sob um aspecto restrito. Teria muito mais interesse para Moçambique o investimento, no próprio fomento, das importancias despendidas na construção e equipamento daquelas linhas férreas. Temos, porém, deveres para com os nossos vizinhos, a que não nos devemos eximir, e é sob este aspecto que eu encaro o problema. E' o cumprimento deste dever e o interesse comum de desenvolvermos esta Africa, apoio económico-estratégico indispensável ás nações ocidentais, que faz com que eu não lamente o investimento feito com aqueles caminhos de ferro.

A política de portos

— Evidentemente, que os caminhos de ferro estão, em Moçambique, intimamente ligados á vida e ao desenvolvimento dos seus portos. Exemplo frisante são os portos de Lourenço Marques e da Beira. Poderia resumir-nos a vasta orientação dada, durante o seu Governo á política dos portos?

— A orientação da politica de portos é do Governo da Nação, e não minha, e tem consistido em manter os portos á altura das funções que lhes competem. De vez em quando, surgem vozes insatisfeitas que pedem a Lua... Mas essas pessoas esquecem que o objectivo não é «equipar o porto ideal», mas sim o porto, prática e inteiramente suficiente, para satisfazer ás necessidades do comércio maritimo.

Os excedentes demográficos da Metrópole

Mais uma vez o nosso entrevistado se mostrava o homem prático que toda a gente sensata admira:

— Fala-se, na Metrópole, nos excedentes demográficos e da sua emigração. Poderá Moçambique absorver parte destes excedentes, parcialmente canalizados para o Brasil e a Venezuela? Será o plano do Limpopo uma contribuição eficaz, e a indicada?

— Muito se escreve e se diz sobre este problema, mas ele é tão vasto e tem de ser encarado sob tantas facetas, que o responder-lhe não cabe numa entrevista. Daria para um livro, e muito volumoso. O plano do Limpopo é uma das modalidades de colocação, em Moçambique, de uns milhares de portugueses da Metrópole. Há que pensar que não basta abrir as portas de Moçambique para os excedentes demográficos da Metrópole; é necessário que estes excedentes demográficos tenham capacidade para desempenhar funções requeridas pelo conjunto económico da provincia. Infelizmente, a enormissima maioria dos que pretendem vir para Moçambique não têm qualquer espécie de preparação: são apenas mão-de-obra não especializada. Ora desta mão-de-obra temo-la cá, no indígena, que cada dia se vai elevando mais em nivel de civilização, tornando-se apto para o exercício de muitas funções, em perfeita concorrência com a mão-de-obra branca não especializada.

A fixação dos indigenas

A declaração impressionou-nos; mas, após uma pausa, perguntámos:

— Senhor governador. Um dos trabalhos de que muito se fala em Portugal é o da fixação do indigena á terra. E todos sabemos da tendência antiga do indigena de Moçambique para emigrar; e sabemos, também, dos imensos prejuizos e inconvenientes que isso tem trazido, não já á terra, que fica por cultivar, como ao indigena que, regressando, vem ás vezes doente, aumentando, assim, a população inactiva!

— Alguma coisa se tem feito neste campo. A causa fundamental da emigração do indigena, sobretudo ao Sul do Save, é de ordem económica. Um condicionamento climatérico, o mais desfavorável possivel para a agricultura. Alternam-se os anos de seca, com as cheias, e só excepcionalmente há um ano, em cada dez, de chuvas regulares, em quantidade e distribuição. Ao lado há minas podendo pagar elevados salários. A tendência natural do indigena é a mesma que teria o branco, em igualdade de situação. Há outros factores que influem na emigração; mas o fundamental é aquele. Como remédio para esta causa fundamental da emigração, tem-se seguido a política do aproveitamento dos recursos hidrológicos da provincia, em pequenas obras de regadio, pondo o agricultor indigena a coberto da inconstancia das chuvas. Temos hoje, em Moçambique, alguns milhares de hectares irrigados, e o indigena compreendeu já plenamente o enorme beneficio destas obras. Estou certo de que já se não pode parar nesta senda. A par da irrigação que assegura o êxito das culturas, muito se tem feito para abastecer de água potável as populações indigenas, medida de primeira necessidade para a sanidade das populações, permitindo o combate eficaz de tantas endemias que o enfraquecem e que explicam a sua chamada preguiça, na realidade depauperamento. Por toda esta provincia, há hoje milhares de poços, com as suas bombas e os seus marcos fontanários, servindo as populações indigenas. O reconhecimento deste beneficio pelo indigena assegura igualmente que se não parará, também, neste caminho.

As relações com a África Austral

Porque não dizê-lo: o jornalista é, por natureza, curioso. Durante esta lição de Administração Ultramarina, que ouvimos da primeira autoridade da provincia, não nos apercebemos do tempo que voara. Excederamos já o razoável e o sr. comandante Gabriel Teixeira tinha já na antecamara do seu gabinete pessoas á espera. Contudo fizémos a pergunta que queriamos formular:

— Em que plano podem hoje situar-se as relações internacionais de Portugal na Africa Austral?

O governador, já de pé, para a despedida, respondeu com entusiasmo:

— São as melhores, pois, além da solidariedade do objectivo comum, há a solidariedade da reacção contra a «moda» de certos sectores das assembleias internacionais, de denegrir a acção civilizadora dos chamados países colonizadores. Por muito que dôa a esses criticos, alguns dos quais admitimos que sejam bem intencionados, quando um dia se fizer a história da acção civilizadora do branco em Africa, estou certo de que essa história constituirá um motivo de justificado orgulho para as nações colonizadoras. Neste momento é impossível fazer-se tal história, porque as vozes de muitos que se arvoram em criticos não permitem a análise serena e objectiva do problema. Para mim, tenho que o mal foi o de dar foros de civilizados a muitos paises que necessitariam ainda de receber muitos ensinamentos, muita civilização, daqueles outros países que estavam em condições de lhas dar.

Agradecemos em nome do nosso jornal, e saimos para a rua e para a cidade — que é um indice elevado de uma provincia portuguesa que se agita ao sopro vivificante da renovação e do progresso.

Professor Raul Jorge Rodrigues Ventura

(Continuação da página anterior)

tudioso cultor do Direito, teve ocasião de publicar diversos trabalhos de valor, em revistas nacionais e estrangeiras, e de tomar parte em algumas conferências e reuniões internacionais. Assim participa, como membro correspondente no Instituto de Direito e Trabalho da Universidade Nacional da Argentina, do Instituto de Trabalho da Universidade de São Paulo e do Instituto de Direito Social desta cidade, e como delegado do Governo português participou nas Conferências Internacionais de Trabalho de 1949 e 1952 e foi componente da Comissão Técnica de Assuntos de Trabalho Ultramarino do «Bureau International du Travail», reunida em Genebra no ano de 1951.

Passando a interessar-se, desde muito cedo, pelos problemas relacionados com a nova vida ultramarina, teve ocasião de se deslocar, em 1951, a Moçambique, em missão do Ministério do Ultramar, para se ocupar do estudo de assuntos relacionados com o trabalho indígena. Como advogado, tem tido intervenções, pelo citado Ministério, na defesa de interesses do Estado e no exame de problemas de direito, economia e política ultramarina. Entre os trabalhos publicados de sua autoria destacam-se, além dos já mencionados, uma monografia referente a «Extinção das Relações Jurídicas do Trabalho».

Colaborador dedicado do sr. comandante Sarmento Rodrigues, tem exercido papel de relevo no trabalho levado a efeito naquele departamento, sob a gerência do ministro cessante. Na qualidade de subsecretário de Estado do Ultramar visitou Angola, onde se ocupou de importantes problemas locais, e Cabo Verde e Guiné, onde foi assistir á inauguração da ponte-cais de Bissau, percorrendo depois toda a provincia para se inteirar dos seus principais problemas.

Evidenciando sempre raros dotes de inteligência e um conhecimento cada vez mais profundo dos assuntos do Ultramar, o professor Raul Ventura tornara-se, naturalmente, o sucessor indicado do sr. comandante Sarmento Rodrigues, para poder prosseguir a obra de larga projecção que se encontra em curso, em relação ás nossas provincias ultramarinas.

Comandante Gabriel Maurício Teixeira

(Continuação da página anterior)

neira «Mandovi», em serviço de fiscalização da pesca na zona Norte. Em 1924, foi promovido a 1.º tenente; em 1940 a capitão-de-fragata, e em 1948 a capitão-de-mar-e-guerra.

De 1925 a 1928, comandou a «Mandovi», sendo depois nomeado capitão do porto e presidente da Camara Municipal de Vila do Conde.

Em fins de 1929, seguiu para Moçambique, onde foi ocupar o cargo de capitão do porto de Porto Amélia, quando os territórios da Companhia do Niassa acabavam de passar para a administração do Estado. De 1932 a 1933, exerceu as funções de encarregado do Governo do distrito de Cabo Delgado.

Em 1934, regressou á Metrópole, embarcando no navio-escola «Sagres», como oficial imediato. Em 1935, exerceu o cargo de ajudante de campo do ministro da Marinha; e em fins do mesmo ano voltou a embarcar no «Sagres», cujo comando assumiu em 1937. Em 1938, foi nomeado subdirector da Direcção de Material de Guerra e Tiro Naval do Ministério da Marinha.

Em 1939, voltou a servir em Moçambique, como chefe da Repartição de Farois, e depois como capitão do porto de Lourenço Marques.

Em Julho de 1940, em plena segunda Grande Guerra, assumiu o cargo de governador da província de Macau, conservando-se no exercício desse alto e difícil cargo, até 1946, ano em que foi nomeado governador-geral de Moçambique, tendo tomado posse, em Lisboa, em 9 de Dezembro, e assumido as suas funções, em Lourenço Marques, em 13 de Novembro de 1947. Em 1951, foi reconduzido.

De 1938 a 1940, foi deputado á Assembleia Nacional, na segunda Legislatura.

A folha de serviços do distinto oficial está cheia de louvores, figurando nela as seguintes condecorações: grande oficialato da Ordem do Império Colonial, comendas de Avis, de S. Gregório Magno, Leopoldo da Bélgica e da Legião de Honra, medalhas militar de prata de Comportamento Exemplar, da Vitória, comemorativa das Campanhas do Exército Português, de Socorros a Náufragos e da Cruz Vermelha.

Posições de Portugal no Mundo

O senhor Comandante ANTÓNIO DIAS FERREIRA presidente da Comissão Executiva da Exposição das Actividades Económicas de Moçambique

fala-nos da importância e dos objectivos do certame

O comandante António Dias Ferreira, antigo oficial de Marinha, veio para Moçambique, como secretário do então governador do Niassa, comandante João de Figueiredo. Viveu ali largos anos, e deixou, na Camara Municipal da Beira, gravado a letras de ouro, uma obra que o tempo demonstrou ser notável.

É o administrador da Companhia da Matola, director do Entreposto Comercial de Moçambique e presidente do Grémio dos Industriais de Óleos Vegetais.

Representante das actividades económicas da provincia no Conselho Legislativo, vogal do Conselho de Governo, estava-lhe naturalmente indicado o lugar de presidente da Comissão Executiva da Exposição das Actividades Económicas.

Aprazando o encontro no Hotel Polana, vimos surgir, perante nós com um sorriso franco e acolhedor, um homem que revela uma personalidade forte—forte pela sua inteligência e na sua acção.

O critério seguido para a Exposição

A primeira pergunta pretendia satisfazer a nossa curiosidade, e certamente a dos nossos leitores a quem estes assuntos interessam:

—Sr. comandante: A Exposição estará pronta na altura prevista?

Respondeu-nos:

—Feito o plano geral da Exposição, os vários pavilhões foram projectados por diferentes arquitectos, e a sua construção foi adjudicada a diversos empreiteiros. O mesmo critério foi seguido relativamente ás respectivas decorações. Cada um tem, por conseguinte, a sua tarefa bem definida, e tenho a firme convicção de que todos hão-de cumprir rigorosamente os compromissos que tomaram, dentro dos prazos que foram estabelecidos. Em 31 de Julho a Exposição deverá ficar pronta a ser inaugurada.

Uma síntese da economia moçambicana

—Pode dizer-nos porque é que a Exposição é apenas das Actividades da província?

—Ela visa, acima de tudo, pôr perante o sr. Presidente da Republica, em honra de quem a mesma se realiza, digamos, uma síntese da economia de Moçambique. E foi com esse objectivo que tudo se delineou.

Arriscámos uma pergunta melindrosa:

As indústrias da Metrópole e de Angola

—Não seria interessante, e até estimulante, convidar a Industria de Angola a cooperar na Exposição?

—Era, com certeza. E não apenas a industria de Angola, mas a das restantes províncias. Nesse caso, a Exposição teria, necessáriamente, um caracter diferente do que vai ter, implicando despesas muito superiores aos recursos de que dispõe a Comissão a que presido.

—Mas a industria da Metrópole não vai ter a sua representação?

—Vai, e muito interessante, por iniciativa da Associação Industrial Portuguesa que, com o melhor espírito de colaboração, resolveu trazer a Moçambique, nessa altura, a sua Feira de Amostras, que será integrada na nossa Exposição.

A representação da Agência Geral do Ultramar

—E a Agência Geral do Ultramar estará presente no certame?

—Sei que a sua representação, integrada nesta Exposição, será mais um êxito, a juntar a tantos outros, dada a envergadura de quem hoje está a dirigir aquele departamento, estando ainda na memória de todos nós, Portugueses, os sucessos da Exposição Missionária da India, de Roma, de Madrid e de Lisboa, que tanta repercussão tiveram.

Uma excursão de industriais metropolitanos?

—Não pensa V. Ex.ª, através das organizações que representa, trazer até Moçambique um grupo de industriais portugueses, da Metrópole?

—Será, sem duvida, do maior interesse que a província seja conhecida pelos homens que na Metrópole estão á frente das diferentes empresas industriais, não apenas pelas vantagens que podem resultar de um mais perfeito conhecimento deste mercado, mas, sobretudo, porque ficariam melhor habilitados a colaborar na grande obra que os Portugueses têm de continuar a realizar relativamente á ocupação económica de Moçambique. Mas julgo que essa sugestão está no pensamento e na intenção da Associação Industrial Portuguesa.

A ocupação económica da província

—Falou da ocupação económica de Moçambique...?

—Ela tem de continuar a desenvolver-se, promovendo o aumento substancial das produções agrícolas e, sem esquecer as explorações mineiras, caminhar resolutamente para a industrialização, pelo menos, das matérias-primas que cá produzimos, o que significará, valorizar a nossa exportação com trabalho nacional, dando ocupação a mais e mais Portugueses que necessitamos de fixar em Moçambique.

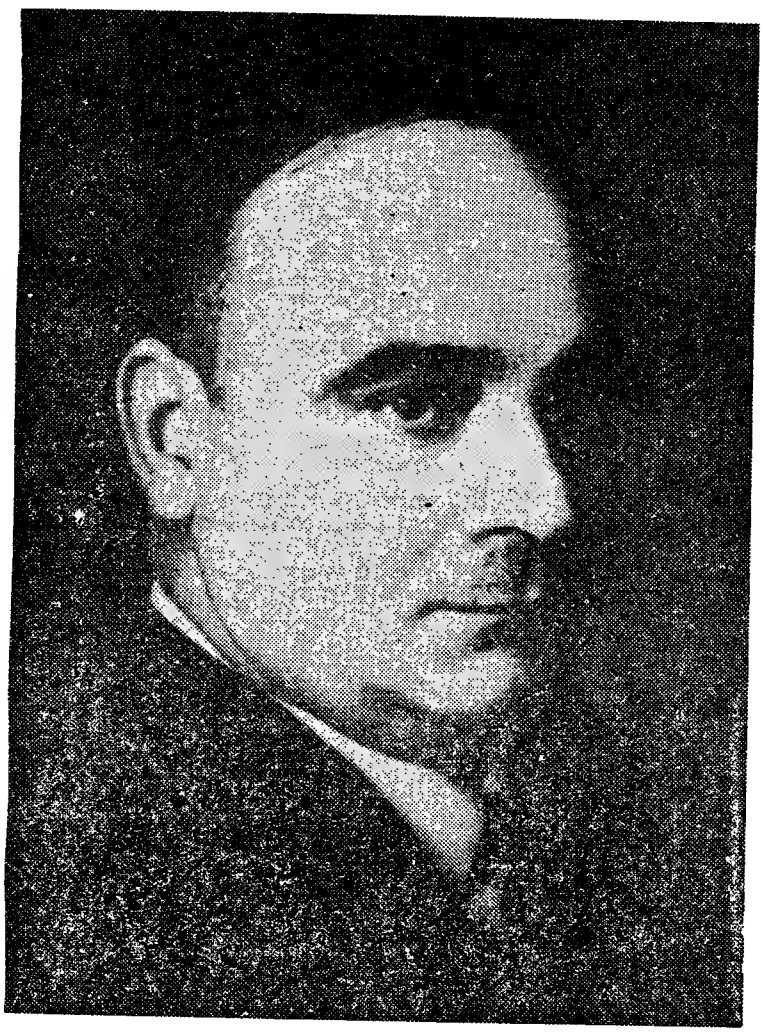
A colaboração dos técnicos e dos artistas

—Os técnicos e artistas plásticos chamados a cooperar com V. Ex.ª têm-se mostrado á altura do alto nível que a Exposição artísticamente deve atingir?

O comandante António Dias Ferreira respondeu-nos, com um sorriso compreensivo:

—É esta a primeira Exposição, no género, que se realiza na província, e, como compreenderá, houve que vencer muitas duvidas e hesitações... Posso, no entanto, afirmar-lhe, que, apesar de muito novos na sua maioria, com a noção das responsabilidades que assumem, estão todos a trabalhar com o maior entusiasmo, emocionados, na ansia de que a Exposição mereça o apreço do sr. Presidente da Republica. E estou certo de que o hão-de conseguir.

Assim terminou a nossa conversa com o homem que, por todos os títulos, merece desempenhar o importantíssimo lugar de presidente da Comissão Executiva da Exposição das Actividades Económicas.



COMANDANTE ANTÓNIO DIAS FERREIRA

O presidente da Junta do Comércio Externo de Moçambique

sr. capitão João Maria Bento

analisa a situação comercial da província

e aponta as suas enormes possibilidades

Numa curta série de entrevistas que viemos fazer a Lourenço Marques, estava naturalmente indicado ouvir, para os nossos leitores, o presidente da Junta do Comércio Externo.

Dotado duma excelente preparação técnica, e servido por uma inteligência invulgar, capitão da Administração Militar, antigo aluno de Ciências Económicas e Financeiras, João Maria Bento vive apaixonadamente os problemas da província.

O lugar que ocupa obrigou-o a perscrutar, com um sentido real, quer em extensão, quer em profundidade, o que são e o que devem ser os fundamentos económicos dum País que tem, forçosa e forçadamente, que apetrechar-se industrialmente para um mais quilibrado aproveitamento das massas humanas e das matérias-primas.

No ambito, infelizmente restrito, de técnicos e especializados, para a tarefa imensa que hoje é exigida a Portugal, pela extensão territorial que ocupa no Mundo, pelas riquezas do solo e subsolo, o caso presente é honroso para quem o nomeou e á sua inteligência confiou um tão alto cargo na Administração do Ultramar, ás vezes tão pouco bem servida...

Por telefone, em nome do «Diário de Lisboa», solicitamos uma entrevista que se realizou no seu gabinete de trabalho, rodeado de relatórios estudados, de relatórios que serviram e hão-de servir como padrão-base, a uma evolução sistematizada e a uma estruturação definitiva das riquezas Mocambicanas, que terão apressadamente, e cada vez mais, de se integrar num plano homogéneo, dando asssim a Portugal o lugar de Nação produtora, transformadora e abastecedora.

Vem a propósito lamentar que as conferências económicas, há muitos anos inauguradas e preconizadas pelo falecido professor Armindo Monteiro, então ministro das Colónias, deixaram de se realizar, talvez com prejuizo dos territórios e com certeza da sua unidade económica.

A situação do comércio externo

Perguntámos ao capitão João Maria Bento como encara a presente situação do comércio externo de Moçambique, respondeu:

—Teóricamente, quando se fala em comércio externo, podemos com maior ou menor rigor incluir as balanças comercial, de capitais, de rendimentos e de serviços, constituindo em globo a chamada balança de pagamentos. Visto assim o problema, quer dizer, e encarada a situação económica singularmente no aspecto do seu «saldo cambial» perante o estrangeiro, não podemos deixar de manifestar um óptimismo justificável, pelo menos a curto prazo. É afinal o resultado duma bem orientada politica de transportes hoje com vultosas receitas de transacções internas e externas, visto os portos e caminhos de ferro, como se sabe, servindo o «Hinterland» da província, serem cumulativamente os escoadoros naturais das produções das florescentes economias limitrofes.

—Mas se nos situarmos no campo puramente mercantil?

—Concluiremos que existe uma situação deficitária, que sem ser depressiva, tem de ser acompanhada cautelosamente, na sua evolução. O problema, pelo menos sem que se trace em profundidade, parece-nos, porém, perfeitamente soluvel, e julgamos não ser difícil, a longo prazo, equilibrar a balança comercial e consolidar fortemente a balança de pagamentos. Resumindo, julgamos que, se fenómenos estranhos não se interpuserem a curto prazo a situação é perfeitamente dominável, visto não se prever uma quebra significativa da balança de serviços. Antes pelo contrário.

—Quanto á positividade da balança comercial, a longo prazo?

—Parece-nos que a politica seguida de desenvolvimento económico, agrícola e da industria, com o alargamento do mercado (e portanto do consumo) interno e da valorização, em quantidade e qualidade, da produção e da sua manufacturação, necessáriamente com reflexos na exportação, certamente hão-de criar e conduzir a um surto das relações comerciais externas, com manifesta vantagem para a nossa posição liquida.

O factor população

—Qual a importancia que V. Ex.ª dá ao factor população, para a resolução dos problemas económicos de Moçambique, em especial dos referentes ao comércio externo?

Julgamos que não se poderá objectivar qualquer programa sobre a produção ou o consumo, com o desconhecimento dos fenómenos da população. A economia interessa grandemente o estudo dos agregados populacionais, visto que, tanto os factores de produção, como o fenómeno «consumo», dependem essencialmente do comportamento das massas populacionais. Afigura-se-nos, mesmo, que a produção constitui um fenómeno profundamente humano. Os factores demográficos — natalidade, nupcialidade, emigração, mortalidade e outros—não regulam sómente o mercado do emprego; exercem, antes de mais, uma decisiva influência nas flutuacões da oferta, na comercialização dos mercados internos e externos, nos respectivos consumos e no consequente aumento da riqueza nacional. O comércio externo de Moçambique fica assim profunda e duplamente ligado ao elemento humano. Por um lado, está o seu condicionamento básico ao fenómeno da producão, cuja natureza apontamos. Pelo outro, está a permissa necessária de que só se poderá apresentar como um indice de valor económico indiscutível, na medida em que tiver atrás de si um mercado interno que o apoie e possa atenuar as flutuacões naturais motivadas por factos extra-nacionais; o mesmo é dizer que carece de uma industria que possa servir de factor de absorção complementar e de um consumo interno crescente, fenómenos estes vincadamente humanos. Repare, aliás, que sendo verdadeira a relação producão mais importação igual a consumo externo mais exportacão, se conclui imediatamente que a solução da equação no aspecto intrinsecamente comercial está dependente dos fenómenos da producão e do consumo. Note também que o comércio externo, além doutros factores, tem a sua base na existência de diferenças nos custos da produção, o que é devido, em grande parte, á desigual distribuição dos recursos e das populações.

Insuficiência de factores humanos

—Nessas condições, julga que o comportamento do elemento humano na actual conjuntura económica de Moçambique é favorável ou desfavorável ao seu desenvolvimento?

—Compreenderá, certamente, que é impossível afirmarmos certezas absolutas, quando está em causa o fenómeno da população, dificil de controlar, especialmente em zonas abertas, que ainda contêm uma razão de vida desequacionável de quaisquer aspectos rígidos. A nossa compreensiva maleabilidade tem conseguido, sem saltos bruscos, uma evolutiva razão no comportamento das massas populacionais nativas. De qualquer modo, os fenómenos fisiológicos e as correntes de urbanismo, migratoriais e quaisquer deslocamentos merecem sempre cuidada atenção, pelas tendenciosas repercussões que podem exercer no seio das massas populacionais. Claro está: se alguns destes fenómenos são fáceis de orientar e de resolver, outros podem existir a par, numa região de extensíssimas fronteiras, que necessáriamente escapam a observações menos atentas e ás próprias autoridades. Pode verificar-se o transito regional, com a consequente despopulação de áreas confinantes, para outros territórios de melhor oferta; mas não interpreto, a existirem quaisquer destes fenómenos, como um sintoma de desemprego. Uma análise mais pormenorizada apenas nos poderia revelar um «desemprego disfarçado», o que nos leva a concluir, contrariamente, que, sem haver um problema de desocupação, existe a possibilidade de aumentar, pela melhor produtividade e mais racional ocupação, o potencial produtivo do factor humano. A fluidez natural e o fluxo e refluxo de massas poulacionais movediças podem concorrer negativamente para o processo económico, criando, paralelamente problemas político-sociais, ás vezes de dificil solução, no conjunto evolutivo. De que parece não haver duvidas é de que, para o total aproveitamento da riqueza da província, existe uma insuficiência de factores humanos, a maior força produtiva e a que mais poderosamente influencia e tem decisiva interferência em toda a vida económica da provincia. Julgamos mesmo premente, aliás, já se encontra traçado na ordem governamental, a existência duma ascencional corrente da população metropolitana no caminho do Ultramar.

CAPITÃO JOÃO MARIA BENTO

É necessário alargar o mercado interno

—Falou, há pouco, da necessidade de alargamento do mercado interno, e, portanto, do aumento do consumo global dos individuos. Não poderá tal facto trazer consequências desfavoráveis para a balança comercial de Moçambique?

—Julgamos ser perfeitamente possivel, sem o recurso ao escalão da importação, caminhar para uma sincronização perfeita entre os fenómenos da produção e do consumo. Com efeito, se é verdade que a abundancia da produção aumentará necessáriamente o consumo das massas populacionais nativas e a comercialização interna dos respectivos produtos, e que a escassês da produção gerará paralelamente a falha do consumo, o que acarretará penosamente as massas populacionais a um regime de subnutrição, com todas as inevitáveis consequências, morais, sociais e económicas, não é menos certo que a marcha e a progressividade dos fenómenos do consumo assentarão na base essencial dos fenómenos da produção. Não custaria, portanto, admitir que a reacção produção, consumo, se verificará até certo ponto em cadeia, e consequentemente a valorização do mercado interno, se bem que crie necessidades que a oferta própria não pode satisfazer, também estabelece as condições necessárias para atrair investimentos a actividades directamente produtivas e actualmente situadas na sua quase totalidade no exterior.

—Na opinião do sr. capitão...

—Na nossa modesta opinião, e no caso particular dos países subdesenvolvidos que caminham para outras fórmulas de desenvolvimento económico, recorrendo ao aperfeiçoamento técnico dos métodos actuais, o aumento do consumo só se pode apresentar como um fenómeno nocivo, se acarretar consigo tendências inflacionistas, o que poderá acontecer exactamente se a oferta interna não souber reagir ás melhores condições criadas. Parece assim, não se descortinar um desfazamento imediato, desde que o problema seja convenientemente revisto e cuidadosamente acompanhado na sua evolução.

O valor da importação

—Em que medida julga que o fenómeno «importação» poderia ser considerado como uma manifestação salutar da economia de Moçambique?

—Efectivamente, pensamos que a importancia do escalão da importação pode pesar decisivamente na economia da provincia, não pelo seu valor intrinseco — que pode, aliás, ser menor do que aquele que é requerido—mas sim quando comparado com o valor do escalão da exportação e intervindo, portanto, na formação da positividade ou da negatividade da balança de comércio. A sua simples análise poderá e deverá revelar a marcha das necessidades das massas populacionais e as da constituição dos bens de produção, carreando o problema para uma possivel libertação das correntes de produção externa, na medida em que o mercado interno for sendo conveniente e vantajosamente abastecido por uma produção própria, que se destinará a obstar á invasão da produção externa. O total da importação poderá, portanto, apresentar-se como um índice de procura e de força económica das populações e do fomento dos próprios bens reprodutivos, que deve ser olhado de bom grado, e, nessas condições as barreiras que se anteponham á importação, sem que, em contrapartida, se valorizem os meios de produção internos, corresponderão a uma forçada paralização da própria produção, com reflexos para a economia, mais prejudiciais do que benéficos. Não devemos esquecer, por exemplo, o que representa para o equilibrio da província a entrada de equipamentos, em especial para os sectores que mais decisivamente contribuem para a posição favorável da balança de pagamentos. Pa-

(Continua na página seguinte)

Proclama uma confiança absoluta no progresso de Moçambique

o presidente da sua Junta de Comércio Externo

afirmando que o objectivo nacional é: unidade moral, política e económica

(Continuação da página anterior)

rece-nos assim, que o fenómeno importação corresponde a um índice económico favorável, na medida em que a correlação entre os escalões de importação e de exportação viva num ritmo bastante harmonioso por forma a não se tolher o processamento dos factores económicos quando considerados num ou noutro escalão, activando qualquer dos dois, quer pela importação da produção interna mais especializada e adequada ao território.

As importações devem ser orientadas, mas não tolhidas

—Afirma-se, porém, muitas vezes, a necessidade de controles e de políticas restritivas á entrada de mercadorias estrangeiras. Que pensa sobre esse procedimento?

—Não pode haver duvidas de que o crescente aumento das importações é determinado por um progresso do mercado da procura, cuja tendência se julga ascencional, quer para vencer as necessidades vitais da província, quer para suprir ás necessidades essenciais das massas populacionais. Consideramos, porém, duma importancia fundamental a análise do escalão da importação, a fim de se determinar a evolução da repartição de cada ordem de produtos importados e de se organizar com eles o quadro das necessidades da província, condição básica para a construção de uma verdadeira política de comércio nacional e internacional. Contudo, também não é menos certo que a variabilidade e a inconstancia do mercado da procura é que regula normalmente e nalguns casos até arbitráriamente as necessidades das populações, e por isso o condicionamento da importação torna-se difícil, e até nocivo, quando não ausculta as flutuações das necessidades essenciais das massas populacionais e o crescente equipamento da província.

—O que lhes parece, portanto, indispensável?

—É orientar, sem tolher, todo o sistema das importações, por forma a classificá-lo, segundo uma tabela de prioridade e de necessidade. Não se esqueça nunca que a simples compressão da importação, sem que em contrapartida se active a exportação, pode vir a conduzir a um equilíbrio e até a uma positividade da balança de comércio, mas os resultados serão com certeza contraproducentes para o desenvolvimento económico da província. Julgo dever notar ainda, sem que deixemos de cumprir as cláusulas emergentes dos acordos internacionais, que cada vez se torna mais instante uma integração económica ao nível do quadro nacional, com vista a caminhar-se para um recompletamento das necessidades, concorrentes para o todo e não divergentes em cada uma das partes.

A quebra nas exportações

—Que pensa sobre a quebra verificada em 1954, em relação a 1953, no escalão da exportação de Moçambique?

—Efectivamente, verificou-se em 1954 que a tonelagem exportada baixou de 20 mil toneladas em relação a 1953 e o respectivo valor de 143 mil contos, o que é bastante importante. Mais significativo é ainda o decréscimo do valor médio da tonelada exportada que passou de 3.533$00 em 1953 para 3.425$00 em 1954, concorrendo, portanto, para o aumento do «deficit» verificado. Se este ritmo se mantiver—e não é previsível qualquer melhoria importante e imediata,—parece que devem ser tomadas medidas urgentes quanto ao aumento e á valorização da produção, que pode ser devidamente comandada, tendo-se em atenção que o regime de preços terá de viver das flutuações dos mercados externos. Um ou outro produto que tenha tido uma alta nos mercados externos não pode servir de base para a generalidade dos preços da produção, que tendem, no seu ciclo geral, para uma descida, e não para uma alta. Parece, portanto, para opor á tendência depressiva do fenómeno dos preços nos mercados externos, que só restará o recurso, como se apontou, do aumento e valorização da produção da província, enquadrada externamente, como lógicamente se infere, no quadro dos preços mundiais dos produtos.

Mais 600.000 indivíduos em 10 anos

—Verifica-se em Moçambique um aumento insignificante na comercialização total para o exterior. Não poderá tal fenómeno significar um certo estacionamento na sua vida económica?

—Na verdade, a comercialização total—importação e exportação—não aumentou substancialmente, apenas mais 25 mil contos em 1954 que em 1953, tendo aumentado em contrapartida a tonelagem (mais 63 mil toneladas), concorrendo para estes aumentos o escalão da importação, e não o da exportação. A unica conclusão que se poderia tirar deste fenómeno é uma estagnação do intercambio comercial de Moçambique com o exterior. Não podemos, apenas por uma simples análise, apontar ou significar uma paralisação do ritmo de desenvolvimento económico que a província efectivamente atravessa, porque, para se aquilatar mais convenientemente do valor de tal índice, interessa ainda mais conhecer a grandeza da comercialização total, isto é, determinar paralelamente os valores do comércio interno, nos vários sectores, desde o produtor ao consumidor ou ao exportador e quais os índices que sobrecarregam cada produto nos vários percursos económicos: produção, distribuição e consumo. Repare também, sem que tire ao fenómeno a sua grandeza, que a população nativa da província aumentou, no decénio 1940-1950, de 600 mil indivíduos, tendo as unidades de consumo ascendido á ordem de um milhão, o que é deveras significativo.

A balança de pagamentos é favorável

—No entanto, esse estacionamento no comércio internacional de Moçambique verificou-se em detrimento da exportação e em benefício da importação, com o consequente agravamento da balança comercial. Como encara tal situação?

—A estatística oficial apresenta um »déficit», em 1954, de 849 mil contos, que, porém, não é a verdadeira expressão da situação, visto que a exportação é determinada em valores fiscais. Se os cálculos forem efectuados com valores F. O. B.—sem duvida mais realistas—, o saldo negativo reduz-se para a ordem dos 650 mil contos. Conquanto ainda não consideremos depressivos ou difíceis de corrigir os «deficits» da balança de comércio, que se têm verificado em Moçambique, até porque têm sido cobertos pelos saldos positivos das restantes balanças, a sua manutenção, ou o seu crescente aumento, em igual progressão ao verificado comparativamente aos anos de 1953-54, poderá fazer prever saldos negativos muito superiores, o que já passará a pesar substancialmente na balança de pagamentos. Se ainda não é excessiva a negatividade notada, pode ser grave a sua progressão. Cremos, porém, ser possível, dados os recursos da província, inverter as posições existentes, recorrendo-se, como parece mais aconselhável, apenas ao aumento e á valorização da produção, canalizada para o sector da exportação, muito embora também se deva considerar que no escalão da importação podem existir valores superfluos que, necessáriamente, e sem qualquer prejuizo para a economia da província, poderão ser devidamente revistos. Note, aliás, que o desequilibrio da balança comercial constitui apenas um dos vários elementos que entram na factura da balança de pagamentos, pelo que, como já dissemos, ao encarar o problema no seu aspecto total, não se podem tirar conclusões definitivas, pelo estudo singular do movimento de mercadorias, que pode ser deficitário sem que disso resulte um agravamento imediato da economia, desde que a balança de pagamentos seja favorável, como efectivamente sucede.

As exportações e as necessidades de equipamentos

—Julga que tal situação crescentemente deficitária poderá fazer perigar o desenvolvimento económico da província, por provocar um esgotamento das disponibilidades em moeda estrangeira, necessária á obtenção do equipamento indispensável ao sector industrial?

—Sem duvida que se pode recear tal efeito, porque, se é certo que a industrialização alterará toda a estrutura do comércio externo, também depende, em grande escala, da sua evolução. Admite-se e reconhece-se, em especial para os países subdesenvolvidos, que um comércio externo instável, dependente ás vezes de poucos produtos-base sujeitos a enormes flutuações nos preços e na procura, pode implicar consequências graves para a efectivação dum plano de industrialização. É o caso de Moçambique que vive numa fase em que necessita essencialmente de máquinas e equipamento diverso para o seu progressivo desenvolvimento e que, portanto, não pode nem deve descurar o aumento das suas exportações, recorrendo-se principalmente ao fomento da sua produção para compensar a descida de preços de alguns dos seus produtos que se vem acentuando nos mercados externos e para a obtenção dos necessários saldos crédores para a obtenção dos respectivos equipamentos. A certeza duma positividade da balança de pagamentos, que no fundo é condição essencial para que não surja tal perigo, é, portanto, relativa, na medida em que se não fomente a produção exportável.

Aumentar a produção e melhorar a qualidade

—Falou em fomento da produção exportável. Gostariamos de ser melhor elucidados, com a concretização de alguns sectores em que tal política se afigure possível.

—Repare, em primeiro lugar, como condição básicamente necessária para possibilitar tal política, na abundancia de dois dos três factores de produção que a economia consagrou: terra e trabalho. E nessas condições não surgirão problemas de renda da terra ou de emprego, que possam tolher a produção, ou elevá-la a um incomportável nível de custo. Existem, portanto, as condições essenciais para a resolução do problema da produção, tanto mais que outro factor—o capital—necessário ao investimento, pode ser considerado como derivado da própria produção. Assim, fundamentalmente, deverá orientar-se toda a acção no sentido de melhorar a produção no seu aspecto qualitativo, aumentar a produtividade, para conseguir melhores condições de oferta, e aproveitar toda a imensidade de recursos ainda disponíveis, quer pela intensificação dos sectores já em exploração e de resutados definidos, quer noutros sectores a investigar e a explorar. Sem que dê ao fenómeno imediata certeza de proximidade, julgo que as gorduras animais hão-de gradualmente escassear, para dar lugar, na alimentação humana, ás gorduras vegetais. Note, sob este aspecto, a grande transformação operada nos mercados europeus, apontando como exemplo típico a Metrópole: apesar de termos gorduras vegetais em abundancia, grande parte das animais são importadas, quer para a alimentação, quer para transformação no seu mercado interno. O continente africano, ou melhor as zonas tropicais, de mais fracas densidades humanas, constituem as reservas mais directamente disponíveis para satisfação das crescentes necessidades alimentares das populações mundiais. Isto para lhe falar em produtos derivados da agricultura, essencialmente destinados á satisfação das necessidades vitais, apontando, também, os cereais, as leguminosas, o açucar, e, noutro campo, os texteis, o tabaco, o chá e o café. Repare também, por exemplo, na castanha de caju produzida em Moçambique, cujo valor económico actual se cifra, para a província, em cerca de 160 mil contos anuais, mas que, efectivado um processo de industrialização da matéria-prima, de que somos os principais detentores mundiais, pode elevar-se a cerca de 600 mil contos. É imediatamente visível a enorme contribuição que pode ser dada por estes produtos ao escalão da exportação no sentido do equilibrio do comércio externo, motivo mais que suficiente para serem dirigidos todos os esforços neste sentido.

As possibilidades da amendoa de caju

—Como disse, a produção exportável de Moçambique apresenta-se muito dependente das flutuações do mercado internacional. Não estará a amêndoa de caju também nessas condições?

Este problema do caju é dos mais interessantes da província, não só pelas perspectivas que oferece, como também pelas suas características específicas. Sem nos afastarmos deste aspecto particular que focou na sua pergunta, repare que não se pode aplicar integralmente aquela afirmação de que «os produtos que têm incorporadas maiores quantidades de mão-de-obra apresentam, por esse facto, preços mais estáveis». O factor trabalho, que actualmente é talvez o principal na economia do produto, desempenha um papel mais restrito na sua conjuntura, determinada em grande parte por um mercado internacional de oferta e procura muito especial e pelas características de «produto de luxo» que se lhe podem atribuir. Tais características, se constituem, por um lado, um factor de riqueza e relativa segurança, dada a menor elasticidade da sua procura oferecem também uma certa instabilidade, na medida em que os governos determinarem restrições á sua entrada, baseados em dificuldades da balança de pagamentos ou outros de carácter correctivo. Isso só prova a necessidade da expansão mundial do consumo de amêndoa de caju, atenuando os perigos apontados com uma dispersão de mercados, que julgamos ser suficientes para os atenuar, tarefa tanto mais fácil, quanto é certo que há ainda imensos mercados desconhecedores do próprio produto. Note que só os Estados Unidos da América, o principal mercado importador de amêndoa e óleos de caju, despendeu no quinquénio 1950-1954, cerca de 3 milhões de contos com a aquisição destes produtos.

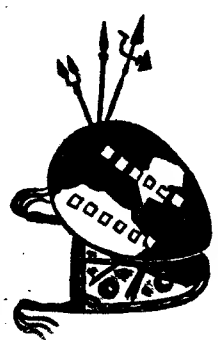
Uma unidade moral, uma unidade política e uma unidade dade económica

—Se não nos enganamos, depreendemos das suas palavras a tese de que a resolução dos problemas económicos de Moçambique está quase integralmente condicionada a uma questão de comercialização, interna e externa. Em que medida a nossa conclusão corresponde ao seu pensamento?

—Efectivamente, assim sucede. Estamos crentes de que o caminho a seguir terá forçosamente de resolver essa equação. Interessará verificar as disponibilidades populacionais e avaliar os factores que podem pesar na evolução das curvas demográficas; computar qualitativa e quantitativamente as necessidades alimentares e não alimentares das populações nativas e civilizadas; analisar os escalões da importação e da exportação das mercadorias, construindo depois a balança de comércio e a forma de a dirigir e controlar em ordem ao progresso económico; pôr em equação o fenómeno da comercialização nativa e da intensificação do circuito económico interno, num sentido de maior poder de compra global, incentivo natural de uma oferta crescente e desejável; canalizar as populações metropolitanas para o Ultramar, como apoio e segurança dos fenómenos económicos e políticos desenvolvidos e em curso; atraír os capitais metropolitanos em ordem a uma integração económica nacional, ou acompanhados de capitais estrangeiros, para o estabelecimento de «pontes» de comercialização externa, quando o mercado nacional seja insuficiente para absorver a produção; organização dum programa de produção, tomando como base a capacidade produtiva da província: o fomento do consumo interno e externo e a existência duma perfeita organização distribuidora.

E, a concluir, o nosso entrevistado disse-nos:

—Parece-me que, só por si, cada um dos pontos focados constitui um programa vastíssimo, e tanto mais vasto quando julgamos que têm de ser executados em curtos espaços de tempo. A superior acção construtiva que tem vindo a ser realizada no Ultramar, permite-nos encarar com uma confiança absoluta o progresso enorme desta parcela de território nacional, afinal, condição básica para que o agregado provincial encontre as suas melhores condições de vida dentro do agregado nacional, e em ordem a constituir-se num todo: uma unidade moral, uma unidade política e uma unidade económica. Não nos esqueçamos nunca de que os problemas do Ultramar vivem na nossa razão e são a razão da nossa vida.



O problema da industrialização das oleaginosas na província de Moçambique

deve ficar resolvido durante o corrente ano

E' verdadeiramente notável o relatório do Grémio dos Industriais de Oleos Vegetais da Província de Moçambique, que acompanhou as contas de gerência do ano de 1955.

Preside á assembleia geral daquele importante organismo o sr. Arnaldo Ascensão Santos, representante da firma Moçambique Industrial. E são presidente e vice-presidente da sua direcção, respectivamente o comandante António Dias Ferreira e o dr. Eurico de Gouveia Pinho, representante da Companhia Industrial Portuguesa, vogal da zona industrial do Norte. O actual vogal da zona industrial do Sul é o engenheiro José Alberto dos Santos Gil, representante da Sociedade Industrial de Oleos, Limitada, sendo substitutos os srs. António Ferreira e Alexandre da Silva Ribeiro, representantes, respectivamente das firmas Fábrica Império, Limitada, vogal da zona industrial do Norte, e Aliança Fabril, Limitada, da zona industrial do Sul. O gerente-geral é o capitão Humberto Romão Duarte.

Verifica-se que a capacidade actual de laboração, oficialmente fixada, para sementes oleaginosas diversas (amendoim, copra, gergelim, mafurra e ricino), por ano, de 300 dias, de 24 horas, foi, principalmente, de 27.600 toneladas, á Sociedade Industrial de Oleos, Lda., de Lourenço Marques, de 19.000 toneladas, á Trans-Africa Industrial, Lda., da mesma cidade; de 18.000, á Osman Aboobaker & Filhos, Lda., de Lourenço Marques; de 14.0 á Moçambique Industrial, de Manga; e de 13.500 á Companhia Industrial Portugue no Rio

Vê-se, pelo referido relatório, que 35 títulos de «Warrant» em circulação em 31 de Dezembro de 1954, no montante de 53.899 contos, que transitaram para 1955, foram todos resgatados durante este ano, com excepção de 3, no montante de 1.374 contos. Durante o ano foram porém emitidos 36 títulos, no montante de 55.246 contos, dos quais foram resgatados 4 no mesmo ano, no montante de 4.836 contos, transitando, portanto, em circulação, de 31 de Dezembro de 1955 para o ano de 1956, 35 títulos no montante de 51.784 contos. Destes títulos, todos os emitidos sobre sementes, no valor total de 33.607.500$00, e ainda um sobre óleo de semente de algodão no valor de 3.860.316$00, constituem caução para o empréstimo negociado com o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, conservando-se em carteira no Grémio. Os restantes, emitidos sobre óleos e bagaço, no montante de 14.317 contos, pertencem a agremiados que, total ou parcialmente, não utilizam o financiamento acima referido e que os negociaram em bancos da província de Moçambique.

As sementes oleaginosas requisitadas para abastecimento nacional e reservadas para a industria nos termos do despacho de 15 de Maio de 1954, do sr. ministro do Ultramar, foram:—amendoim, gergelim, semente de algodão e mafurra. A distribuição dos respectivos contingentes pelas fábricas, obedeceu ás regras anteriormente adoptadas e já pormenorizadas no relatório de 1951.

Exceptuando a mafurra cuja compra directa feita pelas fábricas atingiu ainda 1.000 toneladas, as restantes sementes adquiridas livremente para produção de óleos e bagaços destinados a exportação, foram principalmente adquiridas por intermédio do Grémio. A que mais avulta entre todas, a copra, pode dizer-se que foi neste ano adquirida inteiramente através do Grémio, a destinada ás fábricas da zona industrial do Sul, unicas cuja concorrência convinha anular. A unica fábrica que fez por si própria a compra da copra de que carecia foi a instalada em Quelimane.

Foi a subordinação ao financiamento negociado pelo Grémio e só utilizável por seu intermédio que transferiu finalmente para o Organismo a compra da copra destinada ás fábricas da zona industrial do Sul. Embora este fosse, de há muito, o desejo de todos, o certo é que não conseguiram pô-lo em prática enquanto cada um dispunha só dos próprios recursos de capital e crédito para efectuar a compra da copra.

A exportação total de óleos, em 1955, aumentou, em relação ao ano anterior, cerca de 17 % em tonelagem, mas menos 4 % em valor. A exportação de bagaços aumentou, apenas 15 % em tonelagem mas quase 25 % em valor; e a de fibrilha de algodão aumentou quase 5 % em tonelagem, mas baixou mais de 28 % em valor.

De ácidos gordos nada se exportou, por ter a industria local de sabões absorvido toda a produção.

Por disposição expressa no aviso da Junta de Exportação que regulou o comércio do amendoim e do gergelim foi o Grémio incumbido de prover ao abastecimento da Metrópole em amendoim e gergelim em natureza.

Vê-se que a exportação de óleo de amendoim baixou quase 82 % em tonelagem, mas sómente 35 % em valor. A baixa em valor não se acentuou mais porque a exportação foi feita só para Portugal e para as províncias ultramarinas, aos mesmos preços do ano anterior, pelo que o preço médio de venda não foi afectado da grande baixa que o óleo de amendoim, como aliás todos os óleos vegetais, teve nos mercados estrangeiros durante 1955.

Já o óleo de semente de algodão, cuja exportação aumentou 100 % em tonelagem, não chegou a aumentar em valor 40 %, tal a redução de preço que sofreu nos mercados de consumo de um para outro ano. O mesmo se deu com o óleo de copra, cuja variação em tonelagem foi em 1955 de pouco mais de 28 % e cuja variação em valor não chegou a atingir 11 %.

Sómente com os óleos de mafurra e de ricino as variações em tonelagem não diferem sensívelmente das variações em valor, o que significa que só nestes óleos se mantiveram sem alteração apreciável os respectivo preços.

Pelo que respeita a exportação de bagaços, o de amendoim, baixou cerca de 30% em tonelagem e cerca de 26% em valor; o de copra, aumentou quase 50% em tonelagem e mais de 60% em valor; o de semente de algodão, aumentou quase 11% em tonelagem e cerca de 30% em valor; o de ricino aumentou quase 90% em tonelagem e menos de 70% em valor; o de mafurra aumentou quase 60% em tonelagem e pouco mais de 63% em valor.

Com excepção do bagaço de mafurra, que pequena variação teve no preço, e do bagaço de ricino, que baixou um pouco de valor, todos os outros bagaços, ao contrário do que sucedeu com os respectivos óleos, tiveram em 1955 melhores preços do que em 1954. Essa melhoria de preços, porém, foi inferior á baixa que sofreram os preços dos óleos.

Com excepção dos «ácidos gordos» — que seria mais correcto denominar «óleos ácidos»—toda a produção, em 1955, foi superior á de 1954 e vem crescendo desde 1951.

A capacidade total de trabalho fixada ás fábricas das agremiadas é de 111,920 toneladas de sementes oleaginosas por ano de 300 dias de 24 horas.

A totalidade de semente industrializada durante o ano foi 48.483 toneladas, tomando a semente de algodão por metade da tonelagem indicada naquele mapa, ou seja pelo seu peso depois de descortiçada.

Consideradas globalmente, as fábricas trabalharam, portanto, 43,3%, aproximadamente, da sua capacidade de trabalho. Em comparação com o ano anterior, verifica-se um aumento de 4% e, comparado com 1953, um aumento de 10%.

Individualmente consideradas, 5 das pequenas fábricas que utilizam moinhos indianos, mantiveram-se inactivas durante todo o ano; as restantes trabalharam entre 6% e 48% da tonelagem que representa a respectiva capacidade.

Das três fábricas mais pequenas apetrechadas com «expellers», uma trabalhou apenas 12% da sua capacidade, mas as duas restantes trabalharam, uma 98% e a outra um pouco mais de 100%.

Em comparação com o ano anterior, as fábricas que trabalham com moinhos indianos, assim como as três pequenas fábricas apetrechadas com «expellers», mantiveram práticamente as suas posições, com muito ligeiras alterações.

Das fábricas maiores, as que trabalham semente de algodão, trabalharam uma 50%, outra 63% e outra 95% das respectivas capacidades de trabalho, mas as que não trabalham semente de algodão, laboraram sómente de entre 24,5% a 27,5% das respectivas capacidades de trabalho.

Em comparação com o ano anterior, duas das primeiras melhoraram bastante a sua posição devido ao aumento de quase 10.000 toneladas de semente de algodão que tiveram para trabalhar; quanto ás segundas, alguma coisa melhoraram também com o sistema de distribuição de sementes a que no relatório de 1954 se faz referencia e que melhor resultado daria se não se tivesse dado a circunstancia de ter sido adquirida uma tonelagem total de sementes práticamente igual á do ano anterior, excluída a semente de algodão. Se a aquisição dessas sementes pudesse ter sido maior, a situação das fábricas que não trabalham semente de algodão teria então melhorado muito mais acentuadamente.

Além dos mercados nacionais, que pràticamente só adquiriram os contingentes requisitados para seu abastecimento, os mercados compradores de óleos foram:—Para óleo de amendoim, só o mercado nacional, visto ter sido a ele reservada toda a produção (cerca de 12 toneladas exportadas para Madagascar e Seychelles, pequenos saldos de consumo da própria província, não contam como indicativos de mercados consumidores);—Para óleo de semente de algodão, refinado, Maurícias, Chipre, China, (Hong Kong), India Portuguesa e Marrocos (Tanger);—Para o mesmo óleo cru, Alemanha e Holanda (para os mercados europeus a venda de óleos refinados comestíveis é normalmente impraticável pelos elevados direitos de importação que sobre eles incidem);—Para óleo de copra cru, União da Africa do Sul, Egipto, Alemanha, Rodésia, Niassalandia, Etiópia e Angola;—O mesmo óleo refinado, só em pequenas quantidades, União da Africa do Sul e Madagascar;—Para óleo de mafurra, União da Africa do Sul;—Para óleo de ricino, União da Africa do Sul, Rodésia e Angola.

Os mercados compradores de bagaços foram:—A Suécia, para bagaços de semente de algodão, amendoim e copra;—A União da Africa do Sul, para bagaços de mafurra, ricino e aleurites e um pouco também para bagaços de sempre de algodão e amendoim;—A Dinamarca, para bagaços de semente de algodão, de copra e de amendoim; — A Inglaterra, para bagaço de semente de algodão;—A Alemanha para bagaços de copra e de amendoim;—A Rodésia do Sul, para bagaço de amendoim;—A Holanda e a Bélgica, para bagaço de semente de algodão.

A fibrilha de algodão foi vendida para Inglaterra e uma pequena parcela para a União da Africa do Sul.

Além destes mercados, outros ainda se apresentaram interessados, tais como Itália, Austria, Suiça, Noruega, para qualquer dos produtos indicados, mas, porque aqueles ofereciam melhores preços ou maiores facilidades, só para eles se efectuaram vendas.

—A exportação total dos produtos da industria realizada através do Grémio, em numeros redondos de toneladas e contos, foi de:—óleos, 11.327 toneladas (89.198 contos); bagaços, 25.347 toneladas (56.399 contos); fibrilha de algodão, 1.227 toneladas (5.970 contos). Totais: 37.901 toneladas (151.567 contos).

Comparada com a do ano precedente, apresenta, em quantidade, mais 4.991 toneladas, e em valor mais 12.655 contos, excluídos os ácidos gordos de que este ano se não fez exportação alguma por ter sido absorvida pelas fábricas de sabão locais toda a produção. O aumento em tonelagem corresponde a cerca de 15 % mas o aumento em valor não chega a 10 %. A menor percentagem de aumento verificada no valor é devida á inferioridade de preços que óleos e fibrilha tiveram durante o ano de 1955, a qual foi em parte compensada por aumento verificado nos preços do bagaços com excepção dos de mafurra e ricino, que se mantiveram sem alteração apreciável.

Acerca do parecer apresentado pela firma L. H. Manderstam, de Londres, destinado a servir de base ao plano geral de organização da industria das oleaginosas, que o Grémio deve apresentar ao Governo, para cumprimento dum despacho do sr, ministro do Ultramar, o relatório, depois de historiar largamente o que se passou, conclui por estas palavras:

«Dignaram-se S.as Ex.as o ministro e o governador geral concordar com o referido parecer e por isso, de regresso a Lourenço Marques, em principios de Dezembro, o presidente da direcção pôs a direcção ao corrente destes factos e imediatamente se fez convite á firma Manderstam para se ocupar urgentemente da continuição do trabalho. Após breve troca de correspondência, de harmonia com a sugestão do sr. Manderstan, voltou este a Lourenço Marques em 13 de Janeiro do corrente ano, para em contacto directo com a direcção, melhor se acordar nas bases do novo trabalho. Discutido o assunto em várias sessões, a algumas das quais foram convidados a comparecer os representantes das firmas agremiadas, redigiu o sr. Manderstam e entregou á direcção um parecer do qual constam as bases em que julga dever assentar o novo trabalho a realizar, e a parte dele de que a sua firma pode incumbir-se, indicando também os prazos que julga necessários não só para a realização desse trabalho como também para que se complete a reorganização da industria, se, evidentemente, não houver dificuldades financeiras, ou outras, que entravem ou demorem a execução dos planos.

Entregue esse parecer a S. Ex.a o governador geral em 28 de Janeiro ultimo, espera-se agora que durante o corrente ano de 1956, sejam tomadas as decisões precisas para conduzir finalmente á desejada solução o problema da industrialização das oleaginosas, por forma a elevar a industria da província ao nivel de eficiência técnica e económica que sempre aspirou atingir, uma vez que, segundo o parecer e conclusões do relatório Manderstam, não faltam na provincia as condições precisas e necessárias para tanto».

No final, é abordado um aspecto importante: a capacidade financeira da industria:

«Já no relatório do ano findo ficou dito que a aquisição de sementes oleaginosas para garantir 75 por cento da capacidade de trabalho das fábricas, exigia, por si só, uma capacidade financeira de uma centena de milhares de contos.

Pelo ano de industrialização de 1955, em que a tonelagem de sementes adquiridas não foi além de 50 por cento da capacidade total de trabalho das fábricas, vê-se que o volume de capital movimentado para compra de

(Continua na 29.ª página)

Actividades económicas de Moçambique

Mecanização da Agricultura na província de Moçambique

Era natural, há anos atrás, nesta província, qualquer agricultor europeu dos poucos que por então cá havia, ter ao seu serviço na propriedade centenas de indígenas a trabalharem no amanho das terras.

Nessa época as actividades industriais eram quase nulas, as cidades eram pequenas e pouca mão-de-obra absorviam e os nativos pouca agricultura faziam por conta própria.

Assim não havia dificuldade de conseguir por baixo preço a quantidade de trabalhadores desejados.

Não há duvida nenhuma que os tempos mudaram bastante e os agricultores estiveram ou estão ainda os mais renitentes a adaptar-se ás novas condições.

Pretendem eles, por vezes, continuar a fazer as lavouras com o auxilio de bois.

Está provado que para executar o serviço de um tractor como o Ferguson, por exemplo, são necessários de 24 a 40 animais com todas as suas alfaias e homens, consoante as caracteristicas do terreno e do serviço a efectuar.

Para rebater esta opinião basta mencionar o facto de que o rendimento dado por 4 vacas leiteiras de qualidade média é suficiente para cobrir as despesas feitas pelo acima mencionado tractor e alfaias, verba para reparações e consumo de combustiveis e lubrificantes.

Além disso o tractor é uma máquina que executa os serviços com rapidez e bastantes vezes trabalhando dia e noite, o que é impossivel com os animais.

Em nenhuma outra actividade o sucesso depende tanto dos trabalhos efectuados no tempo oportuno como na agricultura.

A demora de alguns dias mais na execução da lavra, da gradagem, da sementeira e até mesmo da colheita em algumas variedades, pode comprometer sèriamente o trabalho de um ano inteiro.

Nos velhos tempos o problema era simples; era questão de admitir na altura própria mais 50 ou menos 50 indigenas.

Hoje, porém, a coisa é diferente.

A mão-de-obra escasseia, ou para sermos mais precisos, a mão-de-obra suficientemente barata para ser utilizada na escala em que o era, escasseia, pois durante os anos a que por cá andamos nunca vimos um agricultor ter dificuldade em conseguir os serviços de um condutor de camions ou tractorista.

Com o extraordinário incremento da industria e o desenvolvimento sempre crescente das cidades nos ultimos tempos, locais onde o indigena de uma forma geral é mais bem pago, o trabalho exige menos esforço fisico e a vida tem mais atractivos, muitos foram os que fugiram do campo para se dedicarem a actividades nestes meios.

Por outro lado, muitos outros preferem, o que aliás é naturalíssimo, trabalhar na agricultura, sim, mas por conta própria.

Desta forma o agricultor só tem uma solução: é mecanizar.

Com muito menos mão-de-obra, embora mais bem paga, produzir muito mais.

Tudo isto faz parte do processo natural da valorização do homem pondo a máquina ao ser serviço.

De há dois ou três anos para cá, estamos a assistir a um facto que temos de aceitar também como natural, mas que se fosse contado a um velho colono que tivesse saído de Moçambique há 20 anos e com esta terra perdido o contacto, não o acreditaria; é o principio da mecanização da agricultura indígena por iniciativa do próprio indigena.

Entre os que preferem trabalhar na terra, os melhores começam a distinguir-se.

Com o auxilio e os ensinamentos que as brigadas técnicas do Estado lhes proporcionam aumentam os seus conhecimentos e como as terras não faltam, a natural ambição do homem impele-os para o desenvolvimento e começam eles também nessa altura a debater-se com o mesmo problema dos agricultores europeus: falta de braços para trabalhar devidamente áreas maiores.

Como as máquinas, porém, são dispendiosas na sua aquisição para a, regra geral, magra bolsa do indigena, alguns casos há em que, auxiliados pelas entidades oficiais, estão a ser constituidas cooperativas de agricultores, cujo fim principal é a compra e utilização da máquina em campos colectivos e a venda em melhores condições dos seus produtos.

Não temos duvidas de que, com os resultados que estas cooperativas obtiveram, mais tarde ou mais cedo, subdividir-se-ão em numero de agricultores cada vez mais pequeno por cada máquina, até chegar á propriedade individual que é sempre a ambição máxima do homem normal.

O processo pode não parecer muito rápido para aqueles que, como nós, aspiram ao desenvolvimento da terra em que vivemos, mas é seguro e não pára.

Além disso, a mecanização da agricultura traz problemas começando pela própria forma de mecanizar, que têm de ser estudados em pormenor e aplicados á prática com cuidado para se evitarem os fracassos, especialmente quando se trata de mecanização de agricultores indígenas apoiada pelas entidades oficiais.

A' escolha da máquina que deve ser suficientemente versátil, simples e robusta sem ser dispendiosa e á instrução adequada do pessoal que com ela vai trabalhar, deve ser dada a máxima atenção.

E importante, também, não esquecer a necessidade de se poder contar com um serviço de assistência técnica eficiente, que mantenha tractores e alfaias a trabalhar devidamente, assim como com a possibilidade de se terem sempre á mão as peças necessárias para substituições, pois a falta das mesmas pode ocasionar a paragem das máquinas por periodos longos, o que, em certos casos, pode comprometer, senão inutilizar as culturas desse ano.

Um tractor conduzido por um nativo

Não há duvida que para a pequena e média propriedade e para trabalhos auxiliares e complementares nas grandes explorações, o tractor «Ferguson» e o extraordinário conjunto de alfaias que o completam é o mais versátil, o mais simples e o mais económico, em relação á quantidade e qualidade de serviços que presta.

A atestar o que atrás mencionamos estão as centenas de máquinas que foram postas a trabalhar nos ultimos anos nesta provincia, tendo a proporção sido superior a 50 % em relação a todas as outras máquinas congéneres.

Além disso, o *Entreposto Comercial de Moçambique*, firma que representa este material nesta provincia, tem ao seu serviço um grupo de técnicos competentes, alguns dos quais especializados em cursos tirados nas próprias fábricas em Inglaterra, ou numa escola de mecanização agrícola mantida pelos representantes da «Ferguson» na União Sul-Africana.

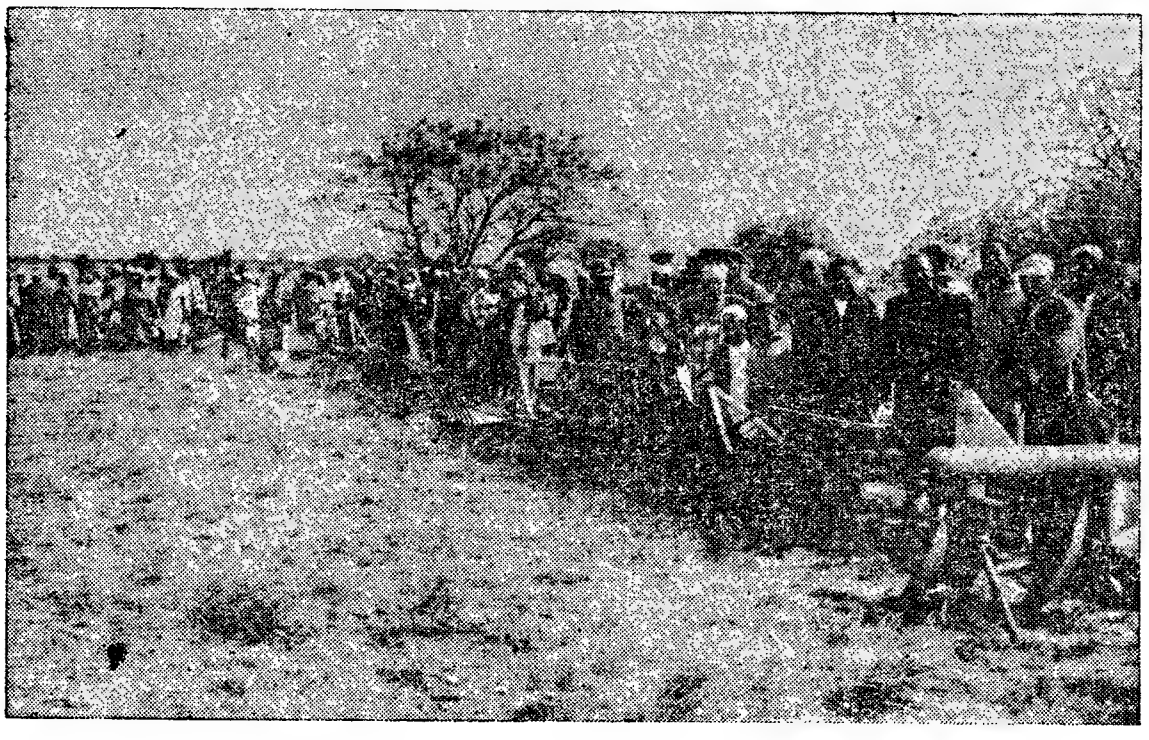
São mantidas também em armazem, em Lourenço Marques, Beira, Vila Pery, Quelimane e Nampula, enormes quantidades de peças sobressalentes de forma que aos agricultores esteja garantida a continuidade de trabalho das máquinas adquiridas.

É normal hoje encontrarem-se nas estradas de Moçambique as pequenas camionetas cinzentas com o distintivo do «Sistema Ferguson» nas portas, em que se deslocam os mecanicos da mencionada firma para prestarem assistência aos tractores que estão a trabalhar muitas vezes em longínquas propriedades que ficam quase a 1.000 kms. dos centros populacionais.

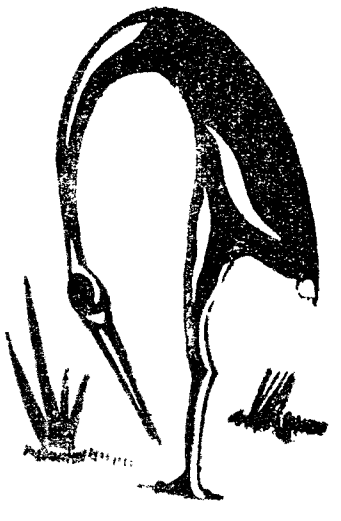
Durante os anos de 1954 e 1955 ,e com a cooperação da Repartição Técnica de Agricultura e da própria fábrica que enviou alguns dos seus técnicos, levou a efeito o Entreposto Comercial de Moçambique, 9 cursos de tractoristas através de todo o território, tendo o primeiro sido efectuado perto de Lourenço Marques. na Quinta Experimental do Umbeluzi, e o ultimo no Posto Agronómico de Ribaue, perto de Nampula.

Nestes cursos foram devidamente instruidos dezenas de técnicos do Estado e agricultores europeus e centenas de indigenas que os seguiram com o máximo entusiasmo.

E natural, portanto, que tanto os particulares como as próprias entidades oficiais apreciem e correspondam, até mesmo porque isso lhes convém, ao esforço feito pelo Entreposto em prol do desenvolvimento da mecanização da agricultura na Provincia de Moçambique.



Os indígenas na Escola Movel de Mecanização Agrícola

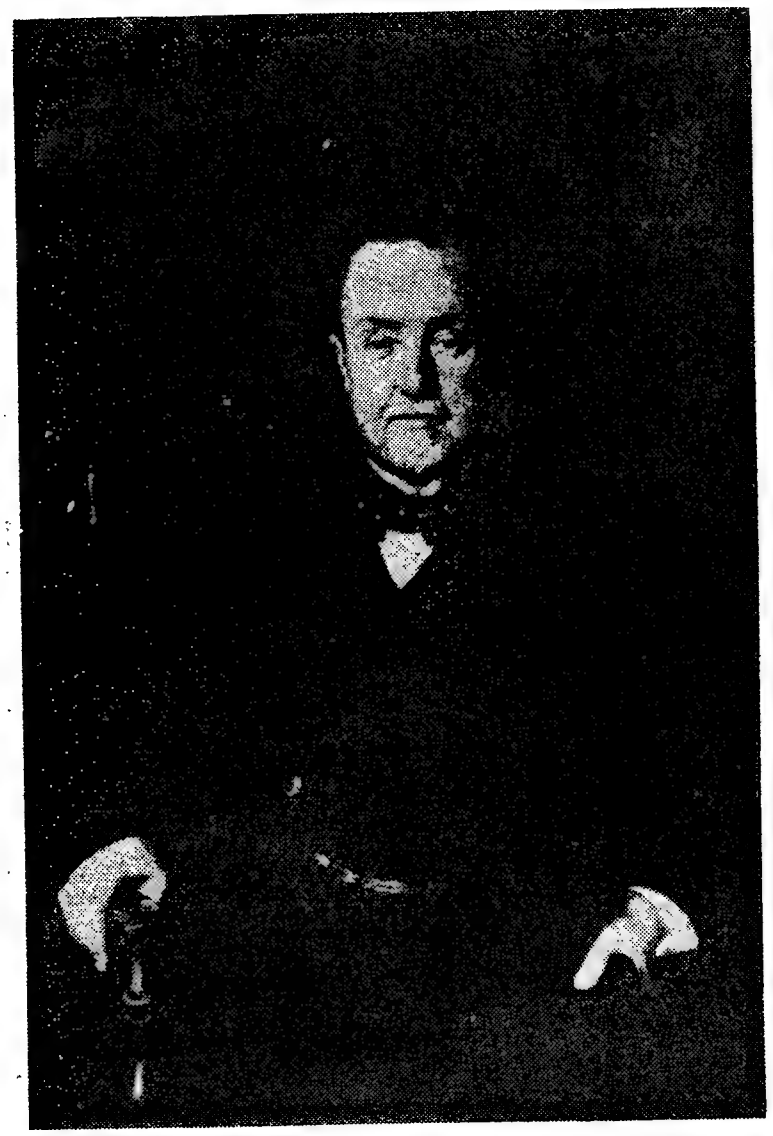


A INDUSTRIA AÇU

na província de

E A POSIÇÃO D

da Sena Sugar



John Peter Hornung

1861 – 1940

Velhas tradições

Largas são as tradições dos Portugueses quanto á produção do açucar. A colonização das terras de Santa Cruz, após a exploração do pau, rubro, cor de brasa, que deu o nome áquele vasto império — legitimo orgulho de Portugal — desenvolveu-se em torno dos engenhos açucareiros.

Reinava, então, D. João III, o soberano de visão esclarecida a quem se devem as bases sobre as quais assentou a nossa posse dessas terras imensas de além-mar.

Engenho do Governador se chamou a primeira moenda e, a esse, outros se seguiram, iniciando novo ciclo no desenvolvimento económico do Brasil. Uns a tracção animal, outros a água — certamente reprodução das nossas bucólicas azenhas — foram os

engenhos cobrindo o território. O mais importante, o de Sergipe, foi legado aos jesuitas.

Ao que parece, em 1584, existiam 115 moendas, produzindo 350.000 arrobas, numero que em 1628 aumentou para 235. Os nossos açucares, quer do Brasil, quer da Ilha da Madeira — estes ainda mais apreciados—abasteciam, nesse remoto século XVI — o *século de oiro* — as refinações da Europa.

Ao progresso da industria seguiu-se o seu declinio na ilha da Madeira e noutras parcelas ultramarinas, apenas se mantendo a produção do Brasil. Segundo o lúcido historiador João Lúcio de Azevedo, na sua obra «Épocas de Portugal Económico», «ao porto do Recife cada ano vinham a carregar açucar de 130 a 140 embarcações, de porte correspondente a 40 naus da India, digamos 20 mil toneladas. Em 1552, quando a industria sòmente começava no Brasil, avaliava-se o açucar de todas as procedências vindo a Lisboa em 70 mil cruzados; e sessenta anos depois em um conto de ouro, um milhão».

Foi, porém, na primeira década do século XVIII que a industria açucareira alcançou o seu apogeu. A cana sacarina, os jesuitas — que nas terras de Santa Cruz escreveram o canto XI dos Lusiadas, no dizer autorizado de um escritor contemporaneo — consagraram estudos e até poemas. Mas na 2.ª metade do século XVIII, a decadência surgiu, devido, segundo Lúcio de Azevedo, não só ás exigências do fisco como, também, a não terem sabido os fabricantes diminuir as despesas da produção, como o faziam os competidores estrangeiros.

Estava prestes a terminar o ciclo do açucar; ia desenvolver-se o do ouro. Depois, deu-se a independência do Brasil e, decadentes, também, os outros centros de produção, Portugal, que ocupara a vanguarda da industria, viu-se obrigado a importar o precioso género...

O açucar na Zambézia

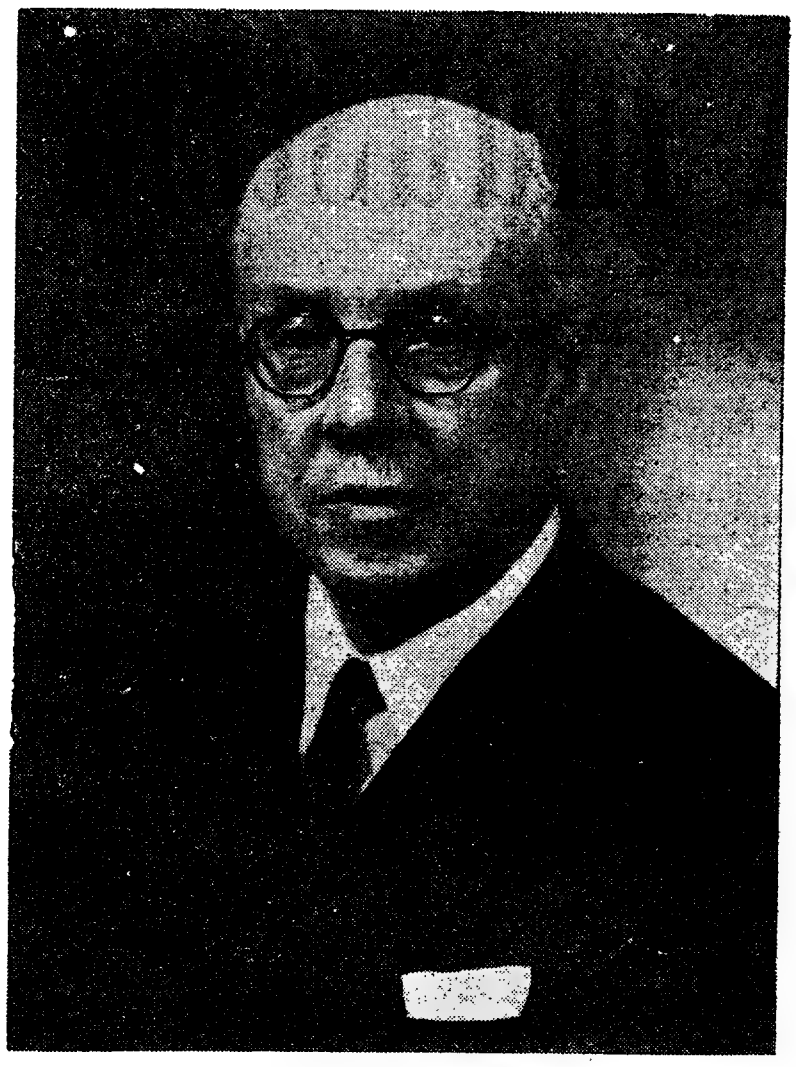
Com a chegada á Zambézia de John Peter Hornung (1861-1940), reatou-se em Moçambique a nossa tradição açucareira. Pioneiro arrojado e de larga visão, cujo esforço foi justamente reconhecido pelo Estado Português que lhe concedeu a Ordem Militar de Cristo, John Peter Hornung, quando eram extremamente dificeis as condições da Zambézia, mostrou excepcionais qualidades para as enfrentar. Segundo a obra «Moçambique e o problema açucareiro», «nesse tempo, as condições politicas e sociais da Zambézia eram, na verdade, terriveis. Para as enenfrentar com espirito construtivo, era precisa uma coragem quase sobreumana. Desbravar a selva, plantar canaviais, montar e pôr a funcionar a fábrica de Mopeia — a 120 quilómetros do litoral em linha recta — tinha sido só por si empreendimento que parecia desafiar a energia mais firme e o engenho mais perspicaz. Os transportes — em quantidade superior a 500 toneladas — fizeram-se de Quelimane a Mopeia, em lanchas, pelo rio Quá-Quá. Nada estava preparado para eles e cada viagem parecia repetir as peripécias duma empresa de descoberta. As barcaças seguiam á sirga e todas as noites os trabalhadores adormeciam á vista do seu acampamento da véspera. Não havia meios de desembarque. Já hoje se não pode facilmente imaginar o trabalho, o esforço e os sacrifícios de toda a ordem que a empresa exigiu — desde a reunião de capitais, esquivos então muito mais do que hoje a aventuras em regiões inexploradas e inóspitas, da improvisação dos meios de transporte, da montagem das máquinas, do recrutamento, alojamento e ensino dos trabalhadores, do desbravamento do solo, da plantação dos canaviais, até ao momento em que as plantações na Mopeia puderam ser postas em condições de funcionar e em que a organização comercial e de fretes se achou em posição de escoar o produto para regiões longinquas».

Tal actividade, cuja descrição consta profusamente de relatórios oficiais e particulares, desenvolveu-se dentro da politica construtiva do grande colonialista que foi António Enes. E, assim, em 1893, a Companhia do Açucar de Moçambique, antecessora da Sena Sugar Estates, Limited, iniciava, com a sua laboração, exportando para a Metrópole o primeiro açucar daquela Província, o ciclo do açucar moçambicano.

Co
em
prim
zia
com
capa
nela
a fá
pala
cons
rone
(189
tone
riod
Me
tória
mór
A
1902
Luab
reira
Sena
a 19
atin

Instalações da Fábrica Marro

JCAREIRA
e Moçambique
E RELEVO
Estates, Limited



Coronel Charles Bernard Hornung

1893 — 1953

mo já vai longe esse tempo que a fábrica de Mopeia — a eira a funcionar na Zambé- iniciou a sua actividade uma moenda manual cuja idade não excedia 1 a 2 to- as de cana por hora... Hoje, irca do Luabo — a ultima ra da técnica da industria, uída por iniciativa do co- Charles Benard Hornung -1953) — pode esmagar 120 adas de cana em igual pe- de tempo...

do século, se é pouco na his- do Mundo, é munto na me- dos homens...

fábrica de Marromeu data de a do Caia de 1904; a do o — a maior unidade açuca- de Portugal — de 1922. A Sugar Estates que, de 1893 4, produziu 24.566 toneladas, iu, no período de 1945 a 1954, a produção de 563.440 toneladas.

Falam os números

Desde o início que a actividade açucareira na Zambézia tem como finalidade o abastecimento de Portugal com açucar português.

Mas, para conseguir tal resultado, teve a Sociedade de vencer as dificuldades da grande crise açucareira que motivaram o encerramento das fábricas do Caia e de Mopeia, o que causou um prejuizo pelo menos de 600.000 libras, inundações e secas alternadas, pragas de insectos e outras catástrofes que a prejudicaram, diminuindo sensivelmente a sua produção. Contudo, apesar de todas as contingências, em breve a Sena Sugar atingirá o montante anual de 100.000 toneladas, através das suas fábricas de Luabo e Marromeu, nas margens do rio Zambeze.

Além dessas, a Sena Sugar Estates, Ltd., em cooperação com a Sociedade Industrial do Ultramar, possui em Lisboa a maior refinaria do País e uma das melhores da Peninsula — a Refinaria do Ultramar — situada na margem direita do Tejo, com uma área de 20.000 m2, apetrechada com os mais modernos maquinismos e utilizando os mais recentes processos de fabrico. A sua capacidade diária de produção é de 150 toneladas de açucar refinado, em regime de laboração normal, ocupando, sem contestação, o primeiro lugar no abastecimento de açucar á população do continente, quer em quantidade, quer em qualidade. Não são despropositados alguns, ainda que ligeiros, numeros estatisticos. O lugar da Sena Sugar Estates no abastecimento da Metrópole — lugar imposto pelo rateio legal — é dado pelo quadro seguinte:

Total fornecido em ton.ms

Anos	Pelo Ultramar	Pela S.S.E.
1939	68.313	20.763
1940	62.224	16.480
1941	62.711	18.415
1942	83.212	23.213
1943	59.857	16.100
1944	72.580	16.460
1945	72.141	15.349
1946	75.471	27.570
1947	74.009	21.745
1948	66.597	21.340
1949	86.409	28.700
1950	81.290	20.504
1951	72.489	26.286
1952	101.839	33.242

No mesmo espaço de tempo, o consumo de Moçambique quadruplicou.

Têm sido numerosos os estudos, investigações e experiências que a Sena Sugar realizou no sentido de apurar os tipos de cana que melhor se adaptam aos terrenos da Zambézia. A cana sacarina, que não é originária de África, parece ter sido levada da ilha da Madeira, pelos navegadores portugueses. Os campos de cana ocupam a extensão de 16.000 ha. em torno das fábricas de Luabo e Marromeu.

Modelares instalações

A partir de 1950, iniciou-se uma fase de reapetrechamento das fábricas que se tornou mais ampla desde a publicação do decreto-lei n.º 38.701.

Tem a Sena Sugar Estates, nas propriedades do Luabo, 122 kms. de linha permanente, e 22 kms. de linha portátil, e, nas propriedades de Marromeu, 93 kms. e 17 kms., respectivamente. Os comboios, além do transporte de cana, conduzem os trabalhadores entre os acampamentos e os locais de trabalho. Neles são utilizados mais de 1.500 vagões.

Nas linhas principais usam-se locomotivas, de vapor ou Diesel que levam os comboios de cana até ás fábricas, as quais consomem mais de 5.000 toneladas de cana em 24 horas. Foi construida, também, uma linha férrea do Caia a Marromeu, com 88 kms. de extensão. A meio caminho, na Chupanga, onde estão sepultados os restos mortais da esposa do explorador Livingstone, existe um aeródromo moderno, construido pela Sena Sugar, onde fazem escala, bissemanalmente, os aviões da Deta, que ligam a Empresa a todos os pontos de Moçambique, havendo outros aeródromos nas propriedades de Luabo e Marromeu.

A carga é transportada por barcos e batelões fluviais ou por vapores costeiros, através do porto do Chinde, onde a Sena Sugar tem as suas oficinas, apetrechadas para conservação e reparação da sua frota de barcos e batelões. Naquele porto, a Sociedade possui rebocadores e pontões destinados ao armazenamento do açucar enquanto aguarda embarque. É deles que o açucar é carregado para os barcos do serviço costeiro.

Além das suas extensas plantações de cana, a Sena Sugar explora, no delta do Zambeze, um palmar de copra que produz mais de 500 toneladas, por ano, aumentado e modernizado ultimamente. Em vários pontos do delta existem serviços de corte de lenha que fornecem o combustivel necessário aos barcos fluviais e locomotivas das propriedades e abastecimento dos indigenas. Uma salina fornece o sal necessário ao abastecimento do seu pessoal. A Mopeia — berço da cultura sacarina em Moçambique — é agora o centro das actividades algodoeiras da Sena Sugar e o local de concentração dos trabalhadores indigenas recrutados no Norte da Zambézia. O pessoal em Mopeia procede á distribuição da semente de algodão aos indigenas e dirige a cultura feita pelas mulheres nativas. Na altura da colheita, o algodão em caroço é adquirido aos indigenas nos vários mercados estabelecidos pela Empresa em diversos pontos da sua concessão. Dos mercados, o algodão é transportado em camionetas, ou pelos barcos fluviais e batelões, á instalação de descaroçamento em Mopeia, onde é preparado o algodão-fibra que se exporta para a Metrópole.

Também é digna de menção a exploração pecuária da Sociedade, destinada á alimentação dos seus empregados, europeus e indígenas e que excede, actualmente, a cifra de 8.000 cabeças de gado bovino, ovino, caprino e suino. Também á pecuária vem a Sena Sugar dedicando a melhor atenção, melhorando as suas raças com a aquisição de padreadores, tendo sido a introdutora em Moçambique do medicamento «Antrycide». A tripanosomiase, outrora de efeitos extraordinariamente devastadores, é combatida eficazmente com os mais modernos medicamentos. As principais áreas de pastagem estão situadas entre Luabo e Mopeia.

meu

Obra de colonização

A Sena Sugar realizou, indubitavelmente, uma inestimável obra de colonização na Zambézia através das suas plantações, das fábricas, dos aldeamentos indígenas, e das povoações onde habitam os empregados europeus. Milhares de indigenas estão, mercê da Sena Sugar, em contacto directo com o branco, adquirindo hábitos e necessida-

(Continua na página seguinte)

A Indústria Açucareira

(Continuação da página anterior)

des que o vão fazendo subir na escala da civilização. Por outro lado, o vasto hiterland vai sendo ocupado progressivamente por europeus, que, fixando-se á terra generosa de Moçambique, a vão tornando naquilo que ela deve ser — um complemento da Europa. A Sena Sugar emprega cerca de quatro centenas de europeus e equiparados — dos quais cerca de trezentos portugueses — a quem concede confortáveis habitações, licenças com vencimento por inteiro e um plano de pensões nos mais modernos moldes, que concede reformas e subsídios por morte. Além disso, mantém escolas primárias em

Luabo e Marromeu, casas de recreio com cinema para europeus, e campos desportivos — cortes de ténis, campos de golfe e futebol. Um cinema com filmes para indígenas percorre as propriedades.

Nas propriedades de Luabo e Marromeu existem hospitais para europeus e assimilados e para indígenas, os melhores da Província, dotados dos mais modernos requisitos, instalações modernas, enfermarias higiénicas, quartos com ar condicionado e casa de banho privativa, salas de consulta e de operações, farmácia, laboratório de análises, depósito de medicamentos, agentes físicos e Raios X. Também a Refinaria do Ultramar tem, no ambito da organização corporativa, uma notável obra de assistência, além dos benefícios concedidos pela Caixa de Previdência privativa da Sociedade, presta ao pessoal larga assistência médica, fornece refeições ligeiras, concede subsídios de férias e patrocina obras de carácter cultural e recreativo.

Em matéria de assistência ao seu pessoal é de assinalar, também, que os serviços de saude privativos da Sena Sugar fornecem, gratuitamente, assistência médica, enfermagem e medicamentos. Tem a Empresa envidado os melhores esforços para que os seus serviços de saude sejam modelares. A assistência médica é prestada a todos os indígenas, mesmo que não sejam seus trabalhadores, citando-se o facto de, em ocasiões de epidemia de varíola, terem sido vacinadas em massa populações nativas. Em todos os acampamentos existem postos sanitários e enfermeiros, para tratamentos de menor importancia.

Os acampamentos de trabalhadores indígenas—3 Sena Sugar emprega 21.000 — são construídos segundo as mais rigorosas condições higiénicas com balneários e instalações sanitárias.

A alimentação dos indígenas

Não se poupando a despesas, a Sociedade pretende que as condições de vida dos indígenas, enquanto trabalham nas plantações e fábricas, sejam as melhores. Neles abundam árvores de fruto — laranjeiras, toranjeiras, limoeiros, tangerineiras, goiabeiras, mangueiras, amoreiras, anoneiras, ateiras, bananeiras, romanzeiras e cajueiros — e plantações de abóboras, que produzem dezenas de milhar de frutos utilizados na sua alimentação.

As rações dos indígenas foram escrupulosamente estudadas por médicos especializados e técnicos de problemas alimentares, sendo-lhes fornecidas 4.480 calorias diárias (1.175,2 de proteínas, 5.622,4 de hidrocarbonatos, e 699,4 de gorduras), em quantidade muito superior ao mínimo exigido. São fornecidos aos indígenas 8.630 gramas de alimentos semanais: 6.300 de farinha de milho, 500 de amendoim, 250 de carne, 500 de peixe, 750 de feijão e 330 de cocos, além de sal. A cana da açucar é-lhes fornecida abundantemente. De tal sistema de alimentação resulta que as percentagens de mortos e hospitalizados são das mais baixas da África Oriental.

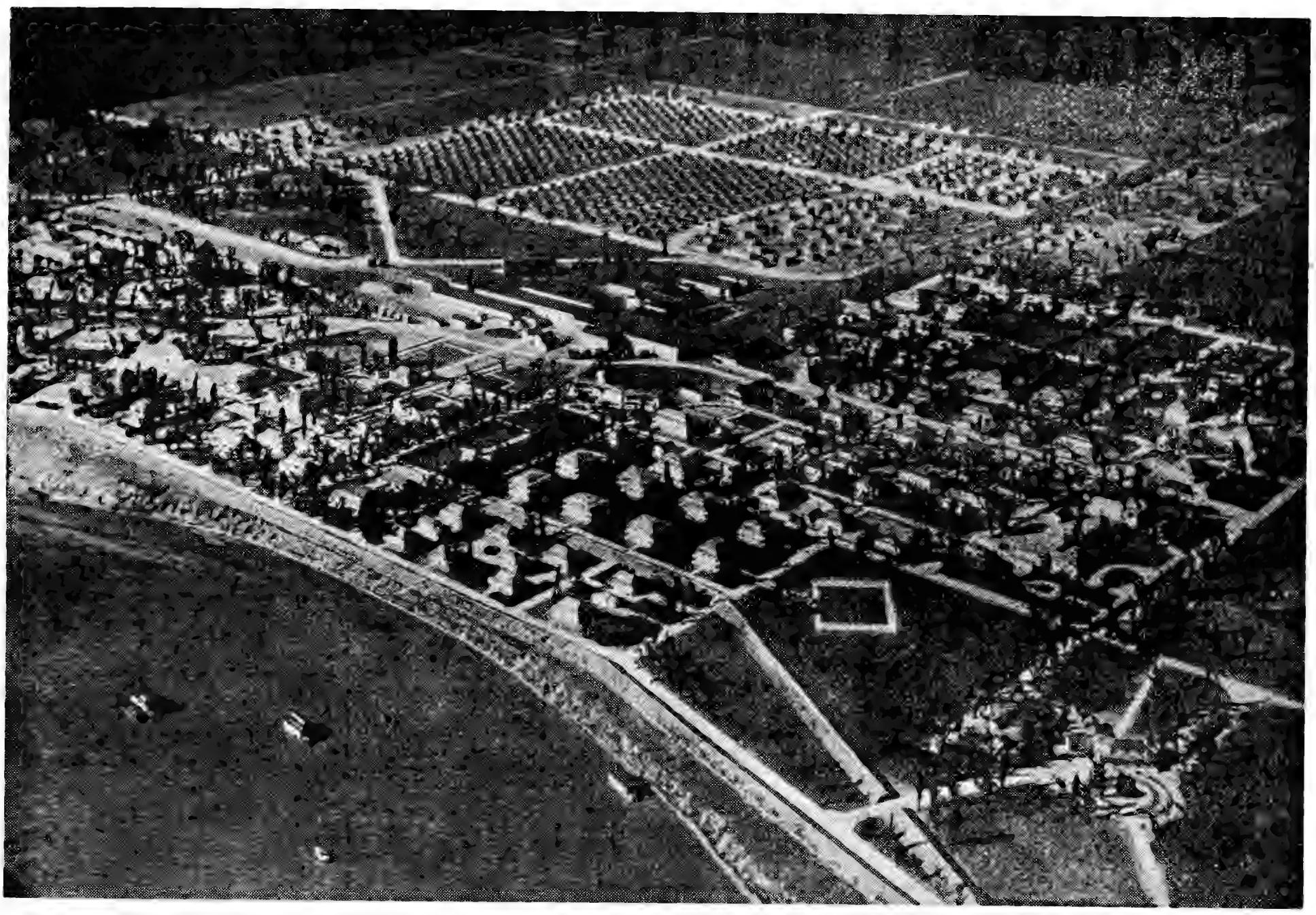
Uma obra de grande interesse nacional

Tal é a prodigiosa e patriótica acitividade da Sena Sugar Estates, Limited, — uma das maiores unidades produtoras de açucar do Mundo — que vem realizando, indiscutivelmente, uma obra de grande interesse nacional.

Pode dizer-se que se trata de uma das primeiras — se não a primeira — das empresas de Moçambique. De 1932 a 1952 foi a firma que mais concorreu para o fundo cambial da Província com cerca de 661 mil contos.

Volumosos impostos, direitos aduaneiros e outras taxas dão entrada nos cofres de Moçambique; avultado numero de europeus equiparados e indígenas têm trabalho nas plantações, fábricas, escritórios e outros serviços. O activo fixo na escrita da Sena Sugar era ultimamente representado por cerca de 4 milhões de libras esterlinas, sendo, porém, mais do que o dobro aplicado em instalações agrícolas e industriais.

Como se lê na monografia «Sena Sugar Estates, Limited», a Sociedade «procurou ser no Ultramar um elemento util, pelo desenvolvimento ininterrupto das suas actividades agrícolas e industriais, pelo largo investimento dos capitais que o mercado reclamava e reclama, pelo emprego dos mais avançados progressos técnicos de cultura e fabrico, pelo exemplar cumprimento dos deveres que a sua posição de colonizadora lhe impunha perante a população indígena».



Instalações da Fábrica do Luabo

Actividades económicas de Moçambique

Cerca de 26.000 trabalhadores indígenas

ocupam-se em Moçambique na cultura do sisal

Durante a nossa estada em Lourenço Marques tivemos o prazer de assistir á oitava Assembleia Geral Técnica da Associação dos Produtores do Sisal, — uma iniciativa feliz, cuja ideia básica foi, por meio de comunicações e das respectivas discussões, nivelar os conhecimentos dos técnicos, de modo que, com a sua disseminação, se constitua um conjunto onde o valor colectivo se sobreponha ao valor individual. E' critério seguido em tais assembleias, que os trabalhos apresentados versem, não só os problemas eminentemente técnicos, mas outros ligados á cultura, e que neles de modo algum seja imprimido qualquer carácter académico, dando-se a todos um integral sentido de aplicação prática.

A' importantíssima reunião presidiu, em representação do Governador-Geral, o Secretário provincial, comandante Correia de Barros, pessoa ligada hoje, profundamente á economia de Moçambique que tem visitado diversas plantações de sisal, demonstrando que o seu interesse pelos problemas económicos «não se tem liimtado, felizmente, á observação estática desses problemas, mas também ao conhecimento directo deles», com o que, aliás, todos os que trabalham em Moçambique lucram.

Isto foi bem acentuado na reunião, pelo sr. dr. Alvaro Soeiro, o activo presidente da direcção da Associação dos Produtores do Sisal, que declarou, a certa altura:

—Em Moçambique procurámos prepararmo-nos para atenuar os efeitos de uma crise que se previa, embora não tão forte como foi, e nesse sentido procurámos melhorar as nossas condições técnicas e os trabalhos da Associação indicam o que foi feito.

No seu discurso, disse também o sr. dr. Alvaro Soeiro:

—Um outro importante elemento para podermos lutar com vantagem nas actuais circunstancias reside numa maior assiduidade e produtividade do trabalhador indígena. Quanto á primeira, já muito se conseguiu, graças ás providências tomadas pelo Governo da Província, mas quanto á produtidivade a melhoria tem sido pequena e há ainda um longo caminho a percorrer. O muito amor que tenho a uma obra a que me dediquei há tantos anos, fez-me prolongar demasiadamente em coisas de que V. Ex.ª tem perfeito conhecimento.

Tratando-se de uma actividade tão importante para Portugal, e especialmente para Moçambique, quisemos registar, como devíamos, neste numero especial do «Diário de Lisboa», o depoimento do sr. dr. Alvaro Soeiro, a quem começámos por perguntar quantos hectares ocupa, actualmente, a cultura do sisal, em Moçambique.

Respondeu-nos:

—A cultura do sisal tem de ocupar grandes áreas, por ser uma cultura extensiva. Em Moçambique, existem 50.000 hectares. Destes, poucos mais de 30.000 estarão em produção, pois a planta vive, de uma maneira geral, três anos sem produzir, e os sete seguintes produzindo.

—Quanto a produção?

—A produção do corrente ano deve ser de 30.000 toneladas. Ter-nos-ia sido muito fácil aumentar muito a produção, mas, para isso, tinhamos, não só de sacrificar a qualidade, como também de desrespeitar as regras técnicas que a cultura do sisal exige. Alguns países produtores seguiram este critério, sacrificando o futuro ao presente; mas em Moçambique preferiu-se poupar o presente para garantir o futuro. Todo o nosso esforço se emprega, não em aumentar indiscriminadamente a produção do sisal, mas em aumentar a sua produção por hectare, de modo a dar á sua economia uma maior segurança.

No acto da inauguração da Conferência Técnica da Associação dos Produtores de Sisal

—Quantos indígenas prestam, actualmente, serviço, aos produtores de sisal?

—Actualmente, trabalham nessa cultura, cerca de 26.000 indígenas. O trabalhador indígena, por quem sinto sempre o maior carinho, e para quem os plantadores de sisal têm feito uma política social verdadeiramente notável, não tem ainda uma ideia tão exacta das suas obrigações, como a tem já dos seus direitos. A produtividade é ainda baixa, muito baixa em relação aos trabalhadores rurais europeus. Graças ás providencias tomadas pelo Governo da Província, não há duvida de que o indígena melhorou muito, no seu aspecto social e de que melhorou também na sua eficiencia. Nas plantações de sisal de Moçambique, a vida do trabalhador indígena nada fica a dever aos mais adiantados países africanos, e casos há em que vamos mesmo na vanguarda.

Falámos, depois, da assistência médica aos que se ocupam na exploração do sisal. E o sr. dr. Alvaro Soeiro disse-nos:

—A assistência médica é francamente boa. Temos excelentes hospitais, com enfermarias para 80 doentes, sala de operações e esterilização, banco, consulta externa, etc., tudo dirigido por médicos e enfermeiros privativos, que dispensam a sua assistência, não só aos seus trabalhadores, mas a todos os indígenas que procuram os seus serviços. No próximo ano, a Associação dos Produtores de Sisal de Moçambique publicará um trabalho, com excelentes elementos estatísticos, sobre o que tem sido a assistência médica nas plantações, nos ultimos anos.

Quanto a mercados onde entra, ou onde se tenta fazer entrar o nosso sisal, o sr. dr. Alvaro Soeiro afirmou-nos que o maior mercado do nosso sisal é hoje os Estados Unidos da América:

—E não foi — salientou — sem muitos esforços e sacrifícios, que fizemos a conquista desse mercado. E é hoje o sisal que com mais dólares contribui para a economia de Moçambique: quarenta e quatro por cento do total.

—E, além dos Estados Unidos?

—Os nossos principais clientes são a França e a Alemanha.

—Qual o valor dos investimentos agrícolas e industriais, para o sisal?

—E' difícil dizer-se qual foi esse investimento, mas a cifra de dois milhões de contos deve aproximar-se muito do seu real valor. Uma plantação de sisal obriga a um elevadissimo empate de capital, ainda mesmo antes de iniciar a sua produção.

A terminar, perguntámos ao sr. dr. Alvaro Soeiro quais as outras culturas que o sisal permite, nos terrenos que lhe estão dedicados. E o presidente da direcção da Associação dos Produtores do Sisal informou-nos:

—Em Moçambique, usamos muito pouco as culturas intercalares, pois estamos preferindo as culturas das leguminosas, no sentido de enriquecer o solo. Em certos casos excepcionais, e nos dois primeiros anos de vida, cultivamos milho. Fora das áreas do sisal, plantámos já muitas árvores de fruto, o que se está intensificando; mas elas são destinadas exclusivamente á alimentação dos nossos trabalhadores.

Os Correios, Telégrafos e Telefones

de Moçambique e a sua acção

OS C. T. T. DE MOÇAMBIQUE constituem um sistema de serviços explorados em comum e entreajuda por um departamento especial do Estado, dotado de personalidade jurídica e autonomia administrativa e financeira.

Os lucros gerais são totalmente votados ao contínuo progresso e desenvolvimento dos meios e apetrechamento, postos á disposição das populações e no conjunto geral do território, graças aos benefícios obtidos na execução de certas tarefas, consegue-se manter outras que não seria possivel realizar senão através dum sistema fechado com os C. T. T.

De longe — 1799 — a execução das primeiras tarefas de Correios em Moçambique pela aplicação dos alvarás régios de 20 de Janeiro e 24 de Março de 1798 e após a total unificação operada em 1908, o sistema atingiu finalmente em 1928 e 1944, a sua textura actual, vasada nos moldes mais modernos e que está dando hoje passos largos e firmes.

O volume do Orçamento total dos Serviços operados pelo sistema, está prestes a dobrar os 100 milhares de contos, mas ele não é um sistema rico e de fortes lucros, apenas, a par das actividades mais salientes do território é uma forma de progresso que está sob o ponto de vista financeiro e sem quaisquer subsidios, através de um árduo trabalho, abrindo e pagando ela própria o seu próprio caminho.

Os serviços executados pelo sistema alargam-se a um vasto grupo de tarefas já hoje clássicas na maioria dos países e que abrangem a par do serviço telefónico e telegráfico, todas as operações relacionadas com Correspondências, Valores Declarados, Embolsos, Encomendas, Depósitos (Caixa Económica Postal), Vales, Transferências Postais, Cobranças e Selos Postais.

O volume actual destas operações cifra-se nos valores anuais seguintes:

Telecomunicações (Telefones e Telégrafo), 10.280.000 chamadas e 2.233.000 telegramas com 42.900.000 palavras;

Depósitos e reembolsos (Caixa Económica Postal) 158.000 operações no valor de 1.019.217 contos;

Vales e transferências postais, 425.200, num montante de 1.430.300 contos, manejado sensivelmente metade na Emissão e metade na Recepção;

Ordens postais, 33.900 no valor de 2.196 contos;

Embolsos, 133.000 no valor de 36.900 contos;

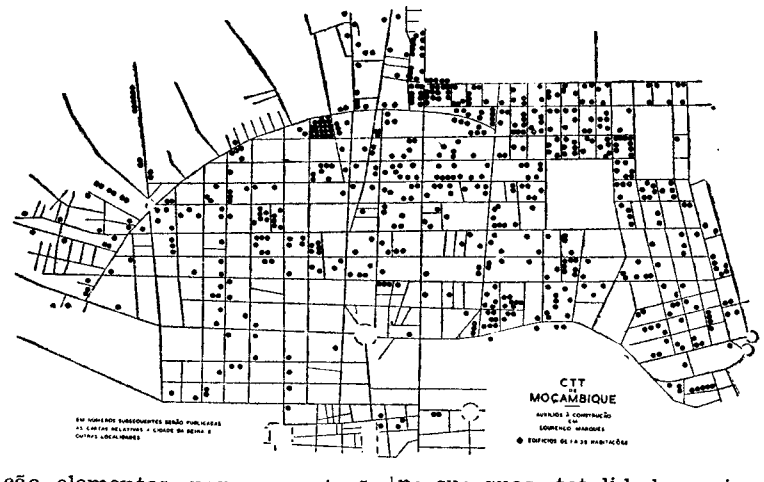
Cobranças, 25.000 no valor de 4.050 contos;

Encomendas postais, 427,000.

Os diferentes sectores da população distribuiem a sua atenção conforme as tarefas que mais lhes interessam e de que mais beneficiam e portanto, nem sempre o sistema é avaliado no seu conjunto.

Há os que fazem um largo uso das telecomunicações, outros interessam-se sobretudo pelas correspondências ou pelo tráfego das tarefas enunciadas anteriormente, muitos sendo os particularmente sensíveis ás actividades do sector dos Depósitos (Caixa Económica Postal) pela razão simples de ser o unico serviço dos C. T. T. que empresta dinheiro e havendo até há pouco tempo entre alguns, a singular opinião de que era o unico sector dos C. T. T. que tinha importancia.

Sobre as diferentes tarefas vêm os C. T. T. publicando referências mais ou menos desenvolvidas de modo a dar á população elementos para apreciação dos diversos modos como os vários sectores dos C. T. T. incidem por forma particularmente sensível no desenvolvimento do território que servem.



O Serviço de Depósitos dos C. T. T. de Moçambique (Caixa Económica Postal), cifra-se hoje em cerca de 40.000 cadernetas (depositantes) com um valor anual de crescimento da ordem dos 25.000 contos e o seu movimento geral é hoje distribuido por 50 estações espalhadas pelo território, estando-se progressivamente alargando a outras mais a execução destes serviços.

O movimento total das importancias com que ao longo de vários anos de actividade os C. T. T. têm concorrido também para o desenvolvimento da Província, na sua quase totalidade em imobiliários, atingiu em Dezembro de 1955, 1.132.000 contos. Há que levar em conta a progressiva desvalorização da moeda o que aplicando, conforme os casos, desde 1919, os coeficientes correspondentes, faria elevar em muito a importancia indicada.

Dá-se uma clara ideia da influência desta actividade apresentando uma planta, por exemplo a da Capital da Província, onde se assinalam os auxílios á construção, em geral, de habitações, tendo-se verificado outro tanto na cidade da Beira e outros centros populacionais da Província, como sejam Matola, Quelimane, Nampula e mais recentemente em Vila de João Belo e Porto Amélia.

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

com o capital de Esc. 294.100.000$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.° — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO e ADMINISTRADOR-DELEGADO
Com. Ernesto de Vilhena

VICE-PRESIDENTE
Com. Álvaro Morna

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS
Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA
Director Geral
Eng.° Rolando Sucena Baptista de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA
Representante
Dr. Sílvio Guimarães

A Companhia Nacional de Navegação

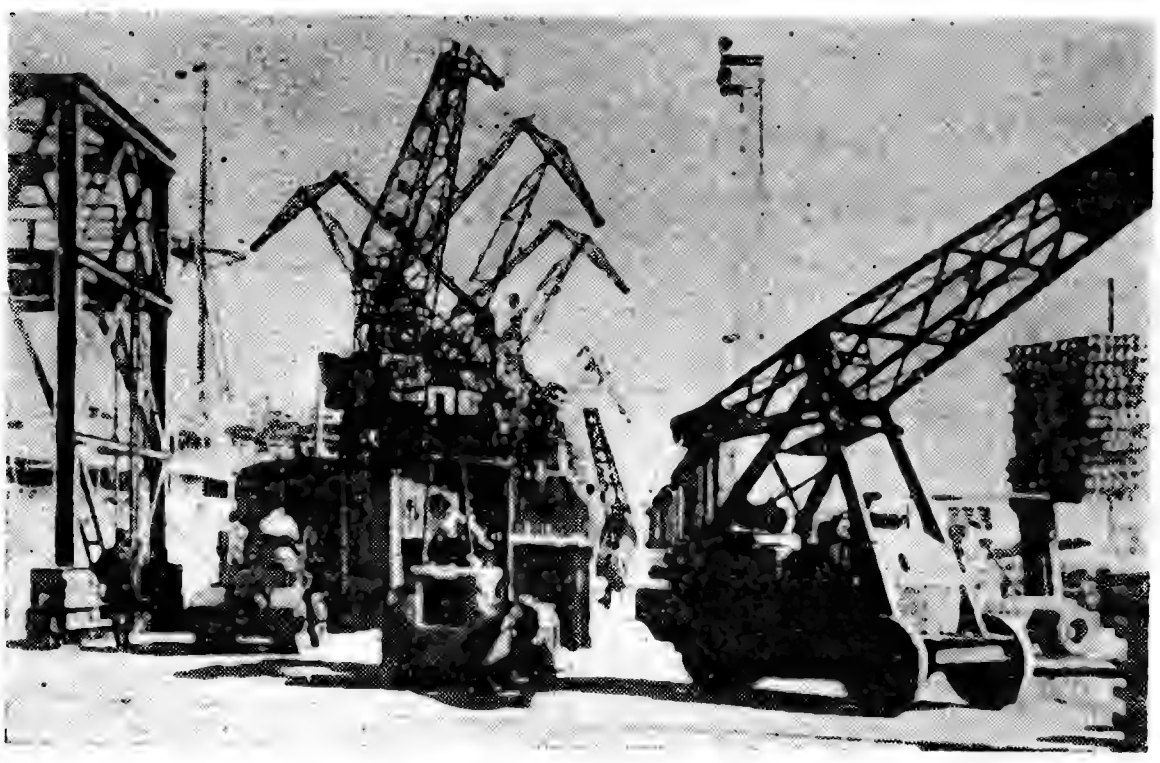
há três quartos de século que tem a sua vida estreitamente ligada aos destinos do Portugal Ultramarino

Na ocasião da visita do venerando Chefe do Estado a Moçambique apresenta a Sua Excelência as homenagens respeitosas e formula votos por que dessa visita resulte o fortalecimento dos laços já tão profundos que ligam o Portugal Metropolitano ao Portugal Ultramarino, laços que a Companhia Nacional de Navegação ajuda a tecer no seu afã marítimo dum extremo ao outro do Império Português.

Posições de Portugal no Mundo

Os Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique

desempenham lugar de primacial relevo na economia da Província



Um trecho do porto

A' excepção do Trans-Zambeziam-Beira-Niassalandia, todos os portos e caminhos de ferro da provincia são propriedade do Estado e por ele directamente administrados. Todos os bens e capitais investidos são igualmente propriedade do Estado.

Anteriormente a 1931, os diversos portos e caminhos de ferro tinham administração autónoma. A partir daquela data, o Governo concentrou tudo numa administração unica, com autonomia — Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes — que constroi, administra e explora os portos, caminhos de ferro, camionagem e transportes na provincia.

Tem a seu cargo os portos, as linhas férreas, os transportes aéreos e as carreiras de camionagem.

Os Serviços empregam 8.752 europeus e indígenas. Os escritórios centrais são em Lourenço Marques, existindo por toda a provincia centenas de edificios para escritórios, estações, oficinas, bairros para pessoal.

Tanto a camionagem como as carreiras aéreas proporcionam grandes meios de vida aos caminhos de ferro, pois a eles acorrem as mercadorias que convergem ,através da camionagem, de todos os pontos para os locais servidos pelas linhas férreas, assegurando, assim, transporte fácil e económico a todos os produtos ,tornando possivel o seu escoamento, não só através da provincia, como para o exterior, pelos portos que se encontram esplendidamente apetrechados.

Desnecessário será encarecer as vantagens da aviação em tão vasto território onde as linhas férreas não bastam. Hoje, vai-se de extremo a extremo de Moçambique em poucas horas, o que não era possivel antes de 1938, data em que foram iniciadas as carreiras da Divisão de Exploração dos Transportes Aéreos. (DETA).

Pode dizer-se que não há distancias em Moçambique.

Quanto á camionagem, verificam-se na Provincia fortes razões que concorrem para que se afirme como valor económico, contando-se com ela como grande factor de progresso.

No trajecto das vias férreas e das estações de camionagem, novas vilas e cidades vão surgindo, a documentar o espirito empreendedor dos Portugueses.

A Direcção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes encontram-se sob a direcção do eng.º Arnaldo Pereira Leite, técnico dos mais competentes, dotado de extraordinárias qualidades de trabalho e que tem imprimido a esses Serviços orientação verdadeiramente excepcional.

Serviços de tal magnitude — a eles são destinados mais de um milhão de contos no orçamento geral da provincia — estão entregues á pessoa indicada para os chefiar e que, em dois anos, reapetrechando-os, lhes imprimiu um inapreciável progresso.

«Quanto deve a provincia aos Serviços de Transportes — á sua iniicativa, ao seu desejo de progresso de manter e criar elementos que sirvam a economia de Moçambique? — pergunta o jornalista Rodrigues Junior na sua obra recente «Transportes de Moçambique». — E para servir esta economia, não esqueceu a formação de valores humanos, enriquecidos na sua vida social, cultural e profissional, com um cuidado que custa, anualmente, centenas de contos ao orçamento do Estado».

Por isso, no momento em que o sr. Presidente da Republica vai levar o abraço sincero da Metrópole á nossa vasta e rica provincia do Oceano Indico, o «Diário de Lisboa» honra-se, prestando homenagem, nas suas páginas, á actividade singularmente construtiva da Direcção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique, que, desde o seu primeiro dia, tem desempenhado papel de excepcional relevo na vida económica da provincia.

Vista aérea da estação terminal dos C. F. em Lourenço Marques

O problema das oleaginosas

(Continuação da 22.ª página)

sementes foi muito superior áquela cifra.

O financiamento negociado com o Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa, até ao montante total de 42.000 contos de crédito, em conta corrente, que permitiu movimentar aproximadamente o dobro, num periodo de 12 meses, foi manifestamente insuficiente. Esse crédito para permitir comprar todas as sementes que a industria poderia ter adquirido, era necessário que permitisse sacar até, pelo menos, 60.000 contos, especialmente no periodo que vai de 1 de Julho a 31 de Dezembro, em que afluem as sementes mais caras — o amendoim, o gergelim e a copra.

Preconiza-se por isso que, para o ano de 1956-57, se procure elevar o contrato do financiamento até aquele limite.

Ao encerrar estas breves considerações, a direcção do Grémio cumpre gostosamente o dever de deixar aqui exarado o seu agradecimento ao Governo da provincia pelo apoio que sempre lhe tem dado, e a esperança de que poderá continuar a contar com a melhor cooperação de todos os agremiados, a bem do progresso da industria, e a bem da Nação».

Actividades económicas de Moçambique

Companhia Industrial da MATOLA

Lourenço Marques é, sem dúvida, uma cidade moderna e até algo de cosmopolita, plena de encantos e atractivos.

Por todo o lado deparamos com provas eloquentes do espírito progressista do chamado laurentino. E nesta designação se compreendem não só os naturais da cidade como também de todos os que para aqui têm vindo labutar e que, possivelmente, talvez devido ao «feitiço» que a todos comunica esta terra, sem esquecerem jamais as paragens donde vieram, ganham um bairrismo talvez só comparável ao dos Nortenhos.

Assim, é em termos vibrantes de orgulho que nos são apontadas todas as realizações que se nos vão deparando.

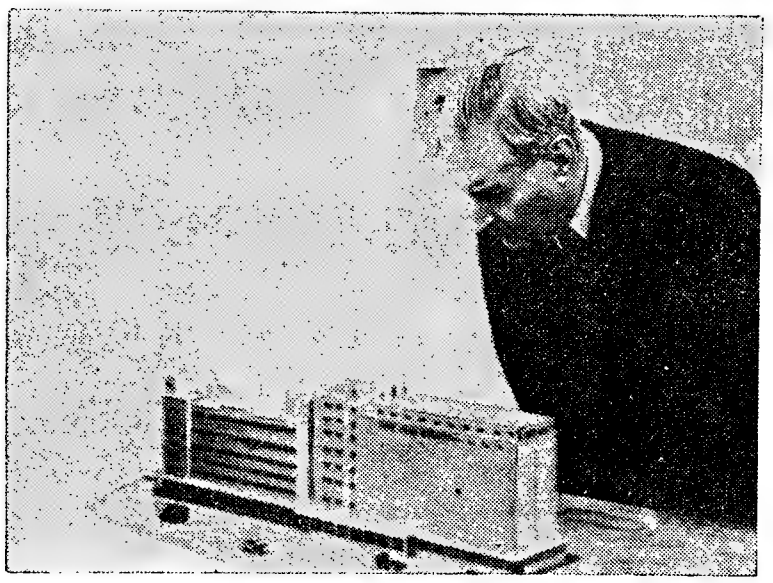
Entretanto, constatamos, confessemos mesmo com certa surpresa, que entre as realizações que nos mostram, sempre se faz referencia ás instalações da empresa moageira que abastece todo o Moçambique e que se situam a cerca de 12 quilómetros da cidade.

Como era natural, fomos impelidos a colher mais pormenores acerca dessa empresa e assim viemos ao conhecimento da existencia da Companhia Industrial da Matola, uma sociedade anónima fundada em 1948, com cerca de 700 accionistas, espalhados por toda a Provincia, que reunindo as suas economias pode promover uma obra que, como mais tarde constatámos, é por todos os motivos digna do maior apreço e, vamos lá, justifica inteiramente as referencias que nos tinham sido feitas.

Ainda antes de visitarmos as referidas instalações viemos a saber que a constituição desta Companhia se deve ao espirito empreendedor e cheio de preclara visão de um médico cirurgião, o Doutor António Félix Pitta Junior, que, encarando justamente as vantagens que adviriam para a Provincia do Plano de Industrialização, preconizado pelo Governo, estudou, até ao mais infimo detalhe, a necessidade de uma industria que pudesse justificar e utilizar, num desenvolvimento crescente, a produção de trigo no Sul do Save.

Por amarga decisão do Destino não pôde já esse grande Homem ver a funcionar a obra, a que dedicara, até com sacrifício, o melhor do seu esforço e onde arriscara além da saude todas as suas economias.

Ao entrarmos no recinto onde a Companhia Industrial da Matola tem as suas instalações industriais deparamos com um busto de bronze que recorda o seu fundador. Esta estátua foi descerrada a quando da inauguração da primeira unidade fabril — a moagem de trigo — em 28 de Maio de 1952.



O senhor Presidente do Conselho observa atentamente a «maquette» da Companhia

Estamos num ajardinado largo e embora o majestoso e imponente edifício principal que defrontamos nos faça sentir mais pequenos, não podemos deixar de admirar todos os outros harmoniosos edifícios que nos rodeiam.

Tudo queremos saber porque realmente estamos interessados em visitar todas as instalações onde se sente vibrar uma febril actividade num ritmo que nos empolga e que nos leva instintivamente a enfileirar com o pessoal aprumado que passa, consciente da obra para que contribui.

Perante a nossa indecisão de por onde começar a nossa visita, resolvemos deixar-nos conduzir pelo gerente da fábrica, dr. Capucho Paulo que, amávelmente, se prestou para nos servir de cicerone, pelo meio deste labirinto dos mais diversos e complicados maquinismos.

Embora conhecedores do progresso registado nos processos industriais de moagem, ficámos surpreendidos com a complexidade e perfeição do equipamento que aqui vemos em plena laboração, que nos leva a considerar como quase pré-históricas as azenhas e moinhos de mós das histórias da nossa meninice.

Além do mais surpreende-nos, em especial, a higiene com que os cereais aqui são tratados e também o aspecto de limpeza que se observa por toda a parte, pois até na maioria das secções os pavimentos brilhantes são constituidos de «parquet» encerado, não se notando quaisquer sinais de farinha derramada.

Perguntamos se era aguardada alguma visita das autoridades ou de alta individualidade, mas com muita simplicidade nos foi respondido que, além de existir a preocupação de manter sempre a «casa limpa», as visitas, quer de accionistas, quer do publico em geral e, até mesmo, de estrangeiros, só muito raramente se faziam anunciar, ocorrendo essas visitas inesperadas quase diáriamente, visto estarem as portas sempre abertas para as receber e elucidar quanto queiram.

Impossivel nos seria transmitir ao leitor a lição de técnica moageira que acabamos de receber e em que nos foram facultados diagramas de fabrico, diversissimas análises de controle de produtos, etc.; tentaremos, entretanto, em linhas largas, dizer-vos algo de tudo quanto vimos:

Começamos por ver os silos, que constituem a álea Sul do edifício principal. Para se avaliar da grandeza destes silos bastará dizer-se que podem conservar nas melhores condições 12.000 toneladas de cereal, estando práticamente concluida uma ampliação dos mesmos silos, em edificio anexo, para mais 6.000 toneladas, o que eleva assim a capacidade total para 18.000 toneladas de trigo e milho.

Os silos actuais são constituidos por 68 células verticais, em cimento armado como de resto o próprio edifício, que as contem, ocupando uma altura de 37 metros e uma superfície de 530 m2. A maior parte das células servem para armazenamento, havendo outras ligadas já aos lotadores e transportadores que levarão o cereal á moagem. Existem também 4 células preparadas especialmente para o tratamento e desinfetação de cereais, bem como uma coluna secadora para o tratamento de cereais com um teor de humidade acima do normal.

O trigo ou o milho, quer descarregado de camiões, quer de vagões de Caminho de Ferro, para o que existe um desvio ferroviário devidamente equipado com tegões de recepção, é transportado á razão de 60 toneladas por hora ao topo dos silos, donde, aproveitando a força da gravidade, passa á balança automática — pesadas de 500 quilos cada — e daí a vários aparelhos que, numa operação chamada de «ante-limpeza» lhe extraem logo certo numero de impurezas. Finalmente, através de 3 engenhosos transportadores de fita é o cereal distribuido pelas diversas células de acordo com a sua classificação. Nestas células encontra-se instalado um sistema de termómetro para determinação e controle da temperatura do cereal armazenado.

Virá agora talvez a propósito falar acerca dos tipos de cereal utilizados nesta modelar organização.

Como já se disse atrás, foi esta moagem construida na intenção de, num futuro que se desenha próximo, moer trigos de produção local; todavia, não é de um momento para o outro que Moçambique pode auto-abastecer-se deste cereal e, até agora, se a qualidade do grão assim produzido se mostra ser bastante razoável, as quantidades totais produzidas, mercê de factores adversos mas de modo algum desanimadores, têm sido bastante pequenas, havendo esperança que em breve aumentem.

Em virtude da legislação proteccionista desta cultura, está a Companhia Industrial da Matola obrigada a adquirir toda a produção de trigo local, tendo-se registado até agora as seguintes compras:

durante	1952 —	561.057 k.
»	1953 —	509.168 »
»	1954 —	1.617.427 »
»	1955 —	1.603.791 »

Ao contrário do que se possa julgar há inumeras qualidades de trigo e, em ordem a obter-se uma farinha espoada de boa qualidades, é necessário, ou pelo menos conveniente, a constituição de um lote, isto é: uma mistura equilibrada de trigos moles e rijos.

Dentro das possibilidades dos mercados internacionais de trigo e da obtenção de fretes, tem a Companhia Industrial da Matola tentado adquirir sempre os tipos de grão que proporcionem lotes de primeira qualidade, base indispensável para produção de boas farinhas.

Após um período experimental que englobou tanto o ensaio do equipamento como o de diversos tipos de trigo, tem ultimamente a Companhia Industrial da Matola orientado os seus planos de compras no sentido de adquirir trigos Manitoba de mais apurado grau, bem como trigo australiano da melhor qualidade existente naquele mercado.

De Maio de 1952 até 31 de Dezembro do ano findo, 1955, moeram-se 68.006 toneladas, o que dá uma média de cerca de 17.000 toneladas por ano, embora tanto a produção como o consumo de farinhas venham registando uma média sempre crescente.

Assim, de acordo com numeros oficiais o consumo de farinha registado na Provincia que em 1952 fora de 12.322 toneladas sofreu em 1955 um aumento que o elevou para 15.613 toneladas.

Passando próprimente á parte do edifício onde estão instaladas as moagens, verificamos que a de trigo ocupa seis pisos, do lado nascente, e a moagem de milho 8 pisos, do lado poente.

Vem a propósito observar que a parte central do edifício, onde está instalado o equipamento de recepção e distribuição de cereal dos silos e que alberga ainda diversos escritórios, serviços técnicos e laboratório ocupa 11 pisos, contando com 2 subterraneos.

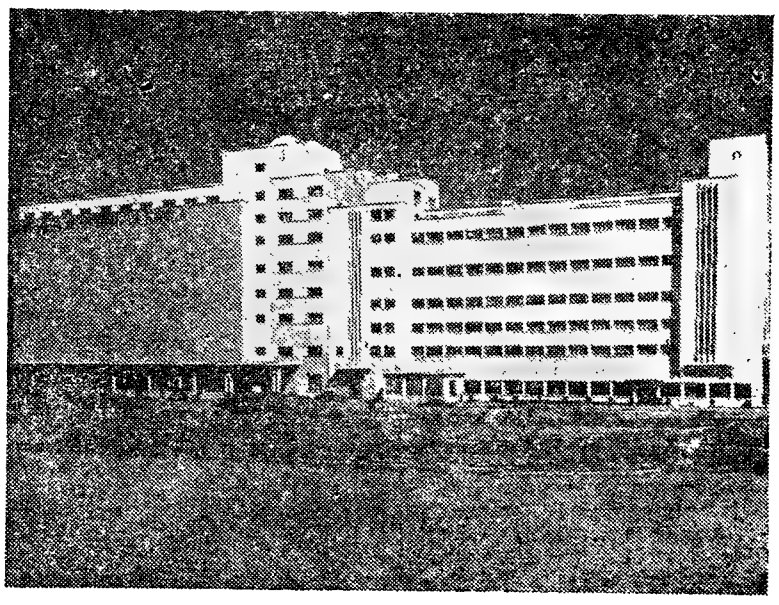
Pode-se considerar que a moagem é dividida em 3 operações distintas: limpeza ou condicionamento, moenda próprimente dita e, finalmente, ensaque.

Na primeira operação, práticamente independente das seguintes, tanto o trigo como o milho passam por vários tratamentos que permitem retirar-lhes não só sementes estranhas como todas as impurezas que os acompanham, pequenas pedras, grãos de areia, palhas e até pedaços de ferro, estes ultimos extraídos através de potentes separadoras electro-magnéticas. Para tal efeito, dispõem as fábricas de modernissimas máquinas que utilizam as diferenças de forma, de densidade, ou de dimensão, conjugadas com fortes correntes de ar.

Depois de devidamente escovado por máquina apropriada, o cereal é ainda sujeito á operação de lavagem que o deve libertar de um certo numero de outras impurezas que tenha agregadas á casca e que irá posteriormente facilitar a moenda.

Na moenda próprimente dita, podemos considerar que os moinhos executam 3 operações distintas: trituração, desagregação e compressão. Assim, depois do esmagamento do cereal, o pro-

(Continua na página seguinte)



O edifício da Companhia Industrial da Matola

Actividades económicas de Moçambique

Companhia Industrial da MATOLA

(Continuação da página anterior)

duto resultante é levado imediatamente a outros moinhos, onde se procede á separação da parte amilacea da casca, com sucessiva redução das semolas mais grossas e semolas mais finas até se obter a farinha propriamente dita.

Intercalada e simultaneamente, os produtos que se vão assim obtendo são peneirados e sujeitos a tratamentos por aspiração, cujo fito principal é a separação das partes celulósicas, que irão constituir como sub-produtos os chamados farelos, dos diversos tipos de farinha que se pretende obter.

Da moagem de trigo, além da farinha para panificação que abastece toda a industria panificadora da Provincia, estão comercializadas: uma farinha especial para pastelaria e uso caseiro, a que foi dado o nome de «Flor Bela» dado ser constituida quase que exclusivamente, pela chamada flor da farinha; uma farinha especial para o fabrico de massas; e uma farinha denominada «Oriental» preparada especialmente para consumo da colónia indiana.

A moagem de milho, considerada unica no género em todo o continente africano pelo modernismo e eficiência dos processos técnicos que utiliza e bastará dizer-se que é inteiramente pneumática, isto é, a condução dos diversos produtos em laboração de umas máquinas para as outras e destas ao ensaque é feito através de tubos utilizando ar comprimido ou aspirado. Outra característica interessante deste equipamento é o chamado quadro geral de comando e controle, onde está esquematizado o diagrama de fabrico e que, além do mais, faz funcionar um complexo sistema de sinais luminosos e acusticos, caso eventualmente se verifique qualquer pequena avaria.

Se o equipamento da moagem de milho constitui, como já dissemos, a ultima palavra da técnica moageira, especialmente num território em que até há pouco apenas se utilizavam processos fabris antiquados, o lancamento no mercado pela Companhia Industrial da Matola de farinhas de milho espoadas e degerminadas, que permitem a sua conservação por vários meses, vem confirmar a rigidez com que a Administração desta grande empresa satisfaz o seu lema de bem servir.

Assim, não obstante as fartas colheitas de milho registadas nas duas ultimas campanhas e que até certo ponto deveriam limitar o consumo de farinha por parte do indigena, verifica-se que a farinha «Celeste» higiénicamente embalada em vistosos e coloridos sacos de algodão depressa ganhou a predilecção do consumidor, atingindo um volume de vendas notável, verificando-se, igualmente, frequentes carregamentos para o Norte da Provincia.

Falando-se de milho, viemos a saber que durante 1955 a Companhia Industrial da Matola, numa justa compreensão das dificuldades inerentes á abundancia de milho registada, colocou á inteira disposição do Governo, não só toda a sua organização e capacidade de armazenagem, como igualmente, as suas disponibilidades financeiras.

Assim, em intima colaboração com os Organismos de Coordenação Económica promoveu a compra e armazenamento de 14.522 toneladas de milho, para o que inclusivamente construiu em tempo «record» um vasto armazém com a capacidade de mais de 50.000 sacos e iniciou a construção da ampliação dos seus silos como frizámos no inicio.

Actuando directamente comprou a Companhia Industrial da Matola mais 11.184 toneladas, pelo que no total a operação envolveu 25.706 toneladas de milho, no valor de esc. 42.421 contos.

Igualmente através da Companhia Industrial da Matola se promoveu a exportação de 4.624 toneladas dos excedentes da colheita, estando por carregar mais 7.000 ton.

Voltando á parte técnica da moagem, ficamos a saber que a farinha obtida a partir da moenda é recolhida em enormes tulhas de madeira para arrefecimento e repouso donde, passadas algumas horas, passa então á secção de ensaque, onde é finalmente embalada e pesada automáticamente em higiénicos sacos de algodão que, ocorre frizar, só se utilizam uma vez.

A complexidade do equipamento que acabávamos de ver, levou-nos a considerar a exigencia de um serviço de manutenção ou reparação devidamente apetrechado e dispondo de pessoal habilitado, mas não contávamos que as oficinas que a seguir percorremos nos deixassem, igualmente deslumbrados.

Todos estes serviços auxiliares estão instalados em edifícios separados e dispondo cada um, de vestiários e lavabos privativos e em todos se nota a preocupação de atender a necessidades futuras, pela largueza com que foram concebidos.

Assim na central eléctrica, além do potente gerador «diesel» em funcionamento, tudo está preparado para a montagem do novo gerador já encomendado e, que em breve chegará, esperando-se que com a instalação de novas unidades fabris, mais um ou dois geradores, terão de ser adquiridos. Uma ponte rolante, cujo funcionamento observámos, facilitará a montagem dos novos geradores, bem como permite rápidamente proceder aos periódicos trabalhos de revisão do gerador existente.

Numa dependencia junto da central eléctrica, que compreende ainda outras salas onde estão os transformadores e quadros vários de controle, armazém de material eléctrico, oficina de reparações e gabinete técnico, apreciámos com o maior interesse o equipamento automático de detecção e defesa contra incendios que, através de quilómetros de canalizações e dispositivos especiais espalhados pelas fábricas permite encarar com segurança o risco de fogo, sombra angustiante das moagens antigas.

Visitámos seguidamente, a garage e estação de serviço, onde apreciámos, além do respectivo equipamento, alguns dos inumeros veículos de carga e outros de que dispõe a Empresa, bem como o enorme autocarro para transporte de pessoal — «machimbombo», como por aqui se chama.

Das oficinas de serralharia e carpintaria, ocupando também largas superfícies e dispondo em secções separadas de todo o equipamento necessário, inclusive de forja e serração, bastará dizer-se que estão habilitadas a efectuar, não só todos os trabalhos de reparação previstos, mas a produzir também, como já se verificou, equipamento diverso para as fábricas que se forem montando e que doutro modo teria de ser importado.

Das oficinas fomos então conduzidos a um edifício novo, ainda em acabamentos exteriores, em cujos primeiro e segundo pavimentos está armazenada farinha de diversos tipos, na maior quantidade que já me fora dado observar e em cujo terceiro e enorme pavimento, todo em ladrilhos coloridos, fui deparar são. Pelas referencias e explicacom mais maquinaria, constituindo a modelar fábrica de massas alimentícias a inaugurar brevemente.

E' avultada a importação deste produto alimentar não obstante a existencia de massas alimentícias de produção local e, assim, ainda dentro do programa com que se constituiu, a Companhia Industrial da Matola, após demorados estudos, adquiriu e acaba de montar o equipamento mais moderno, completo e eficiente que seria possivel desejar-se e que nos deixa a melhor impressões que nos foram dadas, ficámos com a certeza que as massas alimentícias que a Companhia Industrial da Matola vai produzir constituirão mais um êxito a acrescentar aos muitos já registados por esta empresa.

Finalmente, como complemento indispensável das suas actividades fabris, foi-nos dado conhecer a obra social promovida pela Companhia Industrial da Matola e que, sendo já importante, está ainda longe de atingir o grau desejado, isto é, de satisfazer o vasto plano de realizações que o seu Conselho de Administração pretende levar avante dentro do espirito são do corporativismo nacional, que, respeitando o capital, dignifica em pé de igualdade o trabalho e defende para ambos justa remuneracão.

Somos informados que o pessoal operário ou não, registado em 31 de Dezembro de 1955 atingia os seguintes numeros:

Pessoal administrativo e técnico, 31 europeus; Pessoal fabril e outro, 98 europeus; Idem, idem, 442 indígenas.

Todo este pessoal dispõe já de assistencia médica gratuita, em que se incluem exames radiológicos periódicos, sendo todos os medicamentos para o pessoal indígena distribuidos gratuitamente.

Está concluido um vasto refeitório para o pessoal indígena e em adiantada construção o refeitório para o pessoal europeu, em que serão fornecidas refeições a preço módico, subsidiada a exploração pela Empresa.

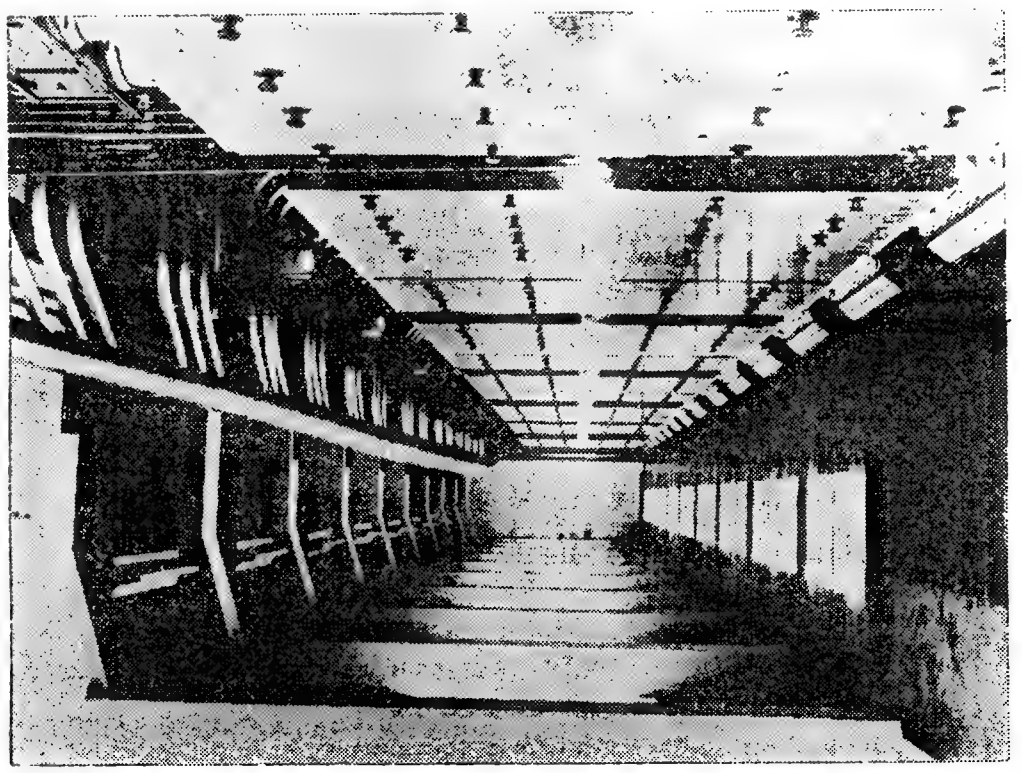
Tivemos também ocasião de tomar um refresco na Cantina que, dirigida por uma comissão de empregados, fornece ao pessoal todos os géneros alimentícios e outros, a preços reduzidos.

Está já demarcado o terreno, onde, a cerca de um quilómetro da zona fabril, em breve será iniciada a construção do Bairro Social para o pessoal europeu, estando igualmente prevista a construção de um bairro para o pessoal indígena.

Entretanto, pretende ainda a Companhia Industrial da Matola criar um organismo com personalidade jurídica que associe o seu pessoal e que, com a contribuição dos interessados e da própria Empresa, tenha receitas próprias e bastantes para socorrer a possivel invalidez e garantir o sossego na velhice, além de que um tal organismo poderá encarar e resolver muitos outros problemas de carácter social.

E' ainda desejo do Conselho de Administração desta progressiva Empresa que ao organismo que projecta criar seja facultada, daqui a amanhã, a comparticipação no capital, interessando assim mais directamente o pessoal na vida da Companhia.

Impressionados com tudo o que viramos e mais impressionados ainda com a amplitude, confessemos inesperada, do programa social desta Companhia, abandonámos as suas instalações satisfeitos, admitamos mesmo, orgulhosos também, pela obra que em Moçambique vem sendo realizada por portugueses que, trabalhando no campo industrial e social, visam um Portugal Ainda Maior!



Um aspecto interior da Companhia Industrial da Matola

UM VALOR POSITIVO

O Comendador Manuel Nunes

exemplo de perseverança e dinamismo é hoje um dos mais importantes comerciantes de Moçambique

O Comendador Manuel Nunes veio, há quase três dezenas de anos, para a nossa vasta e rica Província de Moçambique, como colono, a fim de iniciar a sua luta pela vida e ganhar o pão, como preceituam os textos bíblicos—com o suor do seu rosto.

Sem recursos materiais, Manuel Nunes era possuidor, porém, de grandes qualidades de trabalho e perseverança. E, assim, embora com grandes dificuldades, foi subindo na escala social os vários degraus que o tornaram um dos mais importantes comerciantes de Moçambique.

Querer é poder eis a divisa de tão ilustre português. Mercê apenas do seu esforço, o Comendador Manuel Nunes é um exemplo do que valem as boas qualidades da nossa gente.

Hoje, o seu nome de abastado comerciante é bem conhecido em toda a Província. O Comendador Manuel Nunes realiza um excepcional volume de negócios, encontrando-se ligado ás firmas mais representativas de Moçambique.

COMENDADOR MANUEL NUNES

Assim, dedica-se ao comércio geral de importação e exportação, comissões, consignações e conta própria. Os artigos do seu negócio são materiais de construção, ferragens, ferramentas, tintas, vidros, louças, papelaria, calçado, etc., sendo agente distribuidor na Zambézia das geleiras Electrolux, rádios Philips, fábrica de espelhos Vicris, máquinas Odhner de somar e calcular, Lusalite Comercial, Limitada. Tomou setenta por cento das acções da Moçambique Soap Oil Co, nacionalizando assim, quase todo o capital nesta importante empresa saboeira.

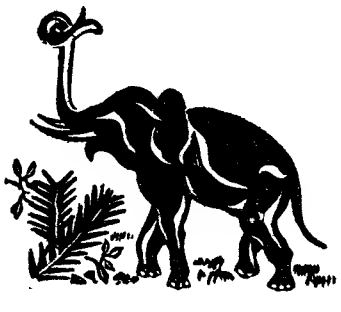
Está ligado Manuel Nunes a uma sociedade de refrigerantes, a três ou quatro grandes empresas produtoras de chá, sendo também sócio de uma importante exploração de madeiras.

Agente das Companhia Colonial e Nacional de Navegação, o comerciante Manuel Nunes tornou-se notado pelo extraordinário dinamismo que imprime a todas as actividades—e bem numerosas são—a que se dedica.

É, assim, devido ás qualidades de trabalho de colonos da rija têmpera do Comendador Manuel Nunes que a Província de Moçambique vai progredindo em ritmo acelerado. Graças á iniciativa de homens animosos e esclarecidos, Lourenço Marques, que era, ainda há apenas meio século, um burgo insignificante e insalubre, é hoje uma linda e cosmopolita cidade e um dos maiores e mais significativos padrões do esforço realizador da nossa Raça.

Largo quinhão tem o Comendador Manuel Nunes no progresso de Moçambique. A ele se devem muitas das principais organizações comerciais e industriais da Província.

O Diário de Lisboa sauda no Comendador Manuel Nunes, vogal do Conselho de Governo de Moçambique, os colonos que, arrancados ao seu torrão natal, longe dos seus afectos, não se deixaram vencer pelo desanimo e conseguiram triunfar, revelando excepcionais qualidades de trabalho e perseverança.



Chá Tacuane

Desempenha um papel de assinalado destaque na Província de Moçambique

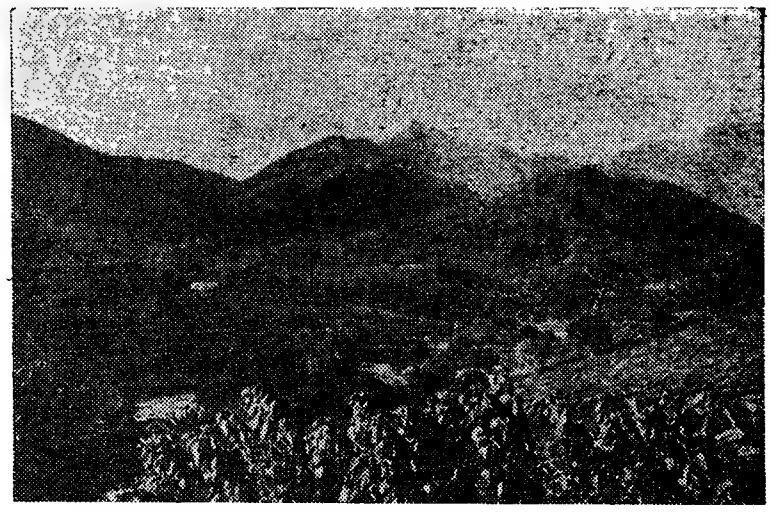
A cultura do chá foi iniciada em Milange, Tacuane e Gurué há cerca de quarenta anos, tendo-se desenvolvido por iniciativa particular. Pode dizer-se que a população desta área se encontra vivamente interessada em tal produção que já representa hoje um valor apreciável na economia de Moçambique.

A firma Chá Tacuane, Lda., iniciou a cultura, há doze anos, na região, onde existem hoje duas fábricas modernamente apetrechadas: uma, desta firma; a outra, da Sociedade Agrícola do Madal.

O grave problema dos transportes, que preocupou durante muitos anos os agricultores do chá de Tacuane, foi, felizmente, encarado, e pode dizer-se que se encontra em vias de solução pelo actual Governador da Província, dr. Alvaro Henrique de Gouveia e Melo, que mandou construir a ponte sobre o rio Lugela, e ligou a estrada de Tacuane a Milange, facilitando, deste modo, a drenagem da produção na época difícil das chuvas, que coincide, precisamente, com a safra, o que outrora não acontecia.

Além disso, encontram-se em construção dezassete pontões, esperando-se para breve que a estrada aberta seja melhorada e construída definitivamente.

Também o Governo Geral tem dedicado a melhor boa vontade para a resolução dos graves problemas relacionados com a produção de chá em Moçambique.



Um aspecto da plantação de chá

A firma Chá Tacuane, Lda., sociedade por quotas de responsabilidade limitada, totalmente portuguesa, tem, hoje, o capital aproximado de 30.000.000$00, representado pelas suas plantações, construções e fábrica.

A plantação é situada na parte mais elevadaa das serras de Tacuane, numa paisagem verdadeiramente deslumbrante, enquadrada por cristas imponentes. Os terrenos são excepcionais e considerados dos melhores da região. A própria Imprensa, que não regateia os seus louvores ao esforço que a firma vem desenvolvendo em prol da economia de Moçambique, considera a região como o vale de Changrilá.

São sócios desta importante firma os srs. José Augusto Silva, dr. Alberto Moreira, Lopes & Irmãos, Arnaldo Ferreira Sacas e António Coutinho Andrade.

As suas necessidades obrigaram-na a edificar a Fábrica, destinada não só á produção das suas plantações como também á dos pequenos agricultores europeus que, atendendo a essa circunstancia, se fixaram naquela região.

Não é só esse o auxílio prestado por Chá Tacuane, Lda. Também a mesma firma lhes tem proporcionado auxílio financeiro, expresso, quer em empréstimos, quer em adiantamentos sobre a produção.

Resta mencionar que dispõe esta firma de um grande acampamento definitivo para a sua população rural, residências para o pessoal europeu, dotadas de luz e água e de todo o conforto moderno. No acampamento indígena existem vários bairros onde se presta também a indispensável assistência médica, extensiva á população dos arredores.

A firma Chá Tacuane, Lda., que realiza apreciável volume de negócios — exporta para Inglaterra, Holanda, Estados Unidos, etc. — sendo uma interessante iniciativa dos capitais portugueses, vem, indubitávelmente, realizando um esforço digno de nota para servir Moçambique, que o mesmo é que valorizar Portugal.

Adolphe Kung (Sucrs.) Lda.

CASA FUNDADA EM 1915

CAIXA POSTAL 154

BEIRA

África Oriental Portuguesa

Telegramas: KUNG—BEIRA
Telefone: 2611

CÓDIGOS: A B C., 4.ª e 5.ª Edições; A B C., 6.ª Ed. (5 Letras); A-Z, Français, 3.ª Edição; Bentley's Complete Phrase; Códigos Reservados

Comércio Geral. Importadores de tecidos e outros artigos para indígenas — Exportadores de produtos coloniais.

AGENTES E DEPOSITÁRIOS DAS FÁBRICAS DE TABACOS DE LOURENÇO MARQUES:

SOCIEDADE COLONIAL DE TABACOS, LDA.
e A. E. GEORGE, SUCRS. LDA.

Representantes de:

E. PAILLARD & C.ª S. A. (Rádios «Paillard» e máquinas de escrever «Hermes»).

MICHELIN TYRE Co, LDA. (pneus e camaras de ar).

RIBEIRO & IRMÃO (vinhos, aguardentes e conhaques).

MÁQUINAS DE COSTURA ««PHAFF»

SOCIÉTE ANONYME DES AUTOMOBILES «PEUGEOT»

Custarão 2.300 contos

os trabalhos de saneamento da cidade da Beira

No gabinete do professor Raul Ventura, ministro do Ultramar, realizou-se, há dias, a assinatura do contrato para a execução dos estudos e para a elaboração dos projectos dos trabalhos a realizar na cidade da Beira (Moçambique), para a recuperação de terrenos alagadiços, tanto na área da cidade, como na zona circunvizinha.

Outorgou, por parte do Estado e em representação da Província de Moçambique, aquele membro do Governo, e, por parte da firma «Group One, Limited», adjudicatária dos trabalhos, o sr. José Martins Dias da Cunha.

O custo dos estudos e projectos é de 2.300 contos, devendo estar concluidos dentro de nove meses.

Actividades económicas de Moçambique

Companhia Industrial Portuguesa

(S. A. R. L.)

A Companhia Industrial Portuguesa (S. A. R. L.) tem uma fábrica de extracção de óleos vegetais situada na província do Niassa no distrito de Nampula, junto do rio Monapo.

A construção da fábrica no Niassa justifica-se em absoluto pelo facto de ser esta a província com maior produção de algodão. A sua localização foi estudada de maneira a dispor de fácil acesso, quer ás regiões produtoras de semente de algodão, e outras oleaginosas, quer aos portos de escoamento dos produtos fabricados.

É servida pela estrada Lumbo-Vila Cabral pela linha de caminho de ferro que, vinda do interior do Niassa, se bifurca no Monapo dando ligação ao Lumbo e a Nacala.

Data de 1947 o início da construção da fábrica, tendo esta começado a trabalhar em 1948.

Foi a primeira fábrica na província de Moçambique a efectuar a extracção de óleo da semente de algodão. Até então era queimada ou inutilizada, quase toda a semente que não fosse necessária para as sementeiras.

Nos primeiros tempos da vida da fábrica surgiram algumas dificuldades com as companhias algodoeiras, nem sempre se conseguindo chegar a acordo com estas. Em 1949 a fábrica chegou mesmo a suspender a laboração por não lhe ser fornecida a necessária matéria-prima.

Dificuldades idênticas experimentavam então as outras fábricas da província que trabalhavam com matérias oleaginosas.

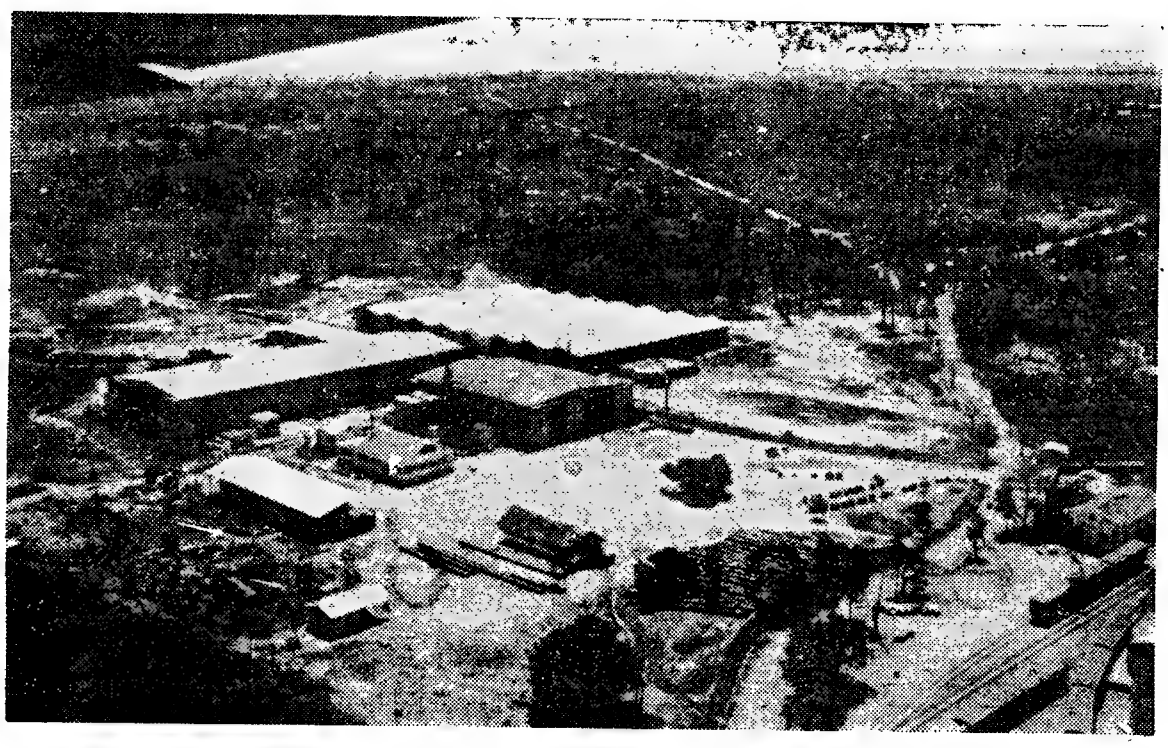
Dada a gravidade do problema, foi ele longa e profundamente discutido nas sessões do conselho do Governo de Agosto e Setembro de 1950. O parecer final do conselho do Governo preconizando as medidas de protecção á industria que as circunstancias exigiam, subiu depois ao Ministério das Colónias.

Nele se depositavam todas as esperanças dos industriais pois o prolongamento de tão critica situação significaria o encerramento das actividades de muitas das fábricas.

Podem-se pois avaliar a satisfação e reconhecimento com que foram acolhidos o despacho de 14-5-1954 de S. Ex.ª o ministro do Ultramar e o despacho, posterior, de S. Ex.ª o governador desta província, relativos a industrialização das oleaginosas.

Com eles desapareceram finalmente, as dificuldades com que lutavam os industriais ao pretenderem adquirir as matérias-primas de que necessitavam.

A industria dos óleos vegetais e as industrias dependentes desta podem agora desenvolver-se e tomar, dentro da economia da província, a posição de destaque a que têm direito.



A fábrica do Monapo é uma das que se encontra em melhores condições para poder dar pleno cumprimento ás directrizes do Governo e rápidamente se integrar no plano de desenvolvimento estabelecido para a industria dos óleos vegetais.

As tonelagens de semente de algodão laborada têm vindo a aumentar de ano para ano—das 9.300 toneladas tratadas em 1950 passou-se já ás 24.800 toneladas em 1955.

Tais números traduzem eloquentemente o rápido ritmo de progresso da fábrica. A fábrica do Monapo tem hoje condições para poder tratar com a maior eficiência toda a semente de algodão produzida no Niassa.

Formação da C. I. P.

Até há pouco tempo a fábrica do Monapo pertencia á Companhia Industrial Luso-Belga Limitada, empresa em que entravam capitais estrangeiros.

A brilhante acção desenvolvida pelo seu Director-Gerente, sr. dr. Eurico de Gouveia Pinto, se deve não só o ter atingido a companhia uma posição de grande solidez e destaque como ainda o terem-se realizado as negociações que conduziram á compra da quota estrangeira. Nasceu assim a Companhia Industrial Portuguesa (S. A. R. L.), de capitais inteiramente portugueses com sede na Beira e administração funcionando em Lourenço Marques.

É seu administrador-delegado em Lourenço Marques o sr. dr. Eurico de Gouveia Pinto. Na sede da Beira encontra-se o Administrador-Delegado sr. Arnaldo Ascensão Santos.

A direcção técnica da fábrica do Monapo está entregue ao sr. Harold Saunders.

Descrição das instalações e do trabalho efectuado na fábrica do Monapo

A semente de algodão recebida na fábrica, vinda das concessionárias algodoeiras, começa por ser tratada numa limpadeira, deixando aí as terras e corpos estranhos que a acompanham.

Segue depois para as deslintadeiras—oito em funcionamento—máquinas que arrancam á semente a fibrilha ou linter, isto é, a fibra curta que ainda vem agarrada á casca.

Esta fibrilha é enviada a uma prensa hidráulica que a comprime em fardos de 200 quilos. É matéria-prima de grande importancia, utilizada em variadas industrias—colchoaria, estofos, algodões-farmacêuticos, papel, explosivos, tintas celulósicas, sedas artificiais, plásticos, etc.

A semente deslintada vai agora para os descorticadores, onde é triturada, seguindo daí para as separadoras e tararas que efectuam a separação da amêndoa das cascas.

A amêndoa é introduzida nas prensas (expellers) que lhes extraem o óleo utilizando, para esse fim, calor e fortes pressões. Como subproduto obtém-se o bagaço.

A fábrica tem em funcionamento dez prensas que podem tratar um total de 80 a 90 toneladas de sementes diárias.

A administração da C. I. P. que, de todas as maneiras, procura melhorar o rendimento da fábrica, mantendo-se ao nível das mais modernas instalações similares estrangeiras, está procedendo á substituição de um grupo de cinco das suas prensas por um outro de duas prensas modernissimas, de elevado rendimento.

Igualmente estão sendo montadas outras máquinas diversas, umas funcionando como máquinas de reserva e outras apenas com a finalidade de ser melhorado, mais ainda, o rendimento da laboração.

Assim serão montadas dentro em breve: Uma segunda limpadeira de semente e um grupo de 10 deslintadeiras, um segundo descorticador, outra separadora de cascas e uma nova prensa hidráulica.

Esta ampliação da fábrica terá como consequência um aumento das necessidades em energia eléctrica e daí a ir-se montar mais um grupo gerador de 405 HP, com outros três já existentes, perfaz uma potência instalada de quase 1.100 HP.

A refinaria do óleo cru será também beneficiada com a instalação de um segundo desodorizador.

Aos armazens já existentes, para semente, bagaço, e outros produtos, estão-se juntando mais alguns ficando a fábrica habilitada a poder recolher, de uma só vez, sendo necessário toda a colheita de semente de uma época.

O óleo de algodão obtido nas prensas, segue, na sua quase totalidade, para a Refinaria. Aí numa instalação moderna e de grande eficiência, sofre uma longa série de tratamentos que lhe conferem um elevado grau de pureza.

O óleo de algodão refinado é um óleo de alto valor alimentar e possui sabor e cheiro agradáveis. Estas e outras características recomendam o seu uso como óleo comestível, havendo inumeros países onde lhe é dada essa aplicação há já muitos anos.

Dado o valor que tem para a economia do nosso País a exportação do azeite de oliveira, parece ser indicada, no momento actual, a introdução de óleo de algodão no mercado metropolitano.

Há hoje processos de preparar este óleo de maneira a ele ter o sabor do azeite de oliveira e tal facto ajudaria a vencer quaisquer dificuldades de aceitação da parte do publico consumidor quando o novo óleo fosse lançado no mercado.

Obra social da C. I. P.

A C. I. P. tem ao seu serviço, na fábrica do Monapo, cerca de 30 europeus e 450 indígenas.

Não têm sido poupados esforços no sentido de se melhorarem cada vez mais, as condições de vida dos empregados da companhia e de suas famílias, sendo muito notável a obra realizada, muito notável a obra social realizada.

tras regalias, têm direito a licenças de 6 meses na Metrópole, de 4 em 4 anos, com viagens pagas e vencimentos por inteiro. Todos têm ainda um seguro de vida preparado de modo a terem assegurada, mais tarde, uma reforma.

A companhia além de estar procurando terminar em breve a construção do bairro europeu da fábrica, com escola, posto médico, etc., construiu, numa das praias de Mossuril, uma colónia de férias de que podem beneficiar os empregados europeus e suas famílias, num total de cerca de 100 pessoas.

Lourenço Marques, 26 de Maio de 1956.

BULHAS, LIMITADA

ARMAZÉNS DE TECIDOS DE ALGODÃO, LÃ E SEDA, PARA EUROPEUS E INDIGENAS

FABRICA DE CAMISARIA
E ARTIGOS DE VESTUÁRIO

Caixa Postal 421 End. Telegráfico: BULHAS Telefone 3277

BEIRA

Alves, Correia & Bulha, Lda.

COMÉRCIO GERAL

SECÇÕES DE:

MODAS E CONFECÇÕES
RETROSEIRO
PERFUMARIA
SAPATARIA
CHAPELARIA
ARTIGOS DE MÈNAGE

Caixa Postal 64 Endereço Telegràfico: "SELVA" Telefone 3277

BEIRA

João Ferreira dos Santos

Uma organização ao serviço da Província de Moçambique

CASA FUNDADA EM 1897

AGRICULTURA ● COMÉRCIO ● INDÚSTRIA ● NAVEGAÇÃO

SEDE: Cidade de Moçambique — Caixas Postais, 1, 21, 32

ESCRITÓRIOS em: Lisboa e Lourenço Marques

SUCURSAIS em: António Enes, Nacala, Nampula, Porto Amélia

ESTABELECIMENTOS em: Geba, Nacaroa, Muchelia, Mogincoal, Meluli, Muatua, Chalaua

PLANTAÇÕES DE SISAL em: Geba e Muchelia

FÁBRICAS DE ARROZ em: Nampula, Murrupula, Saua-Saua

FÁBRICAS DE ALGODÃO em: Geba, Muchelia, Saua-Saua

PLANTAÇÕES DE COQUEIROS E CAJUEIROS em: Geba, Muchelia, Saua-Saua, Nametil, Meza, Meluli

IMPORTADORES de:

Artigos de alimentação, Modas, Ferragens, Materiais de construção, Máquinas, Automóveis (FORD), Pneus (Dunlop)

EXPORTADORES de:

Algodão, Sisal, Arroz, Oleaginosas, Produtos Coloniais

ASSOCIADAS:

Sociedade Algodoeira do Niassa, Ld.ª — Mutuali — A Tabaqueira de Moçambique, Ld.ª — Moçambique

ALGODOEIRA DO SUL DO SAVE, LDA.

SEDE EM VILA JOÃO BELO

Concessionária de zonas
algodoeiras nos distritos
de Gaza e Inhambane

CAPITAL SOCIAL 20.000.000$00

SERRAÇÕES DO INHANSATO, LIMITADA

é um dos principais empreendimentos industriais de Moçambique

Chegamos ao Inhansato e a nossa surpresa não tem limites. Dentro de uma imensa floresta, depara-se-nos uma estranha cidade, toda de madeira, em que os edifícios e as próprias ruas são de tábuas.

Faz-nos lembrar a ilustração vivida de um conto de fadas ou um episódio dos filmes de Walt Disney, esse mágico que nos faz, por vezes, voltar aos distantes tempos da infancia.

Ali, nessa estranha povoação, arrancada à floresta, vive-se e sente-se que alguém dirige este admirável conjunto.

Trata-se das modelares Serrações do Inhansato, Limitada, que fabricam travessas, «parquet» e caixilharia destinadas à construção civil e se preparam afanosamente para laborar novas madeiras em estufas que serão em breve montadas.

A secção de carpintaria trabalha conforme as necessidades locais, abastecendo completamente a cidade da Beira e outras localidades vizinhas. Da mesma forma, a firma se está preparando para organizar a indústria de caixotaria a fim de fornecer aos novos mercados — África do Sul e Rodésias — grandes quantidades de caixotes para sabão, citrinas, gazolinas, garrafaria e outros fins.

A especialidade, porém, das Serrações do Inhansato são as travessas para os caminhos de ferro e «parquet» em óptimas madeiras. A produção deste último destina-se à Beira, sendo o grosso da produção exportado para a Rodésia e União Sul Africana.

A firma abastece também, na sua quase totalidade, os Caminhos de Ferro de Moçambique, bem como a Transzambezian Railways.

Normalmente, encontra-se nas Serrações do Inhansato um representante dos Caminhos de Ferro da África do Sul para aprovar as travessas encomendadas que, depois de obterem aprovação, seguem em atados, ao seu destino.

Mas não é apenas com a África do Sul que a firma tem importantes negócios. Fornece, também, o «parquet», atado em aros de ferro, para Inglaterra e as travessas são enviadas, também em atados, para a Rodésia do Sul.

Tal actividade representa um grande valor na exportação de madeiras. Pode dizer-se que a quase totalidade das madeiras exportadas por Moçambique é proveniente das Serrações do Inhansato.

E quem dirige todo este admirável conjunto?

O sr. Caetano Lopes, velho colono de Moçambique, natural da Sertã, que veio para a Província em 1919, aos 20 anos de idade, tentar fortuna, o que conseguiu graças às suas excepcionais qualidades.

Hoje, o importante industrial é sócio da firma Cardoso Lopes, Ld.ª, Serrações do Inhansato, Limitada, Serrações de Chiniziva, Empresa de Edificações da Beira, Limitada, Florestas Africanas e Industrias Limitada, etc.

Pessoa de uma extraordinária actividade e honradez, o sr. Caetano Lopes está ligado, como se vê, a algumas importantes organizações de Moçambique. É das mais destacadas as Serrações do Inhansato, Ld.ª, com serrações no Inhansato e Galinha. Os seus escritórios encontram-se na Avenida Paiva de Andrada, na Beira, e no Aegis Building, 909-917, em Joanesburgo.

A firma começou por se dedicar apenas à serração de madeiras, montando a primeira serração em Inhansato. Hoje, o valor da indústria, a que o sr. Caetano Lopes se dedica, é calculado pelos seus empreendimentos em 30 mil contos de valores investidos em maquinismos, etc.

Para dar uma ideia de grandeza do empreendimento, basta citar-se que só em camiões, tractores, caterpillares e outros maquinismos, conta 66 unidades.

12 empregados europeus, igual número de assimilados e 6 asiáticos, além de 1.100 trabalhadores indígenas, prestam serviço normalmente na firma, envolvendo uma despesa mensal de cerca de 1.350 contos.

Convém mencionar que a firma está-se tornando um núcleo de fixação de brancos, pois encontram-se ali domiciliadas cinco famílias, de que fazem parte 16 crianças de ambos os sexos.

Da madeira explorada, apenas a escassa percentagem de 10% se destina ao consumo interno. A restante é exportada. Em 1955, foram vendidos mais de 13.000 m3, no valor de cerca de 17 mil contos.

E que dizer das instalações?

Que são simplesmente modelares.

Há a acrescentar que as concessões espalhadas pelas suas três serrações são servidas por 200 kms. de estradas bem traçadas, utilizando pontes de madeira sobre rios e riachos, que se atravessam sem receios.

A firma possui, também, uma casa de despacho convenientemente instalada e habilitada a fazer os carregamentos, nos vagões da linha ferrea que é sua propriedade e que entronca no caminho de ferro da Beira.

Nas instalações existem três acampamentos para indígenas: um para contratados, outro para «chauffeurs», mecanicos e auxiliares, e outro ainda para especializados em diversas actividades.

É de toda a justiça citar-se o que tem sido a obra das Serrações do Inhansato em favor dos indígenas. No ano findo, gastou em alimentação para os seus trabalhadores 1.500 contos. Nas três serrações, é-lhes proporcionada uma intensiva e cuidadosa assistência médica, para o que a firma dispõe de duas enfermarias, com um posto de socorros cada. Um enfermeiro europeu e dois médicos encontram-se, permanentemente, de serviço.

Nas instalações de Galinha faz-se bastante assistência, especialmente em vacinas, partos e protecção a lactantes. Assistem-se todos os indígenas, sejam ou não trabalhadores, tendo-se dispendido no ano findo mais de 252 contos.

Embora, não querendo fatigar o leitor com números estatísticos, não podemos deixar de mencionar o movimento da enfermaria do Inhansato, números estes também referidos ao ano findo:

CONSULTAS	5.233
TRATAMENTOS	43.188
INJECÇÕES	2.069
HOSPITALIZAÇÕES	398

Tal é, em síntese, a patriótica actividade das Serrações de Inhansato, incontestávelmente uma organização de grande relevo e que tem contribuido por uma forma valiosa para a valorização de Moçambique.

MARTHA DA CRUZ & TAVARES, L.DA

CAIXA POSTAL 318 — END. TELEG.: **«CRUZARES»**

Avenida da República

Prédio African Life

Escritórios de Agências de Navegação

Telefones 2369 (P. B. X.) e 2318

LOURENÇO MARQUES

Importação e Exportação — Comissões e Consignações — Armazéns de tecidos por atacado para comércio indígena.

Sempre para entrega imediata:

MÁQUINAS, FERRAMENTAS, TRACTORES, ALFAIAS AGRÍCOLAS, MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS

Agentes da Companhia Colonial de Navegação — Lisboa; Industria Portuguesa de Munições — Sacavem; Hudson Motor Car Company — Detroit Mich., U. S. A.; Jaeger Machine Company — Columbos, Ohio, U. S. A.; Universal Motor Company — Oshkosh, U. S. A.; Gilbert & Barker Manufacturing Company — Springfield, U. S. A.; Independente Pneumatic Tool Co. — Chicago, Illinois, U. S. A.; Cedar Rapids Engineering Company — Cedar Rapids, Iwa, U. S. A.; Hobart Brothers Company — Troy, Ohio, U. S. A.; Drake América Corporation — New York, U. S. A.; American Rattan Reed Mfg. Co. — Brooklyn, N. Y., U. S. A.; Crossley Brothers, Ltd. — Openshaw, Manchester; B. Elliot & Co. Ltd. — London; Conventry Victor Motor Co., Ltd. — Conventry; T. S. Harrison — London; Saunders Valve Company, Ltd. — London; Russel Newbery & Co. — Essex.

Correspondentes do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Agência Mercantil, Lda.

AGENTES DE

STANDARD ELÉCTRICA, LISBOA, E SUAS ASSOCIADAS

*

UNISTEEL AFRICA (PTY.), LTD.

(Ferro e aço)

*

STEWART & LLOYDS OF S. A., LTD.

(Tubagem, acessórios e postes)

*

USSHER INVENTIONS (PTY.), LTD.

(Carros de mão)

*

TOWMOTOR CORPORATION

(Guindastes automóveis)

Cx. Postal P. O. Box 1082

Edifício African Life — LOURENÇO MARQUES

Telef. 6307 — Teleg.: CANTIL

SOIMPEX

Sociedade de Importação e Exportação Moçambicana, Lda.

Telef. 2284 6244 Telef.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

AVENIDA DA REPUBLICA, 98 CAIXA POSTAL 67

Telef. 2620

LOURENÇO MARQUES

O maior sortido de tecidos nacionais e estrangeiros, a saber:

CHITAS, RISCADOS, FANTASIAS, CRETONES, TOBRALCOS, ORGANDIS, SEDAS, CETINS, TAFETÁS, POPELINES, OPALETES, RENDAS, ETC., ETC.

*

LENÇOS DE CABEÇA, EM ALGODÃO, CREPE, SEDA E RAYON
TOALHAS E ATOALHADO, PANO TURCO E TOALHAS DE ROSTO E BANHO
PANO PARA LENÇOL, BRANCO E DE CORES

*

LINHOS IRLANDÊS E BELGA, PALM BEACH E RAYON, PARA FATOS

*

SERAPILHEIRA DE 45" E 54"

*

CAMISAS E CAMISOLAS PARA HOMEM E RAPAZ
MÁQUINAS DE COSTURA PARA ALFAIATES

*

CATANAS, CANIVETES, CADEADOS E ENXADAS CAFREAIS DE 500, 600 E 800 GRS.

*

LANTERNAS DE MÃO, PILHAS E LAMPADAS

CONSELHO DE CAMBIOS

Organismo de contrôle de câmbios e operações monetárias

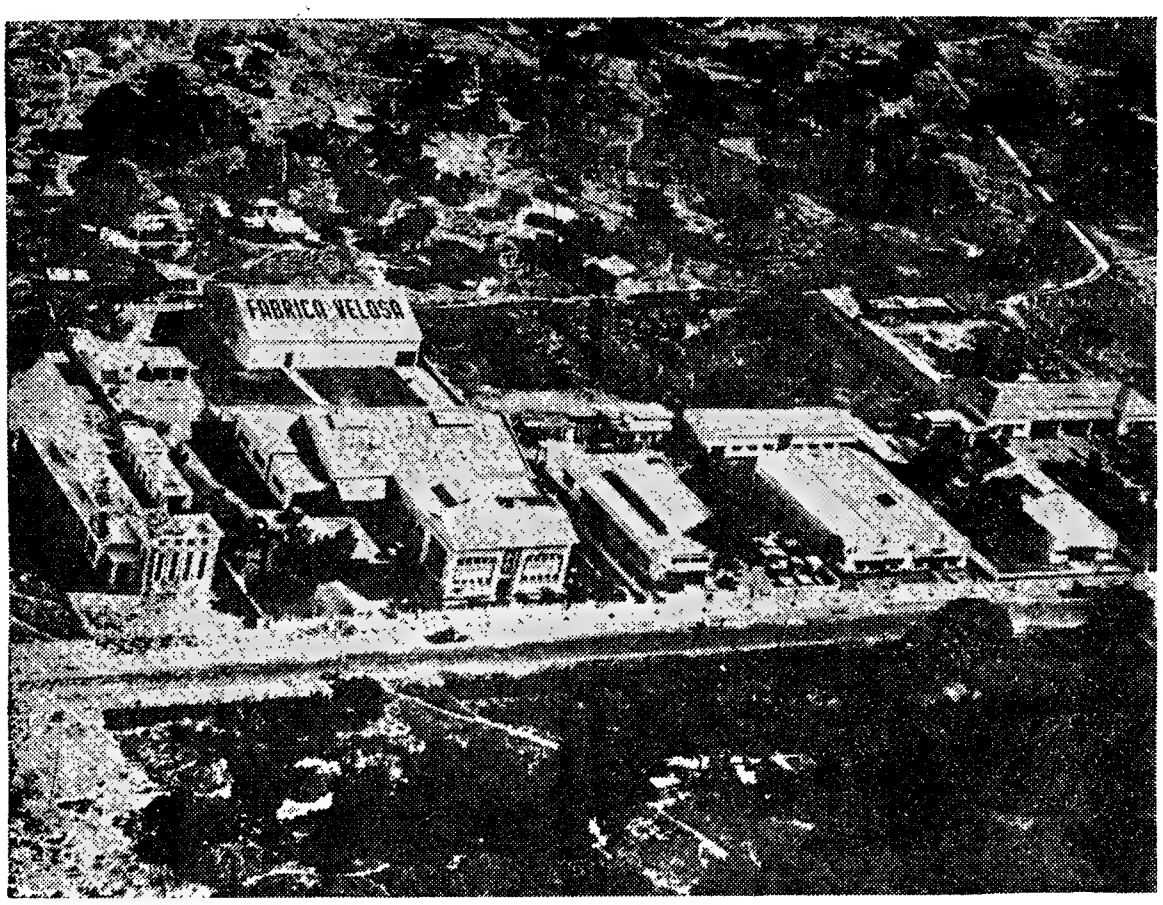
Delegações em:

Inhambane, Beira, Chinde, Quelimane, Moçambique,
Nampula, Porto Amélia e Tete

Para quaisquer informações sobre operações bancárias, monetárias e transferências de fundos

Inspecção Bancária

Caixa Postal 941 LOURENCO MARQUES



Empresa Industrial de Tabacos, Lda.

Fábrica «VELOSA»

«VELOSA» «VITÒRIA» «L.M.» «F.V.» «GAZELA»
«FAVEL» «CARAVELA» «BOB» «365»

Fábrica Nacional de Moagem e Massas Alimentícias, Lda.

PIONEIRA, EM MOÇAMBIQUE, DO FABRICO DE FARINHAS DE MILHO E DE MASSAS ALIMENTÍCIAS

ESTABELECIDA EM LOURENÇO MARQUES HÁ MAIS DE 30 ANOS

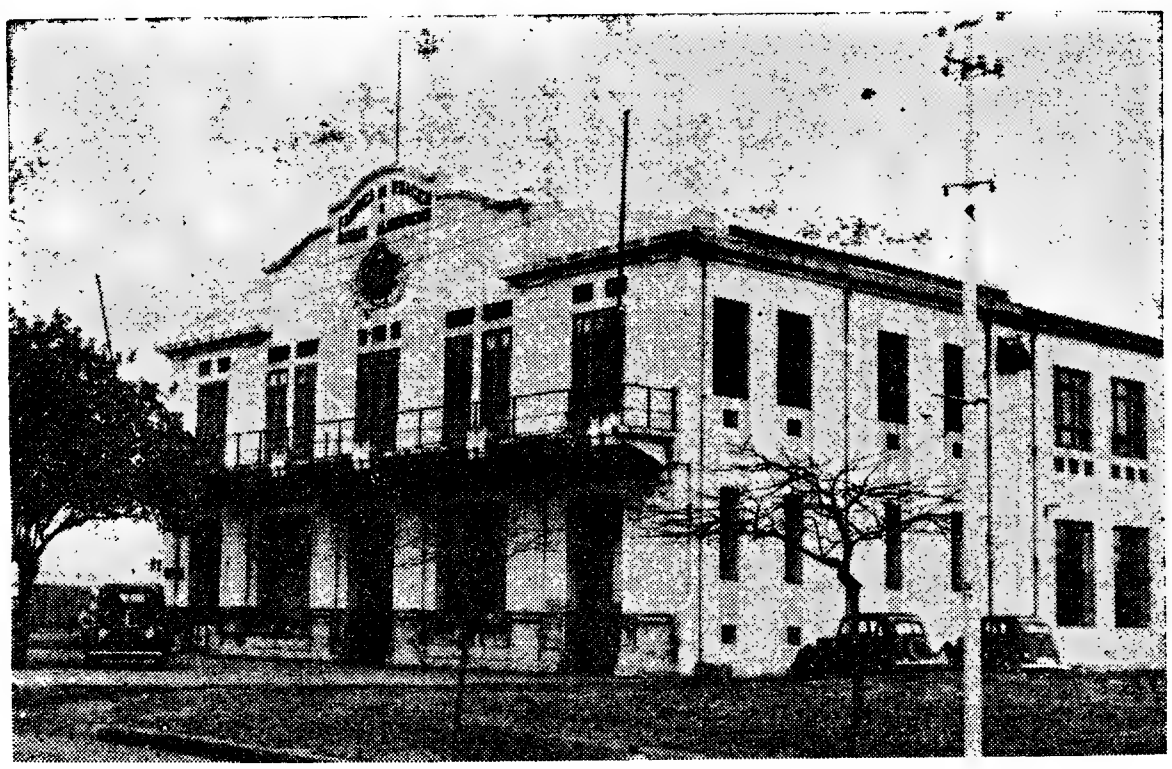
FABRICANTES DE FARINHAS DE MILHO E DE MASSAS ALIMENTÍCIAS DA MARCA **«MANJAR»**

AVENIDA DA REPUBLICA, 138

End. Teleg.: «MASSAS»
Telefone 6176

Código: «GUEDES»
Caixa Postal 71

LOURENÇO MARQUES



RECOMPENSAS:

MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PARIS DE 1931

MEDALHA DE OURO
NA GRANDE EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA DE LISBOA DE 1932

GRANDE PRÉMIO
NA GRANDE EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA DO PORTO DE 1938

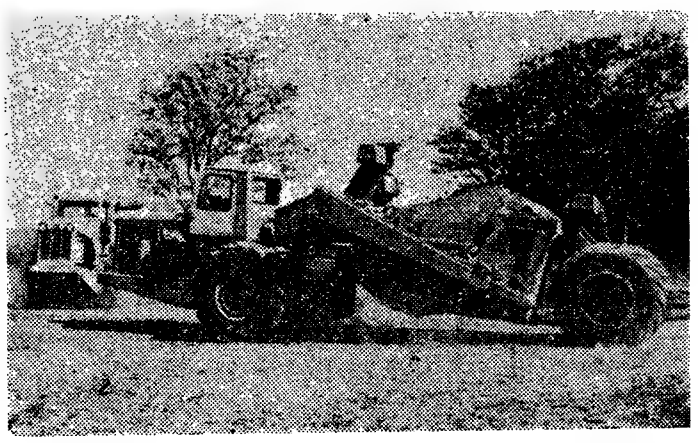
AGÊNCIA GERAL, L.DA

LOURENÇO MARQUES
Caixa Postal 677

I M P O R T A Ç Ã O

REPRESENTAÇÕES

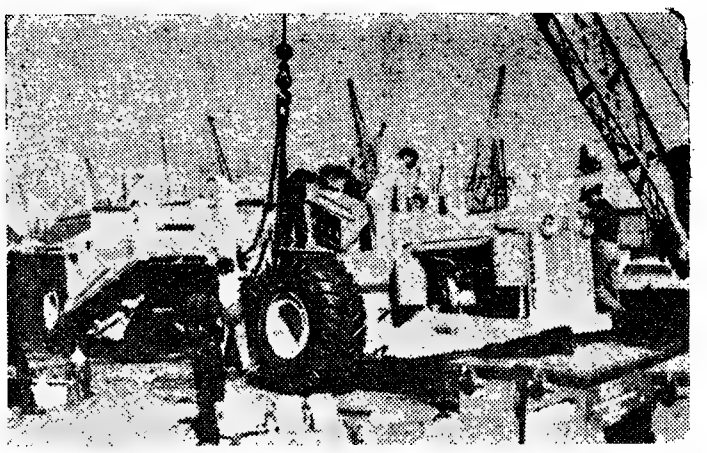
NAMPULA
Caixa Postal 88



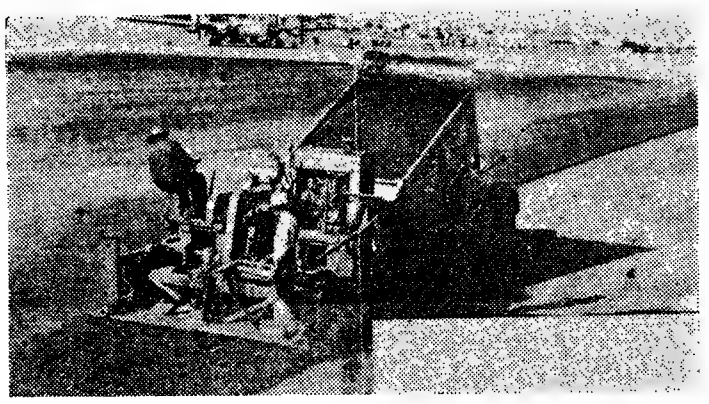
Uma das fases dos trabalhos das Obras do Limpopo onde se empregaram 8 Tournapulls modelo C

BEIRA
Caixa Postal 92
Endereço Telegráfico AGEL

DISTRIBUIDORES DE
LE TOURNEAU
WESTHINGHOUSE C.º
Máquinas para terraplanagens
TOURNATRACTOR
TOURNAPULLS
SCRAPERS
NIVELADORAS ADAMS



Um Tournapull modelo C, fornecido á Construtora do Tamega, montado no porto da Beira e em serviço nas Obras do Aeroporto daquela Cidade



Finisher da «Barber-Greene» que vem sendo utilizado na construção das pistas do aeroporto da Beira, pela CONSTRUTORA DO TAMEGA

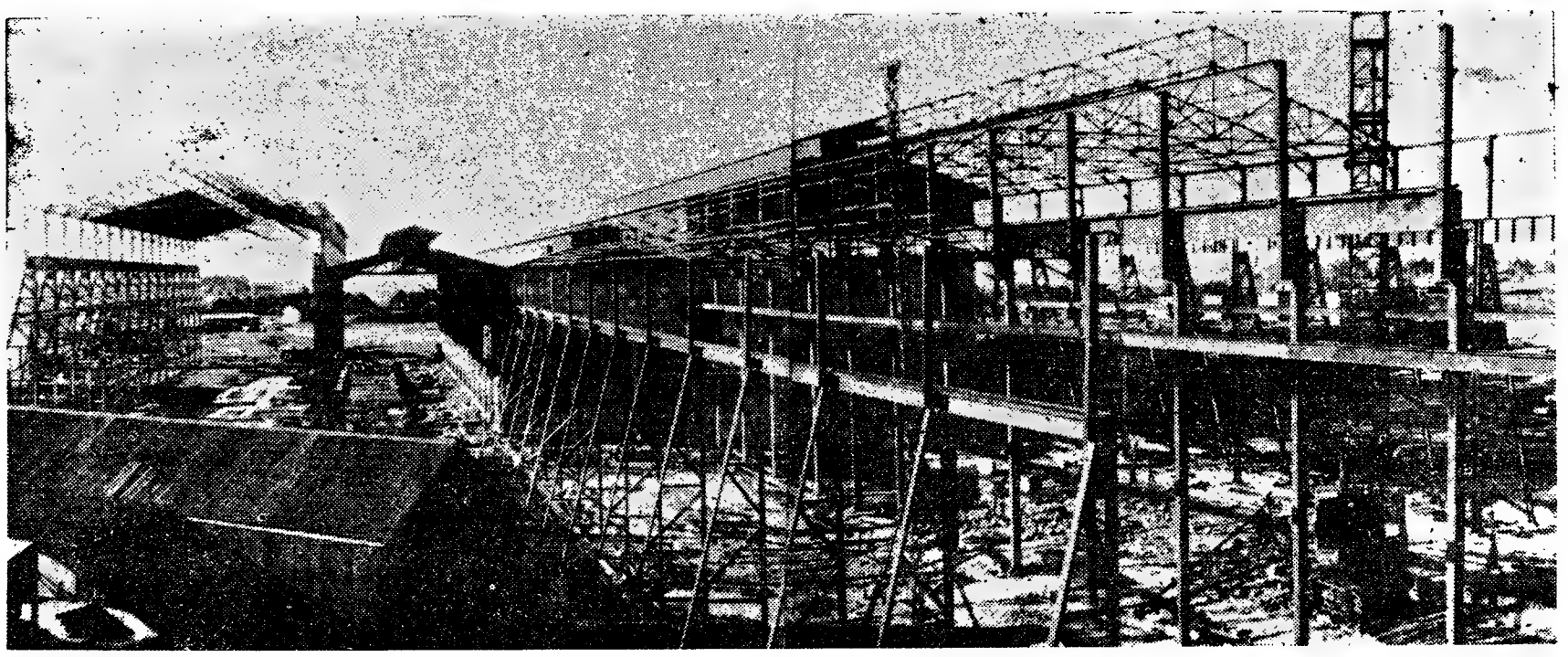
DISTRIBUIDORES DE
BARBER-GREENE C.º
MÁQUINAS P A R A ASFALTAGEM
MÁQUINAS PARA ABRIR VALAS
TRANSPORTADORES MECANICOS DE MATERIAIS

Máquina de abrir valas «Berber-Greca» nas Obras do Pafúri

FORNECEDORES DO ESTADO, CAMINHOS DE FERRO E EMPREITEIROS — ASSISTENCIA TÉCNICA E SOBRESSALENTES EM STOCK
PRESTAMOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS SOBRE A UTILIZAÇÃO ECONÓMICA DAS NOSSAS MÁQUINAS

Construções Metálicas, Lda.

COMETAL



Estruturas metálicas das Novas Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro da Beira, executadas e montadas segundo os planos dos Serviços Técnicos da COMETAL

Avenida da República, 130 **Telefone 3041** **LOURENÇO MARQUES**

Empresa Portuguesa de Estiva, Lda.

Estivadores no porto de Lourenço Marques

e das

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SUPERINTENDENTE DE ESTIVA: Manuel Alves Cardiga

AJUDANTES DE SUPERINTENDENTE DE ESTIVA: Salvador Alves Cardiga-Vladimiro Teixeira Cardiga

---

Orçamentos para Serviços de Estiva, por navios completos ou a outrem consignados

---

SHELL

27 anos ao serviço

de

MOÇAMBIQUE

Alberto Alves, Limitada

IMPORTADORES E EXPORTADORES

REPRESENTAÇÕES—EXPEDIÇÕES

AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA

AV. DA REPUBLICA, 162
TELEFONE N.º 5335
TELEG.: «ARALVES»
CAIXA POSTAL 1206
LOURENÇO MARQUES

AV. PRÍNCIPE DA BEIRA
Telefones 2131 e 2750
TELEG.: «ARALVES»
CAIXA POSTAL N.º 115
B E I R A

Aceitam-se representações para toda a Província

Agentes nas Rodésias e União Sul Africana

Armazens Alfandegados com desvio do C. F.

E C S A L

(Empresa de Comércio Sul-Africana, Lda.)

Secção de Comércio-Geral

Importação e Exportação

RUA ENG.º JOAQUIM LAPA, N.º 17-1.º

Caixa Postal N.º 974 **Telegramas «ECSAL»** **Telefones 2076 e 2077**

LOURENÇO MARQUES

FORNECEDORES DE:—Material ferroviário e de tracção; equipamento de Portos, Guindastes eléctricos, Armazens Metálicos, etc.
Dragas e Embarcações de todos os tipos.
Materiais de construção.

Secção agrícola

Rua 1.º de Maio, N.º 206
Telefone — 5108

- **Tractores «DAVID BROWN»**
- **Tractores «BRISTOL»**
- **Alfaias**
- **Bombas**
- **Debulhadoras**
- **Material para Vacarias**
- **Material para Aviários**
- **Material para Jardins**
- **Adubos**
- **Insecticidas**
- **Pulverizadores**
- **Material «TRAMAGAL».**

Secção óptica

R. Alexandre Herculano, N.º 28

- **Material Óptico «ZEISS»**
- **Aparelhos de Precisão**
- **Material Topográfico**
- **Máquinas fotográficas «ZEISS»**
- **Binóculos «HENSOLDT»**
- **Máquinas de somar «VICTOR»**
- **Máquinas de calcular «CURTA»**
- **Material de Laboratório**
- **Equipamento para Hospitais.**

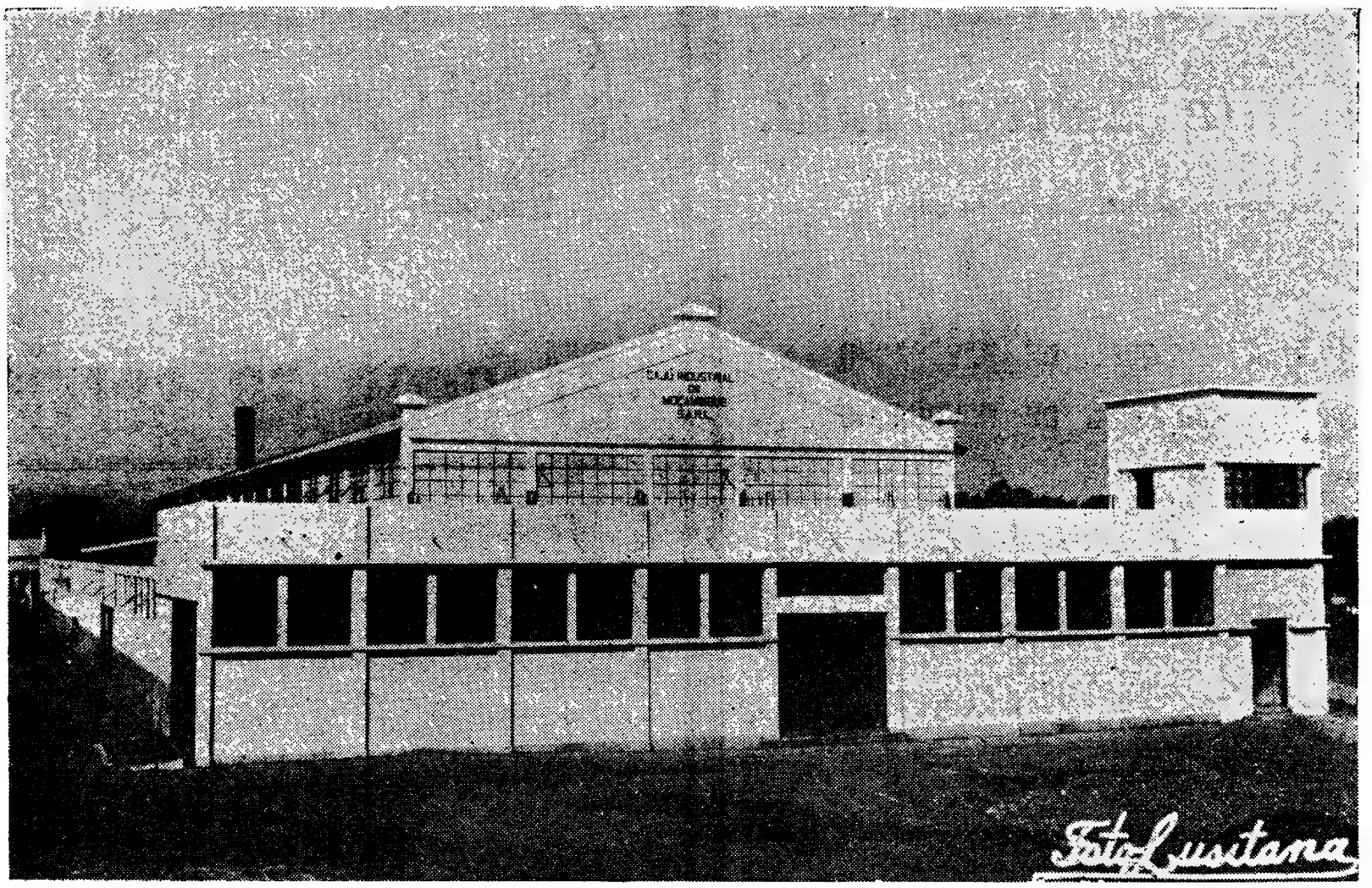
SUCURSAL em: VILA DE JOÃO BELO
Rua Mouzinho de Albuquerque
Caixa Postal N.º 132
Telefone N.º 75
VILA DE JOÃO BELO

FIRMAS ASSOCIADAS:—

S. T. R. O. L.
Rua Braancamp, N.º 88, 2.º, Dt.º
LISBOA

ESTABELECIMENTOS HAROLD, LD.
R. dos Douradores, 7
LISBOA

STROL (Africa), LDA.
Caixa Postal N.º 1358
LUANDA



A' Firma

Caju Industrial de Moçambique

deve-se o aproveitamento de uma das grandes riquezas da Província

Várias tentativas, embora em pequena escala, foram levadas a efeito no Norte de Moçambique, a fim de se obter a amêndoa da castanha de caju, mas delas nada resultou de util, em primeiro lugar por deficiência de técnicos e, depois, por falta de capitais.

Devido ao fracasso de tais tentativas, não se voltou, durante alguns anos, a insistir. Em 1949, porém, surgiu a firma Tharani & Companhia (Paquistão), que se propôs, e desta vez em maior escala, preparar não só a amêndoa para exportação destinada aos mercados da América do Norte como, também, o aproveitamento do óleo da casca, também com colocação assegurada no mesmo país. Todavia, apesar de toda a boa vontade e de ter demonstrado uma coragem digna de êxito, investindo no empreendimento todos os seus fundos disponíveis, a firma brevemente se viu forçada a reconhecer a insuficiência dos capitais e que a técnica era extremamente complexa, mais do que geralmente se supunha e hoje ainda alguns julgam.

Em face dos fracos resultados obtidos, viu-se forçada, também, a firma Tharani & Companhia a desistir do empreendimento. Sucedeu-lhe a firma Caju Industrial de Moçambique, Ld.ª e, pouco depois, a firma Caju Industrial de Moçambique (S. A. R. L.), com o capital realizado de 5.500 contos em 1951, e que aumentou em 1952 para 10.000, em 1953 para 14.000, estando pronto a atingir o montante de 20.000

Os investimentos de capital, que nos dão uma noção da grandeza da firma Caju Industrial de Moçambique, poderiam fazer supor que a industria se encontra numa fase de pleno desenvolvimento e desafogo. Tal não sucede, porém, porque também desta vez não só nenhum apoio proteccionista lhe foi dispensado como não há ainda na Província a preparação técnica necessária ao seu bom aproveitamento.

E já que se fala em dificuldades, deverá citar-se o facto de a União Indiana, mercado importador da castanha de caju, onde se prepara a amêndoa e o óleo, cobrar para a amêndoa importada, por tonelada, 60 rupias de direitos, enquanto em Moçambique esses direitos são de 1.500 escudos. Há que mencionar ainda que a matéria prima produzida em Moçambique e exportada para a União Indiana é ali apenas onerada com direitos de importação práticamente nulos, facilitando, assim, a industrialização do produto naquele país.

Apesar, porém, de todas estas dificuldades e dos avultados prejuizos sofridos em cada ano de laboração, a firma Caju Industrial de Moçambique não desfalece. Continua, infatigàvelmente, a sua luta, pugnando pelo desenvolvimento da industria, tanto mais que a amêndoa, exportada na sua quase totalidade para os mercados dos Estados Unidos, traz para a Província um apreciável contingente de dólares, necessários ao seu progresso.

Para se poder avaliar da importancia da firma e da sua incansável actividade para a industrialização de um produto tão rico e abundante em Moçambique, não será despropositado citar alguns numeros, ainda que ligeiros:

	1950	1954
Toneladas de castanha industrializada ...	290	4.250
Dólares obtidos	21.519	708.520
Ordenados e salários pagos (em contos)	600.000	6.133.000
Pessoal indígena	50	1.800

Tais numeros, que podem considerar-se prometedores de uma industrialização completa da castanha de caju, dispensam comentários, por serem tão expressivos.

Contudo, para que a industria possa ser coroada do êxito que merece—do que só resultarão incontestáveis benefícios para Moçambique—será necessário que sejam encarados de frente determinados problemas, como, por exemplo, os relacionados com a mão-de-obra, uma vez que a ideia predominante na Província é a da mecanização.

Evidentemente que a firma Caju Industrial de Moçambique nunca recusou o seu apoio franco e decidido a todas as tentativas feitas no sentido da mecanização. Todavia, entende—e tal opinião é baseada em alguns anos de trabalho intensivo — que, enquanto a mecanização não for possível, não se deve deixar de proteger de todos os modos os processos manuais, unicos que, até agora, deram resultados positivos.

A mão-de-obra utilizada na industria é quase toda—ou sejam 90 %—feminina.

Abrem-se desta forma possibilidades de trabalho á mulher indígena, normalmente ociosa, tornando-a um elemento activo na produção e levando-a, á custa do seu esforço, a melhorar as suas condições de vida. E este aspecto não é, em verdade, dos menos importantes...

Assim, a firma Caju Industrial de Moçambique está realizando, e propõe-se continuar a realizar, na nossa Província da África Oriental um trabalho a todos os títulos notável, digno de protecção e auxílio.

Organizações P. Santos Gil

Avenida da Republica, 49, 1.º

EDIFICIO SANTOS GIL — TELF. 4001/2/3

LOURENÇO MARQUES

P. Santos Gil & C.ª Lda.

IMPORTADORES E EXPORTADORES — CONCESSIONÁRIOS DO CIRCULO ORIZICOLA DE GAZA — FÁBRICA DE MOBILIAS E SERRAÇÃO — FORNECEDORES DE MATERIAL FERROVIÁRIO E DE CONSTRUÇÃO.

Sociedade Industrial de Oleos, Lda.

ÓLEOS VEGETAIS — AMENDOIM, COPRA E MAFURRA

Consorcio Internacional de Agencias, Lda.

MEDICAMENTOS E PRODUTOS QUÍMICOS

Parceria Marítima do Xai-Xai Lda.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

CARREIRAS PARA A COSTA, **N/M «JANINA»**

45 ANOS AO SERVIÇO DA PROVÍNCIA

Sociedade Industrial do Niassa, Limitada

Rua Lapa, 17-2.º Apart. 46

Caixa Postal, 974 *Telefone, 2404* *Telegramas: «SINLA»*

LOURENÇO MARQUES

Fábrica de descasque e preparo de arroz em Angoche (*António Enes*)

SEDE: Lourenço Marques

Circulo Orizícola: **Moma, Angoche, Mongincual, Mogovolas**

LOPES & IRMÃOS, LDA.

Caixa Postal, 158 End. Teleg.: «LOPES»

QUELIMANE

Associados e representantes em Quelimane das seguintes firmas:

LOPES & IRMÃOS, L.DA — Agricultores e Concessionários Algodoeiros com sede em Megaza, Circunscrição de Morrumbala.

EMPRESA COMERCIAL DE MEGAZA, L.DA — Comerciantes, Importadores e Exportadores, com sede em Megaza e filial na Beira, C. P. 825.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DO BAIXO LICUNGO, L.DA — Concessionários orizícolas, com sede em Nante, Circunscrição da Maganja da Costa.

EMPRESA AGRÍCOLA DO MOCOCHA, L.DA — Plantadores-Fabricantes e Exportadores de Chá, com sede em Narre — Vila Junqueiro (Ex-Gurné).

EMPRESA AGRÍCOLA DE CHÁ, L.DA — Plantadores-Fabricantes e Exportadores de Chá, com sede em Narre — Vila Junqueiro.

CHÁ TACUANE, L.DA — Plantadores-Fabricantes e Exportadores de chá, com sede em Tacuane-Lugela.

Sociedade Algodoeira de Tete, Lda.

ALGODÃO, MILHO, FEIJÃO, ARROZ, CHÁ—PRODUTOS ULTRAMARINOS

Importação — Exportação

VINHOS E TECIDOS PARA INDÍGENAS

PENDRAY, SOUSA & C.A L.DA

35 anos ao serviço de Moçambique

Distribuidores Gerais para toda a Provincia

da

GENERAL MOTORS

e dos

Motores PERKINS

Agentes Oficiais da Manufactura Nacional de Borracha

(MABOR)

AGENCIAS MODERNAS

Distribuidores para toda a Provincia da ROVER COY fabricantes dos Veículos LAND ROVER e dos pneus FIRESTONE e Material e Baterias LUCAS

Organização Buccellato

É constituida pelas firmas abaixo mencionadas :

«G. B. Buccellato & Filhos, Lda.» Lourenço Marques

(Fundada em 1919)

*

«G. B. Buccellato & Filhos (Beira), Lda.» — Beira

Ambas negoceiam em materias de consrrução e são fornecedoras do Estado.

*

«G. B. Buccellato Construtores, Lda. — Lourenço Marques

Um dos pavilhões das oficinas Gerais do C. F. M. construído por G. B. Buccellato Construtores, Ld.ª

Dedica-se à construção civil, sendo esta a primeira actividade exercida pelo fundador da Organização — Sr. Giuseppe B. Buccellato.

Conta no seu efectivo obras de grande vulto, entre as quais:
Construção do Prédio da «African Life»;
Ampliação das Instalações da «Companhia de Cimentos da Matola»;
Construção dos Silos da «Companhia Industrial da Matola, S. A. R. L.»;
Construção em betão prè-esforçado, das Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro de Moçambique.
Até hoje foi esta a única firma a trabalhar com material betão prè-esforçado.

«SOCIEDADE METALURGICA PORTUGUESA, LDA.» — Rua Lapa 29-31, Caixa Postal 472 — LOURENÇO MARQUES.
Especializada em Reparações Navais, construção de estructuras metálicas, tanques, etc.

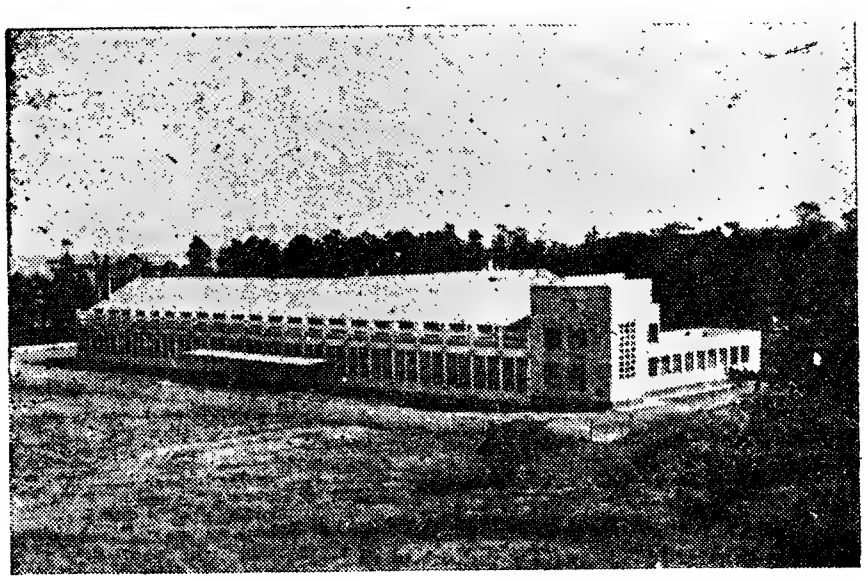
Companhia Industrial de Fundição e Laminagem, S. A. R. L.

(CIFEL)

Sociedade anónima, constituida sòmente por capitais portugueses no valor de 30.000 contos

É a maior FUNDIÇÃO de Moçambique e a primeira a produzir aço

O ferro, em fusão, escorrendo do forno para o grande cadinho



Aspecto da Companhia Industrial de Fundição e Laminagem

Modernamente apetrechada, conta instalar em breve um laminador

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

FÁBRICAS EM

Alferrarede, Barreiro, Canas de Senhorim, Lisboa, Mirandela, Porto, Soure e Vila Nova de Gaia,

PRODUTORES DE

Adubos — **Carbonato de soda** — **Sulfureto de carbono** — **Sacos de juta** — **Sulfato de cobre** — **Sabões** — **Ácido clorídrico** — **Cordas e cabos** — **Enxofres** — **Sulfatos de ferro e sódio** — **Ácido sulfúrico** — **Azeites** — **Lonas de algodão**

Fundição de aço e ferro Construção naval

Adubos próprios para culturas nas regiões tropicais

Agentes Gerais em Moçambique:
BREYNER & WIRTH, LIMITADA
Caixa Postal 206 — Lourenço Marques

Agente Distrital na Zambézia:
SOCIEDADE AGRÍCOLA DO MADAL, L.DA
Caixas Postais n.os 17, 18 e 19 — Quelimane

Agente Distrital em Cabo Delgado, Niassa e Moçambique:
JOÃO FERREIRA DOS SANTOS
Caixa Postal n.º 1 — Moçambique

The Consolidated Stevedoring & Forwarding Agency

(Lourenço Marques) Proprietary Limited

POSTAL ADDRESS: P. O. Boxes 292, 1563 & 1573 — LOURENÇO MARQUES, Portuguese East Africa.

Sede: **DURBAN**

DIRECTORES: **A. J. RENNIE – J. PAPE – R. C. HAY – COGHLAN – W. E. CHICKEN – I. C. HENRY – R. G. RENNIE – R. LUKE – A. M. ROSHALT**

GERÊNCIA EM LOURENÇO MARQUES: **A. R. Luke: Director-Residente.**

C. Lindsay, Jaime Vasques – Gerentes — **A. S. Brito, R. Scoones** – Sub-Gerentes

A Companhia iniciou as suas actividades em Lourenço Marques no ano de 1906.

O número de empregados em 1955, antes da inauguração do caminho de ferro do Limpopo era de 55, tendo actualmente 98 ao seu serviço.

A Companhia explora a actividade de Agentes transitórios, tendo um Armazem Alfandegado na sua estancia situada na Matola, sendo agentes das seguintes Companhias de navegação:

LYKES BROS. S. S. CO. INC. de Nova Orleans — DEUTSCHE OST-AFRIKA LINIE de Hamburgo — SOUTH AFRICAN LINES, LTD. de Cape Town

Esta Companhia é associada da firma JOHN T. RENNIE & SONS, sendo por este facto agente da «LLOYD'S» de Londres e das seguintes Companhias de navegação:

THE BANK LINE, LTD. (Andrew Weir & Co) Londres — THOS. & JAS. HARRISON, LTD. Liverpool e Londres — PRINCE LINE, LTD. Londres SHAW SAVILL & ALBION, LTD. Londres — COMPAGNIE DES MESSAGERIES MARITIMES. Paris — COMPAGNIE MARITIME DES CHARGEURS REUNIS. Paris — LLOYD TRIESTINO. Trieste — FARRELL LINES, INC. Nova Iorque — HALL LINE, LTD. Liverpool

COMPANHIAS ASSOCIADAS: **JOHN T. RENNIE, SON & CO. Londres — THOMAS MEADOWS & CO. LTD. Londres — NEALE & WILKINSON LTD. Londres — ALLEN, WACK & SHEPHERD (RHODÉSIA) LTD. Rodésia — THE CONSOLIDATED STEVEDORING & FORWARDING AGENCY (S. A.) (Pty) LTD. em DURBAN, CAPE TOWN, EAST LONDON e JOANESBURGO. — JOHN T. RENNIS & SONS, DURBAN, CAPE TOWN, EAST LONDON. PORT ELIZABETH e JOANESBURGO. — ALLEN, WACK & SHEPHERD, LTD. BEIRA.**

TAYOB JAMAL & CA.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Avenida Alvares Cabral, n.º 94
Caixa Postal, 839 — Telefone 3530

Telegramas «CAJU» Códigos { A. B. C. 6TH EDITION / BENTLEY'S & PRIVATE

LOURENÇO MARQUES

(A. O. Portuguesa)

COMÉRCIO GERAL

EXPORTADORES DE PRODUTOS ULTRAMARINOS

Castanhas de Caju
Semente de Ricino
Feijão Cafreal

IMPORTADORES DE

Sacaria de Juta
Tecidos de Algodão
Ferramentas Agrícolas

BANQUEIRO:

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Técnica e Distribuidora, Limitada

Caixa Postal 527 Endereço Telegráfico "PERANTOS"

Lourenço Marques

AGENTES E DISTRIBUIDORES:

De Portugal:

Augusto Martins Pereira «Fabricas Alba» — Ferros de engomar, Colunas para iluminação publica, etc.

Centro Vidreiro do Norte de Portugal, Ld.ª — Serviços de vidro, etc.

Carrasqueiro & Teixeira, Ld.ª, «Frigido» — Balcões frigorificos, Refrigeradores de água, etc.

Engenheiro Bruno Janz Herdeiros — Contadores de Agua «Tagus».

Estabelecimentos Scial do Norte de Portugal, Ld.ª — Autoclismos «Canope», etc.

Sociedade de Produtos Grafitados, Ld.ª — Motorgrafite, Grafil e Tartografite

Do Estrangeiro:

Bessans-Du Plessis Eng. Co. (Pty) Ltd. — Tubagem e Acessórios de ferro fundido para esgotos, etc.

South African Pulp & Paper Ind. Ltd. — Cloro liquido para tratamento de água.

Johnson & Phillips (S. A.) (Pty) Ltd. — Material Electrico de toda a espécie.

The Electrical Apparatus Co. Ltd. — Contadores de electricidade, etc.

Revo Electric Co. Ltd. — Material eléctrico de toda a espécie.

Solignum Limited. — Tintas de óleo e plásticas, «Solignum», etc.

Matthew Gloag & Son Ltd. — Whisky Escocês «Grouse».

Armazenistas de:

Bancas Lava-Loiças em aço inoxidável de origem sueca.

Produtos Quimicos para tratamento de Agua, Sulfato de Aluminio, Cal Viva, Aluminato de Sódio, Etc., Etc.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

velho colono de Moçambique deixou um grande exemplo de tenacidade, amor ao trabalho e honradez.

Com cinquenta anos de permanência em África — quarenta e sete dos quais em Lourenço Marques — Manuel Augusto Rodrigues foi um dos mais dedicados colonos de Moçambique. Trasmontano, de Bragança, veio para a capital da Província em Janeiro de 1897, depois de ter permanecido alguns anos em Angola.

Era então Lourenço Marques um pequeno aglomerado de casario, cheio de pantanos, com um clima hostil que, com frequencia, ceifava muitas vidas. Ao chegar, com 27 anos, trazia ele consigo, apenas esta riqueza: uma mocidade exuberante e uma vontade incomensurável de vencer.

Desde a sua chegada até 1907, foi empregado comercial e proprietário de uma mercearia, onde montou a primeira agência da Imprensa da Metrópole, trazendo até Lourenço Marques os grandes jornais diários. Foi, também, o primeiro agente das lotarias da Santa Casa da Misericórdia.

Agigantado, corpulento, rosto talhado em granito, falando pouco, Manuel Rodrigues fixou-se para sempre em Lourenço Marques, onde nasceram os seus filhos, hoje continuadores da sua obra.

A sua vida não foi fácil. Lutou muitas vezes com a adversidade, mas triunfou, devido ás suas extraordinárias qualidades: tenacidade, amor ao trabalho e honradez.

Falar do velho colono Manuel Rodrigues é recordar a evolução do espectáculo teatral e cinematográfico em Lourenço Marques. Na sua primeira fase de empresário, em 1907, no velho Salão Edison, trouxe ele a Moçambique os primeiros filmes silenciosos.

Foi esse Salão a sua primeira obra. No mesmo local, fez construir depois um magnífico teatro com lotação para 1.000 pessoas, a que, a pedido da população, pôs o nome de Gil Vicente, inaugurado em 8 de Setembro de 1913. A esse teatro, que era considerado o primeiro da África do Sul, trouxe, á custa de muitos sacrifícios, as primeiras companhias teatrais portuguesas, instalando em Março de 1931, a primeira aparelhagem de cinema sonoro. Em Novembro desse ano, porém, um incêndio consumiu-o totalmente.

A perda foi total. Manuel Rodrigues contava, então, 63 anos. Mas reagiu a este golpe de destino e, vencidas mais dificuldades, conseguiu inaugurar em 8 de Agosto de 1933, outro teatro, também de nome Gil Vicente, a melhor sala de espectáculos do nosso Ultramar.

Coração de ouro, como que a contradizer a sua máscara de granito, Manuel Rodrigues contribuiu com dádivas no valor de muitas centenas de contos, para as mais variadas obras de altruismo e beneficência.

Contando 74 anos de idade, faleceu no dia 10 de Março de 1944, Manuel Augusto Rodrigues, um dos mais velhos colonos de Moçambique, e que deixou um grande e formoso exemplo de tenacidade, honradez e patriotismo.

Companhia de Sabões e Oleos "A MOÇAMBIQUE, LDA."

(The Moçambique Soap & Oil Co., Ltd.)

(Fundada em 1917)

TELEFONES Fábrica, 4393
Escrit., 6393

Telegramas: «SABÃO
Caixa Postal, 244

LOURENÇO MARQUES

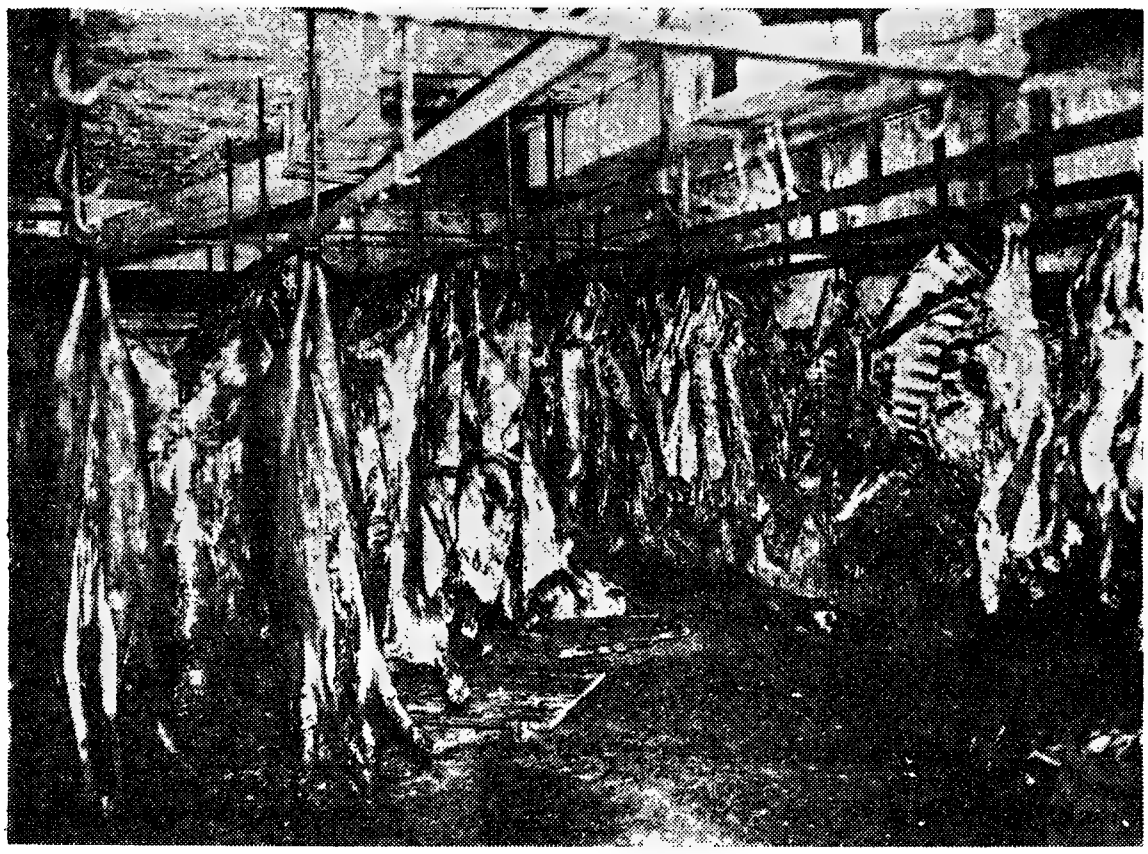
A Fábrica de Sabões de maior capacidade produtora na Província de Moçambique

SABÕES NO MERCADO

PIONEIRO, tipo Offenbach, azul de 1.ª
AMENDOA para soalhos e outros pavimentos
MOLE para lavagem e lubrificação de máquinas

São totalmente eficientes e resultam do melhor aproveitamento dos vários óleos da Província. Equiparam-se absolutamente aos melhores produtos similares nacionais e estrangeiros

Cooperativa de Criadores de Gado



CAIXA POSTAL 602

Telegrama: «GADO»

LOURENÇO MARQUES

Pasteurização de leite
Exploração frigorífica
Talhos e leitarias
Salga de peles

Organização Cooperativa de Criação de Gado e Lacticínios com 200 associados, possuindo cerca de 80.000 cabeças de Gado bovino e com uma produção anual Leiteira de 2 milhões e 500 mil litros de Leite e 1 milhão de Ovos

Fabricantes de manteiga e subprodutos. Fornecedores de Carne congelada para a Metrópole e toda a Província de Moçambique

A Agência Geral do Ultramar e a Cultura Portuguesa

Criada em 1924, num momento particularmente dificil da vida da Nação, a Agência Geral do Ultramar tem vindo a realizar, desde então, uma obra notabilíssima cujo significado assume especial transcendência no campo das relações culturais entre a Metrópole e o Ultramar.

Relatar o que tem sido a sua acção ao longo dos ultimos trinta anos, corresponderia a enumerar uma série quase interminável de realizações que, no plano interno e no internacional, têm contribuido para aumentar o prestigio que rodeia a politica ultramarina do País.

No inicio da viagem do sr. Presidente da Republica a Terras de Moçambique, não deixa de ser oportuno recordar algumas das iniciativas levadas a efeito no ultimo quinquenário, que são, por si só, demonstração convincente e expressiva do nivel de uma cultura e da capacidade organizadora e da sensibilidade artística do homem que orienta hoje os destinos da Agência.

Na primeira fila dos empreendimentos a que ficaram indelèvelmente ligados os nomes do Organismo e o do sr. dr. Leonel Banha da Silva figuram, sem duvida, as Exposições de Arte Sacra Missionária de Madrid e Lisboa.

Se os ecos do certame realizado na capital espanhola chegaram até nós um pouco esbatidos, o êxito alcançado pela exposição quando ela se repetiu em Lisboa, melhorada e ampliada, por ocasião das comemorações do encerramento do Ano Santo é das que não esquecem fácilmente.

Duzentas mil pessoas passaram pelos Jerónimos para admirar em concentração e recolhimento o mundo de maravilhas ali exposto num cenário de surpreendente beleza. Testemunho convincente do muito que os missionários conseguiram no campo da evangelização, a exposição veio demonstrar como o cristianismo ganhou entre os povos infieis uma profundidade capaz de suscitar sentimentos e expressões de arte. E, ao revelar o valioso contributo trazido pelos arautos do Evangelho ao progresso das artes e dos estudos universitários no campo da renovação da arte indígena, veio uma vez mais confirmar — como disse o Papa Pio XII — «que a Igreja não contraria mas respeita e aperfeiçoa ao máximo o génio de cada povo».

Não cabe no espirito deste artigo uma apreciação ainda que sintética das obras que figuraram no certame de Belém. Seria, aliás, trabalho inutil. Quem não se recorda do espectáculo de «féerie» que ofereciam então os maravilhosos claustros renascentistas dos Jerónimos, nessas noites de verão em que uma luz suave banhava de espiritualidade as velhas pedras trabalhadas em prodigioso rendilhado pelos homens de Quinhentos.

Acontecimento sem a projecção ecuménica do anterior, mas de transcendente significado na vida cultural da Nação, foi a Exposição de Goa de 1952. Esse admirável mostruário, em cuja selecção e montagem o dr. Banha da Silva desenvolveu prodigiosa actividade, serviu com eficácia para demonstrar ás *élites* goesas até que ponto era uma realidade o ressurgimento nacional no plano da cultura.

Quem viu a Exposição ou acompanhou os trabalhos que a possibilitaram, sabe bem que dificilmente se poderia chegar a um resultado mais feliz e mais próximo do objectivo visado. Naquele belo mostruário incluiam-se, lado a lado, artistas e obras de todas as tendências, desde os que no respeito ás normas tradicionais buscam a maneira própria, até áqueles que procuram ousadamente novos caminhos e soluções mais arrojadas para a sua problemática. Que outros méritos não tivesse o certame de Goa, bastaria esse de afirmar inequivocamente a presença portuguesa nas lutas, nos problemas e nas desilusões da Arte Contemporanea.

Goa fez o seu juizo, compreendeu a mensagem que a Metrópole lhe enviava. Os quadros e as esculturas, as publicações, os gráficos e as fotografias daquela maravilhosa exposição outra coisa não eram do que resultantes do mesmo tempo, da hora que Portugal apaixonadamente vive.

* * *

Ao apreciar-se, ainda que em síntese, esta ou aquela das muitas realizações da Agência com incidências no plano da cultura, não seria justo deixar de se fazer referência ao êxito que invariàvelmente tem alcançado junto do publico os seus pavilhões na Feira Popular de Lisboa. O pavilhão do Ultramar na Feira é todos os anos uma lição viva e admirável da História de Portugal, um elo de ligação entre os Portugueses da Metrópole e os que mourejam pelas provincias de além-mar. Em boa hora nasceu essa iniciativa que há muito se impôs ao publico da capital, quer pelo seu interesse intrinseco, quer pelo alto nivel artistico imprimido á sua execução. Mais uma vez assim foi este ano O turismo deu o tema. Para muitos o turismo no Ultramar era apenas a caça. O pavilhão da Agência veio desfazer em fumo essa grosseira suposição. A centenas de milhares de pessoas foi assim facultada a possibilidade de se inteirarem dos valores positivos que as provincias do Ultramar oferecem no plano turistico e das virtualidades que oferecem. O Pavilhão, aliás, fala por si. Quaisquer comentários seriam superfluos.

* * *

Propositadamente, deixamos para o fim o acontecimento que presentemente domina as atenções do agente geral do Ultramar: a grande Exposição que o chefe do Estado,, inaugurará, solenemente, em Lourenço Marques, durante a sua próxima visita a Moçambique.

Para que o leitor avalie bem da magnitude de tal certame e das dificuldades da sua realização, basta enunciar o seu tema: «A Vida e a Arte do Povo Português». O agente geral e os seus dedicados colaboradores encontram-se, assim, perante uma tarefa extremamente espinhosa. Importa sobretudo, imprimir á exposição uma feição tal que o visitante, ao percorrê-la pudesse fixar uma visão de conjunto da actualidade portuguesa, expressa nos vários aspectos da vida espiritual e material por que se revela. Por outras palavras: pretendia-se apresentar em Moçambique uma síntese da vida nacional: o que somos no Mundo e como somos em Portugal.

As dificuldades a vencer eram de toda a ordem, a principiar pelo local. O problema das instalações foi, porém, resolvido de uma forma que, se não é a ideal, é pelo menos muito satisfatória. A exposição será montada num edificio acabado de construir e que se destina a um importante serviço publico. O certame abrirá com um apontamento — definição do esforço português em oito séculos da História. Assinalam-se, apenas, os tópicos das etapas sucessivas que marcam a linha de expansão da nacionalidade. Dada esta explicação histórica, mostra-se, a seguir, um documentário que vai de Lisboa a Timor, visão ampla do todo uno e indivisivel que somos no Mundo.

De Lisboa e do seu progresso terá o visitante ideia nitida, através da «Exposição Lisboa de Hoje», a feliz iniciativa do municipio olissiponense que depois de ter ido a Roma viajará até Lourenço Marques.

Depois, as provincias metropolitanas apontam-se numa série de fotografias, elementos decorativos e peças folclóricas, que se escolheram sem a pretensão de mostrar tudo. Alguns monumentos lembram centenas deles; umas quantas perspectivas paisagisticas bastam para sugerir muitas mais; duas ou três barragens, quatro ou cinco edificios publicos, uma ou outra ponte, vários troços de estradas, as pousadas, este ou aquele hotel, quaisquer instalações fabris são suficientes para que se vejam as centenas, os milhares de realizações semelhantes que modernamente se têm levantado por aí fora. Pormenores de uma ou de outra romaria desta ou daquela faina, um sorriso feminino, alguns pares bailando, certos trechos da aldeia, da vila e da cidade e muitas outras fotografias, dizem da vida do povo do Minho ao Algarve, dos Açores e da Madeira.

Peças de trajo, objectos de arte popular de utilização doméstica, de adorno, de trabalho, confeccionados nos mais diversos materiais, embora não se exponham todos, os que se puderam recolher chegam para definir uma riqueza folclórica e sobretudo para, em Lourenço Marques, despertar uma ponta de saudade.

As provincias ultramarinas, no desenvolver deste roteiro, figuram também em imagens bem explicitas, no sentido de se avaliar o grau do seu desenvolvimento social, e consequentemente, de civilização atingido. Os valores turisticos, onde quer que eles existam constituindo já um motivo de atracção ou aguardando que se lhes dê as condições de virem a despertar um interesse futuro, serão postas em evidência.

Dr. Leonel Pedro Banha da Silva agente-geral do Ultramar

Neste percurso da exposição poderá fixar-se uma visão de conjunto da actualidade portuguesa, expressa em muitos dos aspectos por que se revela.

Após esta viagem de Lisboa a Timor, passa-se á demonstração da vitalidade do espirito manifestada nas suas melhores representações artisticas.

Uma Exposição do Livro dará a medida dos meios de cultura postos á disposição do povo, com realce para as obras de autores portugueses. Um mostruário de Artes Gráficas, preenchido com exemplares das melhores oficinas de Lisboa e Porto atesta a perfeição e bom nivel artistico empregado nas edições e demais trabalhos de tipografia, litografia e rotogravura.

As Artes Decorativas estão representadas com bastantes elementos que só por si dão a ideia do ambiente de bom gosto que modernamente se vive.

As Artes Plásticas num conjunto valioso de desenhos, aguarelas, «gouaches», óleos, esculturas e de outros processos de expressão, darão a nota do panorama artistico contemporaneo. Desde os nomes já consagrados, até áqueles que modernamente vão aparecendo a revolucionar as formas plásticas, os melhores figuram nesta exposição. Entre eles estão artistas que vivem em Moçambique, Angola e India.

Finalmente, o certame, fechará com a evocação dos homens que á construção da nacionalidade sempre deram, além-mar, o melhor do seu esforço.

Dois baixos relevos representam as forças armadas e os colonos, e a figura de um missionário o esforço civilizador no seu significado espiritual.

E termina-se com uma alusão á viagem do chefe do Estado a Moçambique, símbolo da união que enlaça numa estreita fraternidade todos os Portugueses onde quer que estejam e de onde quer que sejam, da Europa, de Africa ou do Oriente.

* * *

Ao fechar estas considerações sobre algumas iniciativas levadas a efeito pela Agência Geral do Ultramar nos ultimos anos, cabe uma referência á valiosa actividade de um homem que tem sido o grande impulsionador daquele departamento do Estado: o dr. Leonel Pedro Banha da Silva, homem modesto e simples, espontaneo e culto, com essa cultura esclarecida e essa visão ampla e rasgada do Mundo que caracteriza os seres de excepção, aqueles para quem o humanismo não é uma atitude exterior mas sim um estado de alma.

Conjunto de edifícios que formam o Centro Civico, onde se realizará a «Exposição da Vida e da Arte Portuguesa», promovida pela Agência Geral do Ultramar. O projecto é do distinto arquitecto João António Aguiar, do Gabinete de Urbanização

Banco Nacional Ultramarino

RUA DO COMÉRCIO, 94 ✱ LISBOA

Capital ... ... **150.000 Contos**
Fundos de Reserva ... ... **241.983 Contos**
Fundos Diversos ... ... **179.084 Contos**

◆

BANCO EMISSOR NAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE CABO VERDE, GUINÉ, S. TOMÉ E PRÍNCIPE, MOÇAMBIQUE, ESTADO DA ÍNDIA, MACAU E TIMOR

52 FILIAIS NA METRÓPOLE, 10 DEPENDÊNCIAS URBANAS, 20 FILIAIS NO ULTRAMAR. BANCOS FILIADOS NO ESTRANGEIRO: BANCO ULTRAMARINO BRASILEIRO S. A., NO BRASIL; ANGLO-PORTUGUESE BANK LTD., EM LONDRES; BANQUE FRANCO-PORTUGAISE D'OUTRE-MER, EM PARIS

◆

AGENTES E CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS, ABERTURA DE CRÉDITOS DOCUMENTARIOS. CONTAS DE CRÉDITO. TRANSFERÊNCIAS POSTAIS E TELEGRÁFICAS EM MOEDA NACIONAL OU ESTRANGEIRA. DESCONTO E COBRANÇA DE LETRAS. COFRES FORTES. SERVIÇO DE TÍTULOS. DEPÓSITOS À ORDEM, COM PRÉ-AVISO E A PRAZO.

JACOBSON VAN DEN BERG (Moçambique), Lda.

FUNDADA EM 1860

Importadores e Exportadores

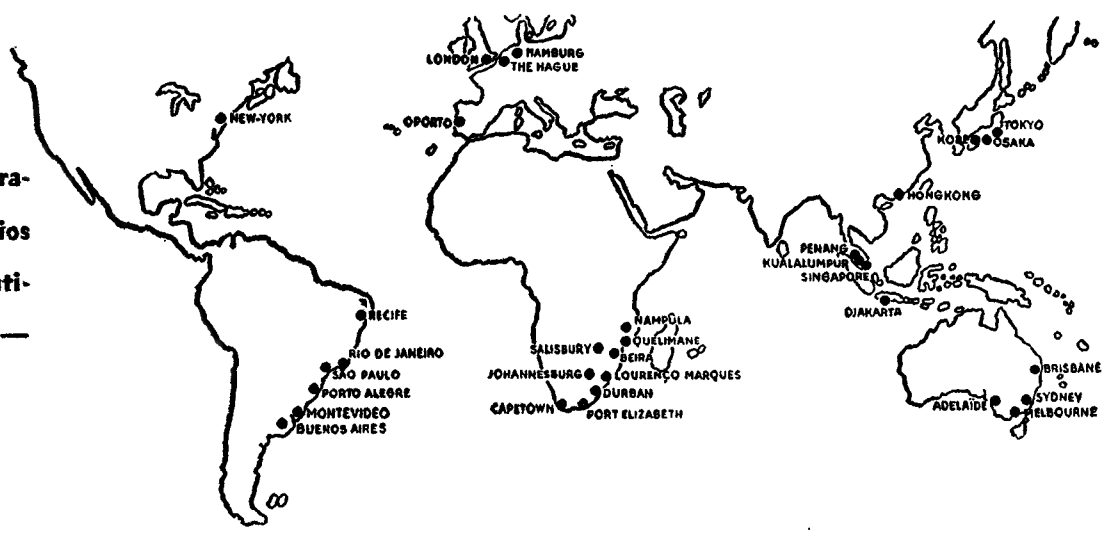
Lourenço Marques — Beira — Quelimane e Nampula

///

IMPORTADOR

Tecidos — Bebidas — Ferragens — Artigos de escritórios — Especialidades farmaceuticas — Produtos químicos — Maquinarias e Diversos

///



///

EXPORTADOR

Oleaginosas — Chás — Copras — Madeiras — Sisal — Óleos — Bagaços — Arroz e Diversos

///

HOLANDA: HAIA

Africa do Sul: Johannesburg — **Durban** — Captown — Port Elisabeth — Salisbur // **Alemanha:** Hamburg // **Argentina:** Buenos Ayres // **Austrália:** Sidney — Melbourne — Adelaide — Brisbane // **Brasil:** S. Paulo — Rio de Janeiro — Recife — P. Alegre — Belo Horizonte // **Bélgica:** Bruxelas // **Estados Unidos:** New York // **Hong-Kong** // **Indonésia:** Djakarta — Samarang — Surabaia — Bandung — Medan — Palembang — Padang — Pontiapak — Bandjermasin — Macaçar // **Malaia:** Singapure — Penang — Kuala Lumpur // **Japão:** Osaka—Tokio—Kobe // **Portugal:** Porto // **Uruguai:** Montevideu

A SOPONATA

pretende e tem conseguido constituir na Metrópole e no Ultramar

«uma utilidade completa»

A Sociedade Portuguesa de Navios-Tanques, Lda. (SOPONATA) constituiu-se em 1947, além de outros motivos, para assegurar os transportes marítimos de combustíveis líquidos necessários á Nação.

Tendo começado com três navios comprados ao Instituto Português de Combustíveis, com um porte bruto total de 32.000 toneladas, a sua frota é, hoje, constituída por oito unidades com mais de 100.000 toneladas sendo, dentro em breve, com o aumento de dois navios-tanques, de cerca de 150.000.

Limitados inicialmente quase só ao tráfego Caraíbas-Lisboa, os navios da Soponata começaram a ir cada vez com maior frequência ao Golfo Pérsico e concorreram no mercado internacional, visitando os mais distantes portos do Mundo, por conta de empresas estrangeiras, viagens essas de que resultaram, além de divisas para a nossa balança comercial, experiência e prestígio no mercado.

Quanto ao Ultramar, não tem sido menos valiosa a actividade da Soponata. Com o desenvolvimento de Angola, sai agora de Lisboa normalmente um navio por mês para os portos daquela Província. Em presença das dificuldades criadas pela União Indiana ao Estado da India e que prejudicaram o rgeular abastecimento a Goa de combustíveis líquidos a granel, a Soponata — embora á custa de pesados sacrifícios — tem, desde há um ano, enviado os seus petroleiros a Mormugão. Além disso, esta Empresa colaborou com eficiência na nova regulamentação da carga e descarga de produtos petrolíferos naquele porto.

Não se tem poupado a Soponata a esforços para colaborar na obra de Ressurgimento Nacional, quer com a melhoria dos transportes, quer com a sua contribuição para o aperfeiçoamento das condições portuárias. A maior parte das suas receitas tem sido aplicada em novas construções ao serviço da economia da Nação. Assim, a Soponata pretende — e tem conseguido — constituir, na Metrópole e no Portugal de Além-Mar, «uma utilidade completa», como disse o Senhor Ministro da Marinha.

A EMPRESA PORTUGUESA

«Sonap-MOÇAMBIQUE»

(SOCIEDADE NACIONAL DE PETRÓLEOS DE MOÇAMBIQUE)

COMPARTILHA DA ALEGRIA DE TODOS OS PORTUGUESES NO MOMENTO EM QUE SUA EXCELÊNCIA O CHEFE DO ESTADO, SENHOR GENERAL FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES VISITA A PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE.

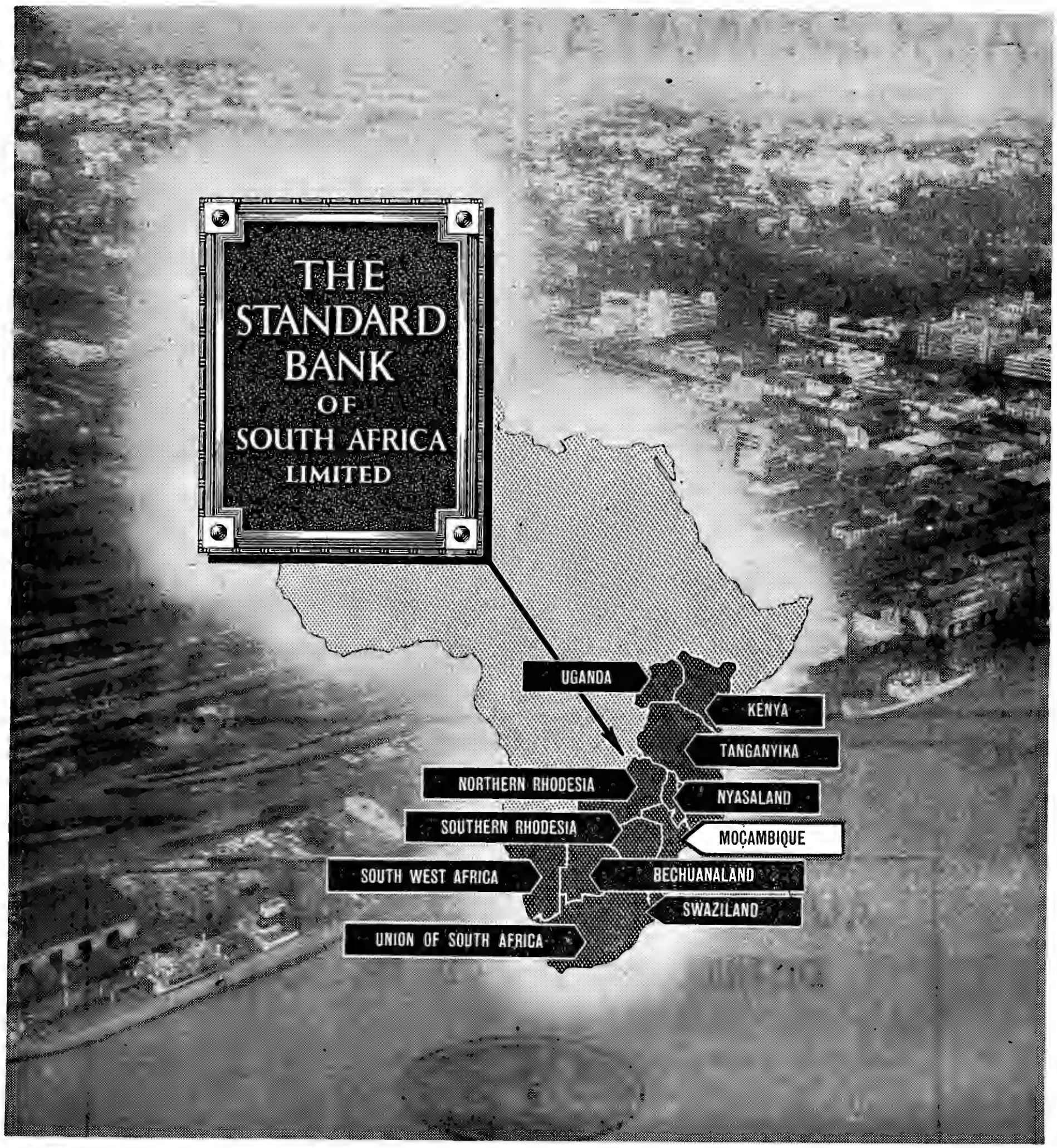
AUTO INDUSTRIAL, LIMITADA

DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS

Ford

em Manica e Sofala

Caixa Postal n.° 359 — BEIRA Telefone 2893



THE STANDARD BANK OF SOUTH AFRICA LIMITED

Estabelecido em Lourenço Marques desde 1893
na Beira 1896

Temos também mais de 700 sucursais e agências noutras localidades
na Africa Austral, Central e Oriental

Fundado em 1862

Jogar na Lotaria é praticar um acto de benemerência

CAMPIÃO & C.ª

que é há 116 anos requisitante da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa contribui assim, de longa data, para esta notável obra de Assistência

PREFIRA A LOTARIA DA CASA

CAMPIÃO

A CASA DE MAIOR EXPANSÃO NO IMPÉRIO PORTUGUÊS

Sede em Lisboa:
Rua do Amparo, 2-C

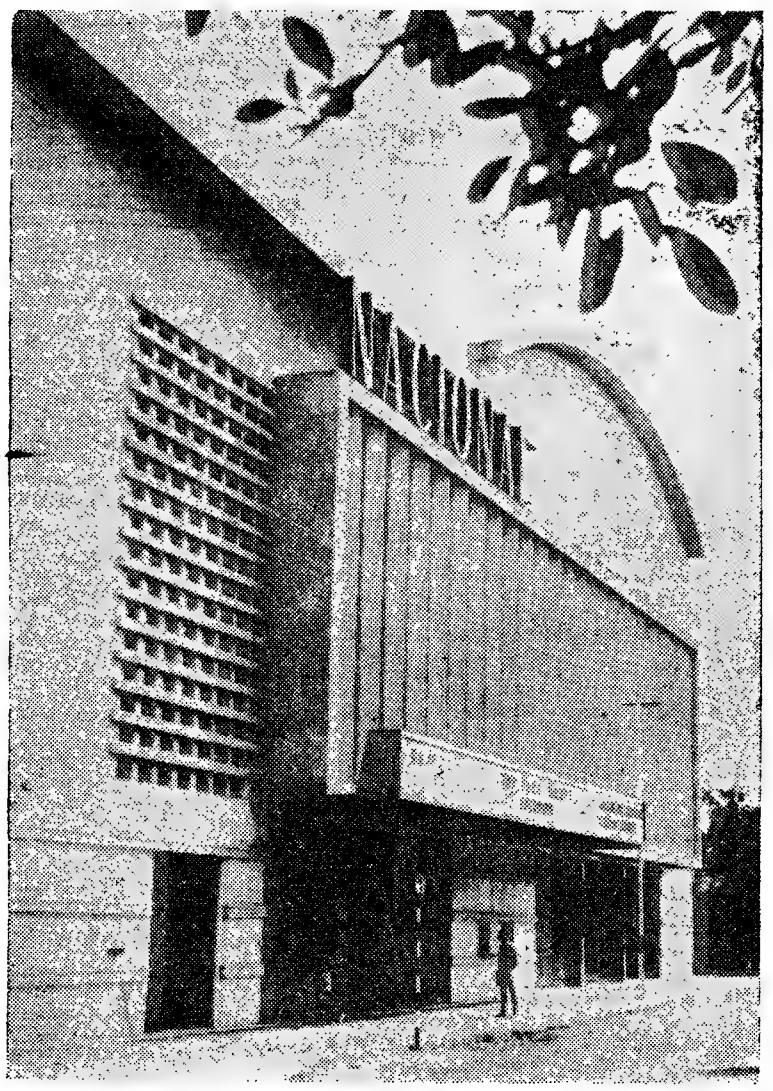
Escritório:
Rossio, 93, 3.º

Filiais:

Lisboa	— Praça do Areeiro, 5-A
Porto	— Praça da Liberdade, 25
Coimbra	— Rua Ferreira Borges, 80
Faro	— Rua D. Francisco Gomes, 43
Luanda	— Rua Duarte Pacheco Pereira, 10
Nova Lisboa	— Avenida Mariano Machado, 21
Lourenço Marques	— Rua Joaquim Lapa, 15
Funchal	— Rua Dr. Fernão de Ornelas, 11

Empresa de Edificações da Beira, L.da

Proprietária do Cinema



RECLAMOS

LUMINOSOS

NEON

Contacto

LIMITADA

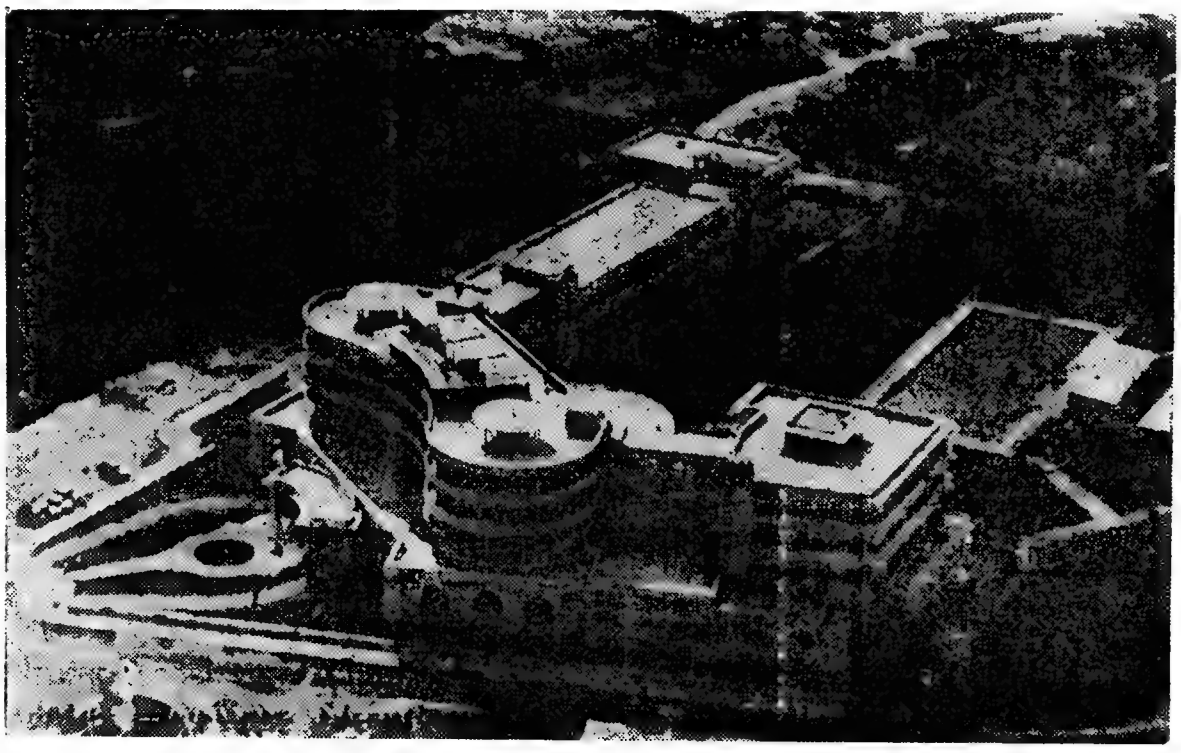
RUA DO CABO, 59-A

TELEF. 661649 *LISBOA*

O Turismo na Provín

De São Martinho de Bi d Goroi

Segundo o dr. T. G. Nel, biologista-chefe do National Parks Board of Trustees, da União Sul-Africana, no seu relatório sobre Parques Nacionais e Reservas de Caça em Africa, apresentado ao IV Congresso Internacional de Turismo Africano, realizado em Lourenço Marques, «a Africa é, há muitos séculos, afamada pelas suas manadas de animais selvagens a pastar pacificamente nas colinas ondulantes ou a repousar junto dos rios ou das lagoas. Os exploradores pisaram e repisaram este tema e a Africa mantinha-se o inexplorado Continente Negro onde as aventuras e as fortes emoções espreitavam escodidas atrás dos troncos de acácia que convidam o aventureiro. As aventuras e os rasgos de heroísmo de Africa eram palavras de passe tanto para os jovens como para os velhos, e a notícia dos seus encantos e da sua fascinação espalhou-se pelo Mundo, levando os aventureiros e os caçadores de caça grossa a atravessar o nosso continente».



Vista aérea do Grande Hotel da Beira

Surgiu, então, o caçador comercial, com a sua febre de lucro, e, consequentemente, de extermínio. Mas, o desenvolvimento da civilização e da educação tornou o perseguidor implacável em desportista, amante da Natureza. A destruição seguiu-se a conservação.

Um aspecto da caça na reserva da Gorongoza

A arte da fotografia da vida selvagem, quer em instantaneos, pujantes de objectividade, quer em filmes pletóricos de vida, de movimento, desenvolveu-se, tornando corrente a expressão, aliás bem cabida, «disparar com a camara».

Entretanto, as necessidades da civilização foram reduzindo, cada vez mais, as áreas em que, descuidosos e livres, os animais reinavam. Algumas espécies estavam, infelizmente, em vias de extinção, quando os grandes benfeitores surgiram a terçar armas em defesa da fauna e da flora, promovendo a criação de áreas delimitadas para reservas.

«Santuários de caça» lhes chama, apaixonadamente o dr. T. G. Nel, no seu trabalho. O publico começou a interessar-se por eles, e criou-se o problema do turismo, com as suas inumeras exigências: estradas, pontes, hoteis, etc.

Passou o turismo a ser a palavra de ordem na vida africana e as reservas de caça a representar, para as nações que as possuem, uma doação das mais sagradas.

Estando atentos a todos os problemas de interesse para Moçambique, o Governo não descurou o problema das reservas de caça. Assim, naquela tão portuguesa província de Portugal, considerada o paraíso dos caçadores, são concedidas licenças ao abrigo de um regulamento especial, que prevê a protecção a certas espécies de caça rara e a outras manifestações de vida selvagem, sendo, contudo, livre e sem restrições, o exercício da pesca.

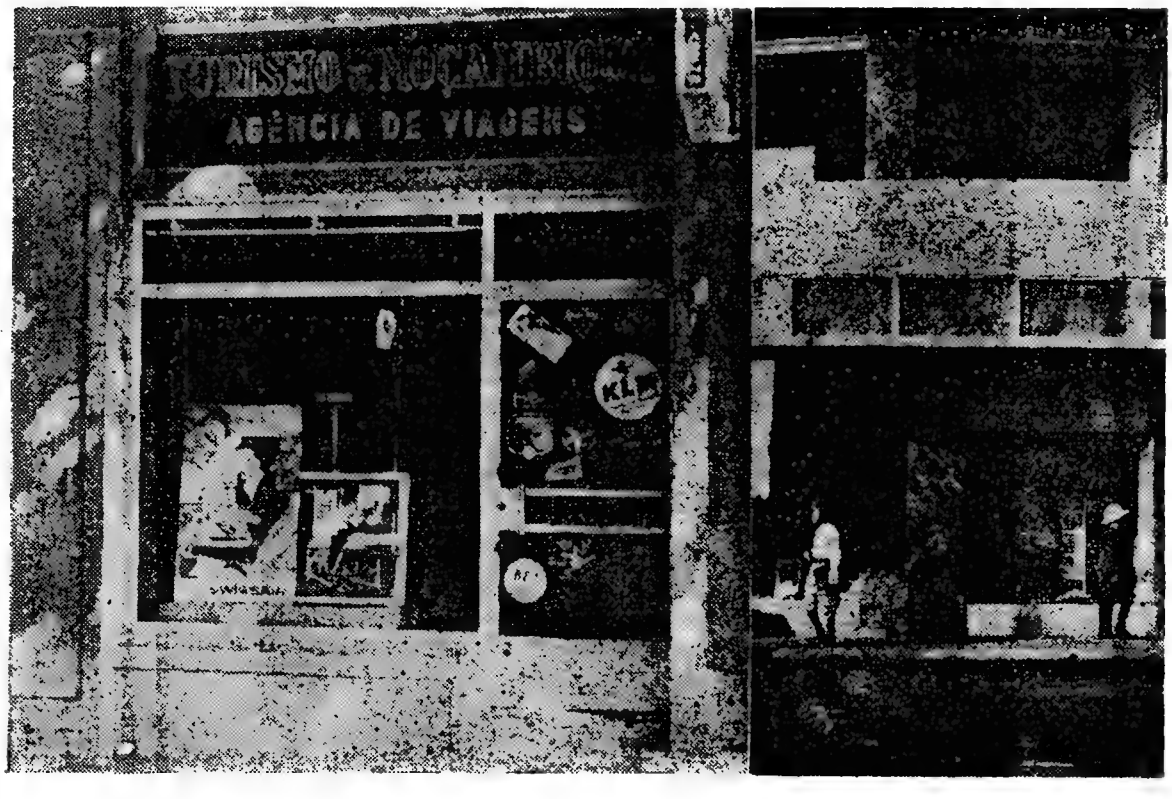
As reservas e coutadas, onde a caça é proibida, encontram-se em Maputo, Pafuri, Gorongoza e Murrua.

Mas, o turismo em Moçambique não consiste apenas na contemplação da vida animal no seu *habitat*. Toda a província é uma maravilhosa rapsódia de cores, em que vastas planícies se alternam com montanhas abruptas. Aqui, os rios, imensos como mares; acolá, as searas enfunadas pelo vento. A obra genesíaca da Natureza — florestas pujantes e lagoas de sonho—contrasta, singularmente, com a paisagem humana. Plantações extensas e povoações floridas cortam, simétricamente, as encostas e planuras, fazendo recuar a selva.

No Bilene, três lagoas, emolduradas numa vegetação luxuriante, encontram-se ligadas entre si, e uma delas, por um canal, ás águas cor de esmeralda do Oceano Índico.

Os olhos embriagam-se com a contemplação de tal panorama, como se o quisessem reter para sempre. No ocaso, o Sol arranca ás águas cintilações estranhas. Dir-se-ia que sobre as lagoas escorrem pedrarias, enquanto o Céu se tinge de carmezim, em tons singularmente opulentos.

Em Moçambique, terra de turismo, existem paisagens—a das lagoas do Bilene, por exemplo—



Os escritórios da Agência de Turismo

ncia de Moçambique

lene à reserva de caça

a

agoza

como em nenhuma outra parte do Mundo.

Dotado de um dinamismo e entusiasmo verdadeiramente excepcionais, e já sobejamente demonstrados noutras parcelas do nosso Ultramar, o governador do distrito de Gaza, capitão Oscar Ruas, tem valorizado, extraordinàriamente, a região do Bilene, mandando construir estradas de acesso ás lagoas, bem como um aerodromo, e estudando a edificação de um hotel com 100 quartos, providos do melhor conforto e com o mais moderno e esmerado apetrechamento.

É, realmente, uma verdade incontestável, que não pode haver turismo sem bons hoteis, isto é, hoteis confortáveis, bem apetrechados, que satisfaçam a todas as exigências requeridas para uma cómoda estadia.

Moçambique encontra-se bem provida quanto a hoteis. Tanto o Polana, em Lourenço Marques, como o Grande Hotel da Beira, são dois belissimos empreendimentos que muito nos honram e satisfazem o turismo mais exigente.

Também o governador Oscar Ruas vem empreendendo uma intensiva campanha de repovoamento piscícola.

Zona de turismo por excelência, o Bilene é frequentemente visitado por milhares de estrangeiros que, não encontrando ainda um hotel que os instale, se vêem forçados a praticar campismo, sempre desconfortável.

Outra região, não menos interessante, é a da Gorongoza, onde existe uma das mais curiosas reservas de caça.

A Gorongoza é o paraiso dos animais selvagens. Ali, a objectiva supreende, á sombra dos arbustos, o leão, fulvo, imponente, a bela cabeça coroada pela juba de ouro, ar patriarcal, rodeado da femea e das crias, buliçosas, de olhos travessos; o elefante, pesado, um tanto filósofo, desbastando o arvoredo; a zebra, vestindo um pijama natural de curiosas listras; variadissimas espécies de antilopes, de formas donairosas e chifres quase sempre caprichosamente torneados...

Por vezes, a *station* tem de aguardar, na estrada, que o rei dos animais, seguido da sua tribo, passe, majestosamente, encarando com soberania os estranhos. A poucos metros, o elefante arranca, vigorosamente, os arbustos e as feras vivem e amam, sob os olhares curiosos dos turistas.

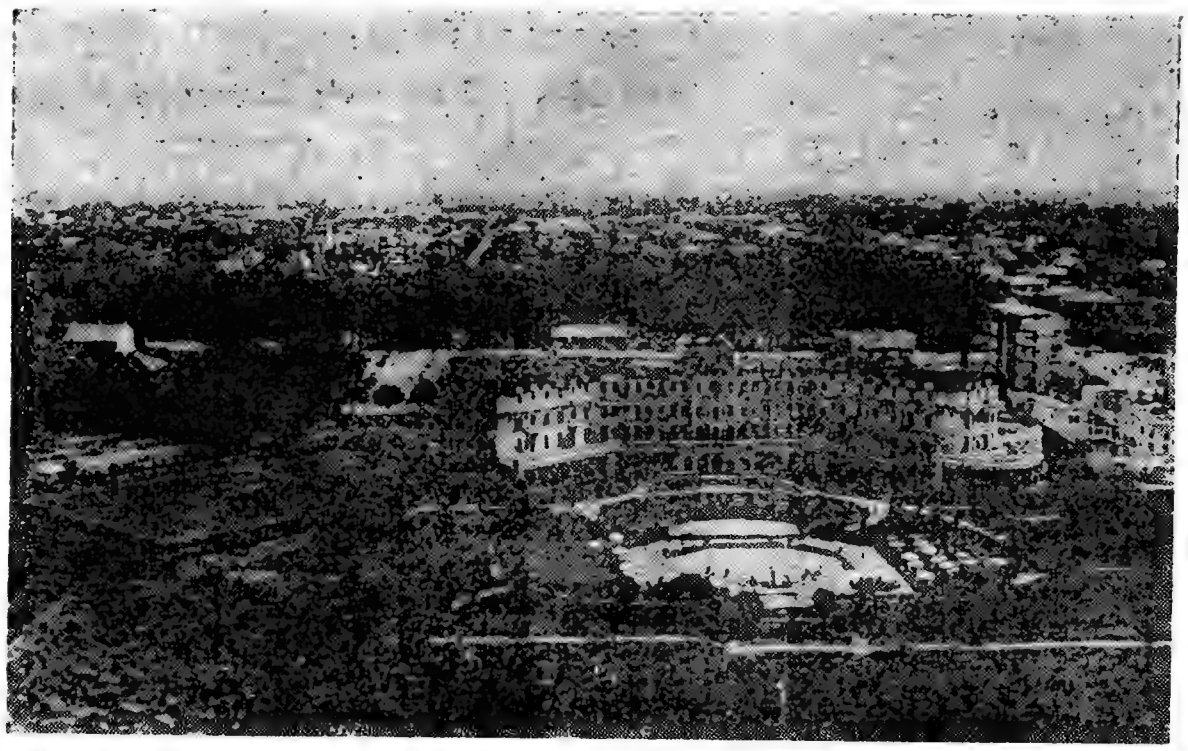
Jardim Zoológico natural, a Gorongoza aguarda a visita dos Portugueses de boa vontade que desejem fixar nos seus albuns os instantaneos mais oportunos e felizes.

Axel Munthe, autor desse humano, desse incomparável, «Livro de San Michele», deixou estas palavras, dignas de São Francisco de Assis:

«Virá o tempo em que deixarão de escarnecer, em que compreenderão que o mundo animal foi colocado pelo Criador sob a nossa protecção e não á nossa mercê; que os animais têm o mesmo direito á vida que nós, e que o nosso direito de lhes tirar a vida está estritamente limitado ao nosso direito de defesa e ao nosso direito de existência. Tempo virá em que o simples prazer de matar extinguir-se-á no homem».

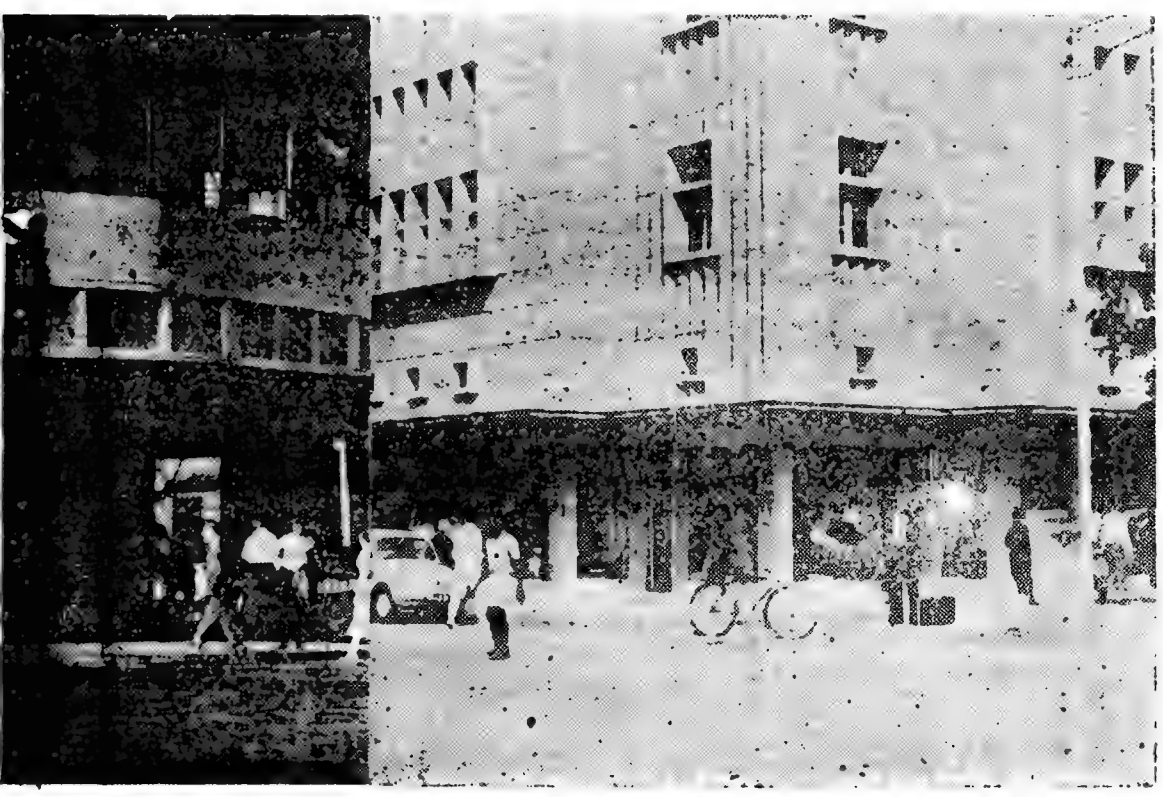
Graças á actividade incansável da Agência de Turismo de Moçambique, modelar organização com sucursais em Lisboa, Lourenço Marquês e Beira, grande fluxo de nacionais e estrangeiros visitam a provincia, admirando as suas extraordinárias belezas naturais e as brilhantes realizações do espírito empreendedor dos Portugueses.

Moçambique terra ideal para o turismo, espera a visita de quem pretenda deliciar-se com diferentes horizontes e experimentar novas emoções. E a provincia sabe receber os visitantes com fidalga gentileza.



Vista parcial do Hotel Polana de Lourenço Marques

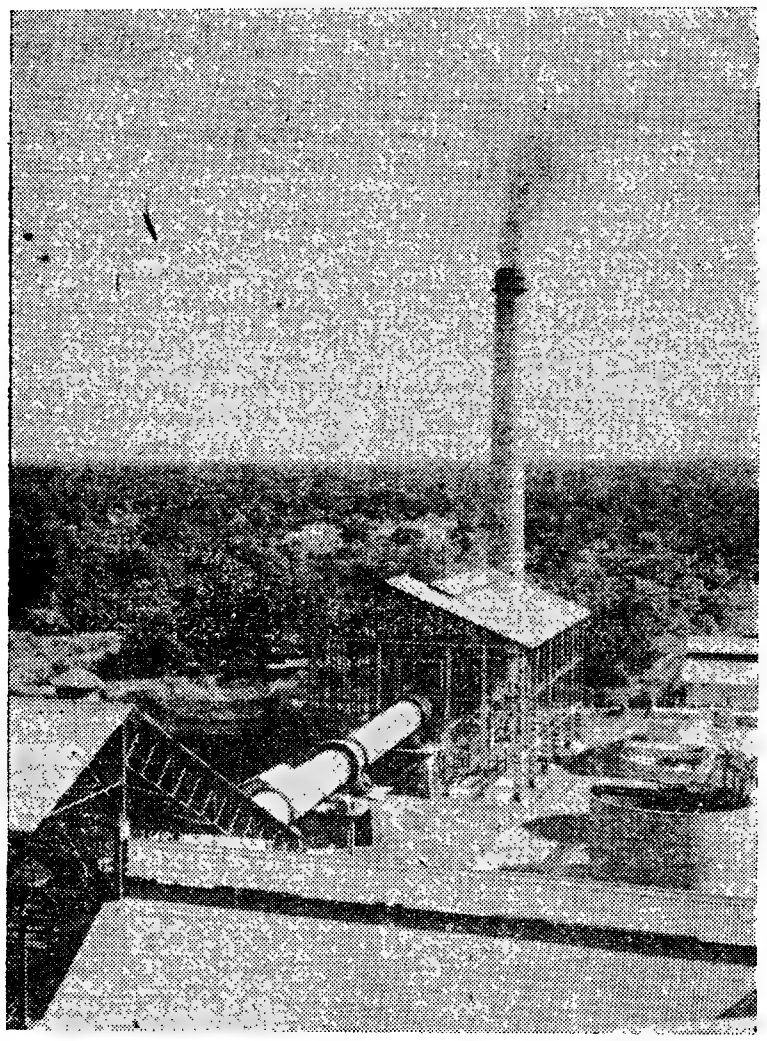
Um trecho de S. Martinho do Bilene



em Lisboa, Lourenço Marques e Beira

COMPANHIA DE CIMENTOS DE MOÇAMBIQUE

S. A. R. L.



Fábrica da Nova Maceira — Forno

Sede em LOURENÇO MARQUES

Caixa Postal 270 **End. Teleg.: CIMENTOLA**

Telefone P. B. X. 4061

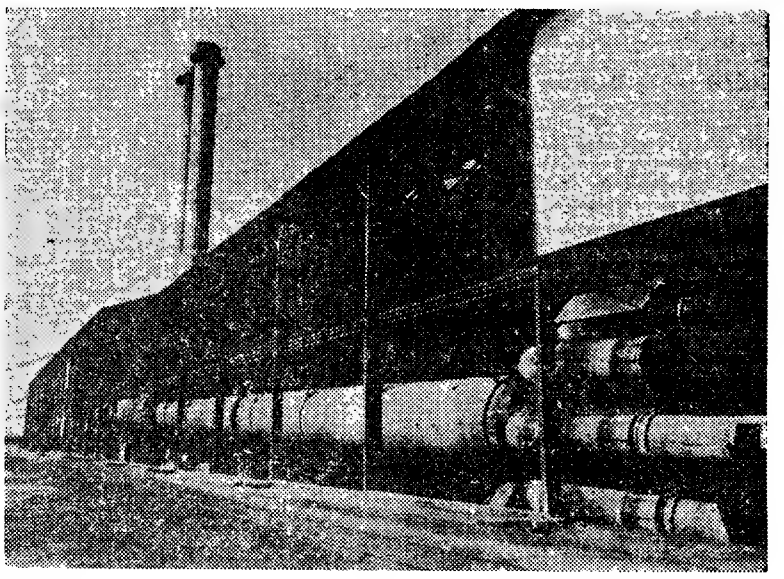
FÁBRICAS EM:

MATOLA (Distrito de Lourenço Marques)

— E —

NOVA MACEIRA (Distrito de Manica e Sofala)

Delegações na BEIRA e LISBOA



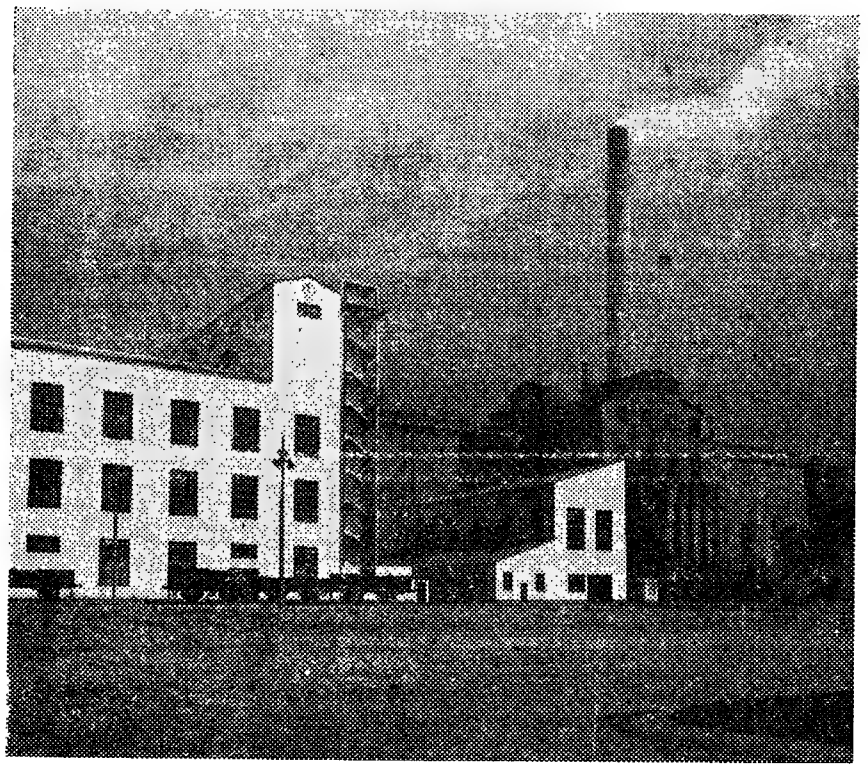
Fábrica da Matola — Forno

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

Pastas, Papeis Kraft e de Jornal

Sede: Lisboa, Rua Castilho, 90
Telegramas CELULOSE
Telefones 49329 – 53816 – 55224

Instalações Fabris: CACIA
Telegramas CELULOSE
Telefone, Aveiro 787 – 788



Um aspecto das instalações fabris

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital realizado: Esc. 200.000.000$00

Reservas: Esc. 96.000.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

FILIAIS:

Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

AGÊNCIAS:

Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira

DEPENDÊNCIAS URBANAS:

LISBOA

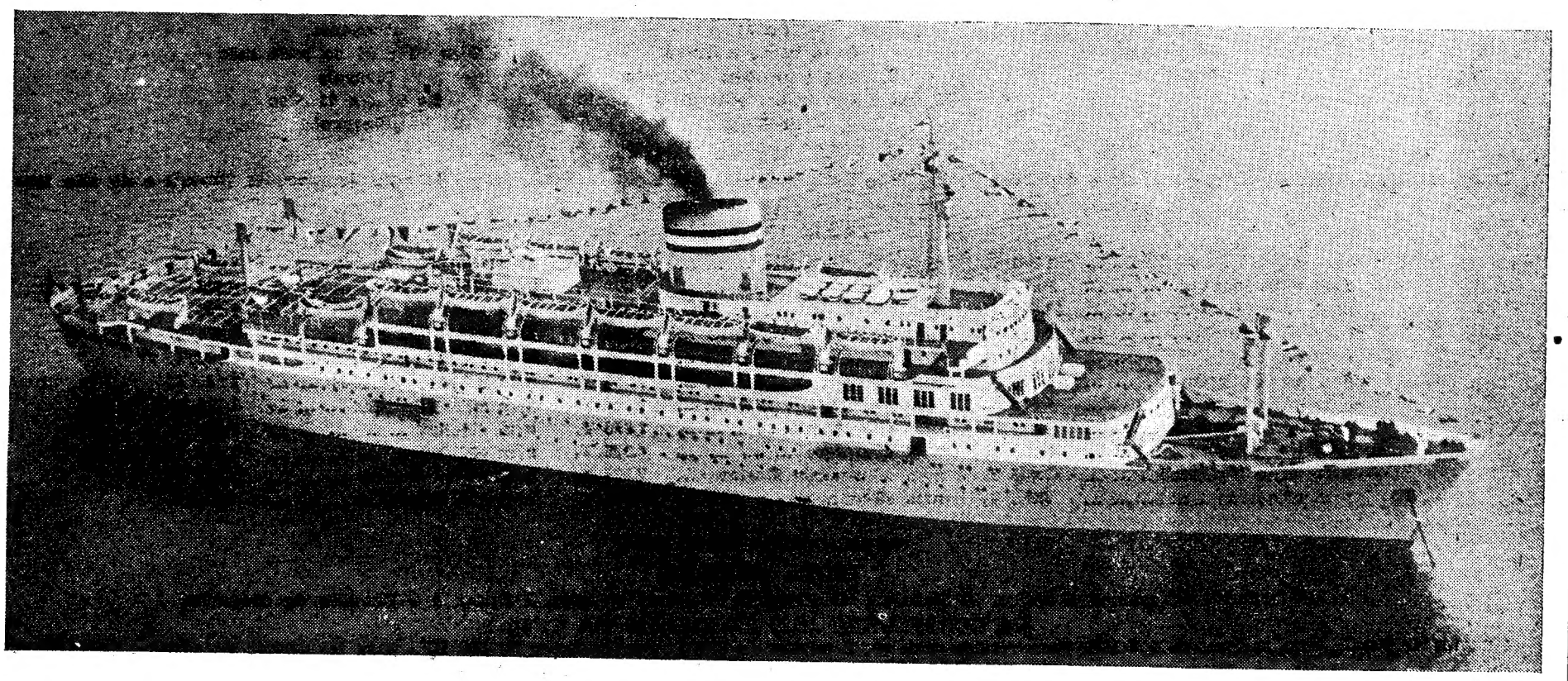
Alcantara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO

Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

Todas as operações bancárias

A COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO



TERÁ PRESENTE EM LOURENÇO MARQUES, POR OCASIÃO DA PERMANCIA DE S. EX.ª O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA NA CAPITAL DE MOÇAMBIQUE, O SEU PAQUETE «VERA CRUZ», CONDUZINDO A BORDO A EXCURSÃO AO PERIPLO DE ÁFRICA

F. BRIDLER & CIA. LDA.

(Casa fundada em 1898)

CAIXA POSTAL 65 LOURENÇO MARQUES Teleg. «BRIDLER»

Importação e Exportação

Negociantes de Veículos automóveis de carga e passageiros, tractores, motores «Diesel», alfaias agrícolas, máquinas industriais, emissores de ondas curtas, médias e compridas, elevadores de passageiros e de carga, adubos e produtos químicos, farinhas, mercearias, perfumaria, artigos de beleza, etc., etc.

AGENTES DAS MARCAS :

FORD — Automóveis de turismo, caminhetas e caminhões.
FORDSON — Tractores a petróleo e óleos pesados, de rodas pneumáticas e de esteiras.
ALLIS-CHALMERS MFG. Co., de Milwaukee — Tractores de esteiras e sobre rodas, alfaias agrícolas, máquinas de construção de estradas.
RUSTON & HORNSBY, LTD. — Motores industriais e marítimos «Diesel», grupos geradores, bombas de irrigação, locomotivas a óleos pesados, motores a gás pobre, caldeiras, etc.
BROWN, BOVERI & CIE., Suíça — Turbinas, dínamos e alternadores, transformadores, emissores de ondas curtas, médias e compridas, material eléctrico, etc.
RANSOMES, SIMS & JEFFERIES, LTD. — Alfaias agrícolas de tracção mecanica e animal.
SCHINDLER & Co. Ltd., Suíça — Ascensores elécricos de passageiros e carga.
MICHELIN — Pneumáticos e camaras de ar.
AVELING-BARFORD — Cilindros compressores «Diesel» e outras máquinas de construção de estradas.
KELVINATOR — Geleiras domésticas e instalações para camaras e balcões frigoríficos, aparelhos de ar condicionado.
MACKINTOSH — Confeitos.
BOLS — Genebra e licores.
FRIGORIFICO ANGLO E W. ANGLISS & Co. — «Corned Beef», carnes e conservas, etc.
MEADOWS MILL CO. — Moinhos de milho, trigo, etc., serras-charriot.
CARRIER CORPORATION — Instalações de ar condicionado.
«BASF» — Adubos e Produtos Químicos.
WETFIX — Preparado para dar maior aderência ao asfalto.
Ernst LEITZ — Microscópios, Instrumentos científicos e máquinas fotográficas LEICA.
BORROUGHS ADDING MACHINE Co. — Máquinas de somar, calcular e de contabilidade; registadoras, etc.
BUHLER, Uzwil — Instalações de moagem de cereais, máquinas de impressão.
ATLAS «A» — Preservativo de madeiras e preventivo contra o muchém.
SECTO — Insecticidas e polimentos.
TOBLER — Chocolates.
OVOMALTINE — Produtos dietéticos e farmacêuticos WANDER.
SANDOZ, LTD. — Especialidades farmacêuticas.
JOHNSON & JOHNSON (G. B.) Ltd. — Produtos químicos, vacinas e especialidades farmacêuticas.
URSO — Leites condensado e esterilizado.

EMPORIUM

Grandes Armazéns da Beira

S. A. R. L.

Caixa Postal 200 End. Teleg.: EMPORIUM

BEIRA

ASSOCIADAS:

Sociedade Comercial da Beira, Ld.ª
Emporium Agricola, Ld.ª (Vila Pery)
Sociedade de Construções Urbanas, Ld.ª

SUCURSAIS:

Manga, Inhaminga, Macuti, Matacuane e Gondola

ESCRITÓRIOS:

LOURENÇO MARQUES — Prédio Fonte Azul, 32-1.º
Caixa Postal 1353

LISBOA — Rua da Madalena, 80-1.º Dt.º
Telefone 28747

COMÉRCIO GERAL DE VENDAS POR GROSSO E A RETALHO
AGÊNCIA DE VARIAS COMPANHIAS E FABRICANTES
20 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO DE MOÇAMBIQUE

Sociedade Geral
DE
Comércio, Indústria e Transportes

CARREIRAS REGULARES

De:	Para:	Partidas:
Metrópole	Cabo Verde e Guiné	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole	S. Tomé e Principe e Angola	Mensais
Norte da Europa	S. Tomé e Príncipe, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão Tramping — Consignações — Transitos — Serviços de reboques fluviais e de alto mar — Lanchas — Fragatas — Batelões

FROTA PRINCIPAL

n/m «Africa Ocidental»... ...	1.560 T.	n/m «São Macário»	1.221 T.	n/m «Coruche»	1.376 T.
n/m «Alcobaça»	9.588 T.	n/m «António Carlos»	2.974 T.	n/m «Costeiro»	900 T.
n/m «Alcoutim»	10.526 T.	n/m «Arraiolos»	9.588 T.	n/m «Costeiro Terceiro» ...	1.426 T.
n/m «Alenquer»	9.588 T.	n/m «Belas»	7.259 T.	n/m «Covilhã»...	1.376 T.
n/m «Alexandre Silva»... ...	3.215 T.	n/m «Borba»	7.259 T.	n/m «Foca»...	2.060 T.
n/m «Alferrarede»	2.118 T.	n/m «Braga»	7.224 T.	n/m «Mnuel Alfredo»	3.600 T.
n/m «Alfredo da Silva»... ...	3.643 T.	n/m «Bragança»	7.224 T.	n/m «Mari Amélia»	3.005 T.
n/m «Almeirim»	9.588 T.	n/m «Cartaxo»...	1.376 T.	n/m «Mello»	6.253 T.
n/m «Ambrizete»...	9.245 T.	n/m «Colares»	1.376 T.	n/m «Pinhel»...	3.650 T.
n/m «Ana Mafalda»...	3.643 T.	n/m «Conceição Maria»... ...	2.974 T.	n/m «Rita Maria»	3.458 T.
n/m «Andulo»...	9.245 T.	n/m «Saudades»	6.430 T.	n/m «Zé Manél»...	1.240 T.

TOTAL: 155.208 TONELADAS

FROTA AUXILIAR

7 Rebocadores, 5 Lanchas a Motor, 33 Batelões, 25 Fragatas, 1 Barca de Agua, 1 Draga e 5 Batelões de dragadas

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

4 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro; 2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros no serviço de cabotagem na Provincia de Cabo Verde

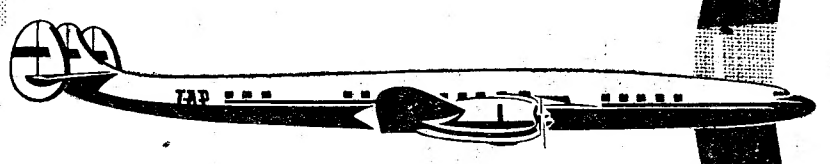
CARGA E EXPEDIENTE:

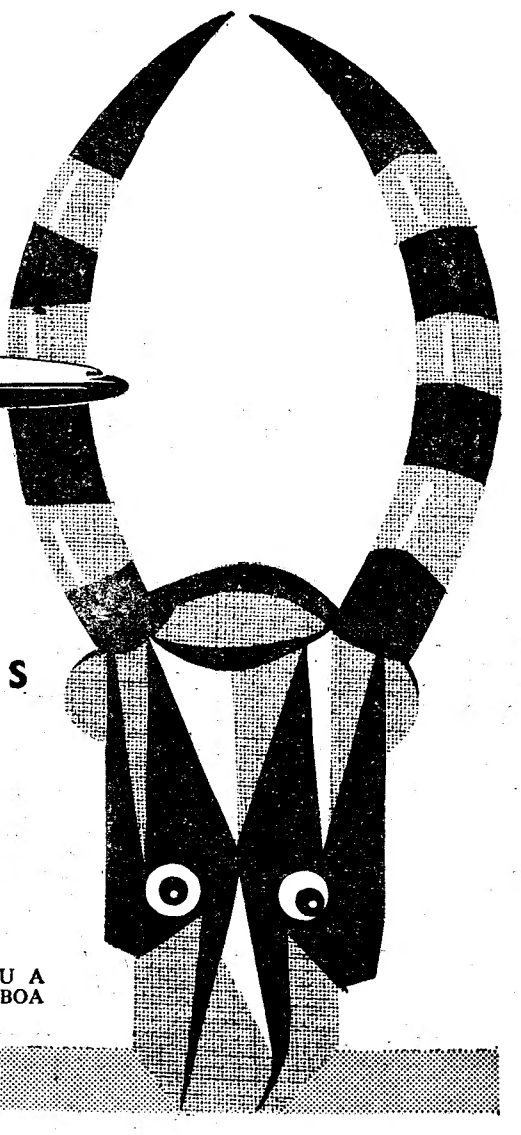
LISBOA: Rua do Comércio, 39
Telef. 26314/5
Teleg. GERAL

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 27363
Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao seu serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa.

TAP com super G





lisboa
luanda - l.marques

SERVIÇOS BISSEMANAIS

Quintas e Domingos Partidas de Lisboa :

— PREÇOS —

Lisboa ou Porto/Luanda

1.ª Classe ... ... Esc. 13.730$00
Classe Turística ... ... » 10.100$00

* * *

Lisboa ou Porto/L. Marques ou Beira

1.ª Classe ... ... Esc. 15.800$00
Classe Turística ... ... » 11.590$00

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS HABITUAL OU A TAP, NA RUA BRAANCAMP, 2—Telef. 59101 (10 linhas)—LISBOA

Alguns aspectos económicos DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Com uma superficie de 771.125 quilómetros quadrados, e uma população perto dos 6.000.000 de habitantes, a provincia ultramarina de Moçambique, na costa oriental de Africa, ocupa um lugar importante no quadro da economia portuguesa e do continente africano.

Sendo um meio económico em formação, que uma bem orientada politica de fomento impulsiona, abre amplamente ao impeto de desenvolvimento movimentado pelas suas forças vivas, um futuro promissor de largos proventos.

De limitado desenvolvimento industrial, os rendimentos maiores da sua economia provêm actualmente de uma actividade predominantemente agricola e da serventia dada pelos caminhos de ferro e portos de Lourenço Marques e Beira ao comércio dos paises do interior.

Os valores do comércio externo de Moçambique mostram precisamente esta situação. A totalidade das exportações é, pode dizer-se, constituida por mate-Madeira, 126.000.

Metrópole: Algodão, 37.615 toneladas; Copra, 4.594; Caju, não; Açucar, 60.300; Sisal, 1.145; Chá, rias-primas e substancias alimentares, avultando naquelas o algodão, o sisal e as oleaginosas e nestas o açucar, o chá, os óleos alimenticios e os cereais. Entre os valores da importação pesa

Um tipo de mulher nativa

Um tipo indígena

enormemente a aquisição da aparelhagem e maquinaria, com que se procede á montagem de um apetrechamento industrial.

A comparação dos numeros da exportação e importação revela um *deficit* da balança comercial realmente elevado. Porém, este desequilibrio vê-se reduzido pelo montante dos rendimentos do transito do comércio da Africa Central com o exterior e pelas entradas «invisiveis» de que o turismo é um dos principais agentes.

O comércio especial da Provincia de Moçambique (importação e exportação para consumo), em cinco anos, é representado pelos seguintes numeros:

Importação	Milhares de toneladas	Milhares de contos
1949	428	1:878
1950	441	1:753
1951	487	2:148
1952	507	2:288
1953	491	2:401
Exportação		
1949	353	1:176
1950	386	1:221
1951	375	1:447
1952	456	1:542
1953	555	1:774

Os principais paises fornecedores das mercadorias importadas para consumo da Provincia foram em milhares de contos: Metrópole e Ultramar Português, 751; União da Africa do Sul, 724; Reino Unido, 424; Estados Unidos da América, 330; Alemanha, 167; Holanda, 100.

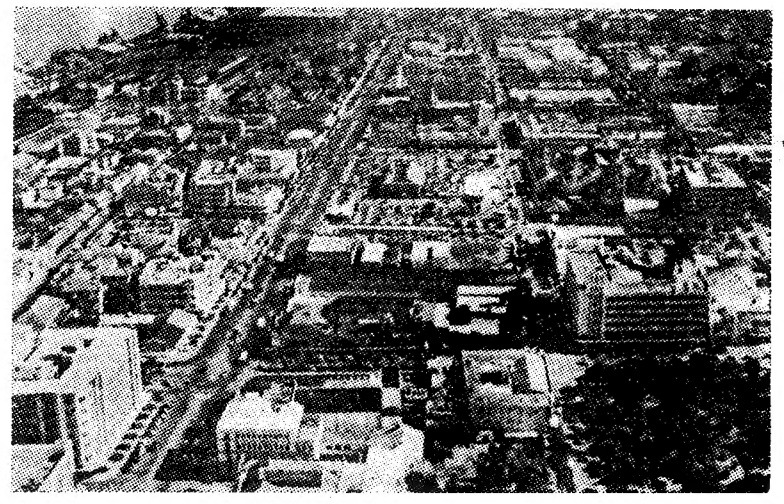
Como principais paises consumidores temos, em milhares de contos: Metrópole e Ultramar Português, 817; União da Africa do Sul, 272; Reino Unido, 240; Estados Unidos da América, 235; India, 199; França, 104.

As sucessivas posições da balança comercial da Provincia têm oscilado nos cinco anos do seguinte modo, referindo-se as cifras a milhares de contos:

	Importação	Exportação	Déficit
1949	1:878	1:176	702
1950	1:753	1:221	532
1951	2:148	1:447	701
1952	2:288	1:542	746
1953	2:401	1:774	627

As chamadas exportações invisiveis, representadas pelas receitas de porto e cais e do caminho de ferro sobre o tráfego de transito, taxas de emigração, pagamentos diferidos, turismo, etc., devem atingir entre 300 e 350 mil contos, o que faz reduzir muito aquele aparente *déficit* da balança comercial.

De ponderar é também o facto de estar a Provincia em fase de reapetrechamento intensivo dos seus portos, ferrovias e rodovias; material telegráfico e telefónico, maquinaria e hidráulica agricola, etc., tendo importado nos ultimos anos apetrechamento destinado á industria num valor médio anual de 200 mil contos.



Vista aérea da cidade de Lourenço Marques

Praça Mousinho de Albuquerque, em Lourenço Marques

Os principais produtos exportados em 1953, referem-se no quadro seguinte, registando-se a posição da Metrópole:

Total: Algodão, 38.287 tons.; Copra, 38.615; Caju, 56.000; Açucar, 68.500; Sisal, 21.400; Chá, 3.503; Oleos industriais, 5.102; Oleos vegetais alimentares, 3.920; Arroz, 6.520; Oleaginosas, 20.000; 140; Oleos industriais, não; Oleos vegetais alimentares, 665; Arroz, 472; Oleaginosas, 118; Madeira, 70.

A cultura mais importante é a do algodão, seguindo-se as do sisal, copra, açucar, castanha de caju e o chá.

A exploração das riquezas do sub-solo encontra-se ainda em fase incipiente, atendendo á enorme riqueza dos jazigos existentes. Contudo, perto de uma centena de empresas dedicam-se actualmente á exploração das seguintes industrias mineiras: ouro, bauxite, grafite, cassiterite, carvão, amianto, corundo, apatite, caulino, turmalinas, columbite, verilo, bismutite, micas, etc. As esperanças que o petróleo apareça em quantidades e em condições remuneradoras parecem fundamentadas e já se iniciou a perfuração do solo em pontos escolhidos.

As industrias existentes encontram-se em pleno florescimento, nomeadamente, as de cimento, de óleos vegetais, as texteis, as alimentares como moagens, descasque de arroz, fabrico de açucar, massas alimenticias, chocolates, farinhas, de origem florestal, etc.

Os seguintes numeros de 1953 mostram os principais valores da produção industrial moçambicana:

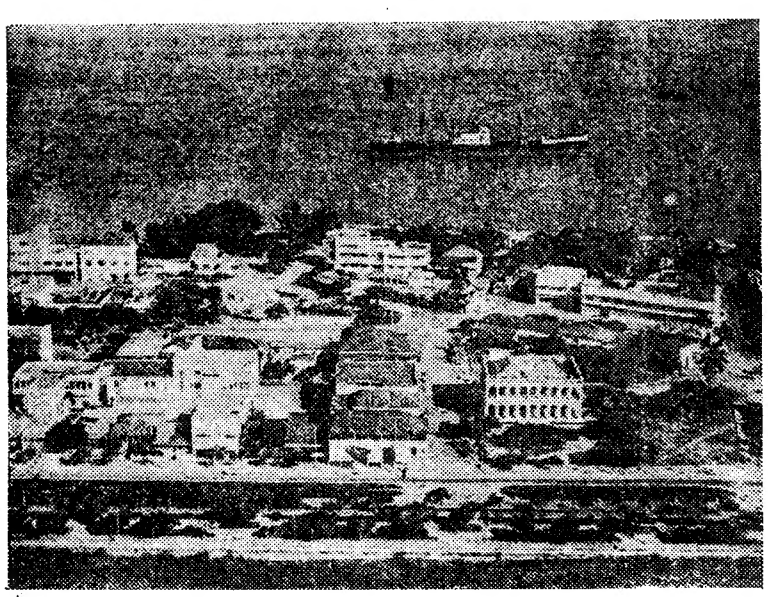
Cimento, 87.000 tons.; Açucar, 90.000; Arroz descascado, 18.000; Chá, 3.000; Farinha de milho, 45.000; Farinha de trigo, 12.500; Madeira, 115.000; Algodão bruto, 40.000; Fios e tecidos de algodão, 275; Sisal, 19.540; Sacos de juta, 200.000; Oleaginosas, 19.610; Oleos vegetais comestiveis, 9.600; Oleos vegetais industriais, 7.200; Sabões, 6.200.

Um dos grandes valores económicos de Moçambique é a sua rede de transportes que serve o escoamento dos produtos da União Sul-Africana, da Federação das Rodesias e Niassalandia e mesmo do Congo Belga.

Ficando os portos de Lourenço Marques e Beira postados em testas dos caminhos de ferro transafricanos por eles transita todo o movimento de exportação e importação destes países, originando um rendimento considerável para a provincia.

Com uma actividade que de ano para ano se vê em numeros crescentes, Moçambique aguarda, porém, a conclusão das obras de fomento que lhe permitirão um avanço decisivo á sua expansão económica.

Os problemas de aproveitade electricidade, o alargamento ra económica em bases seguras. da rede de transportes e instalações portuárias, após resolvidas, promoverão, sem duvida, o estabelecimento de uma estrutura económica e mbases seguras.



Vista parcial da cidade da Beira

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, L.DA

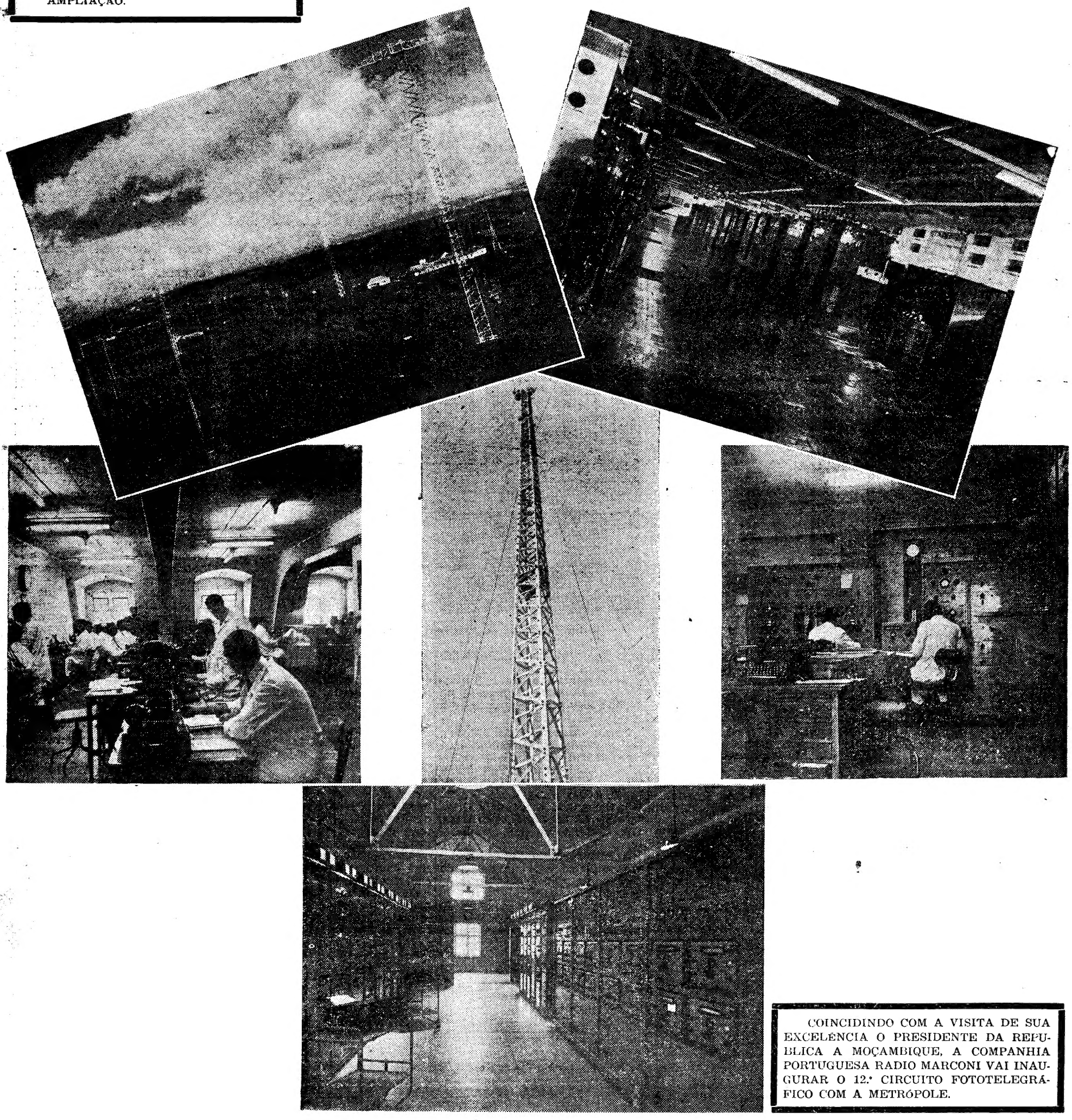
Rua da Cascalheira, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA — Telefone 3 8008

FÁBRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO TIPO-LITOGRÁFICAS, VERNIZES e MASSAS PARA ROLOS

Companhia Portuguesa Rádio Marconi

(CONCESSIONARIA DO ESTADO)

11 CIRCUITOS FOTOTELEGRAFICOS
30 CIRCUITOS TELEGRÁFICOS
19 CIRCUITOS RÁDIOTELEFÓNICOS.
56 CIRCUITOS EMISSORES, TELEGRÁFICOS E TELEFÓNICOS
123 UNIDADES DE RECEPÇÃO RADIOTELEGRÁFICA E TELEFÓNICA
135 ANTENAS
DESDE 1945 DISPENDERAM-SE 75.247 CONTOS EM REAPETRECHAMENTO E AMPLIAÇÃO.



COINCIDINDO COM A VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA A MOÇAMBIQUE, A COMPANHIA PORTUGUESA RADIO MARCONI VAI INAUGURAR O 12.º CIRCUITO FOTOTELEGRÁFICO COM A METRÓPOLE.